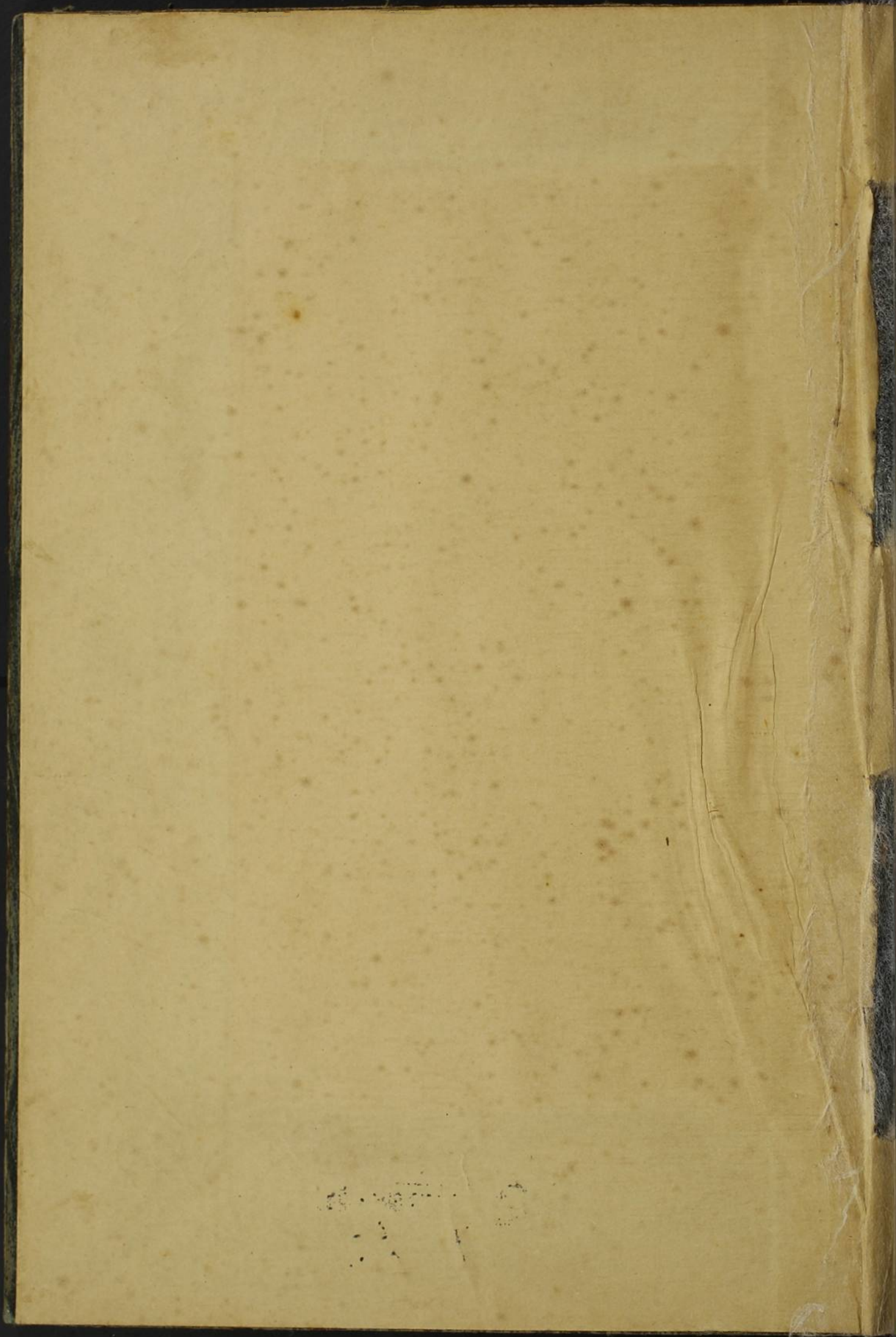

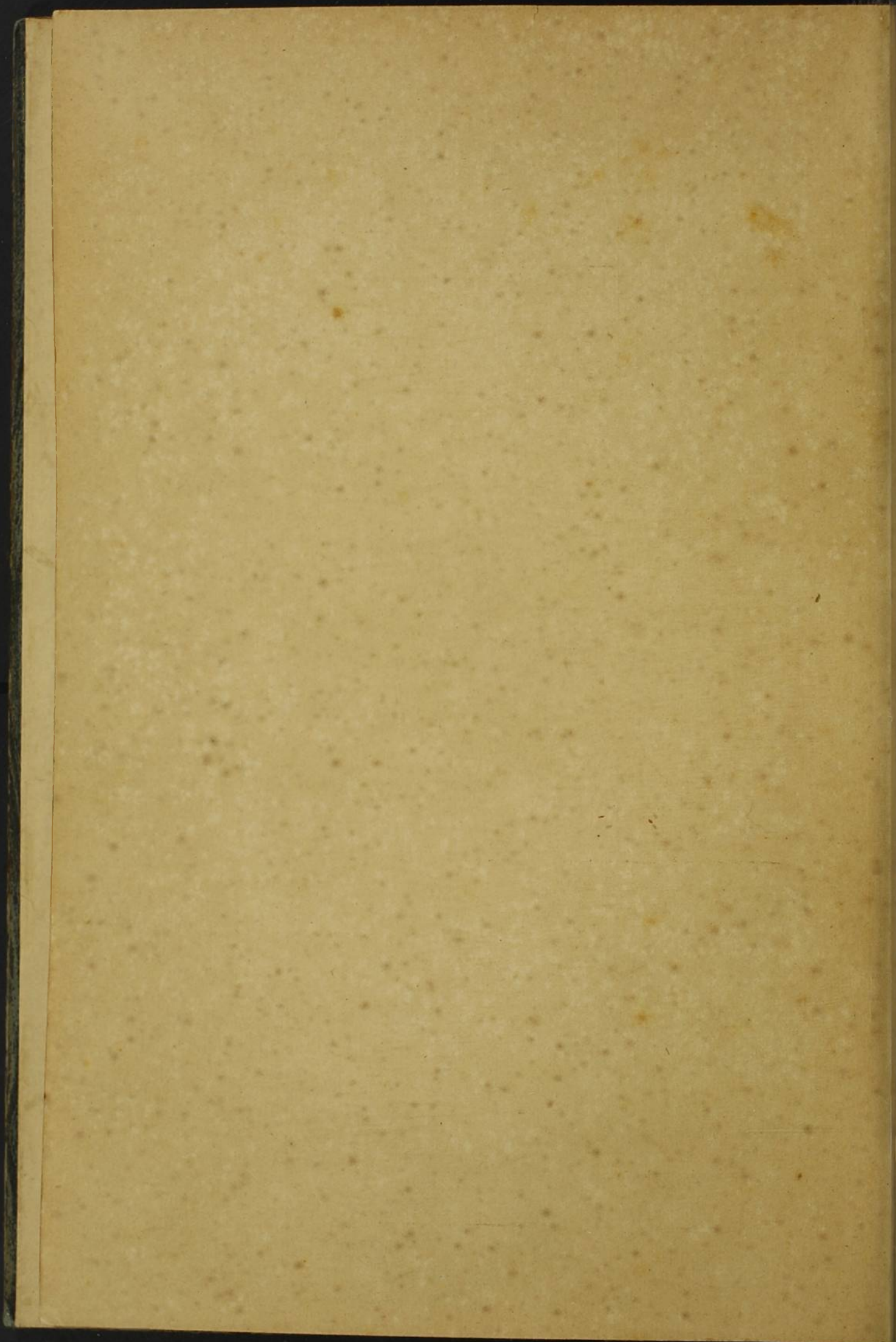


Almaehio Diniz





LIVRARIA BRANDÃO
LIVROS USADOS
RAROS E ESGOTADOS
Rua Rui Barbosa, 4-B
Fone: 243-5383
Salvador - BA



PAVÕES

Composto e impresso nas
Officinas do *Diario da Bahia* —
Praça Castro Alves, 101.

Do mesmo autor:

Eterno Incesto — (*Ergottado*) — Bahia — 1902.

Genese hereditaria do direito — (*Ergottado*) —
Bahia — 1903.

Raio de Sol, romance — Bahia — 1903.

**O passado, o presente e o futuro do helleno-
latinismo em lucta com o germanismo**, confe-
rencia — (*Ergottado*) — Bahia — 1903.

Sê bem dita! — Bahia — 1905.

**Ensaio philosophico sobre o mecanicismo do
direito**, 1.^o volume — Bahia — 1906.

Crises, romance. — Lisboa — 1906.

**A sciencia do direito e as producções espi-
rituaes do homem** — (*Ergottado*) — Bahia — 1907.

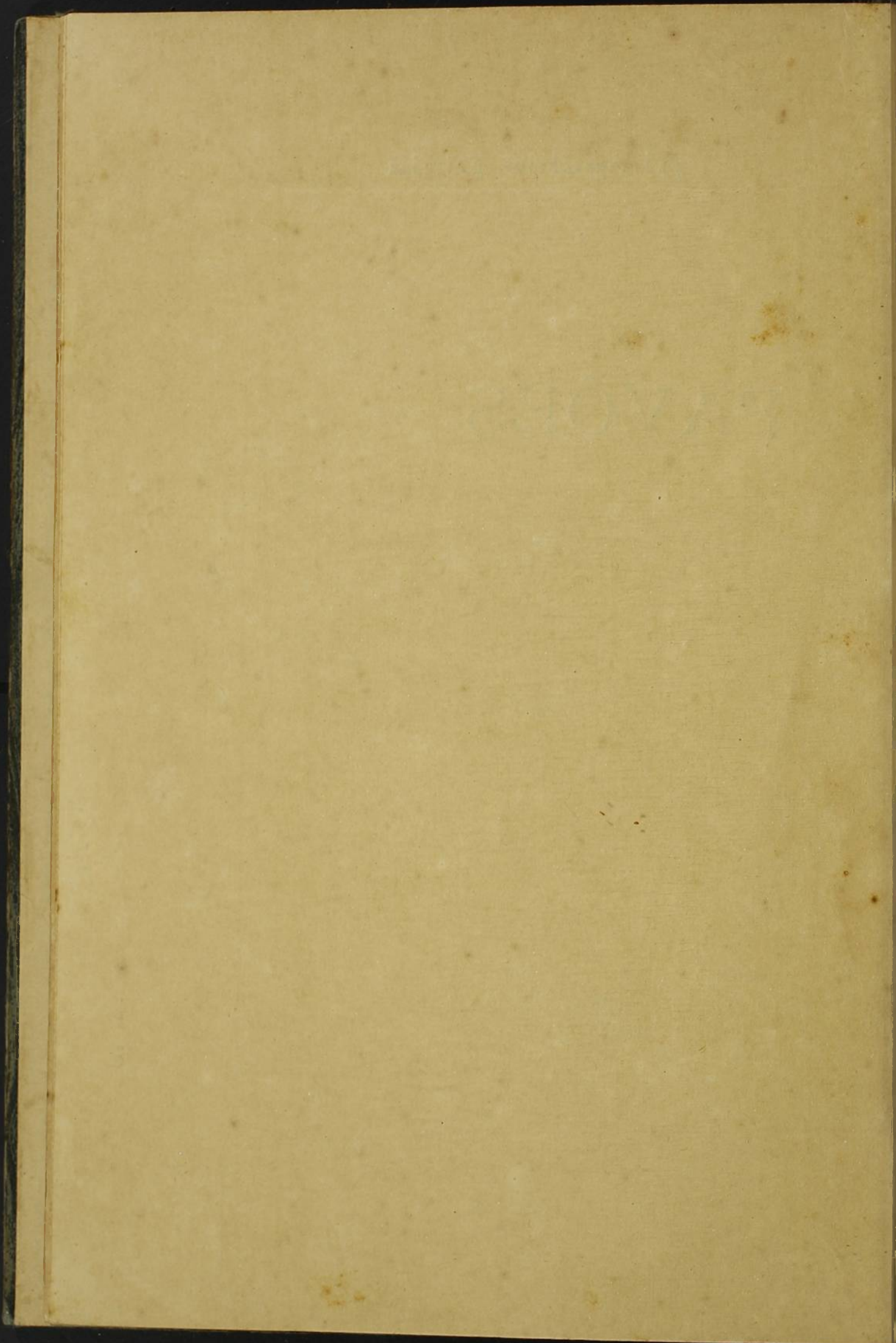
A reforma ortografica — (*Ergottado*) — Bahia — 1907.

Almachio Diniz

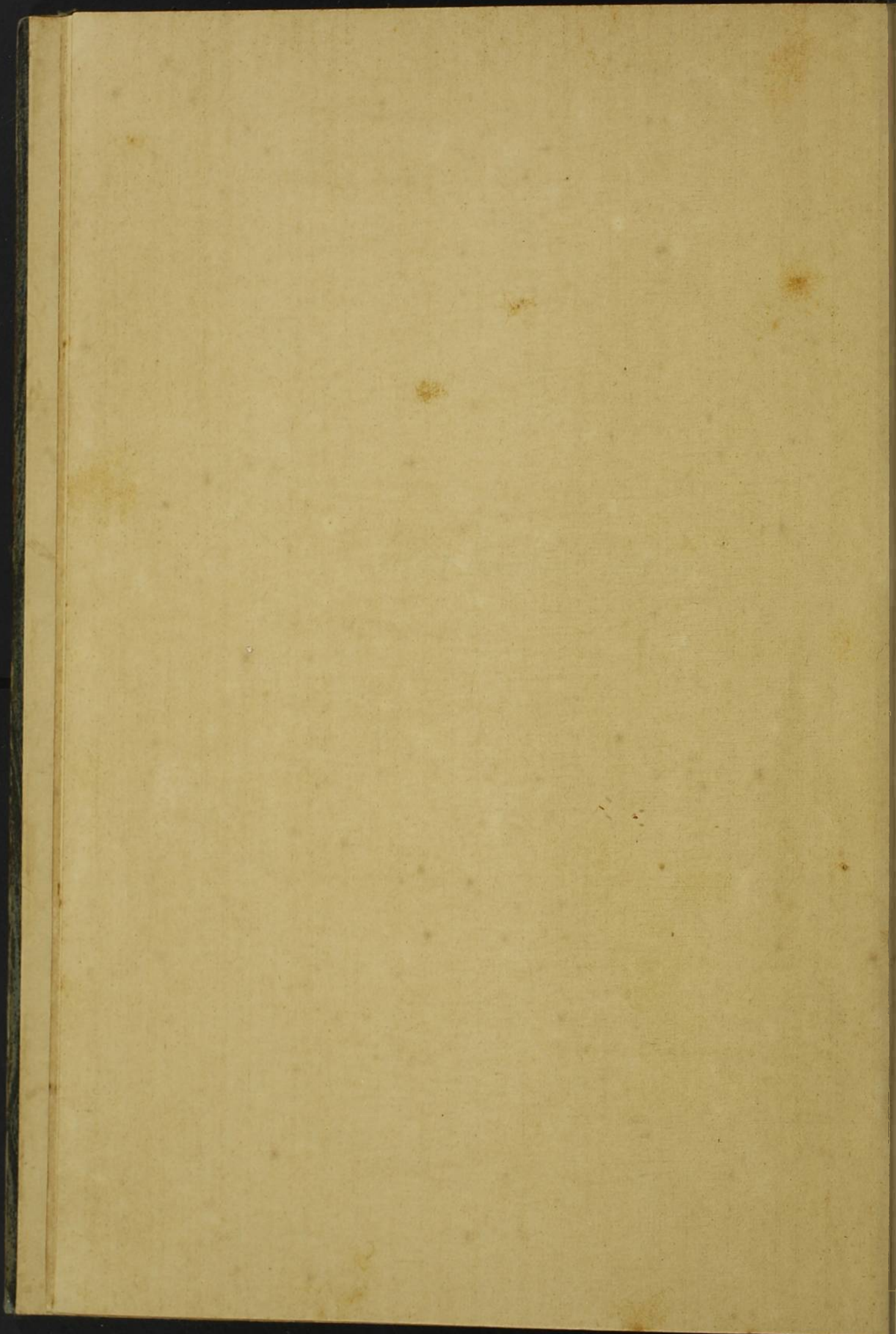
PAVÕES



BAHIA — 1908 — José Luiz
da Fonseca Magalhães, editor
— Livraria Magalhães — Rua
Chile, n. 28.



Ao Dr. Satyro Dias



ANTELOQUIO

Este romance foi producto de uma grande rebelião de alma, e assim deve ser tido e conservado, para maior exaspero dos que se sentiram coroados com as carapuças talladas no decurso das paginas que se vão lêr.

Entretanto, vindo á lume, em livro, se devem trez esclarecimentos aos leitores, ou sejam referencias ligeiras á orthographia do livro, á sua fórma geral e ao seu fim social.

Ora, quando escrevi os *Pavões*—a Academia Brasileira de Letras lançava o seu edito sobre a nova graphia da lingua portuguesa, e eu, aceitando-a nos seus principios fundamentaes, sem as restrictivas exceções que lhe foram impostas, adoptei-a neste livro, com o pensamento de provar, praticando, não só a sua accessibilidade como tambem a sua utilidade, sem contudo me comprometter em fazel-a, definitivamente, minha.

Nessa graphia, porem, o romance, quando folhetim, obedeceu a uma fórma diversa da que apresenta hoje: tendo, então, trinta e cinco capitulos, agora estes ficaram redusidos a dezanove, o que quer dizer que os assumptos se tornaram, assim, melhor destacados e a esthetica do livro mais moderna e mais fundamentada.

Além disso, não ha livro que não vize preencher um fim social. E porque isto se dá com os *Pavões*, que

II

são a estygmatisação escripta, sem odios, dos vicios e falhas da alta sociedade actual, é que contra elles se insuflou um grupo de aquinhoados com o desprestigio e o amesquinhamento das nossas publicas instituições.

Mas, o meu romance, experimentalista como eu o quiz fazer, tem uma função social: levar ao futuro, em photographias minuciosas, as incontinencias e as iniquidades do presente.

Para isto fiz a minha obra generalisada, sendo o seu tempo—o actual, e o seu lugar—onde melhor se achem figuradas as personagens de sua acção. Neste sentido, reflexionei bem com EDGAR QUINET: «Quanto mais reflecto, mais me convenco que nada ha de mais vivo e grande, nas cousas e obras humanas, em que se não encontre este duplo character: o geral e o particular, a cabeça e o coração, a humanidade e a patria. A immensa *Odysséa* gravita em torno da pequena Ithaca. Que ha de mais colossal do que o poema de DANTE? Transpõe o ceu e o inferno, e contudo nada ha mais florentino. Onde se encontrar um horizonte mais vasto que nos *Lusiadas* de CAMÕES? fluctuamos em mares desconhecidos, e contudo que haverá de mais portuguez? Topa-se com a Lisbôa querida nos confins da terra».

Isto posto, penso que, por mais generalisada que esteja, esta minha obra é um producto de seu tempo, nada havendo, por igual, mais bahiano do que ella.

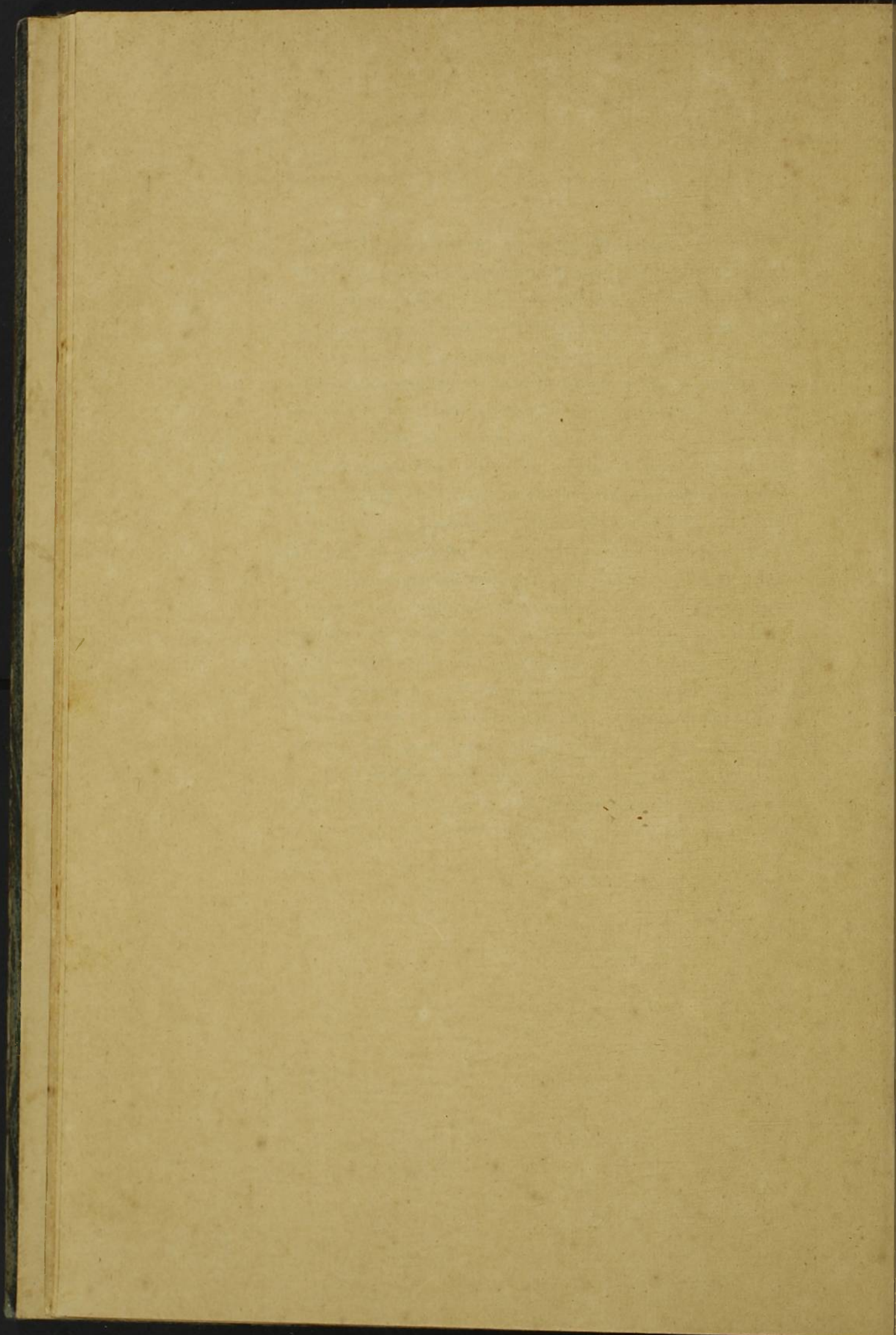
E assim deve ser.

Bahia, 1908.

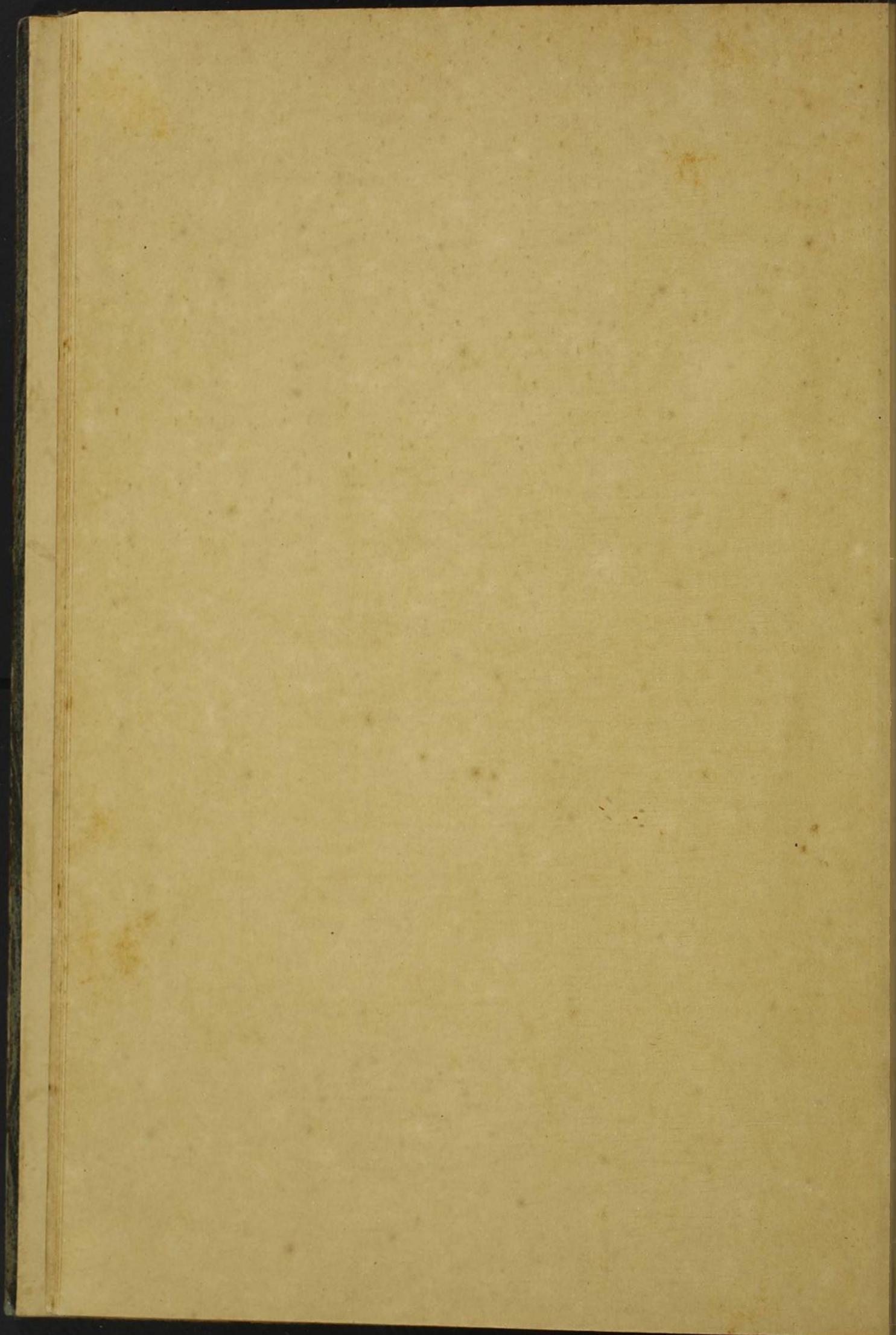
ALMACHIO DINIZ.

Il y a un tragique quotidien qui est bien plus réel, bien plus profond et bien plus conforme à notre être véritable que le tragique des grandes aventures. Il est facile de le sentir mais il n'est pas aisé de le montrer parceque ce tragique essentiel n'est pas simplement matériel ou psychologique. Il ne s'agit plus ici de la lutte déterminée d'un être contre un être, de la lutte d'un désir contre un autre désir, ou de l'éternel combat de la passion et du devoir. Il s'agirait plutôt de faire voir ce qu'il y a d'étonnant dans le fait seul de vivre. Il s'agirait plutôt de faire voir l'existence d'une âme en elle même, au milieu d'une immensité qui n'est jamais inactive. Il s'agirait plutôt de faire entendre par dessus les dialogues ordinaires de la raison et des sentiments, le dialogue plus solennel et ininterrompu de l'être et de sa destinée. Il s'agirait plutôt de nous faire suivre les pas hésitants et douloureux d'un être qui s'approche ou s'éloigne de sa vérité, de sa beauté ou de son Dieu. Il s'agirait encore de nous montrer et de nous faire entendre mille choses analogues que les poètes tragiques nous ont fait entrevoir en passant.

(MAURICE MEATERLINCK, *Le trésor des humbles*, IX, *Le tragique quotidien*, pags. 179-180.)



ROMANCE



Pavões

I

O dia amanhecêra um encanto, iluminado por um sol brilhante e refrescado por uma briza pacata de bemfazejo nordeste matutino. Então, o sereno soberano se conservava só na sua sumptuoza camara de dormir, nesta camara amolentadora e aromatizada, como uma oriental vizão de *haschisch*, esquecido ele que ficára de receber, áquela hora, a madrugadora vizita dos «pavões reaes». Pelo ambiente se dispersava uma frescura picante de esencias de alto preço, e os escrúpulos, que restringiam a luz beneficiadora no perimetro quadrangular do recinto, provinham dos fartos cortinados e belos estófos pospostos aos dous janelões rasgados ao estilo romanico. Na languida delicia dos tepidos lençóes de alvo linho bordado, ele estiraçava, preguiçozamente, os nervos e os musculos, escanca-rando a rasgada boca num longo bocejar ruídozo, depois de uma noite bem dormida e regalada...

— Ann! ... ann! ... ann! ... ann! ...

E, abrindo os sonolentos olhos, guardados por espesas pestanas e sobranceilhas de pêlos grizalhos, para onde

quer que fôse voltada a sua vista, a camara seguia um desdobramento inalteravel, sem se lhe notar o menor desvio de linhas. Eram as paredes inteiramente forradas a apreciavel tafetá da India, de côr azul celeste com floritas a azul marinho, acompanhadas estas de ramajens brancas, custoza aquizição feita nos mercados de Londres, por um vivaz embaixador naval... E o leito, o rico leito de jacarandá enriquecido com laivos de ouro, distendia-se debaixo da mais graciosa umbela de damasco de sêda duma profunda côr azul, prezos á qual, em leque, frocados e elegantemente despenhados do teto, se desdobravam dous luxuosos cortinados de filó e rendas escoseanas... De um lado, pequena meza redonda, folheada a ebano com tauxias maurescas de prata bruta, sustentava um rico candelabro romano, e, nos braços deste, duas vélas brancas deixavam pendidas longas lagrimas e curiozos estalactites. Um desgraçozo pingo da cêra abrazada desgárrara-se do conjunto e fôra, impiedosa e profanamente, descansar sobre um machado indijena do deliciozo verde do jadeite, a que o fetichismo do monarca onipoderozo dava o prestijio fecundo e infalivel da pedra de Santa Barbara... E um dos pés da predileta meza ia pizar os pêlos fartos de uma pele de leão abisinio, cuja cabeça de olhos de vidro asumia, de proposito, a figura austera de uma sentinela, em cujos flancos descansavam as sandalias de ranjedor *chagrin*, com que era de costume amanhecer o venturozo rei. Então, despertando, D. Jozé bocejava poderosamente, ecoando a sua voz cavernosa naquela enervante concha de paz e de socego. Tudo era tranquilo, imensamente tranquilo, em torno de seu aparatozo leito. Os seus olhos, por fim, se fixaram na figura esplendo-

roza de uma effigie do Coração de Jezuz, emoldurada com flocados de carmezim arrogante, que se dependurava no alto de sua rejia cabeceira. O seu espirito entrára em extazi, deliciozo extazi de fé politica, numa ancia ardente, fazendo penetrada pelo seu pensamento a curva austera e fugaz de seu destino... «Expulsa do teu convivio, exclamava ele intimamente, a ruindade dos que te posam succeder no trono... Deves agarral-a, arrancal-a mesmo de teu palacio... Si tal não fizeres, queixa-te de ti proprio... Fòste tu mesmo que te abandonaste como um covarde...» E, quando ele pensava que teria de ver o seu trono vazio, o seu solio dezocupado de sua majestoza pesôa, ranjia os dentes, e tinha impetos de arrancar, aos punhados, os seus grosos cabelos.

— Meu amigo, é dia feito... dise uma voz interrompendo-o a tempo de evitar-lhe a calvicie, que seu exaspero de perder, mais cedo ou mais tarde, o seu trono, poderia produzir-lhe naquela hora de tristezas. E a voz humilde de um dos «pavões reaes» recalcitrava na advertencia, para retiral-o do extazi afetivo daquelle instante:

— O sol vae pelas alturas... Queres, então, dormir ainda mais?...

D. Jozé estava, de fato, despertado. Os seus numerosos bocejos eram disto um sinal. Mas, ouvindo aquelas frases amigaveis como nenhuma outras, o seu comprido mas espadaúdo corpo saltou de dentro dos lençôes, refletindo-se, no espelho cristalino dos toucadores vizinhos, a sua espantada figura de gigante desconsertado pela imprevisa advertencia. Levou a dextra aos cabelos grizalhos, alizando-os, repetidas vezes, da frente para a nuca. Cofiou as barbas aparadas, por um perito espe-

cimen dos guardas de seus heroicos exercitos de trinta e mais mil homens, o qual era o seu favorito cabeleireiro, e riu-se do mal amanhado de sua estampa, quando aquella voz, amigavelmente, proseguiu:

— Começas o dia mal... Onde estás, Majestozo Senhor, que te não divulgo na penumbra de tua camara?

Só então D. Jozé se lembrou de desfazer o sombrio lusco-fusco de sua alcova. E, suspendendo o *store* de um dos amplos janelões românicos, deixou que a hipnoze dos sombreados fôse dominada por um radiante duche de luz, como uma instantanea chuva de diafanos topazios liquidos...

— Entra, Thyrso!... ordenou para a voz que o interpelára. Entrementes, no vão de uma das portas, soerguendo a fazenda adamacada do reposteiro, se percebeu a carnuda estatua de um homem corpulento, que se apoiava, cambaleando pelo jogo incerto das reverencias, nos moveis que faziam o adorno do quarto dominado pelos chamarreamentos da alta manhã...

Vendo-o, D. Jozé sorriu maquinalmente, e questionou-o:

— Vamos a saber, meu caro, primeiramente, que horas serão estas?...

Pareciam eles dous destinos talhados, de antemão, um para o outro. E Thyrso, que havia, remansadamente, pernoitado com uma ideia nova, tal era a de «ocupar o trono, quando vago, pelo mandato findo de D. Jozé», fôra acolhido como lhe conviéra que o fôse.

Enardeciam-no os agrados alvicaireiros daquella manhã. Eram, de fato, lizonjeiros, não sendo proprios da nenhuma complacencia e parca afétuozidade do carrancudo soberano. Raras pesôas haveriam logrado ternuras

eguaes do rosto estinjeo do grande monarca eletivo, daquele gananciozo governante...

— Que te importam as horas?... repôz o recémvindo, com uma carinhosa voz, enquanto D. Jozé ajeitava o peludo pescoço no deslumbrante pelago das rendas de sua camiza da noite...— Para um rei como tu és, amado e bendito pelos seus vasallos...

— Eu que o diga, ante as insurreições da opozição maquiavelica, com que me vejo a braços para debelar!...

— ... jamais é tarde para abandonar o leito.. Ali não has de ter pasado azimado a dulcidão embriagante dos teus sonhos de gloria...

E, por um motivo bem simples, as explicações entre os dous compadres se fizeram, dali por deante, noutra linguagem mais camareira e da mais espontanea intimidade. Travou-se, pois, um dialogo afeito á mais afavel mansidão, mantendo um, geitozamente, a sede afogueante das comocionadoras ambições do outro...

— Estava eu — balbuciou a atroadora voz do monarca, ainda este com vago e hostil constranjimento lhe franzindo o sobrolho — a pensar na missão mesquinha dos soberanos eletivos.

— Começas, desta fórma, abordando a materia que era de meu querer... acudiu o collocutor de D. Jozé, com um grave asentimento de cabeça...

— Que?!... pois tu, de verdade, te comoveste com o meu perigozo fado?... Que planos de minha salvação terás encontrado?...

— Bem vês que me comprazo em mitigar o sofrimento alheio... Paso as noites a pensar e parafuzei um projeto...

— Thyrso! meu amigo! peço-te... não me mortifiques

muito com a narrativa das peripecias... Suaviza-me as desgraças, dizendo-me logo a tua ideia... És tão bom que não ha outro assim...

Falando deste modo, D. Jozé tolerava a mais paradoxal associação de ideias. Era que, perante a decadente compostura de sua alma presumida, a sua posição de organ na estrutura social, aceitava as escóras convencionaes, como meios licitos de perpetuar, inapelavelmente, a sua pose no trono. E não lhe convinha máis adiar uma solução abolidora do seu holocausto, que consistia em abandonar o solio para outro subir...

Ora, no ocazo de seu governo, que se acentuava com o curso ligeiro do tempo, foi um sinal esplendente a revelação da incognita por Thyrso. Então, o morozo soberano viu-se de improvizo, viu-se bem ao seu querer, perpetuado na amada curúl. Abriu os braços e atirando-se sobre a figura insinuante e familiar do afetuozo amigo, sentiu reflectir-se na fórmula musculoza de Thyrso a surpreendente expansão de seu poderio. Mas este, olhando a figura de D. Jozé alastrando-se, comunicativa e alegre, dentro dos truculentos covados das fazendas, que compunham a sua camiza da noite, não conseguiu tolher a mofa que lhe irrompeu dos labios:

—Estás, de véras, impagavel!... Quanto daria, na certa, uma revista caricata para te pegar nestes trajos privados?!

— Ora! que mal vão eles entre nós dous?... Enche-me, agora, a alma uma felicidade tão linda, uma felicidade tão cubicada... que, si não ela, nada no mundo me faz inveja...

E, teimozo, voltou a tratar invariavelmente do processo mais seguro para se manter na posição suprema de rei.

Thyrso, afrontando os preceitos mal atinjidos e mais triviaes da deferencia ao seu soberano, quiz, atoadamente, escapar-se das dificuldades ocazionaes em que se emaranhára, como um inseto em viscozas teias de araquinide... Assim, perdendo o ensejo de não deflagar em descontentamento, opôz, pôr entre sacudidos accesos de tose perra:

— Proclama-te ditador!...

Senhor de um incondicional despotismo afetivo, Thyrso confiava em que poderia arruinar, com seus projetos insidiosos, a eminencia do rei amigo, afim do poder esbarrar-lhe ás mãos. D. Jozé possuia dele inumeros testemunhos de amigavel zelo, entre os quaes a celebrada misiva, em que ele chamava os «pavões reaes» de «andrajoza malta esfarrapada de gananciozos e de lazarenta jolda de traidores e eventuaes»...

O trivial monarca, entretanto, uivando, ás vezes, alto a desgraça de sentir-se cercado de um conventiculo dezacreditado, até áquella data não clamára, absolutamente, preferencia em favor de Thyrso.

Mas, enganando-lhe este com os prometimentos de dar-lhe recursos para o perpetuar no trono, o rei, tonto de prazer prelibado, concedia-lhe, naquella hora, a clemencia de um semblante rizonho e de um enternecido dialogo, á beira do leito revolvido...

— E's asombrozo!... exclámara o monarca, deixando reçumar nesa fraze um prodijio de ternuras subitas. E, como Thyrso, por entre as barbas das faces dezatase estas num sorrizo zombador e de disfarçado menoscabo. D. Jozé acrecentou, prenunciando, nimiamente embora, que seria sua a sorte das fêras nas brenhas que o fogo devasta:

— E's encantador, palavra de honra!

— E' uma caritativa exaltação que me fazes, Majestade! ..

— Vae a tua revelação demorada... Dize os planos de minha salvação... Deixa, uma vez na tua vida, de complementos...

— Com franqueza, nenhum outro... Si não fór a ditadura, Majestade, nenhum outro...

Enquanto D. Jozé se espantava com a peremptoria negativa de Thyrsó, um novo «pavão real» que ia a entrar, exclamou, com enfaze:

— Perdão!... Filozofó como tu és, reitor da milenar Universidade de Filozofia Juridica, perpetras um delicto de léza-realismo, proferindo esa alcunha neste lugar historico...

— Chegas tarde, Albano, com os teus galanteios... D. Jozé percebe a minha sinceridade para com ele...

E, com um rizinho satanico, a figura de mestico, rosto crivado de marcas da variola, do Albano, avançou para um relato natural...

— Eu vos contarei...

Não convinha, porem, ao airozo potentado do reino da Suzania, mordido, então, da febrê do desejo de ser rei perpetuo, a quebra do fio curiozo de suas iniciadas confabulações com Thyrsó. Posuido, profundamente, pela ideia de prolongar-se na curul majestatica, numa ampliação, sem termo, e sem medida, D. Jozé pregozava o quadro jocundo das riquezas, caprichos, aventuras de gineceu, viajens, prazeres, os quaes ele teria á farta. Assim, não extranharia, desde que ocorrese a sua ventura requestadamente sonhada, si muito fôse adulado, obedecido, manifestado, e feito divino, como o Cezar de

Roma, por geral aclamação de seus súditos. Parecia-lhe que, depois de lançada a plataforma, o ponto seria começar... E, porque não o fazer logo si, mais tarde, ele poderia, ditador em suas terras e para o seu povo pacífico, tornar-se senhor arbitrário de outras terras, senhor de todos os mundos quantos lhe fôsem apetecidos?!... Para além dos limites da Suzania, narravam os viajantes a existencia verdadeira de um pompozo Catête, porção edenica do mundo, onde os mortaes fruíam as mais fantasticas ambições mudadas em veridicas realidades... E porque não pasaria ele a sua vida futura nese feliz recanto do planeta!... Porventura, outros que lá estiveram foram mais homens do que ele, posuiram um temperamento mais rezoluto?!... O velhórro soberano, num irreprimivel movimento das mais altas conquistas, rasgava o semblante num transbordamento de suas mais intimas satisfações, prendendo, no rosto carunchozo e avermelhado, que se enfeitava com uma rubicunda penca, uma claridade de tal sorte louçã, que se poderia dizer oriunda de qualquer lume misteriozo e recondito...

Albaninho — como na intimidade palaciana lhe chamavam — repizava as frases, com o propozito de falar. Quebrou-lhe, entretanto, o entusiasmo a ardiloza preferencia que D. Jozé destinava, com a fixidez dos orgulhosos olhares, ao transcendente reitor da Universidade, o qual lhe fizera feliz porque lhe asinalou a posivel vitoria do futuro, em que não seria, quiçá, um rei sem trono...

E Thyrso acendia na consideração do soberano, como a mais luminosa estrela daquela manhã palaciana...

No entanto, si tal acontecia, era porque nenhum

dos outros «pavões reaes», ocasionalmente embora, soubera melhor atinjar o fraco do monarca. Com efeito, D. Jozé, o famoso rei da Suzania, «rei — como ele falava na intimidade — desa fecunda patria dos maiores talentos e das mais gloriozas tradições guerreiras», afizera-se, de instinto, às interrogativas considerações sobre a melindroza eslinje, que estava parecendo o seu futuro de soberano.

Nenhuma suspeita, entretanto, avergoava o seu espirito, depois das primeiras impresões que lhe deixaram os conselhos de Thyrso de Campolide, para que ele estabelecese a ditadura, no seu reinado.

Sentia-se, já, na falta de outros recursos mais prontos e mais eficazes, de outras medidas mais fortes e mais proficuas, lealmente amparado contra as investidas mais audazes, daquele que tentase, por qualquer meio, substituil-o no seu magnificente solio. Dezapareceram, portanto, depois da vigorosa palavra conselheira do eminente filozofa, as prezágas apreensões e os justos sustos, que o abalavam de pávidas incertezas, manifestando-se estas em ostensivos prenuncios de derrota, sob os pretextos mais futeis. A certeza de tornar-se um ditador modelo, fizera-lhe romper a antecipada mortalha de uma existencia destronada. E D. Jozé acreditava ser intransponivel a faze futura em que tivese de viver sucumbindo aos mais crueis e fatidicos golpes de dezamparo e de saudade. Parecia-lhe, mesmo, uma vergonha decer do supremo posto de heróe de um trono á nulidade desaborida de um qualquer bandalho, como uma vestal que decese ás privações de uma rameira... Assim, um rei sem trono era um homem veridicamente prostituido na hejemonia social. Neste ponto, temia o

izolamento do rei deposto, porque, como si tragase brazas ardentes, voltava ao seu pasado de perdido num ermo, num ermo que era um desterro, muitas leguas de mar e estrada de ferro distante da capital do seu reino. Contra todo ese futuro mesquinho, realmente, ele, depois do colloquio com Thyrso, achava triunfante, e, depois de vitorioza, irreductivel, a ditadura alvitrada. E, com todos eses pensamentos que aticavam a ardencia excluzivista de seu amor ao solio soberbo, novos «pavões reaes» o surpreenderam naquele abandono familiar do homem, que se escapou, sem cuidado algum, do seu magnifico leito de uma noite de sono pacifico. Nos mesmos trajos, perdendo, de gráu em gráu, a afabilidade e o agrado para com os mais, D. Jozé, desprezando a assembléa que se reunia ao lado de sua figura em vestias de camiza de dormir, pasou um braço pela cintura de Thyrso, e levou-o para o comodo vizinho, que era o quarto das ablucões matinaes. Esa preferencia açulou ciumes e criou despeitos: nem poderia ser para menos...

—Que irão falar eles?... dizia, dezolado com o que testemunhava, um joven profesor da Universidade. Era um tipo que começava de ser ventrudo, de perfil probocideano, muito alvo e pele asinalada, iterativamente, por nodoas pretas e castanhas, algumas delas apontadas como indicios de legitima filiação paterna. Os camareiros de palacio alcunhavam-no de —niponico— mas o seu verdadeiro nome, do qual não permitia que retirasem o fabulozo titulo de doutor, deveria ser—dr. Brijido Galo—e a que, conforme ele futurava, se acrecentariam, em tempo, outros qualificativos sociaes, quiçá o de rei da prospera Suzania.

Na camara de dormir, cercando o leito vazio de D. Jozé, havia uma anciedade geral. Albano perdera o gosto de falar e adiára a narrativa do fato historico que ocorrera naquele comodo de palacio. Por outro lado, Bertoldo, alvacento e pequeno, de mãos como palmoiras, enfim um grosso grizalhão de espesas barbas redondas e bem aparadas, foi mais inconveniente, e, depois de acompanhar com os olhos meudos, os vultos abraçados do rei e do reitor da Universidade de Filozofia Juridica, proferira o caustico comentario:

— Os dois irreconciliaveis discutidores de sempre!... Como eles hoje seguem acamaradados, rizonhos e plácidos!... Um com a sua preocupação economica, o outro com a filozofica, apaixonado dos Spencer e Kant!...

Por si, o Conego Luz, bela estampa do padre folgazão, escondendo debaixo do negrume de sua sotaina a alma vaidosa de um jogador e a preocupação de dirigir a opinião da bancada realista na Camara Alta, não hezitou em manter com os presentes um secco tiroteio de palavras curtas, enquanto, refazendo os seus trajos, para envergar uma leve «pijama» até á hora do almoço, o preocupado monarca interpelava Thyrso, nuns restos de alvar desconfiança:

— E não será indigno que eu me declare em ditadura?... Não quererá dizer isto que vou governar, desadata por deante, contra a vontade de meu povo?... Este não me repelirá?...

— A! Majestade... Quanto ás consequencias de teu ato nada posso adeantar... Neste assunto, sou incapaz de algo dizer-te ao certo...

De alguma fórma, esa resposta de Thyrso amedrontou D. Jozé, que reclamou:

—E és tu, meu amigo de infancia, quem me aconselha a pratica de semelhante indignidade!

Dolorosa situação criou-se nese momento para o reitor da Universidade, para aquele homenzarrão superior, que não temeu a severidade da critica indijena, quando, no verdor dos anos, publicou a sua vigorosa satira sobre o pseudo-realismo de alguns catedraticos de seu curso. E Thyrso soube carpir, aparentando tranquillidade, a vergonha dos dezabridos repelões que D. Jozé improvisava. Aquela deziluzão que o seu sabio consultor juridico lhe incutia nalma, depois de fazel-a feliz e acariciar o sonho ardente de uma ditadura, enchia-lhe a cabeça de chumbo, porque fatal seria a sua decida do trono. Depois, deziludido como estava agora, o seu esmagamento moral era feito por um insofrido pezo. Como suportar, calmamente, de antemão, todas as provas fulminantes e todos os anuncios formaes de sua desventura?... Mas, subito, mesmo dentro de sua alma ferina, brotou um rebento de luz confortadora, de um sol amigo e esperançozo: o rei, então, apelou para a vingança contra este que o atraçoava com a inditoza lembrança de uma ditadura. Mal, porém, surjira no seu imo esta cintila redentora, os labios hermeticos do soberano desfiguraram-se num sorrizo incomportavel da abundante conflagração moral, que o escravizava prematuramente. E, quem de animo máu, quem, mantendo a formidavel potencia do exaspero das preterições, não haverá sentido, alguma vez, a reação aparentemente salutar da vingança?... O appetite adormecido de vingar-se e odiar, prorrompeu indomavel, e, intimamente, o rei repetia uma e muitas vezes: «Hei de vingar-me, hei de vingar-me!». Todavia, depois desa abundante críze moral,

dezabou sobre D. Jozé uma expansão nervoza que o reanimou, humanizando-lhe o semblante, para tranquillidade de Thyrso. E o rei, que, momentos antes, tinha as pernas carambunhando-lhe tremulas, empertigou-se dentro de sua pijama de flanela riscada e de galões encarnados, bocejando uma simples fraze:

— A! iso tudo é muito malfeito!...

— Vosa Majestade é um rei forte... opôz Thyrso, quando voltava com o monarca ao seio dos palacianos.

— Diseste a propozito... refez o rei, e, voltando-se para Albano, que se sentiu honrado com a deferencia real, concluiu:

— Fala agora a tua historia!...

Então, Albano, sacudindo, histericamente, a cabeça muito morena, pronunciou para todos que ali estavam:

— Vou referir-vos o infortunio de um louco, que, no tempo do reinado de D. Luiz Pedro, dentro desta camara, alta noite, e debaixo deste leito, foi homicidiado por aquele erudito soberano...

As atenções, bruscamente, envolveram a narração do extranho fato, a qual seguiu feita acamaradadamente, alumiando-se, uma vez por outra, com alguns neologismos, muito do gosto isto do verbozo Albano. Este era um petulante orador de assembleias populares, gostando de fazer erudição sobre a materia expendida por outros que o precedesem, ou lhe aparteassem. Tinha um genio sofrego, não poucas vezes honrado, menos de referencia ao seu soberano, com uma arisca rebeldia. E, apesar de dotado, naturalmente, de uma incorrijivel tãra de boemia, o jugo de uma virtuozza espoza de mais idade o apartava das insalubres companhias, prendendo-o no repouzado conchego de seu lar, radi-

calmente feliz, todo disvelos para com o duplo par dos quatro traquinas enteados, que lhe estremeciam como a um pae, apesar do que foram enclauzurados, «para amansar», no rigoroso Colejio Doze de Outubro...

Para que D. Jozé tudo percebesse, naquela hora, ele falava rudimentarmente. Disera que ainda academico, caminho isto de uns trinta anos, conhecera um tipo, que era dos mais populares nas ruas da capital da Suzania. A este, os seus contemporaneos apelidaram de «*Majestade*»... «Eu o via sempre —acentuava Albano— trajando alvacenta camisa lavada, calças brancas de brim, arrastando pezados chinelões. Ninguem o encontrára, jamais! de cabelos por aparar ou mal amanhados, ou, mesmo, de unhas mal cuidadas. Nunca vestira um cazaco, e, conforme o que confesava, tinha mesmo horror acentuado ao chapéu». Daí por deante, buscando comodos refujios na adjectivação iterativa, Albano evitava, desa fórmula, a banalidade da descrição, não perdendo, entretanto, o dever de facilitar a linguagem para que D. Jozé, sem esforço, lhe compreendesse. Assim, proseguiu caracterizando bem o tipo do *Majestade*, não só referindo a reconhecida mania de amar todas as mulheres formozas e de maiores encantos da Suzania, como tambem expondo a licenciozidade dos termos por aquele uzados, e a fórmula típica de expresar-se repetindo as silabas. Neste interim, Albano disse, por entre gargalhadas geraes, como amostra da linguagem daquele louco, a celebre frase que significava uma resposta á pergunta de simples conhecimento — *quem és tu?* — a qual dizia: «*Eu sou o Majestade... o Majestade... Majestade... tade... ade...*» E, de fato, fôra perito o palaciano de D. Jozé nestes

jocosos sinaes do popular monomaniaco: e, isto posto, Albano exclamava:

— Agora, meus senhores, com permissão de D. Jozé, noso Amado Rei, narrarei a sorte trajica do *Majestade*, verificada neste comodo do palacio real. Era aquele um dos prediletos do poeta e rei D. Luiz Pedro, comensal deste e pessoa conhecedora de todos os recantos desta imensa caza... Uma noite, porém, a espoza de D. Luiz, alarmou o animo do rei consorte, alta hora, quando tratava de agazalhar-se, com o anuncio de que descobrira um homem occultado debaixo daquele leito... D. Luiz fôra prudente em ter querido verificar a verdade do quanto lhe comunicava a espoza. Todavia, divizando, na realidade, um vulto naquella duvidosa situação, recorreu ao fogo de um revólver e victimou, ali mesmo, o infeliz *Majestade*... Escandalo feito, o rei quiz divulgar o fato. Os seus cortezãos lealdozos, em toda linha, o inhihiram de tal, e, á tarde do dia seguinte, foi dado á sepultura o corpo do asasinado...

— Conheço deste fato—interpôz, solenemente, o reitor da Universidade—diversas versões...

— Não duvido!...— continuou Bertoldo...— Mas alguma delas ha de ser a verdadeira...

— Póso garantir pela que vos expuz...— intercalou Albano...— pois ella me foi relatada, tal como vos disse, por autoridade policial daquella epoca... Em todo o cazo, não aplaudo a alcunha de *Majestade* uzada no tratamento do noso Bemquisto Monarca, neste local de sangrentas tradições...

— Já agora tambem eu!...— disse o Conego Luz, temperando a fanhoza garganta, como si fazer fôse, em

breve, um discurso eloquente na tribuna da Camara Alta, ou um sermão festivo no pulpito de algum templo.

Agora, bonacheiro e sem fazer nenhuma applicação analitica do que ouvira de Albano lluente ao mesmo tempo que era charro, D. Jozé se tornára mais simpatico ao gremio de seus camareiros, livre como estava ali, pasajeiramente embora, da hiperestezia implacavel que lhe promovia as tempestuozas agitacões de momentos antes. A sua mascara esfinjica tinha, então, uns melilluos tiques de emoção. E, pela hora, convinha que pertencese ele um pouco aos mistéres da familia. Todos lhe seguiram os pasos, então, até ao vasto salão do fundo, a cuja esquerda ficava, obliquamente, o chamarreado berço do sol nacido ..

Indo debruçar-se sobre o parapeito de um dos janelões semi-erguidos, Albano chamou a curioza atencão do Conego Luz, para outras minucias do prezajiento cazo do *Majestade*:

— Parece imposivel, mas o fato é verdadeiro como aquele que mais fôr... — E continuou como si uma onda faladora lhe batese o encefalo: — Eguualmente variam as versões acerca do sitio e fórma do enterramento...

— Mas, meu caro amigo, tudo isto é um acontecimento notavel, que eu não sei como as cronicas contemporaneas, naquela epoca em que as opozicões eram arrejimentadas, não rejistam comentadamente. Releve-me a pergunta, pois não vae nela nenhuma ofensa: tens confiança na verdade das informacões sobre as quaes refizeste a historia que nos contaste?...

— Muita, ou tanta quanto te asseguro que não se trata

de uma historia, mas sim de ocorrença historica...
Ouve: ha quem diga que o corpo do asasinado se sepultou aqui mesmo...

— Aqui mesmo?!...

— Sim!... Sepultado aqui mesmo nos subterraneos, ou numa «vala» do palacio...

— Neste cazo, agora que se vae reconstruir este historico cazarão secular, não era máu que se fizesem pesquisas severas...

— Não! não! Eu quero crer que tudo se tenha realizado com muito mais ordem, conforme me foi assegurado pelo meu informante oficial... O feretro saiu por ali, pelos fundos dos terrenos de palacio, e foi caminho da necropole, onde se sepultou como outro qualquer...

D. Jozé tinha tornado, depois de haver beijado a prole estremecida. Estendeu-se, familiarmente, numa *chaise-longue*, e firmou o busto de encontro á cabeceira, que rezistiu, pronunciando agudos estalidos. Nesta postura, franziu o semblante, cortando com o seu hermetismo as probabilidades das confabulações. Mas, movendo-se com triumphal arrogancia, dominando a sucia dos intimos com incomparavel superioridade, capaz de fazer-lhes divulgadores dos maiores absurdos, atestando-os, aliaz, com os seus testemunhos, o ouzado rei entreabria o sacrario de sua alma para nele receber a premeditação da vingança, que tiraria, mais cedo ou mais tarde, de Thyrsó, cujo crime fôra querer transformal-o em ditador, muito certamente com o pensamento de tel-o, um dia, como ele se detestava — um rei sem trono...

E, como de outras vezes, vendo-o absorto, os «pavões reaes» matreiramente se despediram...

Ora, quando o dr. Brijido Galo voltou diplomado pela Real Universidade de Ciencias Juridicas de uma capital estrangeira, que ficava situada lá para as bandas de Olinda, nas gloriozas terras do norte do Brazil, veiu com a mente cheia de muita ciencia, de inspirada poezia e de eloquentes sonhos, bem como tornára trazendo a imagem diafana e estremecida de uma belidade a dansar-lhe, vagamente, em torno de todos os seus flutuantes pensamentos. Mas, ao par das politicas pre-zunções e das imperiozas torturas profisionaes, o joven doutor, que cria ter um talisman no pergaminho, pasava momentos comprometido com o medo que a realidade da vida lhe dava. E, antes de fixar-se, para expandir as suas habilitações juridicas, na capital do reino, onde governava um rei justo e bom, um bemdito rei trancador dos cofres publicos, o dr. Brijido Galo determinou, para saciar a mais ardente ancia do seu coração e satisfazer á mais imperioza exigencia de sua alma, uma alastrante excursão por todo o velho mundo. Ele queria ver, de perto, como os poetas faziam as suas poezias, queria

assistir um romancista de renome traçando as paginas mais agitadas de sua obra. Ele procuraria surpreender Émile Zola delineando o seu *Paris*... Queria fitar com Turgueneff, quando este escrevendo estivese os seus palidos versos... Depois, correria á Russia, e, sem anunciar-se, invadiria o gabinete de trabalhos do Conde Leon Tolstoi... No Japão, vizitaria Tei-Sam, quando este fizesse novelas... E, em Portugal, iria a Guerra Junqueiro e a João de Deus: e estes, porque falavam a sua lingua, lhe descobririam, por certo, o segredo da poezia...

E foi assim que o dr. Brijido Galo, em época do ano sexto da «fórma eletiva», procurou a Europa — querendo esquecer-se das loucas aventuras e clandestinos amores deixados no vizinho reino de sua patria, asentando disfarçar o celebre e torpe conflito de dous galantes dezejos ambicionando uma mesma mulher, e determinando descobrir e asenhorear-se do segredo e dos misterios da poezia, com a pose dos quaes viria eleito o mais brilhante poeta do reino da Suzania. De evidencia descoberta, quando tornase, no fim de alguns mezes, ao regaço da terra que o embalára pagão e guiára os seus pasos de cristão, teria, por certo, obumbrado os meritos do poliglota poeta René de Vilar — seu emulo nas manias — que, então, se pôfia na atitude resvaladora de um rival derrotado. A inflamada ladainha do dr. Brijido Galo, em toda a sua latitude e profundeza, não achou melhor resposta do que a lasidão inerte e tedioza que o acompanhou de volta da Europa. Em todo o cazo, chegára armado de pinceis, lapis, palhetas, télas e tintas, porque «aprendera» pintura nos principaes *ateliers* da Italia grandiozamente artistica. De sua bagagem fizera parte um gordo volume preenchido intei-

ramente de rascunhos poeticos, dicionarios de rimas, noções de metrica e numerozos compendios, em todas as linguas, de arte poetica, em cujas pajinas, com certeza, estaria escondido o segredo da poezia, ou, como lhe chamou Aluizio Azevedo, o *macaco azul* do verso... Vendo-o chegar, apezar dos muitos triunfos obtidos por toda a parte, sombrio como si tivesse viajado prezo ás aventureiras azas do infortunio e da incerteza, amigos mais afetuosos o interpelaram acerca do desenvolvimento pratico de seu luxuozo plano excursionista. Então, as suas gloriozas pasajens pelo mundo literario da Europa e do Oriente, asumiam fórmãs fantasticas e desdobravam-se em atitudes de conquista e de vitoria...

— Depois de tudo vêr, tudo conhecer, tudo apalpar, no meio dia e sul da Europa... fui aos paizes da península escandinava... e, porfim, ao incomensuravel Japão... O!... vim afogado nas sumptuosas e desmedidas belezas da poezia japoneza... E trago os aparelhamentos todos para ser um poeta niponico... Em Paris, conheci todas as inteletualidades vigorozas, e achei muita graça num tal Stéphane Mallarmé, um tipo desgraçozamente barbado, que reputei um maluco...

Novas e repetidas odiseás de triunfos e de conquistas literarias reproduzia o poeta japonez. Não tardou que, bastante letrado, fundase uma revista literaria — *O Livro* — em cujas colunas desfraldou, sem criar adeptos, as suas teorias niponezas... E, porque enriquecido houvese a sua bagagem com os apetrechos proprios do dezenho, trez horas seguidas, quotidianamente, se encerrava na clauzura de um *atelier*, onde ficava a lamentar que, na sua terra, não fòsem conhecidas mulheres formozas que tivessem a missão de pouzar nos gabi-

netes de pintura. Por outro lado, mal lhe ficavam as coizas si nada fizesse para encher o celeiro: como, entretanto, constasem de seu canhenho de excursionista, inumeras vizitas ás principaes bancas da advocacia londrina e bruxelense, se despejou pelas vielas tortuozas das petições, dos agravos, das minutas e razões, até que, um dia, lhe chegou ás mãos a primeira cauza. O' grande dia de farto contentamento! Ainda asim foi mais administrativo o seu trabalho do que juridico: um inventario calmo, que correu pelo juizo de orfãos, de acordo com os conselhos de praxe que lhe dava o escrivão perito no seu officio... *O Livro*, cheio de referencias japonezas, morreu com o oitavo numero, e as pinturas do poeta niponico nunca puderam ser vistas, porque, numa tentativa de paizajem que fizera, o sol representava, a todo o mundo, um gavião de fogo, e as arvores figuras tetricas de serpentes, mastodontes e borrões inexpresivos... Contentadoramente, a advocacia dos parentes e amigos amparava-o, de fato, nas horas mais infernaes da existencia acidentada, como uma cordilheira alteroza de montanhas inacessiveis... Mas, o coração do poeta premia-se numa allicão enfermadora: conservava-se indelevel o repudio da mulher amada... Portanto, urgente era que outra mais bela a substituise, preenchendo o vacuo, que na alma lhe abria a detestada lembrança da imajem entontecedora da primeira...

—Adorei-te—raciocinava ele—mais do que o humanamente posivel... Que outra surja para que a sua imajem derroque a escravidão que, sobre mim, onipoderosamente, tens exercido... Que se encerre no capitulo do teu indiferentismo o meu amor ardente e asiduo!...

E, então, por sorte, ocorreu isto ainda nos ricos

tempos de publicação de *O Livro*, que inseriu, a modo de reclamo, as duas estrofes que se vão ler, generosamente enternecidas e injenuas, como as douradas filhas do Extremo Oriente...

*Sentado, sempre triste,
Trazendo uma sacóla,
Um moço cego existe
Em busca de uma esmóla...*

*Asim meu coração,
Heroico e maltratado,
Deixando a solidão,
Procura o ser amado...*

Lonje de emancipar-se da pernicioza influencia do amor, noutros incidentes caiu, menos profundos, embora. A atividade profisional trazia-lhe um alivio aos nervos sacudidos. Desta arte, bem podia o amor das mulheres preocupal-o e trazel-o submisso á garra de sua atração doce e maldita. Ele, porém, não deixava de forrar-se, fartamente, das exigencias dos seus mais graves negocios. Para o poeta, assim, ainda restava o direito de fazer um esbulho á arte niponica... Poderia succumbir na realização de seu empreendimento literario, mas não recuaria, por certo, antes de consumal-o. Depois, que se não renovase, que num só produto ficasse adstrite, nenhum mal lhe chegaria. E a suave lembrança de fatos historícos, que testemunhára pela leitura distante dos jornaes, escravizou-lhe a imaginação inane e serena, como a atmosfera do arquipelago japonéz, desdobrando sutilísimos cuidados para que fôse muito elevado e sorprendente o efeito de seu sonhado melodrama. Conse-

quentemente, um dia, um editor espalhava o seu primeiro livro, que, devido ás convencionaes prevenções contra o seu autor, não logrou numerozos compradores, e a que a critica, barbaramente, espancou...

Certo foi que o destroço que sofreu a sua comemorativa fantazia dramatica, que, enquanto para uns, não tinha nem o valor do trabalho de um escarniqueiro alfarrabista, para outros revelava, em desproveito de seu autor, um pretexto de humilhação e de prova, não lhe fez desviar, de seu curso natural, a inclinação deliberada e sincera de interessar-se em tudo quanto se referise á politica nacional do proprio reino da Suzania. Ora, tempo houve em que, burlando a espetativa dos sufrajios que lhe fizeram empunhar o bastão de rei e a corôa de monarca, por quatro anos, reinou na favorita patria de D. Jozé um inadvertido soberano, D. Oscar, de nome. Tal foi a absorção politica que este fizera em seu beneficio, escoando, conforme as crencas geraes, por canaes e desvios, as correntezas avolumadas dos cofres nacionaes, bem como desprestijiando os principios de ordem, a autoridade da lei, e, num impulso criminozo, até, asediando o rejimen livre da justiça que deveria distribuir a Côte Suprema de Direito, que os suditos mais disimulados e mais calmos foram os da primeira linha quando se atentou contra a frieza glacial do rei, acremente acuzado de despotico e autoerata. Diziam os autores das *silhouetes* governamentaes de sua época, que D. Oscar, como o seu cultuado Luiz XIV, de França, era a encarnação bem presentida e viva do — *l'Etat c'est moi* — que ganhou as honras das referencias historicas. E, como ficase deposto, um dia, pelo tempo que fin-

dára o seu rejio quadrienio, D. Oscar, sem perceber os sinaes alarmantes de revolta contra a sua pesôa destituida do despotismo do trono, antes que lhe chegase a incomensuravel humilhação do abominio publico, já manifesto em frases escritas e faladas, mas ainda não em atos, foi pasajeiro de um *steamer* britanico, que aproava para o velho reino de Castella... Que iria curtir na Europa desconhecida o rei deza-dorado?... Não faltava quem disese, então, que por um exalçado ditame da sorte do desfrutador da vida, D. Oscar planeava vizitar, rejia e fidalgamente, os seus pares, chefes amados das nações européas... Mais argutos, porém, outros aseguravam que o ex-monarca da Suzania preferira serenar o animo e quizéra conquistar enerjias numa olimpica vivenda, que o exausto tezouro de sua patria conquistára, em troca de muitas moedas, no nome do gananciozo D. Oscar... Era este um epizodio indecorozo de sua incorrijivel comedia de quatro anos de governo... E o veloz paquete inglez o levou no seu bojo, debaixo das publicas maldições, deixando-o na capital do reino tranzatlantico, pelo qual enveredou ele até chegar ás terras de sua edenica mansão, ornadas lindamente com um pomar supimpa e um palacio grandiozo, onde, por espaço de curtos mezes, carpiu, dezolado, a nostalgia do governo... Fôra isto um fracaso na sua carreira de poderozo, o qual lhe granjeára a suprema abjeção dos populares babaréus... E toda uma raça de fortes, toda uma nação de amesquinhadados que reconquistavam a fulgurancia do rejimen de liberdades por D. Oscar pervertido, na implacavel dureza de sua revolta, excomungou-o na auzencia, para apedrejal-o no regreso

à patria de sua excomunhão! Elementos dirijentes de todos os matizes enfrentaram a coorte dos vasa-
los gratos ás benemerencias do soberano esbanjador...
E, ao desfilar do prestito, ondas revoltas de protestantes apuparam o ex-monarca recebendo, endereçaram-lhe a mais vibrante de todas as tremendas matracas, cobrindo, por igual, o seu cortejo de dedicados com os restos das podridões e das imundicies, que tinham arremesado ás faces de D. Oscar, exilado, por iso, dentro de sua propria nação...

Foi nesa epoca, nese dia em que transbordou irre-freiaavel o sangrante coração do patriótico povo suzanico, que o dr. Brijido Galo, enquanto outros subiam porque mereciam honras as suas satiras — ou sobre o chapéu de coiro, ou sobre a comparsaria vaiada — se iniciou na politica, com a sua figura de joven probocideo, como a garotada das ruas que praticava excessos, ora arreme-sando sobre o repudiado nacional as materias ignomi-niozas que os mais arremesavam, ora, finalmente, ecoando a grita dos mais brutos e fgozos improperios...

E, ainda hoje, o poeta nipenico não abdicou das glorias ganhas naquele dia de tradição imorredoura!...

Mas, pasou-se... O dr. Brijido Galo, candidatava-se ao preenchimento de um vago lugar de adjunto da vasta ciencia economica, na prestijiada Real Universidade de Filozofia Juridica, de que era reitor, por espontanea escolha de seus pares, o dr. Thyrso de Campolide. Vale-ra-lhe, no cazo, a proficiencia de um dedicado comensal, que lhe escrevêra a monografia científica de apresen-tação, embora que mais de ciencia curadora do que... de ciencia economica... Era um absurdo, seguramente. Entretanto, não desfaleceu o dr. Brijido Galo diante do

mais extravagante dos desvios, posto em frizante relevo pelo seu preterido competidor, por entre a formulação alarmante dos qualificativos, que os criticos despejaram sobre a sua inaugural fantazia dramatica... Melhor não teria sido para o poeta niponico, a cujas mãos esbarrou, por escolha injusta, o lugar cubiçado...

Ora, vieram dias e dias, mezes e mezes, e anos mesmo se passaram, extenuantes e longos, sem que a ambição politica minorase a sua arrelia no intimo do dr. Brijido, proporecionando-lhe um aquinhoamento qualquer na carreira dos cargos representativos... E foi quando se findou, por entre bençans geraes, um quadrenio de inolvidavel benemerencia publica, subindo, arrebatado de suas ermas terras, que se prendiam, então, por um fio de hipoteca, aos creditos de uma caza bancaria, D. Jozé ao trono de rei da Suzania. Encantou-se o novo soberano com os exaltados protestos de seu amor decidido, que lhe cantava, jornaleiramente, aos ouvidos, o mais estulto dos vates da Suzania. E, uma noite, como o dr. Brijido conseguise subjugar as atenções de D. Jozé, este deixando pender negligente o braço, tranquilizou o animo do formativo sabio economico, proferindo...

— Peco-lhe que reflita um momento sobre as dificuldades das representações eletivas, e convença-se de que, pela sua dedicação e constancia nas minhas intimas seroadas, lhe darei um posto, que lhe vae ser de sacrificio e não de honra, na Camara Baixa...

— O!... Majestade Augusta!... Divino Rei!... exclamou confuzo o poeta niponico, querendo abraçar o monarca pelos joelhos, humildade esta que o seguro autoerata evitou, cautelozamente, temendo que os en-

tuziasmos inclementes do dr. Brijido o atirasem ao chão...

Foi assim que o poeta japonéz entrou na Camara Baixa, onde manivelou, geitozamente, a vontade do rei coseu-vilheiro. De uma feita, porém, compreendeu o abominio publico em que caíra por se ter escravizado demais aos desejos e caprichos de seu soberano. E eil-o a procurar D. Jozé, expondo, tristemente, os seus riscos...

— Majestade!...

— Dize lá!

— Persegue-me obstinadamente o desfavor geral do eleitorado de meu distrito, que me derrotará, por motivo de vosa santa cauza, nas urnas livres...

— Tem remedio, tem... opóz o rei, aliviando o seu colocutor...— Mandal-o-ei, sim, para o 13.º distrito...

— Mas, lá, Soberano, ninguem conheço... Não poderei fazer cabala...

— E' assim mesmo... As atas falsas falarão por si...

E, por iso, o Dr. Brijido Galo estudou o cazo da sucesão de D. Jozé, faltando-lhe corajem, porém, para arriscar palavras neste sentido... Entretanto, um dia, tremulo e frio, pediu uma conferencia, que lhe não foi negada...

Apezar disto, desde que os escutára dos asperos labios de D. Jozé, o Dr. Brijido Galo nunca mais poudes esquecer os apregoados titulos de recommendação e fina benemerencia que o elevaram ao «posto de sacrificio e não de honra, na Camara Baixa» do Parlamento da Suzania. E, de começo, nos arrótos de sua chocalheira aristrocacia pagã, estivéra para fazer uma ostentosa recuza da recompensa que o rei lizonjeiro lhe dava, depois de tantas noites pasadas, impreterivelmente, ao seu lado, queimando abundantes incensos, e encomiando-o nos

mais duros tranzes, para o que dispunha de um grande cabedal de adjetivos... «Como admitir, pensava nervosamente, que se esquecesse o seu soberano dos seus pesoaes predicados de economo, não querendo mencionar o de vate, o de pratico no fóro e quejandos?... Referira-lhe que se convencesse ele de que, pela sua dedicação e constancia nas intimas seroadas de palacio, lhe daria o tal posto na Camara Baixa... Depois, porque começára D. Jozé, como se falase a um menino traquinas, pedindo-lhe que refletise, um momento, sobre as dificuldades das representações eletivas?... É uma impozição de moral — concluia ele textualmente — a recusa da cadeira na representação do 1.º distrito... Que fazer, entretanto, si a vaza era das melhores, e ele, perdendo-a, se deixaria aniquilar pelos comentarios dos que achincalhavam a sua solitudine em palacio?... Não!... Não recuzaria, tanto quanto aquilo o rei falou a ele só, sem que ninguem o escutase... Viraria o rosto, e... pronto!...» Na verdade, longos tempos e fatidicos, o poeta niponico se doeu, intimamente, sem a minima corajem de externar a sua dor, com a piedosa mortalha de sua aristocracia, que era a sua propria acensão politica á Camara Baixa...

Por outro lado, não poucas vezes, D. Jozé se inflamára com os peccadilhos do Dr. Brijido. Ora, uma vez, asoberbados os cofres publicos pela insaciabilidade monetaria do monarca absoluto, que este era dentro dos quatro anos de seu reinado, crescendo as despezas palacianas e as do plano de rejeneração economica, que preocupava a mente do rei, este—com a dignidade e a dor do espozó amantissimo que desvela ao medico de confiança os segredos do corpo da companheira, para não a ver sub-

jugada pela morte, sendo possível, com aquela solução, o seu livramento—recorreu á sabedoria económica do dr. Brijido. Primeiramente, sapando o terreno, fez uma consulta reservada, sobre a competência financeira do poeta, ao dr. Thyrso de Campolide, que, com a sua consumada experiência, abriu um pavoroso vacuo, para que nele mergulhasse, *ad aeternum*, o duvidoso saber do seu colega de Universidade...

— Pensas tu que o Brijido, dedicado e digno como se tem mostrado, descobrirá um meio financeiro capaz de minorar as angustias do Tezouro?... inquiriu D. Jozé, com a voz preza numa ansiedade espetante e punjente. E Thyrso disse:

— Perfeitamente... Porque duvidar?...

— Homem, ele é tão moço — repôz o monarca — vive com a cabeça tão cheia de caraminholas da tal poesia nipónica, que... Homem!... Eu tenho medo, meu Thyrso tenho medo, de verdade...

— Realmente, Majestade — afirmou o filozofa sem desprezar a malquistada alcunha — o menino, isto é, não sei si ele ainda é creança para assim ser tratado... Realmente, dizia eu, o Brijido mete sempre os pés pelas mãos... Não ha que confiar...

— Entretanto, a tua congregação de sabios o aprovou, seleccionando-o para fazer parte de seu elenco...

— Ora, Majestade... Isto não inflúe no sentido de que o moço dê para a materia politica... Lembra-te, D. Jozé, da vizita que nos fez o majestoso D. Afonso, e do discurso chinfrin — perdôa o qualificativo — que o Brijido pronunciou perante s. ex....

— Vejo que tu és muito caturra...

— Ouve, Majestade: em finanças, o poeta desfraldou

o labaro do socialismo numa discussão de gazeta... E, como os socialistas são todos uns inovadores, bem pôde ser que o Brijido mova qualquer medida salvadora...

— Pois eu vou falar-lhe, meu caro...

— Acho bom, acho bom...

E Thyrso pensou, justamente, que assim aniquilaria mais este tipo arvorado em competidor.

Recebera, pois, o indijitado financista a missão de cortar o nó gordio da situação antipatica. Penozos momentos pasára o poeta japonéz. Toda a noite estivera fóra do leito, preocupado, torvo, inquieto, repasando centenas de pajinas de tratados e compendios. Uma vela acceza no alto da secretaria se esgotara, sem protestos, antes que se findase a tarefa difficil. E o dr. Brijido Galo, toda a vez que, deziludido, cerrava um novo livro, encolhia os hombros e tinha um semblante especial. A madrugada o surpreendera no afã de pesquisar o especifico financeiro, que lhe fóra encomendado. Repoizou, portanto, um pouco... para recommear depois...

Na tarde do dia seguinte, comtudo, ele apresentava o dezempenho da difficulতোza incumbencia urgente do seu rei.

— A! Majestade!... exclamou ele pasando ás mãos de D. Jozé um rôlo de papeis, onde, como tecidos celulares vistos á lente dos microscopios, os algarismos se sucediam em ordens e sub-ordens, até darem um lizonjeiro resultado final. — Aqui vos trago, Amado Senhor, os planos para abrir novas fontes de receita, os calculos de uns impostos...

— Impostos?!... gritou furiozo o monarca prevenido contra as taxações que, por qualquer fórma, incidisem,

mais uma vez, sobre o povo condescendente, privado já de extorsivos compromisos para com o fisco nacional...

— Sim, Majestade!... Não ha outro remedio, nem outro geito a dar...

E um silencio de minutos aqui decorrera. D. Jozé, emudecido que ficára, contemplava o rôlo dos papeis, sem animo de o abrir. Como lançar um novo imposto, si o povo, a toda á hora, clamava contra aqueles de que já era pagante?!... E o rei temia os estudos do dr. Brijido desenvolvidos naquele rôlo de papeis, como respeitaria um desfiladeiro de espiacões que se lhe abrisse aos olhos. Esvaia-se-lhe a corajem deante daquele ninho de perigos. Palido e irado contra o purgatorio em que os proprios fatos o atiravam, de mais a mais, sentia-se revoltado contra a ingratição de seu destino, proporcionando-lhe, desta fôrma, uma travesia difficil, que ele faria por dever de officio, como um condenado, que saise de uma celula de reclusão e se dirijise para a guilhotina, armada, na praça publica, com as navalhas afiadas, no propozito de cortar-lhe a cabeça de abominado... Recordando a sua feroz ambição, ele afrontava, miseravelmente, a sinceridade generosa de seus sentimentos. Foi, assim, que, num supremo arranco, convertido rapido em instrumento precavido de sua propria defeza, em virtude do que deveria ser a atalaia de seus planos futuros, deabalada, se pronunciou ..

— Não creio no imposto... E' a mais odioza e vil das fôrmas empregadas para se encherem os cofres da Nação... Tiveste uma extravagante lembrança, que eu repudio solenemente!...

E o poeta dezarvorado perdia as côres e lastimava, sinceramente, sem animo de nada proferir, o seu esforço

desperdiçado, a noite escapada, sutilmente, estando ele defronte dos tratados e compendios, emfim, os halos negros, provas elementares de sua *surmenage*, que lhe circundavam os olhos, pela gordura dos tecidos faciaes em caminho de serem integralmente devorados... Tomava-o, deante do soberano francamente contrafeito, um mixto de medo, de vergonha e de culto, incapaz o idolatra, apezar de tudo o mais, de revoltar-se contra o idolo de seu credo fanatico. D. Jozé, agitado, fujiu até junto de um globo terraqueo que exornava o seu gabinete de trabalhos, e, deslizando, ao depois, veleiro como um espectro, pelas portas escancaradas, deixou o poeta niponico na mais afflitiva das solidões, defronte de um qualquer *armoire á glace* de fim desviado, contemplando a sua figura dezolada de relapso aticador dos vicios palacianos... Que minutos pezarozos e tetricos ali pasou, izoladamente, o sonhador fanatico pelas terras de Nami-Ko!... Por que invios caminhos o levára o soberano aborrecido áquele planalto de desconfiança e de exaspero moral!... Então, o seu espirito se aprofundou nas mais esquizitas conjeturas... Pudera chegar, instantaneamente, á infantil persuasão de que, por aquela unica decepção, o monarca se encheria de um tal rancor que seria muito homem de mandar decepar-lhe, em praça publica, o seu craneo pensante... E os seus labios, quando a sua consciencia lhe equilibrou as faculdades psicicas, se descerraram num rizo punitivo, que o grande espelho refletia escarnecedor...

Inesperadamente, D. Jozé voltou ao ponto em que deixára succumbindo o economo amedrontado. Desdobrára os papeis. O rosto do financista ganhára um tom

forte de lacre escarlate. O rei lia e o seu semblante se dezanuviava prazenteiramente. Por fim, disse:

— Está isto muito direito... Vou submeter os teus estudos à decisão das Camaras... Muitos pensarão melhor do que um só...

— Mas, Majestade—arguiu o economista medrozamente triunfante—as Camaras, agora, estão fechadas...

— Abrir-se-ão... respondeu o rei, dando de hombros...

— Faltam muitos mezes para iso...

— Não!... Vou mandar lavrar o decreto de sua convocação... Dentro de sesenta dias, as providencias de que careço, estarão tomadas...

Animou-se, bastante, o vate, com a aceitação, embora condicional, de seus planos economicos. A reabertura extraordinaria das Camaras, ao lado de representar um aumento de receita, com os subsidios egualmente extraordinarios, no seu orçamento anual, teria o resultado de transformar num serviço real a sua tatica incansavel de ser util ao seu rei poderoso. Decorreram mezes e os impostos creados pela increpante sapiencia do financista, tornaram-se medidas definitivas...

Foi paradoxal a fama que o dr. Brijido Galo granjeara com esse efemero triunfo. Em todo o eazo, por força dela, o vate creou azas para subir um pouco na confiança de D. Jozé, que, de dia para dia, com a redução maior de seu tempo de governo, se sentia peor, como vitima da perigoza aberração de ir além do seu prazo constitucional... Todos os compromisos de governo eram secundarios deante da ideia de não deixar o trono, por qualquer cauza. Entretanto, no rigor de seus apuros governamentaes, a braços com o perigo inabordable de decer do trono reverenciado, nas mais empolgado-

ras comoções de seus transportes e de seus impetos fôram de notar as aptidões organicas de D. Jozé que, jamais, recuzára o leito para um bom sono, ou a meza para uma farta refeição. E estas necessidades fisiolojicas eram satisfeitas com a inconciencia brutal dos irracionaes, que mastigam as relvas, cantada a solfa do latego no seu lustrozo pélo... De tudo o rei poderia escapar, ou ficar izento, salvo da fome ou do sono, o que a sua familia e os seus intimos recebiam como as mais ardentes manifestações de sua sanidade moral e psiquica. Ocaziões, comtudo, e muitas, ele adormecera pensando no infortunio de abandonar aquele palacio com substituto forçado, ou mastigara, preza do pensamento de ser salvo, como Moizéz o fôra das aguas, da desventura de ver o seu rico solio occupado por outro, de intenções desconhecidas. Outras vezes, D. Jozé perdia o fio das conversações e silenciava ao meio do mais calorozo dialogo: a ideia má o asaltára repentinamente... De uma feita, subscrevendo um decreto real, de suma importancia administrativa, prendera, por minutos consecutivos, a pena sobre o papel, quando apenas, tinha escripto o — *Jo* — de seu cultuado nome... E, depois das refeições, o quilo era feito ordinariamente, sob a ação das tetricas conjeturas sobre o cazo inalienavel...

Foi asim que, medrozamente, um dia, sabendo que o soberano iria na manhã seguinte vizitar o seu gineceu em sua enriquecida propriedade, o dr. Brijido Galo dele se avizinhou, titubeante, ás vezes tendo um grande asco á sua irremediavel covardia. Meditára muito antes de tal proceder, estudára suficientemente a fraze com que iniciaria a exposiçãõ de seu plano de combate: mas,

chegada a hora, tornára-se o gago de sempre, o tati-bitatis do dezastrizo discurso de saudação ao festejado rei D. Afonso... Emfim, arrancou de sua garganta resequida...

—Majestade!... perdoae a minha estulta persuazão de ser-vos util, e, perdoae, egualmente, a minha espontaneidade num cazo capital de voso governo, para solução do qual os meus serviços não foram reclamados.

O rei, fitando, então, com o joven economista, temeu a sua figura de quem acorda de um sonho máu... E, movendo a cabeça, com um rizo hipocrita no canto da boca semivelada pelos espesos bigodes, deu asentimento ao palavreado do dr. Brijido, que continuou:

—Trago-vos o rezultado de muitas noites de vijilia... Muitas manhãs, Amado Soberano, despertei de um sono involuntario de que fôra meu traveseiro a nosa Carta Preccitua, aberta em meio... Nela eu pesquisava a ventura de prorrogar o voso bemdito governo, de que sou o mais humilde dos servidores...

Então, D. Jozé arregalou, enormemente, os olhos, e, erguendo as mãos, bateu nervozas palmadas, enquanto clamava com furia aspera...

—Querem ver que tu descobriste a salvação, que implorado tenho a todos os sabios da minha côrte, sem que nenhum se revelase, de fato, o sabio que se apregôa?!... Já falei a Thyrso, que lembrou a ditadura... Asinalei a Bertoldo a necessidade dele apresentar uma medida conciliadora dos intereses nacionaes com os meus... E, até hoje, nada... Fala tu, Brijido...

—Sem que sejaes um ditador, sem que rompaes a Carta Preccitua da Suzania... o voso governo, si quizerdes, irá além do prazo que vos está determinado...

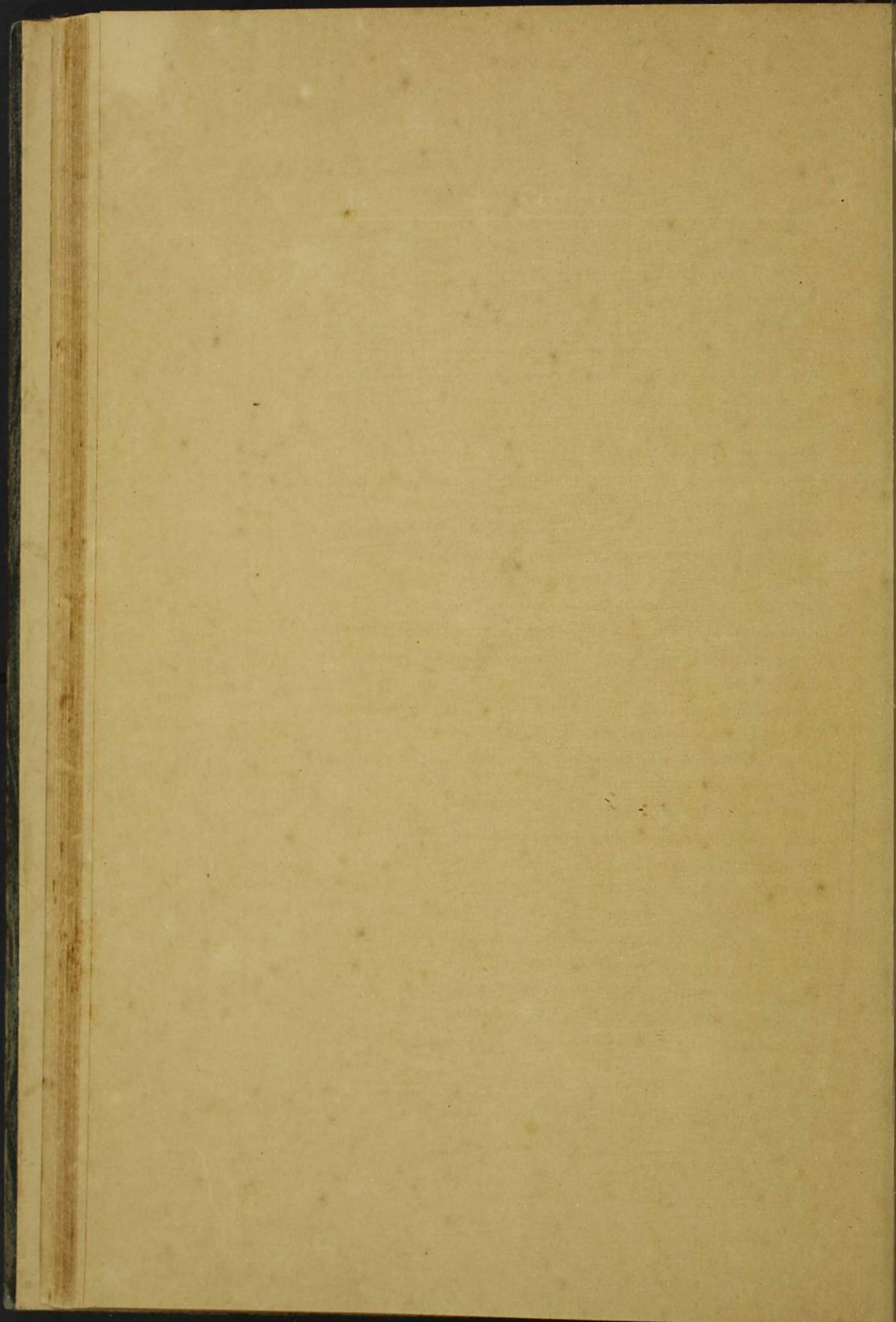
— E, então?!... exclamou D. Jozé impaciente e atento como nunca...

— Ordenae, Senhor, a reforma da Carta, e as Camaras a votarão... Assim, providenciareis, por meu intermedio, si me dérdes tão grande honra, para que, do Novo Preceito, se façam constar os trez principios seguintes: *primeiro* — reelejibilidade dos soberanos; *segundo* — aumento do prazo governamental, de quatro para dez anos; *terceiro* — dissolução das Camaras, quando o soberano entender...

Impellido por uma satisfação transbordante, D. Jozé apertára Brijido, freneticamente, contra o peito abaúlado...

E o poeta soubera conquistar a alma falsamente injenua do rei...





Fôra isto numa sexta feira, ao entardecer, e assim o dr. Brijido Galo empolgára o pensamento de D. Jozé alvitando-lhe as medidas para ser realizada a ideia, viavel aliaz, da revizão preceitual. Apezar, entretanto, de todas as convencões, o amorozo monarca precisava seguir na manhã subsequente para o seu deliciozo gineceu, que era um outro eden, um outro paraizo biblico, perdido nas incultas terras da Suzania, como o bruto e valiozo diamante na imensidade dos grãos que enchem a bateia do garinpeiro pesquisador... Impellido pelo instinto mordente da sensualidade abafada com a viuvez moralizada que atravesava em palacio, ao lado de suas sobrinhas, D. Jozé jamais perdera o prazo mensal do compromisso que asumira com a orgulhoza amante, reja moradora das belas parajens das *Candeias*, nome este com que se crismâra o engenho *Sipó*, depois dos melhoramentos que o atinjiram fartamente. E, assim, o intranquilo monarca, seguindo para embarcar na manhã do sabado immediato, cumpria, glacialmente, a imposição cordeal e organica de seu ser, que reclamava o aconche-

go feminino. Refeito com este, ordinariamente mantido num prazo de dez dias consecutivos, o rei desdobrava, com mais energia, a sua individualidade dupla de homem e de governante. E a amorosa dominadora do confortavel sitio das *Candeias*, agradecia, com devoção e monopolizados carinhos, a asiduidade mensal do rei, transformado no mais triste palerma, quando ao seu lado, apesar do sorrateiro ciúme que o levava ao excesso de manter a sua propriedade feminina guardada e sob a vijia constante de um dedicado amigo, aquinhoado, por iso, com um posto qualquer, no estado menor de seus guerreiros trinta e mais mil homens...

Pontualmente, D. Jozé se collocára, reclinado em comoda *chaise-longue*, á ré do hiate real, que singrou, pacificamente, as aguas verdes da bacia, em que se reflectia o alterozo prezepio da secular capital do reino da Suzania. E, cortando as aguas do mar em perpendicular ao litoral da cidade, o abstraído monarca ia deixando em suas costas o ninho das condoreiras personalidades de sua patria lentamente progresista, mas saluberrima em relação a centros outros de numerozas populações. O seu clima, diziam os exigentes extranjeiros incapazes de silenciar as suas indispozições para com as irregularidades de inumeros serviços publicos da Suzania, era magnífico. E tanto era, que as posantes naves, de trez ou quatro boeiros, da imensa marinha de guerra norte-americana, destacadas para excursões no sul de seu continente, preferiam a capital do reino de D. Jozé, afim de, no seu largo porto fundeadas, fazerem as suas estações navaes. Tanto por estar situada em zona temperada, a cidade, que fôra o berço da civilização de ramos lateraes da raça latina, merecia o reparo do extranjeiro desde a sua interessante architetonica, dependurando-se

os edificios nos altos das montanhas, até á espesura verde de suas umbrozias e fartas vejetações. Do mar, á entrada dos populosos trazatlanticos, o seu aspeto exterior era um convite para o viajante vizital-a. De terra para o mar, descortinando-se, atravéz de uma larga zona de profundas aguas, a sinuoza linha das ilhas fronteiras, parecia ao espetador que todo o resto do mundo era pequeno deante da grandeza e da imensidade do que lhe era dado divulgar bastamente.

Para isto, si de outras vezes não, muito menos daquela, não atentara o espirito superficial de D. Jozé. A obsecção do triunfo fazia-o cégo ás grandiloquencias do mundo exterior. Que lhe importaria que o sol, como a boeira da futura civilização tropical, se prégase, naquele momento, se encastoase, brilhantemente, como um transcendente topazio, no pico da torre da Prefeitura Local?!... Que, no topo do mastaréu sobreposto á cumieira do consulado americano, tremulase o estrelado pavilhão da patria de Rudyard, como sinal festivo da estadia de um colossal vazo de guerra no porto da Suzania?!... Que, simbolica e hermetica como uma esfinje rica em hieroglifos, cercada das sombras verdes das arvores frondozas, num planalto guarnecido de pilastras meãs de arestas inflexiveis, lá para as bandas do Logradouro Publico, se distinguise sobre o nivel das terras a marmorea piramide, monumento rudimentar da arte humana, que solenizava, indelevelmente, o grandiozo fato historico da abertura dos portos da Suzania, um seculo atraz, por um rei fujidio e forasteiro, ao comercio dos povos cultos e ás boas relações internacionaes?!... Que, no extremo sul da cidade, no alto de uma relativa elevação de terras muito relvozas, se descortinase o vulto simpatico de uma

egreja lindamente caiada de branco, que representava as celebres romarias de *São Gunocó*, ou as procissões dos romeiros de *Santo Onofre*, santo barbaro que invadiu o campo da religião cristã, treze anos pasados, salvando, para os numerozos e credulos romeiros, o reino da Suzania de infelicitações imprecizas, mas convictamente previstas?!... E que, do lado oposto, no cume do monte em cujo sopé se desdobrava, num esperançozo alongamento perspétival, os maquinismos incansaveis e proliferos de uma aldeia operaria, o cazarão azul da Beneficencia Portugueza se impozese, pelos seus inolvidaveis serviços de humanidade e de beneficencia, ao respeito e ao amor do coração dos homens?!...

A grande alluencia de ideias em torno do centro capital do pensamento de D. Jozé, afastava-o, de fato, do cambio de relações com a natureza de fóra do seu eu... E o hiate, fazendo serena singradura, naquela aquozã amplidão, despertava o solitario sentinela do esquizito forte de São Marcelo, ilha artificial no meio da bacia, onde o genio dos invazores holandezes fez as muralhas de uma fortaleza, e que a enjenharia moderna artilhou de novo. E o sentinela, despertado com a pasajem da rejia embarcação, transmitiu á guarda do forte a aproximação do rei D. Jozé, pelo que os canhões dispararam, apressadamente, os avizadores vinte e um estampidos de polvora seca, que homenajeavam a pasajem do rei...

Sómente aí, D. Jozé se ergueu e foi á amurada de sua embarcação olhar os aspetos exteriores do mundo, sem ficar á solta, em sua protetora solidão, a dominadora e imensa asiduidade do pensamento absorvente. Quanto, naqueles curtos momentos de concentração intelectual, o seu dezejo voou impulsionado com as azas das iluzões

que as vesperaes palavras do Dr. Brijido Galo lhe aninharam no espirito sempre inclinado para crer no amparo de sua pretensão, profunda como um abismo?!... Não obstante o animo em sobresalto e a intanjível obsecação que o escravizava, o rei, com um rapido olhar, mixto de desconfiança e de indiferença, um olhar de aborijene sestroso, avasalou o panorama gracioso da veneravel capital de seus dominios. Os seus olhos, que demandaram, instintivamente, o templo augusto de suas audiencias, áquela hora da manhã, com todos os seus janelões hermeticamente cerrados, alcançaram, nos altos pontos e no caes, os populares que eram atraídos pelo ribombar de saudação dos solicitos canhões do secular forte de São Marcelo... Então, o soberano, amortecendo um pouco a incerteza e o terror de sua futura situação dolorosa, deleitou a alma obsecada com um pouco de poezia e de sonho, que ele inspirou naquela deleitoza amplidão de seu jugo real. A embarcação, alva como um cisne, cortava, com a sua quilha de navalha, o dorso volumozo do Atlantico. Uma arajem fresca sacudia o pavilhão nacional, içado no mastaréu da poúpa, com impetos de fazer ruido. Toda a cidade diminuia intensamente. Ladeado de duas garbozas palmeiras, de duas elegantes arvores sentinelas, não de fato, mas por um erro de perspetiva, ele destacou, quazi minuscuro, o altivo monumento comemorativo da emancipação politica da Suzania. E a soberba coluna de bronze, sustentada por artistico pedestal de marmore branco de Carrara, columna de estilo corintio, estriada de alto á baixo, terminava por um rico capitel, composto, belamente, de festões de carvalho e louro, acrecido ele de um curto pedestal, onde foi posta a orgulhoza estatua de um aborijene de

quatro metros de altura, armada de arco e flexa, tendo a cabeça ornada com um característico penacho, e aos pés uma poderosa serpente, na qual ele ia vibrar o golpe mortal... Quanto simbolismo no ereto monumento?!... E D. Jozé o olhava como a obra, simplesmente, de ornato, ou de enfeite, de uma praça muito grande, com a qual se desperdiçou uma imensidade de terreno bom para valiozas edificações!... Todavia, a vizão lonjinha do cabocolo patriota, fel-o decer os olhos para a peça comemorativa dos heroicos feitos dos guerreiros nas lutas de Riachuelo... Mas a sua cansada vizão apenas descortinou, ao longe, um traço negro, bem distinto sobre a cõr pardacenta do edificio que lhe ficava posposto, um traço que — não se diria daquela distancia — era nada mais nada menos do que uma columna de bronze, encimada por uma grande esfera, sobre a qual, pujante e valorozo, se destacava o vulto do anjo da Vitoria, tendo em uma das mãos uma palma e na outra uma corõa de louros... Mas, porque não divulgase o historico monumento, o soberano acompanhou com a vista alucinada o desenvolvimento da península de Itapagipe, estando á sua direita de viajante a derrocada fortaleza do Mont-Serrat, em terrenos mal seguros que asentavam sobre extensas cazarias subterrneas de formigas... Persuadidos cientistas, várias vezes, tinham buscado fazer descobertas geolojicas e de paleontolojia nos terrenos lateraes daquela ponta. E, quando pensava nisto, o rei destacou o pavilhão suspeito da enfermaria de pestozos, inaugurado dias depois da sua fatidica rejencia, pasando o tempo de seu governo nas alternativas de impetos correspondentes a condições climatericas e mezolojicas, mesquinha-

mente apreciadas, como sempre, pelos profisionaes empenhados na administração da hijiene local. Descontente de si proprio, neste ponto, em virtude de pereeber impoderozos os elementos humanos para dar combate a seres infinitamente pequenos, tão pequenos que ele, apesar da palavra honrada de seus auxiliares tequnicos, jamais conseguira vel-os, tanto que desconfiava da verdade de sua existencia, o monarca excursionista lamentava a triste sorte de seu reinado, em luta com perigozos adversarios da sanidade fizica dos homens e dos animaes. «Muitas centenas de contos de réis — com prejuizo certo dos seus calculos em pról do renascimento economico da Suzania — perderam-se engalfinhadas com os gastos improficuos na debelação de um mal inestogavel!» E o rei se sentia abatido deante do infortunio de seu governo, a braços com a miseravel traicão dos microbios esquivos e traicoeiros, que, dizimando vidas, reduziam a capital de seu reino a um ponto infeto e repudiado pelos estrangeiros, no entanto, capazes estes de estabelecerem uma correnteza fortificante do organismo amolentado e raquitico da industria nacional...

O hiate, porque sobrepujase, soberanamente, as aguas ajitadas da *meia travessa*, balança-se de bombordo a estibordo, afujentando-se da cidade, consideravelmente diminuida pela distancia. Em compensação, do lado fronteiro, começavam de apresentar fórmias mais distintas as despovoadas terras de portentoza ilha, cantada em proza e verso por tradicional poeta dos tempos coloniaes. As veleiras embarcações, viajando em sentido contrario, se diminuiam deante da estampa louçã do hiate rejio, e o seu unico hospede e senhor, com os monosilabos de seu murmurio, perdidos na solidão do

convéz de sua nave, lançava-lhes um despreocupado olhar de sobranceira e superioridade...

No espirito de D. Jozé colaboravam para aquele imperturbavel indifferentismo, não só os projetos da reforma preceitual que lhe comunicara, na vespera, o servical poeta de estilo nipónico, como também os seus nervos efuzivos deante do fato de ser possível rezolver-se a crise do fim de seu governo e de cair nos braços da amante ardorosa, que o tratava, sempre, com os cuidados de uma paixão excluziva e absorvente. A cabeça imperial, languidamente pendida sobre os acolhoados encostos da *chaise-longue*, aninhava uma infinidade de desvarios, produtos, às vezes, de rezoluções extremas, cauzas, outras muitas, de impetos e audacias que dezapareciam, ordinariamente, como as mais absurdas hipotezes. E, nesta attitude posto o seu craneo de rei, D. Jozé tinha a calma e a mansidão aparente das superficies paludozas. Discricionariamente, então, um moço da copa surpreendeu assim o soberano. Posto que uma missão de gentileza ali o levase, desculpou-se:

— Perdão, Majestade!... O café...

O rei, suspendendo o torax arrogante, respondeu com uma fraze esencial do despotismo de senhor absoluto, em tempo determinado, de uma nação pacifica ..

— A! sim...

E, segurando uma fina taça de porcelana de Sévres, cujo interior era do mais afogueante dourado, sorveu, aos góles, o café animador de seus sentidos alquebrantados com o rumor das ondas, a insistencia das ideias perversas e o fastidioso silencio do solitario convéz. Agradou-lhe, sobremodo, o sabor do tepido liquido apurado na real cozinha de bordo. Não abafou, por iso, a

indomita vontade de sorver novos góles da lixiviação perfumoza da mais apreciada rubiaceae.

— Traze outra!... dise, gulozamente...

Num rapido movimento do rapaz, as ordens do monarca foram mansamente cumpridas. Satisfeito o seu paladar pela prova de nova dóze do liquido reanimador, D. Jozé, crispando, escrupulozamente, os labios, numa espontanea serenidade, foi para a amurada da embarcação. Aos seus olhos, descortinou-se a figura alta de um monte, cujo pico descalvado como um craneo despelado pela calvice irremediavel, rebrilhava aos persistentes raios do sol imperiozo. Era a Ilha dos Frades. As suas bôrdas feitas de extenso arcial para oeste, dezapareciam debaixo das ondas que se quebravam, em certo ponto, na rocha bruta, para o lado do sul da ilha... E quem esta vise, de lonje, asim, prejudgaria a sua inacessibilidade. Os arbustos se destacavam raramente nas ribanceiras verdes, e pasaros negros voavam sinuozamente...

Do outro lado, porém, na marjem oposta do canal, era delicioso ver-se radiante a laureada Ilha de Itaparica...

— Trecho magnifico dos meus dominios!... não se conteve o rei para exclamar radiante e orgulhozo...

Realmente o era! E todo o resto daquele dia, D. Jozé viajara, em busca de seu gineceu, até que aos ultimos sinaes tremulos e atonitos do violaceo pôr do sol, quando a natureza, correndo um dos ultimos dias de um mocanqueiro mez de Fevereiro estival, prostrada e indispòsta, se recolhia no espeso manto das trevas para ganhar, incołume e vitorioza, as soberbas graças da manhã seguinte, sem que uma só nuven turvase a clarividencia do espaço sideral, o viajante se apeava na

soleira do vasto avarandado, que marginava o frontespício de sua vivenda, na uzina das *Candeias*, outrora conhecida pelo enjenho do *Sipó*, quando nas vascas de uma hipoteca vencida.

Como não fôse tempo de safra para D. Jozé, a caza das maquinas, na delidora sombra crepuscular do recinto, impunha-se silencioza, como uma ludibriada vitima da incansavel exploração economica. Estacado o habilidozo alazão, já Filomena, sobre a fria resonancia do calcamento batendo o salto de seus resguardadores tamancões portuguezes, estava segura ás redeas do animal, zelozamente auxiliando o rejio amante a apear-se do garbozo quadrupede, o que ele fez, apesar das articulações pèrras pelo artitrismo que chegava com a velhice, como o mais perfeito montador. E, despachadò, asim, o amorozo monarca entrava triunfalmente no seu gineceu, onde, transformando logo no de um méro camponez o seu majestozo póрте de rei, distribuia reiterados abraços á rejia concubina, que, com um interesse proprio do mister, sindicava prestamente das condições de fadiga, ou de indisposições, de D. Jozé viajor...

Por traz da figura de Filomena, descobria-se a tenue *silhouete* de um pequenino homem, de torax grosso, vestindo um pardo dolman de militar. E um cão, que acudia ligeiro, tal si consciencia tivesse, aos sons da palavra—*Flécha*—como si nunca houvese perdido a vista de seu majestozo dono, estatelando-se aos pés deste, nivava de contentamento, e, com a crespá lingua de carnicheiro, lambia-lhe as botas empoeiradas e humedecidas com o pegajozo suor dos flancos da ajiada cavalgadura, que, em paso largo, acabava de

correr trez leguas fartamente calculálas... E D. Jozé, como de habito, afujentava o festivo animal, batendo-lhe com o duro coiro de anta do seu belo rebenque envernizado, de cabo de prata lavrada.

Filomena não perdia o efeito de seus amorozos cuidados, que, como quazi sempre, terminavam então, logo no corredor do cazarão, com um chuchurreado beijo, ao qual, ainda mesmo na sombra e na solidão, o monarca correspondia furtivo e cauto, na consciencia de que praticava o ato mais banal de sua elevada posição de senhor e rei de um povo fecundo e tropical.

— Desta vez—murmurou Filomena fazendo com isto uma simulada crise de ciumes—fôste além do prazo... Tu, que vinhas mal completados os vinte e sete dias, deixaste passar vinte e oito, vinte e nove, trinta, emfim só vieste no trinta e cinco... Duvido muito que, durante todo ese tempo, ninguem conseguise humanizar-te os humores...

— Não estou percebendo nada do que tu me falas!... opôz D. Jozé ao mesmo tempo em que a amante lhe retirava dos pés as incomodas botas de montaria.

— Não te me faças de novas!... repeliu a rapariga, batendo a astucia do amazio.

O rei voltou-se bem para Filomena, e, com um rizinho malevolo de zombaria, um chicóte de fogo lhe açulando o instinto, estendeu-lhe a dextra, trazendo-a para assentar-se ao seu lado, o que ela aceitou, sem relutancia...

— Bem sei!... As tuas suditas da capital são alvas e são formozas qual eu não sou... Frequentam o teu palacio, a titulo de amigas das tuas sobrinhas amadas como filhas, e são tambem tuas amantes... A Filo-

mena, que é sua mestica, trigueira e sem formozuras, que padeça o desprezo de D. Jozé requestado por outras!... Morra, assim, o amor de dez anos pelo novo das palacianas ..

— Cada vez percebo menos... — referiu o rei.

— Pudéra... Vens farto das caricias e dos mimos que as outras te concederam... — E, dizendo isto, Filomena, trespassada até á medula por um sediciozo frio de disputa, alarmava a alma do fiel amante com uma dezejoza perturbação, dominando, com os carinhos de sua mão que pascava pela nuca da rejia cabeça, a argucia de seu gozador interpelado geitozamente. A correção das linhas fizionomicas desta aparatoza mundana cheia de caprichos e sedutoras invencões, simulavam uma grande angustia da mulher, que experimentava a segura lealdade do amante com a estrategia amoroza de fingir-se enciumada e escrava de infinitos zelos. O porte de seu corpo carnudo e de rijas fórmãs, dobrando-se, felineamente, ao contato do braço musculozo de D. Jozé, não perdia a correção selvajem da serfaneja, cujo resto se completava com o farto diadema de seus cabelos encarapinhados e retorcidos, mas profuzamente perfumados aos melhores cosmeticos de *Piver* e de *Houbigant*. As suas palpebras, sensualmente froixas, tinham, apesar do mais, nas azas do convivio real, o sincero ar de afetuoza resignação. E os seus irrezistiveis labios de cor vivaz, formando a aurécla de suas lindas feições trigueiras, que não tiveram nunca o concurso dos arrebiqúes e dos crèmes de disfarce, tremiam nervozamente, refletindo o sensualismo de seus olhos castanhos. A sua curta respiração, ao mesmo tempo em que arfavam convulsamente

as suas espaldas roliças, silvava aos ouvidos de D. Jozé, que se recordava do zunido dos ventos, horas antes, nas cordoalhas de seu remansozo hiate de *touriste* real. O rei, nesas ocasiões, por sua vez, querendo estabelecer o certificado da fidelidade de Filomena, inspecionava-a em todas as linhas corporeas, dos olhos languídos, pelos flancos, aos pés amachucados pelos tamancões, mas, ainda assim, peregrinos e elegantes, como raros...

—Tens uns pés irrezistiveis!...—rompia ele ás vezes, transbordando os ardentes clarões de sua recondita ventura. Filomena, porém, recatada e geitoza, para fazer valer, pelos véus e subterfugios de que sabia uzar, as belezas de seu corpo, excuzava-se, assumindo excitantes pozicões, de satisfazer a cubiça dos olhares de seu amante.

la para dez anos que aquele concubinato escandalozo absorvia os sentimentos amorozos de D. Jozé. Fôra ele quem, na impossibilidade de sanar, por outro modo, a sua segunda viuvez inconsolavel, não querendo pasar ás terceiras nupcias, buscára a hipnoze daquela matuta, por ele seduzida e estimada como uma companheira da mais legal união. Monopolizára a sua pose, a principio aninhando-a num copé pauperrimo perdido no meio dos campos, sem confortos e sem arrogancias, mantendo o á socapa das sobrinhas como ao amor mais clandestino de sua existencia de homem. Mas, ao depois, retirado de sua propriedade, levado para as culminancias do poder, enfrochado no manto rejio que vestia os soberanos da Suzania, e corôado quadrienalmente rei do valorozo povo de sua patria, D. Jozé acoitou a amante no

proprio cazarão de sua fazenda, instituindo-a diretora dos melhoramentos, que ali, pouco a pouco, implantava. Fôra, pois, naquele trecho lonjinho da Suzania, que o monarca constituiria o seu rejeio gineceu. Neste chegado, ele se esquecia das agruras do governo, descuidava-se, até ali, do perigo de perder o prestígio de rei e era mais amante do que soberano, mais súdito, ou vasalo, de uma mulher do que rei ou majestade de um grande povo. Era a dizima que ele pagava à sua natureza de homem: a convivência mensal, por dez dias, com a enternecida concubina, monopolizada no edenico recanto das *Candeias*, sob a vijia de um official menor da numeroza milicia real...

E Filomena argumentava naquela noite esplendorosa...

— Desta vez não te vejo contente como das outras... Os feitiços da mulata se aniquilam deante dos finjimentos das brancas oferecidas...

Logo o rei, pasando o braço por traz da nuca da rapariga, perfumada que estava muito a cosmetico francez...

— Ai! não!... De modo nenhum, iso não, Filomena... E, numa intemperança ocasional, querendo beijal-a nos labios, ao que ella, por astucia, se recuzou, D. Jozé concluiu...

— Si branca houvese que te substituise, não mais aqui tu me verias...

— Estou crendo!... O! haveria de ser uma coiza horrivel...

— Decerto! decerto!...

— Sim, os amores novos não terão os meus carinhos... Eles poderão dar-te o sabor do novo, mas a ventura

escaldante que tu experimentas quando ao meu lado... isto nunca!... Duvido e faço pouco...

Mas, daquela vez, no ardor dos agrados por tanto tempo suspensos, mesmo quando os dous amantes se esquentavam mais com o cambio de mutuos quindins, um silencio, de parte a parte, afastou-os no pensamento, apesar de ficarem ambos ali, ao lado um do outro, ele reclinado sobre o flanco direito de Filomena e esta deitada sobre o braço de D. Jozé...

O rei sentiu-se, repentinamente, preza da mesma obsecção politica, agora, entretanto, a ampliando até aos seus gozos na sua propria posesão agricola, de onde ele recuaria, por efeito da volta de suas sobrinhas aos seus penates, o seu deliciozo gineceu, levando, com certeza, a sua dedicada amante para alguma cazinha perdida, como a dantes, nas terras de sua propriedade. Convinha, portanto, até mesmo por iso, estimular a apreensão de que surtiria estupendos resultados a indijitada reforma preceitual, que o poeta niponico, humilhadamente, lembrára. Convinha, na realidade, rezolver o solene absurdo de reformar a Lei Nacional, porque o monarca estava crente de que, só asim, a terminação de seu mandato não estragaria o esmerado rózario de suas vibrantes venturas de rei. E foram estes os pensamentos que asoberbaram o espirito de D. Jozé, ali mesmo, ao lado da amante, que, igualmente, sem vontade, caíra em abstrações, de outra ordem, por certo...

Filomena, por inexplicavel e insolita ocorrencia, perplexa, afagando o mento, e com a alma viajando pelo vago que a sua pupila queda, irredutivelmente, exprimia, ardia em mudas rememorações, girando o seu

pensamento, desde os tempos de colegial até áquela hora soberba de rainha postica, dansando todo o seu pasado em torno do eixo da sua confiança imbecil na felicidade daquele momento, como uma leve pena de pasaro cinzento girogira nas espiras histericas de um buliciozo sópro de temporal. Neste tropél de lembranças do pasado, a mulher se felicitava por haver escapado, colegial ainda, das incendidas provas de amor de um galã encantador e que a seduzia com as frases mais doces que ela já tinha ouvido. Era um poeta estreiante, que, duas ou trez vezes, publicára sonetos, envolvendo seu apelido de Catarina, que ele proprio lhe pozéra, e que só ele sabia, sonetos que lhe trazia fremitos á alma e sonhos grandiozos, em que ele lhe aparecia como a melhor imajem de sua vontade. E, todo um ano letivo, quer de manhã quando ela ia para as aulas, quer de tarde quando voltava para o receso hospitaleiro, contente porque ia entrar em longas horas de vadiajem, o valdevinos a seguia fazendo-lhe juramentos e exigindo-lhe promesas, quando não era creando falsas situações de estudado ciúme, ou perturbando-lhe a paz da alma iniciante com o calor furtivo de seus labios sobre qualquer ponto do enrubecido rosto dela. Mas, como se desem as ferias, e ela aprovada bem nos exames finaes do curso primario, não tivese de voltar ao colejio, salvo a condição de proseguir nos estudos para se diplomar em profesora, o seu namoro, por muito tempo relembrado com dolorozas saudades que a emagreciam, se interrompeu, implacavelmente... Interrompeu-se, não! Acabou-se, porque quando tornada á caza de sua amancebada projeitora, o concubino de sua mãe succumbira vitima

de um desfalecimento cardíaco, deixando aquela numa desoladora penúria, que cortou a carreira emprogramada de Filomena. Apesar de todos os infortúnios, porém, durante mezes, enquanto duraram os protestos escritos em cartas perfumozas e bordadas com ramos delicados que o joven poeta lhe escrevia, a paixão de Filomena atinjira os gráus mais elevados da firmeza e rusticidade amorosa de sua alma. Um novo incidente, todavia, logo que escacearam as misivas do lonjinho galã, quebrou, inteiramente, o fio de sua lealdade ao primeiro gozador de suas integras qualidades afetivas; um novo homem seduzia-a com as promesas de casamento, ganhando liberdades ao ponto de atiral-a ao pasto vil das torpézas, que perdem, para sempre, a honra de uma mulher... E, porque ela reclamase contra o horror da derrota que ele, então, atirára á sua probidade, o malfeitor lhe gritára que não teimase em falar-lhe sobre o cazo, porque com a sua insistencia poderia estragar o pouco que ainda lhe restava. Desta arte, para cortar a continuidade das reclamações com que Filomena, por entre copiozos prantos, e ás escondidas de sua alquebrantada mãe, nos corredores de sua caza, ou no caminho da egreja, lhe agredia, o sedutor consumou a sua infamia, protestando-lhe de vez: «O que está feito, assim está». As desgraças humanas, porém, por mais occultamente que ocorram, por mais testemunhos de segurança que tenham, sempre se propalam! Dentro de pouco tempo, portanto, toda a vizinha cidade comentava o acontecimento, atanzando a rapariga, ofendida com o seu inteiro desprestijio. De todos os pontos surjiam as propostas mais escandalozas e as arremetidas mais audazes. Ora

era um comerciante solteiro e velho, que a apeteia para fazer as honras de sua caza e cuidar-lhe da vida em via de insopitavel decadencia; ora era um estrangeiro, crúamente exilado nas hospitaleiras terras da Suzania para fazer fortuna, e então regresar ao seio dos seus, que requeria a constancia e o carinho de uma mulher dedicada para minorar a nostalgia da familia tranzatlantica; ora, finalmente, era o conquistador audaz que lhe batia á porta para arrastal-a ao depreciativo plano da horizontal de profisção... A tudo ela soubera rezistir, e, com que custo, saberia Deus e mais ninguem! De nada lhe serviu a rezistencia, entretanto. Encarreirada no mal, tinha de ir até ao fim, e por iso ela ali estava amancebada com um homem... Mas, com que homem?!... O poderozo rei da Suzania, cuja vontade ela dominava com artimanhas e seduções eminentemente femeninas!... Melhor não valeria outra pesôa!...

E, pensando nisto, ela saltou de sua enlanguecida postura, e poizou um gananciozo beijo na larga fronte do monarca, que extremeceu, como qualquer homem sensual. Retirando-se, porém, Filomena deixou, ali assim, o amante abandonado moiemente...

— E' precizo banhares-te!... afirmou a rapariga, já em retirada.

E D. Jozé, perdendo, deante da mulher amada, toda a altivez de monarca orgulhozo, começou de colaborar, despindo-se, naquele projeto do banho...

Ora, deixando o rejio amante naquela solitaria atitude de senhor da uzina das *Candeias* e rei da Suzania, Filomena, com os labios prêzos e os gestos praticamente comunicativos, seguiu, pelos corredôres afóra, na

missão de ordenar todos os preparos para que se puzesse, prestamente, o tepido banho de Sua Majestade. E, laboriozamente, foi á banheira, ella propria assistindo o serviço de aguas, que uma africana retinta despejava numa imensa cuba, onde penetraria, si o quizesse, de vez, o corpo inteiro de D. Jozé. Porfim, sobrenadando em jubilo, com o proposito de sempre, despejou no escaldante liquido todo um olorozo frasco de *Jicky*, que recendeu, triunfantemente, indo os seus perfumozos vapores, na denuncia vitorioza dos fatos, demonstrar, ao lonje, aquelle habitual preparativo, ao rei, que, encovado ainda na alcova, já vestia, poreu presurozo, a felpuda bata daquelle mistér...

— Apre! que a agua está de pelar... disse o monarca, saltando para fóra da banheira, com deslocados movimentos musculares, que fizeram rir, em dobradas ginasticas de gosto, a amante, cuja entrada naquelle comodo, inesperadamente, tivera como cauza levar ao banhista o deliciozo sabonete de *Azuréa* e a flacida esponja, o que tudo o rei atirou para dentro da cuba, ao momento de saber diminuida a queimadôra temperatura das aguas... Entrementes, quiz ficar só...

— Sac! sac! Filomena... Bem sabes que nesta hora não te dou confiança... — gaguejava o monarca, perturbando-se com a critica situação da sua nudez de rei deante de uma plebéa qualquer, que era Filomena...

E, minutos depois, em *pijama* de frescas flanelas, D. Jozé aceitava o jantar ao lado da concubina alacre e feliz na sua abundante endosmoze de gôzo... Ora, faminta sempre de masculinos agrados, indispensaveis confortos para a sua frescura pimpante de

mulher tropical, Filomena anciava pelos momentos de solitarios eles expandirem a sua mutua paixão ardente. Tanto por iso, correra, fria e breve, a refeição noturna, atrapalhados os comensaes com a gulozidade do *Flécha*, que não os abandonava naquela hora propicia. E, contra a fome do cão insaciavel, levantavam-se os protestos do rei, que afujentava o fiel animal aos pontapés, com o que a airoza mestiça não se conformava, por força de seu genio bonacheirão, relativamente ao vijilante companheiro de seu continuo isolamento. A seroadá que se seguiu, foi nula, e cêdo os dous amantes se recolhiam aos perfumozos lenções do seu leito clandestino...

Na manhã seguinte, D. Jozé cavalgava o alazão. Ele havia, com excesivo zelo de dono daquela confortavel estancia de amor, rullando nervozamente o sandicino nariz com um ruido desgracioso e inexplicavel, percorrido os principaes comodos de sua propriedade agricola, e, como a sua uzina não tivese trabalhado naquela safra, ordenou o maximo aceio das maquinas, que ele vistoriaria de volta da sua excursão ao maniçobal. Eram duas leguas de caminho acidentado, subindo e decendo comoros, mais ou menos elevados, até galgar as margens do fluente rio que dava nome e importancia a toda a rejião, ou ao poligono de terras pertencentes a varios, limitado ao norte e oeste pelo sinuozo rio e ao sul pela elegante cordilheira das *Almas*, nome ese que se derivava do fato da crendice popular descobrir fantasmas e abantesmas nos furtivos fogos dos vagalumes, e rizados de duendes nas gargalhadas dos môchos... Mas, che-

gado que fôse ao areial que marginava e fazia leito ao rio, D. Jozé torceria para o sul por um atalho sombrio, que o levaria á caverna das *Andorinhas*, este sitio igualmente evitado pelos fantazistas sertanejos, porque ali diziam habitar, entre onças insaciaveis e venenzas serpes, o espirito malfazejo do *Currupeira*, incansavel na caça das creanças, o que ele fazia habilmente, de dia pela sombra, ou de noite pelo vulto. E tudo aquilo D. Jozé conhecia de ha muito. Não lhe despertavam receios as fantazias que a credulidade boçal dos homens propalava devastadoramente. Medo o rei não queria ter, muito embora o seu proprio *camarada* disese sempre, narrando as suas proezas de valente:

—Sou homem para tudo!... Menos para pasar pela caverna das *Andorinhas*, seja em companhia de quem fôr, depois que o sol se recolher...

O temido cabocolo sabia provar os seus temores com uma adubada narrativa de cazos extravagantes, bem enredados e sugestivos, não raras vezes deixando de eriçar os cabelos dos circunstantes estupefatos. Ao proprio rei e senhor, a serviço de quem ele estava a tempos atrasados, repetira inumeras vezes, que, por aquelas paragens, «nem por Deus Padre», passaria á noite. Não era o receio dos vivos, mas a «ruindade das almas penadas e fujidas do Purgatorio», o que lhe ditava aquele procedimento precavido...

—Do vivo—acrecentava ele babujando frases no seu dialeto sertanejo—qualquer de nós sabe livrar-se, com a faca si vem na faca, com a garrucha si vem com o tiro... Mas, para os mortos ainda não conheço rezas de Santos com força bastante para os vencer...

O sol queimava o verde dos vejetaes e D. Jozé

despedindo olhares de passagem para a caverna das *Andorinhas*, deliberava, firmemente, que não tornaria por aqueles ermos caminhos depois da visita feita ao maniçobal, que prosperava ajigantadamente. E, sem ele trocar palavra mais com o seu *camarada* pernóstico e valente, aquela excursão fôra de uma sensoria indisputavel por longo tempo. Todavia, as horas da noite atravessadas entre os enervantes carinhos de Filomena, enfraqueceram-lhe as energias pensantes e a sua ideia fixa, embora terrivel como sempre, não o affijia tanto que ele não podese dispensar atenções ao que ia apreciar, para surpreender a prosperidade realizada em cerca de quarenta dias de sua auzencia. Os murmurios silvestres da quêda das folhas, o suspirar tranquilo das aguas correntes, o chilriado alegre das cigarras e os destacados cantos das aves, nada disto que constitue os ricos e monumentaes poemas das selvas, pasava despercebido de D. Jozé. Tinha este os sentidos abertos para as expresivas tranzições da natureza escravizada ao seu dominio de proprietario e de rei da Suzania.

Não se deixou, porém, de assustar o absorvido monarca, quando o invito cabocolo estacando o poldro espantado e manhoso, gritou com todas as forças de seus pujantes pulmões oxijenados:

— Eta! mundo!...

E, como o rei detivese o seu docil alazão, vendo a ginastica extravagante que Pedro Ivo fazia no dorso do alfario fogoço, o real coração palpitou veementemente. Por certo, algo de extranho surpreendera o sertanejo na frente daquele caminho balôfo, que bre-

vemente se desdobraria num valado onde se plantaram os milhares de pés de maniçoba...

— Que viste, Pedro Ivo?... inquiriu D. Jozé, com a alma querendo escapar-lhe pela boca, ao que o caboclo respondeu...

— Bicho inofensivo, Senhor!...

Por pouco, o rei da Suzania voltava sobre os tortuosos caminhos percorridos, estrumando o alazão, num dezabrido galope. Foi preciso, então, que o calmo sertanejo, de esperto que era, compreendendo as inquietações do soberano, clareasse o seu palavreado...

— E' cobra verde, no caminho, Senhor!

— Onde?... onde está?... inquiria, escravo do medo, o dezasocegado monarca.

A' frente dos dous cavaleiros, de bote armado, um contemplativo especimen da serpe sujestionadora, ajitando, pacatamente, a sua cauda e num ritmo certo, aguardava a passagem proxima da preza, para investir: era uma traquinas sabiá, que, saltando de galho em galho, hipnotizada pela cobra magnetica, cedia á atracção do gulozo animal. E, isto tudo, eximio observador de outras pasajens, o famoso curibóca expôz ao rei timorato, aconselhando-lhe que espreitase um pouco para vêr o fim trajico da inditoza avezinha. De fato, cada vez mais proxima da serpente, a ave, pipilando sempre, despedia-se, em alegres saltos, da vida, porque a esguia cobra verde, imovel já, apenas rapidamente expondo a sua lingua bifida, no preparo gulozo para saborear a preza infalivel, não a perderia de seu bote, a menos que algum tranzeunte a espantase, ficando, entretanto, livre do veneno ofidico, pois que tal não tinha ela. E o rei inquieto apreciou a merenda da cobra

facinadora: naturalmente, a sabiá deceu, deceu, até que se viu fígada entre as vertebrae torcicolozas do reptil...

— Podemos pasar agora — adeantou o sertanejo experimentado — que a bicha está vitorioza com o seu banquete...

Tocaram-se os cavalos, e foram-se adeante os excursionistas. Terrível encontro tivéra, desta arte, o rei obsecado. De novo lhe vieram as afflitivas ideias de sua sorte futura. Que analogia fatal descobriu ele, então, entre a ave que se vitimou hipnotizada pela serpente e o seu governo, que decaía, de dia para dia, obedecendo ao curso irrefreável do tempo?!... Seria este a serpe que o tragara, forçosamente, porque o fim de seu reinado estava prescrito, porque a sua rejencia estava no declínio, que levava os seus antecessores ao esquecimento de seus vasallos, quando não á zombaria e ao escarneo de seus adversarios politicos... Estes ficavam como a serpente, até ao momento de verem-no apeado do solio quadrienal, mostrando a lingua bifida, mas sem outro indicio de vitalidade revelarem. No termo, porém, de sua vida coroada, os botes surjiriam de pontos inesperados e de organs subservientes, até então, ao seu jugo real. E, soada a hora fatal, a sua reputação seria aniquilada, estridentemente, entre as vertebrae dos mais rasteiros reptis que lhe bafejavam as plantas...

— Eta! calorzinho de rachar... exclamou o curibóca, quando o pensamento real chegava áquelas dolorozas pasajens, e, depois do que o sertanejo refrescou a guela com uma grande dóze do indispensavel codório, que ele levava numa botija preza a tiracolo.

—Que novidade já encontraste?... interpelou-o D. Jozé, outra vez se inquietando com as momices de Pedro Ivo.

—Por hora nada, Senhor!...

Então, o rei reatou o fio de suas fantazias futuras. Para ele, inspirado com a natureza selvagem que o circundava, ninguém se lembra do sol que iluminou o dia de hontem; mas todos reverenciam o do dia de hoje... E esta milenar verdade só então se encarreirava na obsecção de D. Jozé. Comtudo lhe restava o recurso inteligente, ao seu pensar, de promover, de conformidade com as indicações inesquecidas do dr. Brijido Galo, a reforma preceitual... No entanto, porque demorar esta, como ele o estava fazendo, retirando-se, para ali, quando devia manter-se, como nunca, á testa dos publicos negocios, iniciando a campanha em que ele se empenharia com todas as véras de sua alma insatisfeita e insaciavel?!... Retrocederia, sem tardança, ao sitio de seu governo. E, enquanto as sobrinhas preteridas pela amante, o receberiam animadas e prazenteiras pelo grandiozo da surpresa, a concubina amargaria, certamente, a sua volta adeantada... atribuindo-a, quiçá, a outros amores, á paixão de outras mulheres mais felizes do que ela, porque podiam privar com o rei em palacio e nos salões, em horas das palacianas seroadas.

—Vamos chegando, Senhor!... — orientou o curibóca, respondendo-lhe D. Jozé:

—Graças a Deus!...

Quebrando o sopé do monte, abria-se o vasto valado onde se cultivava o maniçobal vistozo. Cada pé da leitoza euforbiacea era um atestado expresivo da exuberancia daquelas terras, imprestaveis, mesmo ruins, aliáz,

para o plantio de outros vejetaes, porque eram elas, de certo ponto em diante, taboleiros secos de arjila dura. No extremo norte da plantação, os individuos novos se desenvolveram mais do que os das outras parajens. Um deles tinha quinze pés de altura: parecia o rei daquela nação populoza de arvores. Para ele se dirijiu D. Jozé. O longo vegetal não tinha ainda a cópa redonda, mas as suas folhas glaucas já podiam dar um sombreado, no qual o rei estacou a sua cavalgadura. O seu instinto de ardente curiozidade levou-o á experiencia de conhecer a uberidade daquele especimen, e, com a aliada faca do camarada, ferindo o cortical da planta, logo viu o latex correr com uma encantadora fluencia. Era um liquido de consistencia viscoza, constituido de dous elementos—um liquido, o soro, outro solido, o coagulo—o que vendo, não se conteve o curibóca...

—E' o sangue da planta, Senhor!...

E D. Jozé, deante do que via, figurou-se o homem mais feliz do mundo, tanto quanto era senhor e rei daquelas terras felicitadas com a existencia dos proli-feros maniçobaes!... Que valeriam os reis das nações mais populozas deante dele rei de terras grandemente ricas?!... Mas, repentinamente, doeu-lhe a consciencia o que lhe aconteceria com o fim do periodo coroado. E ele pasando um raspão de esporas nos flancos do seguro alazão, partiu alvoraçadamente para a caza...

O rumo fóra outro: os caminhos da ida ficaram abandonados. A' pequena distancia dali, começou de distender-se o canavial com as suas palmas vivazes e os seus colmos eretos como as lanças de grandes exercitos, que ali acampasem afortunadamente. Verdadeiros trilhos levavam os cavaleiros em zigueszagues. Uma vez por

outra, antepunham-se á sua pasagem as cancelas divisorias das plantações. Nestas, os anuns, estas aves pretas de compridas caudas, se dependuravam, gostosamente, e ninguem, porque todos acreditavam nos «sete annos de atrazo que teria o seu matador», se atrevia a vitimar uma daquellas personajens aborridas e inofensivas. O sol escaldava a terra e as vejetações gemiam, com estalidos, protestando contra a intensidade de seus raios abrazadores. O rei lastimava que não houvesse nem uma arvore para repouzo pasajeiro. Entretanto, sol em pino, D. Jozé varava a porteira da uzina, e o *Flécha* corria, asanhadamente, para festejar o conhecido animal...

—Sae-te, *Flécha!*... — clamou o rei, e, como o alão vadio e afrontozo não quizesse ouvir a advertencia pacifica, D. Jozé bateu-lhe uma dezhumana lambada, com a qual o cão se safou gruindo dezesperadamente. E o curibóca acrecentava com espirito:

—Bemfeito!... Quem não escuta socega, ha de ouvir afinal coitado!...

Nese tempo, percebendo agitacão de pesóas que chegavam ao terreiro, Filomena correu, da alcova onde se achava em colloquio com Martinho, venturoza, para a varanda:

—Sim, senhor!... Com este sol, hein?!...

D. Jozé vinha animado, egualmente, com a riqueza de suas terras e a ideia de voltar a palacio, na manhã seguinte... E Filomena acrecentava:

—Com este sol de escaldar!... —Ela não revelava nenhuma alteracão, entretanto, mal os cavalos, na limpida manhã daquele dia quente e calmo, deixaram fechar-se sobre si a porteira, inicio, portanto, do

caminho acidentado que levára D. Jozé á vizita feita ao seu florecente manicobal, logo abandonou a varanda e correu para o seu quarto, asanhadamente, como a celere cotia, que escapava da prizão e voltava aos matos de sua rica liberdade primitiva...

—Martinho?!... O' Martinho?!... —gritava ela, minutos depois de ali ter entrado, chamando, com inaudita presa, o seu guarda severo metamorfozeado em galã...

Por mais que gritase, porém, nenhuma vóz lhe respondia, e Filomena ainda mais desconcertada se achava, porque o homem chamado não acudia, com a presurozidade do habito, ao seu natural apêlo de amante do rei. Martinho não supuzera, jamais, que mesmo estando no sitio a pessoa onipotente do monarca, a sua cuncubina comum se animase á costumeira traição de todos os dias... E, de fato, das outras vezes, entre ele e Filomena, quando D. Jozé, caindo no sono regalado, ou, imperativo e voluntariozo, na companhia de Pedro Ivo, dezaparecia pelos atalhos e verêdas, as intimidades se reduziam aos acenos e murmurios, perdendo, por completo, a laciya impetuosidade, que dominava durante a auzencia do rei. Ora, daquela vez, tendo notado a insaciavel mestica que o seu luxurioso amante, apesar das disimulações, se esquivára dos seus mimos e não tivêra sido o acostumado heróe de suas interminaveis graças, uma instrutiva convicção de que o rei tambem a traia com as belezas de seu palacio, lhe premiu a alma com a mais amarga das suspeições. Que ela, mulher nova e sensual, vivendo para aplacar, sem jámais conseguir, o vulcão de fôgo que lhe queimava as entranhas, e tendo ao seu dispôr o homem da confiança do rei, que a guardava, capaz de lhe minorar a cubiça,

enganase o seu amante, naquele desterro, onde, a não serem os dois homens de seu implacavel furor, outra diversão não encontraria, vá que fôse!... Mas, ele, amesquinhal-a daquela fórma, insufficiente que era, pelas auzencias repetidas e motivos outros, preferil-a, ao ponto de, naquela longa noite, evitar, como nunca o fizera, certa intimidade de contatos, era o que absolutamente ela não toleraria!... Que fizesse seus arranjos de vida em outra parte, mas que, como ela que atamancava as falhas da solidão com o Martinho, pudese ser o mesmo quando em prezença dela, como ela era a mesma, capaz de infringir-lhe as derrotas e ao resto do mundo que ele quizesse, quando o tinha ao seu lado!... Prejudical-a, no entanto, em seus direitos, era que nunca!...

— Martinho!... O' Martinho!... repetia ela, á cata do sarjento zelador daquele ninho real. Porém Martinho, na habitual liberdade que possuia nos dias em que D. Jozé ali se prendia á amante, escapára um pouco da monotonia daquele ermo e se embrenhára pelas estradas que iam desembocar na vizinha cidade... Não esperava ele que a Filomena, insatisfeita com os insucesos inesperados daquela vizita, lograrse tempo para ser a afetuoza dos outros dias. E, por iso, correrá á cidade, onde folgaria, satisfatoriamente, o descanso obrigado que lhe proporcionava a real amante de D. Jozé... Filomena não se conformava com o abandono conjunto dos dois amantes. Parecia-lhe inposivel que o galanteador substituto de D. Jozé perdese o geito de asiduo naquele gineceu para ir procurar fóra, o que, talvez, ali encontrasse querendo, em dóze profuza, á qual ele, por mais valiozo especimen que fôse de sua raça, não poderia, si ela premeditase, dar vazão.

— Martinho!.... O' Martinho!... continuava ela a gritar, até que uma mocanqueira africana, arrastando os pés e arriscando uma explicação, se exprimiu...

— Nhô Matinhu nan está... Oio de nègra viu nhô Matinhu segui oiando caminhu di fonte... Negra não ingana... Nhô Matinhu foi vizitá terra de brancu...

E Filomena aceitou, sem outras suposições e comentários, a noticia que a velha preta lhe dava... Desta fórma, porque nada lhe restase fazer naquele tempo de duplo abandono, determinou para si o mais absoluto repouzo. Si tudo aquilô assim continuase, ela teria de empenhar-se numa incesante serie de meios de fiscalização... Mas agora, parecia-lhe, igualmente, que tambem Martinho se arriscava em outras aventuras quando o rei se aposava dos gozos do seu gineceu... Certo foi que desdobrando pesimistas pensamentos, cerrou os olhos e adormeceu...

Quando despertou, sentindo a intensidade da depressão organica que aquele sono fóra de oportunidade lhe produzira, ela se viu na necessidade de espancar o alquebrantamento com um abundozo banho de aguas frias... E, desde que ela saiu, com a felpuda toalha de algodão pasada sobre a cabeça para que o sol não lhe tismase os cabelos, a velha preta, de seu recanto, se excedeu na sua previzão...

— Sinhá vai caminhu di fonte, p'ra topá cum nhô Matinhu... Vai!... Sinhá tem sódade de sinhô... Sinhá engana sinhô cum nhô Matinhu... Vai, Sinhá... Deu tá oiando tudo... Negra não levanta farsu quandu fala u qui vê... Negra não fala nada a Sinhô...

No entanto, Martinho não estava na fonte, e, quando chegou á uzina das *Candeias*, depois de fazer proezas

pela cidade da vizinhança, extranhou que nem o rei nem a sua amante estivessem em caza... Mas, ele sabia que D. Jozé teria ido ao manicobal, si não tivesse ido na companhia da concubina a algum outro lugar... Com o mais natural desembarço dos outros dias, Martinho foi á alcôva de Filomena. E estava remirando os novos frascos de excelentes perfumes, de finas graxas e delicados cosmeticos, com que o soberano havia mimozado, daquela vez, a amante, quando ouviu na varanda a voz desta gritando para a negra...

—Olá, Bernardina?!... Então, o sr. Martinho ainda não voltou?!...

E, como a negra africana demorase a resposta, a concubina do rei ia rugar com aspereza. Não o fez, porém, porque Martinho se lhe apresentou com um sorridente semblante, proferindo a resposta de habito nas chamadas militares, e que, como um adestrado soldado, ele sabia dizer, inconcientemente se perfilando...

—Pronto!...

E a mulher, por entre suspiros de arrelia, travava-se de razões com ele...

—Estou morta de nojo de ti...

—Mas, porque?... O Rei D. Jozé não está na terra?!... Era de crêr que os nosos destempêros nos não pasassem, hoje, pelas cabeças... Fui á cidade...

—Já tinhas ido hontem...

—Enfadas-me com isto e tornas-te ridicula aos meus olhos... Não te quero vêr com estas sem razões...

Depois, dando uma rabanada, dise convencidamente:

—Estamos aqui e estamos surpreendidos pelo Rei... Desgraçado de mim si tal sucedese...

— Que diabo!... si ele não tem mais vigores para mim... acrecentou, cinicamente, a cortezã indiscreta... si ele dorme junto de mim e resona como si junto de uma estatua de marmore...

— O' Filomena!... que tens graça...

— ... para que mais o quero com agarramento, para que mais te evitar quando ele aqui estiver...

— Fazes-me rir a pulso... Então, o Rei...

— E' um froixo...

E a Filomena proferiu com alacre satisfação ese qualificativo de baixa giria. O sarjento deu, neste interin, trezlouçadas rizadas roncadoras... A mulher lançou-se-lhe nos braços, suspendendo-se, com delirio e furor, nas suas espaduas, e exclamando, como a mais voluvel e absoluta mercadora do corpo...

— Juro-te, meu anjo, juro-te, pelas cinzas de minha mãe... Sou tua, inteiramente tua... Comtigo é que eu me acho...

— Socega, Filomena!... Olha o Rei...

— Que venha, que chegue, que me encontre agarrada a ti...

Emquanto, pois, Martinho a afastava de si, timorato como deveria ser, Filomena, de mais a mais, se lhe agarrava ao corpo, ostentando pouco cazo de tudo.

— Ele nos pegará, ele nos surpreenderá!

De fato, no terreiro os cavalos iam chegando. Filomena correrá, então, para a varanda. E D. Jozé vinha, carrancudo, e despotico, muito egual ás outras vezes, lanhando, como o mais vil dos dezhumanos, o pêlo do esgalgado *Flécha*...

Tinha trinta anos o Martinho, mas quem o vise com o seu torax largo e a pele do rosto granuloza como se

estivese dotada de concreções orográficas, escurecida por efeito da dermatose que lhe entoxicava o sangue, e desfibrinada na fronte e nos malaras onde se distendia para envolver os salientes osos, diria que o cabo de guerra do rei D. Jozé orçava já pelos quarenta anos. Afastando-se dele, quando o soberano pizara o sólo do terreiro a patas de seu vigoroso cavalo, Filomena deixára-o inerte, pautando um arranjo para dali se retirar sem a chegada do monarca fatigado. Nisto ele ouviu o seu nome repetido grosseiramente. Colára o ouvido ás frestas da porta semicerrada, na desconfiança de que todo o seu misterioso convivio e as suas relações de amor clandestino com a Filomena, se tinham desvelado ao rei traido. E ouvia claramente...

— Sarjento Martinho?!...

Receiozo de sua perdição, abandonou o esconderijo, saltando a janela lateral do comodo para onde o havia levado a sua excitada curiosidade. E, galgando a frente da caza, em cuja varanda ainda o soberano se conservava, apresentou-se com a humildade propria do inferior militar, levando as mãos ao comprido do corpo...

— A's ordens!...

Dise-lhe, então, com uma naturalidade tranquilizadora, D. Jozé, enquanto Filomena se amarfanhava contrafeita junto de um dos pilares do avarandado, esmagando a fazenda dos seus vestidos entre as mãos nervozas:

— Já cuidava que não vinhas...

O militar quiz compreender, pela attitude sofredora da concubina do rei, que entre este e ela algo de anormal teria acontecido. Mas, que seria, assim? O rapaz mal erguia os olhos para o carrancudo monarca, e, quando

este lhe voltava as costas, relanceava, obliquamente, á rapariga descoroçada e vencida na sua espetativa de prender o rei, por mais dias, ao seu lado. E, raivoza, ela estava em termos de apoplexiar-se, ali mesmo, dezabando o seu roliço corpo sobre o lajêdo daquele recinto. O rei nada mais queria dizer. Já, então, Martinho estava rezolvido a uma cena de pieguice, a lançar-se-lhe aos pés, humilde e rasteiro, implorando-lhe o perdão para a grande falta que tivese cometido. Foi, porém, quando D. Jozé o alforriou daqueles opresivos momentos de dezespero...

— Volto amanhã para a capital ..

O pranto de Filomena dezabrochou tempestuosamente. Mas o rei não esteve para se comover, e continuou a ordenar, com entuziasmos de despota...

— Tens de ir á cidade prevenir que o hiate esteja de fogos preparados...

E, como nada mais disése, o militar, recobrando animo, falou:

— Dá licença?!...

— Pódes ir...

Então, o sarjento Martinho foi dezempenhar as ordens recebidas. Filomena, se mantinha, lacrimoza, e convulsa, na mesma attitude. Apezar de todo o seu absolutismo, porem, D. Jozé foi familiarmente tomar-lhe a mão, e pediu-lhe:

— Olha para mim!

De olhos baixos, mesmo, e enxugando as lagrimas fartas, a rapariga retrucou-lhe:

— Já sei de tudo... Anda azêdo nesa coiza... Dantes tu não eras asim...

— Tu não comprehendes, Filomena, os dezarranjos e os transtornos da politica, nestes ultimos tempos...

— Eu sei, sim, que ha uma grossa politica de brancas dezavergonhadas... sim, desas brancas sem sentimentos, no teu convivio...

O dialogo poderia ter caido neste ponto, si D. Jozé não opuzese á amante:

— Desta fórma tu me ofendes...

— Não vejo em que...

— Pois me julgas capaz de botar na convivencia de minhas herdeiras, mulheres indignas da consideração social?!...

— E é mesmo o que eu penso... Elas te viraram a bola e tudo fazes para privar com elas... Tuas herdeiras, como tu chamas, são umas inocentes... Na minha caza, aqui, ou em outro qualquer lugar onde eu estiver, taes brancas são gente que não me logrará... Pasaste trinta e cinco dias sem vires aqui... Ora, esta é muito boa!... Trinta e cinco dias que neste dezerto viyi exilada... Agora vens, e mal me vês... Rapido!... Para a cidade...

O rei, com um grande desden, que foi acompanhado com um gesto de desprezo, num momento feito com a sua dextra, interrompeu-a...

— Palhaçada!...

Este vocabulo irritou, na verdade o animo de Filomena, que retrucou dezaforadamente:

— Não!... Palhaçada, não!... O teu dominio é que é um valhaçouto de desbriadas impudentes...

D. Jozé se sentia humilhado com a enerjia expressiva da concubina, e esteve, por vezes, seriamente inclinado a ceder, revogando as suas rezoluções anteriores. Mas,

quando assim deliberava, a consciencia voltava a imperar e o pensamento politico, mais do que nunca, era soberano na sua mente agitada. Filomena, que não mais perdia lagrimas, arrancando as suas frases como lanços de uma histeria vertijinoza, não se conformava com o abandono que lhe destinava o amante real. Parecia-lhe aquilo a ameaça de um futuro dezanparado, ou de desprezo completo, o que seria a sua ruina definitiva. Não tinha meios, porém, para vencer a vontade do monarca rezoluto. Era a primeira vez que tal acontecia. E, por isso, admirava-se já como animo tivera para dizer as liberdades que lhe lançara em rosto, como ao mais simples mortal, e ele calma para ouvir-lhe os insultos e as aleivozias, que outras couzas não eram aquelas suas articulações. Estava bem que tivesse, de vez em quando, uns arroubos daquela eloquencia insultoza, porque a eles cederia, mais cedo ou mais tarde, o imperio do absolutismo real. Daquela vez, porém, enganára-se Filomena. D. Jozé na manhã seguinte, depois das longas horas daquela noite escoada entre as habituaes cenas da felicidade feminina, voltava ao seu palacio, embora que sob a promessa formal de regresar antes de dez outros dias, quando faria uma extensa temporada de amor no seu confortavel gineceu...

Rompendo com as praxes, entretanto, na noite daquele outro dia, Filomena se recuzaria ao perniciozo convivio lubrico do Sarjento Martinho... Era preciso, respeitar, si bem que por uma noite só, a auzencia do amado soberano...

IV

Muito mal produziu no animo de D. Jozé o ro-zario de expresões grosseiras, que lhe atirára ás faces, num jorro fertil de improperios, a raivoza concubina, na intimidade da amante corruta e caprichoza durante todo o tempo da sua viuvez sem filhos... Assim, na convicção de sua miseria moral, deante daquela mulher que o alimentava com os excessos de uma paixão rus-guenta e exigente, o rei sabiamente levava á sua propria culpa o atrevimento e arrojo das suas frases ao ponto de crismar-se o seu convivio, porque o palacio naquela éra de seu governo deveria assim ser enfren-tado, de injuriar a caza de seu reinado com o baixo epiteto de «valhácouto de impudentes e desbriadas»... Que mal fizera não repelindo, imediatamente, a ouzadia imprevista da barregã?!... Mas, pasado o momento oportuno, o caminho era dilijenciar para esquecer o desmoralizador incidente, tanto mais quanto ele estava bem recordado de que Filomena, apezar de muito irada e de sentir-se preterida com aquella sua inesperada e extemporanea despedida, salvára do grupo das mal

adjetivadas as suas amadas sobrinhas, a quem, paternalmente, chamara de filhas e de herdeiras, e para quem ela tivera — ele muito estava certo diso — a justiça da expressão textual: «tuas herdeiras são umas inocentes». Todavia, D. Jozé chamava a si o dever de expelir de sua conduta no gineceu das *Candeias* a tolerancia e a confiança, que ele sempre mantivera, numa mesma linha, em favor daquela mulher, que não era uma simples atrevida, mas uma agresiva e estúpida creação de sua propria bõnhomia de amante... «Era singular, tudo aquilo!... era singular que, sómente depois de rei, caminho de deixar o trono, ele ouvisse as ignominiozas referencias ao seu viver que gritára a Filomena enciúmada! Entretanto, pobre dela!... assim procedia no exaspero de não contar com ele, como dantes, para o gôzo do prazo convencional... Tudo era aquele infortunio de deixar, um dia não muito distante, de ser rei, tudo era o seu triste fado de magnata eletivo... Mas, a amante, esta, sim! era a mesma amorosa de outrora: tudo aquilo fazia dominada pela arreliativa nevoa da suspeita, suspeita aliáz, que muito o honrava, que muito favorecia ao seu orgulho de homem decadente... Ela lhe dera um testemunho, muito a propozito, de sua fé na virilidade dele, e tambem uma prova, uma eloquentissima prova de que lhe não perdoaria o conhecimento de uma traição, por minima e insignificante que esta fôse... Só pela raiva de ser roubada no tempo a que tinha incontestavel direito, explicava-se que ela se tivesse posto a blazonar os dispauterios, os quaes ele perdoaria por gratidão ao muito amor que, com aquele proprio incidente, a rapariga demonstrara lucidamente aos seus sentidos»... E, deste modo, terminando

a serie desas conjeturas pasajeiras, D. Jozé dise com os seus botões...

—Deixa que vá!... Filomena me tem um grande amor... São ciumes, são... Entre namorados — e dizendo isto soltava uma gargalhada — todas estas couzas são naturaes...

Contudo, dali por diante, para moralidade de seu proprio individuo, o rei não permitiria mais incidentes e liberdades amorozas daquela natureza. Em tudo aquilo havia, certamente, uma grande parcela de dezafôro, para o que, como um rei e um homem edozo, ele não deveria estar inclinado...

E, penetrando no seu comodo privado, naquele ponto inacessivel aos «pavões reaes», que tudo queriam devasar, arrogantemente como os mentores de sua pessoa real, D. Jozé se conduziu aos compartimentos de seu elegante e americano *bureau-ministre*, onde as sobrinhas, como solicitas secretarias particulares, esconderam a monarquista correspondencia, chegada, com pontualidade, naqueles dois dias de sua auzencia curta e reduzida...

Ao seu penetrar inesperado em palacio, depois da gritaria e exclamações ruidozas de venturozo prazer, D. Jozé fôra, pois, advertido por Eujenia, a sobrinha mais nova, encantador tipo de mulher caucazica, muito alva, muito loira e muito excentrica no gosto das vestes, disfarçando, com uma graciosa luneta de aro de ouro e vidros enfumaçados, que descansava sobre o nariz aquilino, o estrabismo de seus olhos verdes — D. Jozé fôra advertido por esta virtuoza princeza de que, nos vãos de seu luxuozo movel, estava concentrada a remesa postal daqueles dias ultimos. E ele fôra,

sequiozo de colher novidades, desenvolvendo a numerosa coleção de misivas de todos os generos literarios e afetivos. Bilhetes de participações de matrimonios, de nascimentos e de venturas analogas, longos officios de quazianalfabetos serventuarios da administração publica, cartas intimas, cartas politicas e cartas anonimas... Uma destas lhe saltou ás mãos ajeis no rompimento dos envelopes. E, naqueles termos ameaçadores, com aquela violencia de linguagem, com aquela segurança de denuncia... nenhuma outra, até aquelle momento, havia conhecido. Lembrava-se de que, na manhã do dia seguinte ao de sua acensão, o correio mimozeára-o com uma tremebunda anonima... de que, daquela primeira, inumeras, centenas e centenas, foram sucesoras... Todas ele lera impassivel deante da covardia dos atacantes... Mas, aquella ultima, em dactilografia, pago o selo pelo remetente, com o seu enderego precizo de rei e de cidadão, literariamente redijida, com o pensamento de descobrir uma conspiração que se tramava contra a sua pesôa, que tinha de ser eliminada por meio de qualquer elemento subversivo, aquella anonima, chegada de chôfre, era unica nos dois anos transcorridos de vida governamental... Ela tinha o misterio evidente das tragedias!... O seu sangue de rei, ao lê-la, paralizava-se nas veias, coagulado pelo frio que se irradiava, nervozamente, de sua columna dorsal... Que fizera ele para merecer aquella terrivel ameaça de «morte barbara, de morte para redenção do povo de seu reino», de «exterminio, custase o que custase, dentro ou fóra de seu palacio, na sua propria alcôva, no *landau* real, no hiate de suas excursões, no leito de sua concubina», de «asasinato a punhal, a revólver,

a garrúcha, envenenado, esquartejado ou linchado», que fizera ele para vir a ser vítima do «furor, do odio, da malquerença dos que se sentiam escravos de sua autoocracia, expoliados de suas riquezas, de suas tranquilidades de cidadãos pacíficos, de suas venturas de familia, pelos seus decretos absorventes, pela sua administração czareana e devastadora»?!. . Ora, não praticára isto assim contra os seus suditos... No entanto, os termos daquela misiva irresponsavel, «escrita por quem teria de saborear a sua vingança de espoliado pela furia real de encher-se e aos «pavões» que cercavam o seu trono», eriçava-lhe os cabelos, arrepiava-lhe as carnes enrijecidas pelo temor, denunciava fatos que lhe infernavam a alma... Ele tinha de, forçosamente, consultar a alta sabedoria dos amigos que constituíam a sua famosa côrte de sabios. Como homem junjido, por um juramento, ao solio de rei da Suzania, havia de, por força de seu officio, tornar-se um pouco podengo, um pouco martir e um pouco indiscreto... Aquelas rispidas frases lançadas contra si, dariam ensejo a uma revolução entre os seus palacianos. Convinha, pois, divulgá-las, sem, contudo, deixar que a bisbilhoteira imprensa de seu paiz amoldase os fatos ás conveniencias e ao feitio do escandalo publico, espalhando, por toda a parte, que o seu reinado era um governo fraco, cheio de revolucionarios inimigos e sanguinolentas ameaças, um governo repellido pela opinião geral, um governo traído e de imminente quéda, por iso mesmo que lhe batia ás portas uma formidavel «bernarda», claramente denunciada naquela carta veemente... E, com esta em punho, deixou o rei os seus comodos privados, invadiu o receso de suas

sobrinhas amorozas, e alarmou o seu lar quieto, num explosivo tumultuar de receios e covardias...

— Almas da minha alma!... Teu tio está condenado à morte... E a consequencia do erro capital de sua vida, é a consequencia de ter querido ser Rei um dia... Que asneira, minhas flores amadas!... Governar, governar!... Ser Rei, trazer escravo de sua vontade o povo rebelde da Suzania?!... Cavei a minha desgraça aceitando ese trono... Fui um inconsequente e sou um repudiado... Para estar tranquilo, livre da morte, da morte barbara com que me ameaçam, esquartejado, linchado... não me arreceio de abandonar esta caza, de arremesar a um canto o cétro que me fizeram empunhar como um rei de papelão, a corôa que me enche a cabeça de fogos... fogos fatuos de cemiterios...

E D. Jozé arremesou ao regaço de Florinda, a sua sobrinha mais velha — um tipo de mulher feia, o rosto descarnado, percebendo-se os osos da franzina caveira — a flajeloza carta que lhe enchera de acumes, de rebeliões, de desvarios, de sandices e de infinitos medos...

Então, arrepêzo, vario, em delirio da momentanea febre nervoza, continuava:

— Leiam!... leiam todas esas desgraças que os meus hipocritas amigos me cavaram... Maldita hora aquela em que me conduziram, como um cégo pela mão para me darem o trono de rei... Tão feliz, que eu fôra na minha obscuridade de camponio letrado... Matem-me! matem-me!... E a recompensa que devem ao meu sacrificio os homens patriotas e sentimentaes desta terra...

E o rei enchia a sua voz cavernosa para proseguir na explozão de suas cruas invectivas e alucinações...

—Asasinem-me! asasinem-me, covardes! Trespasem, já, este corpo com a bala de uma garrúcha, ou sangrem este coração com o aguçado gume de um punhal, já, antes...

Aqui, o rei ia dizer «antes que eu fuja de seus olhos, antes que eu me esconda para não ser achado»... Mas, a dezolação, que a carta lida pelas sobrinhas e as suas exclamações coléricas e febris produziam no intimo daquele lar, fizera providencialmente D. Jozé cortar em meio a sua frase comprometedora. Já então, ele não sabia esquivar-se das anomalias cenas que se desenvolviam ao seu lado... Eujenia chorava, soluçando, ao estribrilho da frase:

— Meu pobre tio!... querem mata-lo!...

Por outro lado, Florinda perdêra a fala e afrontava, pacífica e indiferente, toda aquela devastação de sentimentalismo paternal. Ouvindo os reboliços na antecâmara, uma velharrona — prozaica matrona prima do rei, mas cristã em exceso, cheia de empofias, porque quando morta legaria à terra a enorme riqueza de sua virjindade impoluta — chegou à porta, empunhando um volumozo terço, cujas contas se reviravam nos seus dedos muito gordos... Era a senhora Madalena... E, apontada no desvão da porta a sua figura pequenina e redonda, enfeitadas as suas feições coradas com o diadema de uma cabeleira empoadada pelos anos, a vizão do dezolado cenário a detivêra de labios afastados e empalidecidos. Mas, quando ouvira a repetida frase de Eujenia soluçante — «Meu pobre tio!... querem mata-lo!...» — caiu de joelhos, furiozamente

murmurando, de accordo com o repasar das contas do terço...

—Ave! Maria! cheia de graças...

A sua voz abaixava-se num diminuindo, que não mais eram entendidas as ultimas palavras murmuradas, por entre dentes...

Ora, porque vise a velha prima cair de joelhos, Brazilia, que sofria dos nervos, despenhou-se do alto de uma cadeira, estatelando-se no lajêdo dezenhado daquele comodo palaciano, gritando, desesperadamente, num formidolozo ataque historico. A sobrinha casula de D. Jozé, nestas ocaziões, perdia toda a noção do pudor, e, como podia, rasgava as suas vestes, descobrindo, impudica e inconciente, as belezas de seu corpo virjem. Rolando-se no chão frio, naquela hora, ela enrolava, com furia, as vestimentas e as saias no alto do corpo, desvendando-se, então, duas roliças pernas, bem calçadas em meias de fio de Escosia, e atadas com fitas encarnadas, debaixo de seus carnosos joelhos... As mãos, na pujante missão de arrancarem de seu corpo a afflitiva opressão peitoral, rasgaram os panos de sua bluzza de *baptiste* e entremeios francezes... Neste interim, pelas fendas dos tecidos despedaçados, os seus seios saltaram agarrados logo pelos seus dedos carnicieiros, que lhes unbaram as carnes, fazendo-as estriadas de sangue... Os cabelos despenteados afogavam-lhe as feições meúdas e interessantes. Com os seus gritos reiteirados, com o seu alarido de historica, a circunvizinhança de palacio acustava-se, e a creadajem corria ás portas da residencia real, inquirindo, em nome das amizadas fronteiras, o que ali havia occorrido... E D. Jozé, que

se retirára confuzo do local em que a sua imprevidencia de covarde asanhára os sofrimentos das herdeiras, e que dali se afastara quando a sua sobrinha mais nova se desnudava vertijinozamente, recebia as inquirições dos vizinhos, respondendo disparatadamente, mas, com felicidade, attribuindo a indisposições organicas os gritados males de Brazilia...

Junto desta, todos os famulos de palacio, menos os homens, empregavam os recursos da medicina cazeira, afim de que findase aquella terrivel crize, em que se debatia a infortunada sobrinha do rei.

— Veja o eter!... gritava uma...

— Calquem-lhe o ventre, com força... adeantava uma outra...

— Chamem um medico pelo telefono... expunha a velharrôna, que não mais conseguira ligar os termos dos *Padre-Nosos* e das *Are! Maria!* do seu extraordinario terço de coquilhos e en crustações de ouro muito bom...

— Ela precisa cazar, para acabar com este mal... interpunha Eujenia, que deixára de chorar por entre as espetaculozas exclamações de antes...

Do saguão de palacio, onde, desdobrando-se para atender a todos que ali chegavam perquirindo noticias, o monarca se achava, obrigado embora a esconder o seu desconsólo intimo, ele despachava prodijiozamente os emisarios da vizinhança curioza...

— Que sucia de abelhudos!... exclamou ele depois de haver despachado o ultimo da primeira remesa. E entrou.

O aparelho telefonico de seu gabinete, começou de bater sofregamente as suas campainhas monotonas.

— Dlin!... dlin!... dlin!... dlin!... dlin!... dlin!...
dlin!...

Escutando, claramente, este martelar do som viajor, o rei pensou:

«Será possível que a noticia já tenha ido até aos pontos mais distantes de palacio?!... Para que chamará, então, o telefono aziomadamente?!...»

E, caminho de seu gabinete, D. Jozé já ouvia Florinda transmitindo um recado por aquele aparelho...

— Que o dr. Paulo Cintra aqui esteja com urgencia, para tratar de um doente...

E, como lhe perguntassem si era o rei, com a maxima propriedade de termos, a sobrinha mais velha de D. Jozé respondia:

— Não, senhor! É uma sobrinha dele que foi acometida de um ataque muito forte...

Entretanto, quarenta minutos depois, quando o medico chegava, Brazilia já estava restabelecida, e D. Jozé, precavendo-se dos annunciados males, havia chamado, urjentemente, a palacio, não só o prefeito da policia como tambem o valorozo ministro da guerra, o marechal Pio Sanches...

Correra a nova, entre os «pavões reaes», de que D. Jozé, adeantando o seu regreso, desde meio dia, a despeito das imprevisões de todos, estava em palacio, onde algo de anormal se desenvolveia, tanto assim que o marechal Pio Sanches, generalissimo das forças de terra, recebera urgente chamado telefonico do rei, ao qual, prontamente, accedera, como de seu dever militar. Eguualmente, o dr. Costa Rios, prefeito da ordem publica, entrou para a confidencia do monarca, ficando na pose da carta anonima, com o fim presumivel de iniciar

dilijencias para achar o fio das empolgantes noticias, que ali indiscretamente se comunicavam. Por fim, Thyrso de Campolide, no velho habito de fariscar novidades e escandalos, tendo ido á prefeitura e lá não encontrando a autoridade respectiva, presentira a chegada do soberano e fôra ter em palacio, inesperadamente, pelo que entrou na colaboração de planos para se inutilizar «o dragão da revolta e da conspiração». Mal entrára, percebera o eminente filozofa as alterações na placidez habitual da vida palaciana...

—Que vae aí? que vae aí?... interpelou o reitor da Universidade ao dr. Costa Rios, que, produzindo um misterio em torno do acontecido, sacudia a sua figura de bem parecido albino, cujo tronco era mais longo do que os membros inferiores, para falar:

—Mil anos que eu viva não assistirei coiza igual... O noso Amado Rei sente-se mal com as formaes ameaças de morte, de exterminio, de linchamento... sei lá mais do que?!...

—Tudo iso são lérias!... Conversas fiadas, senhor dr. Costa Rios!...

—Qual, dr. Thyrso!... Existe uma prova material... A denuncia...

—Quem a deu?

—Uma carta...

—Firmada por quem?

—Anonima. Mas, apezar diso, hano cazo o desbragamento das ameaças numa linguagem muito clara e com as mesmas palavras, quazi, dos artigos agresivos de *O Principio*...

—Na verdade, sr. prefeito, a ocasião é propicia para se oprimir, de vez, o elemento opozicionista, que vae

caminho de envenenar toda a organização social com a devastadora saburra de vileza de animo e de carater, que define bem os seus progonos... Todavia, o diabo é a carta anonima...

— Não é tanto assim, dr. Campolide, como o sr. pensa... A carta está escrita por maquina, que é ainda um instrumento caro e raro no noso meio... O dr. Vicente de Laet, redator-chefe de *O Principio*, com toda a sua gordura e pezo de banhas, faz toda a sua correspondencia particular e official, de advogado e jornalista, com uma desas maquinas... São dous importantes elementos contra ele: primeiramente, a dactilografia; ao depois, os termos viperinos do anonimato, que são os mesmos dos artigos daquele violento jornal... Daí se segue que...

— E's de uma argucia estupenda!... interpôz Thyrsó, finalizando o tratamento official e ceremoniozo para com o prefeito da ordem publica...

— ...Daí se segue que ha intima relação entre o Laet e a anonimia...

— E' posivel!!...

— Eu por mim prezumo que não carecerei de mais nada para chegar até ao fim da meada...

— A! sim... Estás de pose de uma coincidencia comprometedora...

— De uma só, não; de duas... A da maquina e a do estilo...

— Sim... Sim... O estilo é o homem...

E, interrompendo o seu dialogo com a autoridade garantidora da paz publica, o dr. Thyrsó de Campolide, num aborrecido dezanimo, como fatigado de assistir ás sandices daquele parvo, que, injustamente, chefiava o

serviço mais delicado do funcionamento social, a policia do organismo, pasou-se ao andar superior do palacio, onde o monarca se entregava a uma conferencia secreta com o marechal Pio Sanches.

— Entra, Thyrso!... disse o rei divulgando este no alto das escadas escorvando a sola dos seus sapatos nos capachos de côco tinjido, adremente ali colocados...

— Fólgo muito de ver-te escapado das premeditações asasinas dos teus e nosos adversarios... proferiu cheio de reverencias o astuciozo reitor da Real Universidade de Filozofia Juridica... E o rei, dando-lhe resposta com exuberante enerjia sem se levantar, e continuando a fricionar, uma contra a outra, as duas pernas compridas e cheias...

— De tudo estou escapado, meu amigo. Em boa hora ordenei o inicio das pesquisas policiaes e o Costa Rios levou o instrumento da denuncia, para sobre ele deporem vinte e tantas pessoas que julgo implicadas na sedição...

— Sim?... Vinte e tantas pessoas?... E' bom, sim... Todas as medidas são uteis quando elas chegam a propozito... Mas...

— Não estamos, Thyrso, num cazo em que se apliquem as tuas filozofias dos *mas* e dos *porém*...

— Sei perfeitamente, Majestade... E, como teu amigo e servo dedicado, estou ás tuas ordens para agir...

— Ordenei agora mesmo ao marechal Pio Sanches medidas terminantes... Quero de prontidão, sem mais aquela, todos os quartéis... E, como seja posivel, que a conspiração tenha irradiações pelo elemento militar, o marechal abrirá, hoje mesmo, um inquerito minudente, respondendo, posteriormente, a conselho de guerra, aqueles sobre quem paire qualquer suspeita...

— E a carta, Majestade?...

— O prefeito levou... Será a base do inquerito policial... É um documento valiozissimo e intranzijente...

— Mas anonimo...

— Que importa iso?... Atribuo-a, sem que me dêa a consciencia, ao Vicente de Laet, o tal senhor redator-chefe de *O Principio*... A dactilografia, os agresivos vocabulos...

— Sim... *Ex digito gigans*...

— Anda comigo, Thyrso, uma enorme protecção do Anjo da Guarda... Olha que embirro com os taes jornalistas... Agradeço, portanto, ao Anjo da Guarda...

— Ao Destino...

— Lá vens tu com as tuas filozofias...

Neste interin, o marechal Pio Sanches se perfilou para se despedir. Era um tipo de caboclo, espadaúdo, e arrevezado nas atitudes do corpo e nas frases monossilabicas de que muito gostava... Sempre rispido e injuriozo para com os seus subalternos, dele, nos quarteis, se referiam anedotas, que eram desfavoraveis ao seu renome de suprema autoridade dos exercitos de Sua Majestade. Na sua vida de militar, não haviam incidentes de heroicidade e denodo. Antes de soldado, fôra estudante. Escasos recursos intelektuaes, de fato, lhe cortaram o tirocinio academico. A! o bom tempo em que a vida do estudante lhe corria serenamente sem as preocupações dos castigos, dos mandos, ou das arranjadas diciplinas, como inferior hontem, e hoje como o superior de todos, no numero dos galões?!... O seu começo de vida podia ser referido como uma pajina de lizonjeiro estoicismo. Faltaram-lhe os recursos, com a orfandade, que o mergulhou

em prezágas apreensões, e, no concurso da negação intelectual para as carreiras científicas e da escacez de recursos para viver sobre si, só encontrou elementos dignos, para não esbarrar na mendicidade, envergando a farda do soldado. Nesa época, ele teria de seguir, como então piamente pensava, sem protestos, as contrariedades dos encontros com os seus colegas de classe nas escolas, onde completára o estajio necesario para abraçar, posteriormente, qualquer curso de academia. A sua extremoza mãe infeliz, que se dedicava, sem treguas e sem escolhas, aos trabalhos mais peçados, para ganhar o pão e trazer o filho trajado com decencia entre os seus amigos e condicipulos, cerrára, desgraçadamente, os olhos, antes de o ver com destino seguro na sociedade dos homens. Desda data por diante, sem o amor e sem a tutela daquele ser superior e heroico, tudo lhe fôra avêso, e ficou devedor a um colega — filho abastado de um homem politico, que muitas vezes lhe matou a fome — do seu inicio de vida no batalhão, sob os prometimentos de ser protegido, para a matricula na Real Escola dos Militares. Mas, dos extranhos á classe militar, tudo burlou. Todavia, o soldo e a etapa lhe furtavam as agruras da fome, que, dias seguidos, ele houvêra experimentado. Chegára a ser alferes, por um verdadeiro bamburro; um superior, com pretensões de cazal-o com uma filha natural, fôra o seu protetor. Dali para o posto que tinha, para a venturoza patente de marethal, a ninguem deveu, si não a si proprio, as promoções. Era amigo em extremo dos superiores, e, no tirocinio, isto lhe servira para encobrir as outras faltas. Como superior, tornára-se demaziadamente rusguento. Nos

batalhões em que servira de comandante, pela simples abstenção da natureza que lhe recuzára virtudes, sob quaesquer pretextos, ele criava um inimigo... De uma vez, com ostensivos sinais de perseguições, retalhára, a golpes de dezamparo e de caprichos, a vida tranquila do vago mestre de seu batalhão. Aturou o alcançado pelo seu dominio toda a série de contumazes espiagões. Mas, um dia, num abandono confiante, o marechal Pio Sanches entrava num cubiculo do quartel, para inspecionar o seu estado e as suas qualidades hijienicas. Seguirá-o, sem o menor presentimento de sua parte, o vago mestre irremisivelmente aquinhoado com as suas furias estridentes. E, posto sobre brazas, pelo favoritismo das circunstancias, seguiu o marechal na vizita ao cubiculo, e, quando ambos ali dentro, não lhe custou pasar a aldava na porta, depois do que, amarrotando as fazendas da farda do seu comandante, o injuriou atrozmente... Este preferira, para evitar o escandalo que aniquilaria, fatalmente, a sua tranquillidade de superior e o seu bem estar de comandante, socorrer-se do vil expediente de humilhar-se, prometendo á sua vítima o retrocesso de suas infamias e ignominias... Não era, porém, esse fato o que determinava a pajina psicologica mais depravada do grande militar, que parecia ser o marechal dos exercitos do rei D. Jozé... Narrava-se o efemero triunfo canibalesco de suas forças nos celebrados combates de *Bajé*, quando os seus desbaratados combatentes retornaram ao campo da peleja para o degolamento dos cadaveres, porque eles poderiam reerguer-se e engrosariam, então, sobremodo, as fileiras inimigas, as hostes dos fanaticos...

— Repita isto — diséera-lhe Thyrso, numa manhã chuvoza, quando, pacificamente, mastigando o fumo de um charuto penso do canto dos labios, o marechal Pio Sanches relatava os seus principaes feitos de guerra ao rei D. Jozé, com a asistencia numeroza dos «pavões reaes»...

E o marechal confirmou...

— Na manhã seguinte, tornamos ao campo dos massacres da vespera, de onde tinhamos feito uma retirada com lastimaveis prejuizos de homens e de munições... O chão estava juncado de cadaveres dos jagunços... O piquete fez guarda á distancia, com as carabinas embaladas... E eu e o meu cabo de ordens, um poderozo negro retinto, saimos pelo campo, de cadaver em cadaver, reconhecendo os dos jagunços... A todos estes, com um facão extremamente afiado, degolamos sem remissão...

O filozofa, nesta pasagem, amedrontado com a estampa impassivel da fera que tinha deante dos seus olhos, interrompeu a narrativa, propozitalmente, com a pergunta sagaz...

— Mas, com que fim tal fizeram, marechal?... com que intensão?...

— Para evitar mal maior...

— Como asim?... — recalcitára o filozofa para apurar o gráu de perversidade do marechal Pio Sanches...

— Supuz — e dise calmamente — que os cadaveres poderiam tornar á vida, e, então, certos da resurreição, prometida, seriam duplamente ferozes e invenciveis nas suas investidas...

Do dia desa narrativa por deante, Thyrso de Campolide evitára o tipo atavico do marechal. Naquela hora,

porém, em que o comandante em chefe dos exercitos reaes recebia ordens de D. Jozé para providenciar sobre a crize politica que ameaçava o reinado, o reitor da Real Universidade appareceu junto do militar sanguinolento, mantendo para com este o maior retraimento espirital. De sorte que, muitas vezes, Thyrso teve de afujentar-se da intimidade do rei porque nela se achava o marechal...

— Percebo que evitas o marechal Pio Sanches... dise-lhe, uma vez, D. Jozé...

— Sinto-me mal em sua presença: vejo sempre o homem que degolou centenas de cadaveres para que eles não resucitasem mais fortes...

— Em todo o cazo é um homem animozo para as grandes situações...

— Perito em cortar cabeças... dos que não têm mais vida...

Todavia, o rei mantinha o marechal Pio Sanches no cargo de sua maior confiança. Isto, como acontecimento politico-social, nenhum valor pratico tinha para o Dr. Thyrso...

Depois de retirar-se o marechal com o programa de ação—inqueritos, conselhos, prizões—os dous amigos confabularam, largamente, sobre as occorrencias, que se encarreiravam, como efeitos de uma simples carta anonima...

— Devias convocar os amigos... — clamou Thyrso a peguilhar o rei...

— Ora, adeus!... queres tu saber?...

— Sou todo ouvidos...

— Chamei as autoridades, encarreguei-as das providencias... Aguardemos os acontecimentos...

— Acho muitas para o Laet as tuas acuzações... Não haverá mais gente implicada na sedição?...

— Forçosamente...

— Quem será?... quem?...

— O famijerado D. Oscar...

— Tens bem a certeza diso?

— Inteira convicção...

— Porque assim?...

— Por cauza de *O Principio*... Sabes que o capitalista da empresa anonima que explora ese jornal de opozição, é o repudiado D. Oscar... Ora, estando criminozo Vicente de Laet, poderá ser que o ex-monarca não esteja?...

— E' ese argumento teu de um valor extraordinario... nunca visto...

— Alem de D. Oscar... virão outros... O noso vice-rei, por exemplo... Dando-se o que eles premeditaram, sem quebra do rejimen preceitual, quem me substituiria no trono?...

— Tens razão... Quem mais virá esbarrar no conluio criminozo?... — indagava Thyrso, curiozamente...

— O ministro Eterelde...

— Que?... o prezidente honrado da Suprema Côrte de Direito?...

— E então?...

— Perdão, Majestade!... Mas eu não poso crer...

E o monarca, irritando-se com esa franca negação de Thyrso, cortou o dialogo abruptamente...

— Está bem... Aqui ficamos... Não me convem adeantar-te mais nada porque tu não crês...

— Pois quem serei eu, Majestade, para não te crer em tudo?...

Ia chegando a tarde e a turba dos «pavões reaes» invadia o palacio para saudar o rei recémvindo. A crize politica ainda não estava inteiramente divulgada. Entretanto, Albano chegava esbaforido, atirando o chapéu para a nuca, a perguntar, porque o dr. Costa Rios lhe fizera uns esquizitos sinaes do bonde em que ia para o outro em que ele vinha...

— Que ha de novo?... que ha por aqui?...

Mas Albano tinha o propozito de não uzar da funesta alcunha de *Majestade*... «Para que ofender o rei com o epiteto do maniaco?»



Na manhã seguinte, ainda eram seis horas, quando Brazilia se pôz de pé, com um sobresalto, como si tivesse sido violentamente despertada por solavancos no seu corpo maguôado com os excessos involuntarios da vespera, ou como si tivesse escutado, naquela hora impropria, um grande estampido inesperado. Ai! como lhe punham indisposta aqueles incomodos nervozos!... A bem dizer, todo o infortunio de sua vida, era o dezamparo de sua saúde, para aqueles dolorozos momentos da vespera... E, com o rosto encostado ás persianas da janela, velado o colo com uma bata de linho pardo, engrandecida com ordens de applicações de filó, Brazilia caiu num esquecimento de si propria, alhejada dos variados espetaculos que se reproduziam, alacremmente, nos terrenos livres das adjacencias de palacio, o olhar perdido na imensidade verde, onde as aves cantadoras constituiam as suas familias, os seus ninhos e as suas nações ilimitadas. Ela se escravizava á recomposição das palavras de seu medico, na vespera, que, só depois daquela crize igual a muitas outras,

emitia a sua opinião de cientista para que ela se curasse daquele mal, que, comtudo, a não levaria á sepultura...

—Pois, minha senhora, si quer ficar boa, ha de modificar um pouco as suas ideias intranzijentes de convento e de morte, para pensar na necessidade de fazer um bom cazamento, com um moço digno de sua distinta pesôa...

E, como Brazilia, bem asim Eujenia e Florinda, sorri-se ouvindo aquelas curiozas palavras do dr. Paulo Cintra, o medico se desfigurou resfriando-se a sua pele escura de mestiço mas lustroza como si repasada tivesse sido em oleos, e engelhando-se os seus labios arroxeados, só poudé tremulamente falar:

—Mas, é, minha senhora... Enquanto não, urje que v. ex. se divirta, dê bons paseios pelo campo, respire o ar puro das manhãs, e não vá a bailes, não perca noites... Nada, absolutamente nada, de excessos... Os incomodos de v. ex. não são graves, mas definham muito o organismo... E no organismo debilitado, qualquer invazão morbida que se dê, será de pesimas consequencias...

Brazilia, então, murmurou uma pergunta sobre um indicio forte de seu histerismo — «si era doença um prégo que ela sentia, ás vezes, grosseiramente cravar-se no alto da cabeça?»...

—Pois não, minha senhora, é o que nós chamamos o prégo histerico...

—Então, dr. Paulo, sou uma histerica...

—Não ha duvidas, minha senhora, é uma verdade curavel...

—De véras?... Sou histerica?...

E, para se divertir com as irmãs que ali estavam, delicadamente, Brazilia reperguntou, puchando para o

pESCOÇO os fartos cretones cÔr de morango, onde enastados festões de crespas folhajens se dezenhavam alegremente:

— E a histeria é curavel, doutor?...

— Sim, senhora; v. ex. ha de convencer-se disto...

— E porque o dr. Paulo, que é um bom medico, não me põe logo curada?... não me põe sã?...

— Vou trabalhar para iso...

O dr. Paulo, compreendendo a astucia da vivaz rapariga, que queria forçá-lo a dizer coizas para lhe excitar o rizo e a galhofa, cortava e ladeava as respostas...

— De mim, doutor, dependerá algum esforço para a minha cura?...

— Sem duvidas...

— Ora, diga-me uma coiza: que devo asim fazer?...

— Evitar as aprecnsões moraes...

— Sómente?...

— Não; as noites perdidas, as seroadas improficuas, as ideias funestas de morte e de convento...

— Como?...

— As ideias funestas de morte e de convento.

— Mais nada?...

Mesmo reclinada no leito, bastamente cercada dos longos panos de cretones e linhos, Brazilia se revelava uma mulher completa nas curvas, na ondulação do côlo arfante, na luz castanha das suas pupilas travêsas e no espirito de suas perguntas e respostas... Asim, estabelecera um sitio para o dr. Paulo Cintra, que, levantando a sua figurita raquitica e enfezada de intelligente mestiço, concluiu por entre rizos hypocritas...

— Bem sei o que a senhora me leva a dizer... E'

precizo cazar, é precizo encontrar um espozoz, para v. ex. se livrar deste mal pasajeiro...

E retirou-se rizonho daquela alcôva perfumoza e cheia de vaidades...

Sobre este colloquio medico, portanto, naquela hora muito matutina, Brazilia divagava, perdido o seu olhar no mundo exterior, mas preza a sua alma de extravagantes pensamentos, até ali desconhecidos... Porque lhe vieram falar em ideias funestas, em ideias de morte e de convento, a ela que nunca em taes coizas tetricas havia pensado?!... porque lhe sujeriram todos aqueles pensamentos maus, todas aquelas importunas concepções, a ela que só pensava, sim, que só vivia pensando nos bigodos louros de Oto, no sorrizo faceiro deste homem, que, com tanta franqueza, nos rodopios de uma valsa, derramando uma hipnoze pelos seus olhares dominadores, lhe falára, melifluamente, em amor, em querer bem, e, até mesmo em cazar?!... porque a medicina, com a ancia alvorçoante de salva-la, ou de cural-a, lhe inoculára no espirito aquelas fantazias morbidas, que ela nunca tivera, de envergar o habito negro de uma freira, ou a mortalha branca de uma virgem, morta, quando todas as esperanças lhe afagavam a vontade grandioza de ser de Oto e de mais ninguem?!... porque deixaram que o Dr. Paulo Cintra, com a preocupação impotente de fazel-a talvez, um cazo tipico de seu poder curador, lhe incutise no animo a molestia que ela não tinha, sofrimentos de que jamais ela fôra pasto, preocupações incomodas e perturbadoras, que, até áquela data, apesar das suas crizes nervozas, não tinham enfermado a sua alma joven, forte e apeteecedora?!... Si doente estava, pois,

de tudo era devedora ao dr. Paulo Cintra... Agora se debatia entre as trez ideias capitais—o amor, o convento e a morte. A morte!... Como seria adorada pelo motivo de seu culto de hoje, amanhã, quando, transgredindo as disposições organicas de muita vida, transpuzesse as barreiras do além-tumulo, alvamente vestida de noiva, na sua frente a capela da virjem, sobre os seus hombros o véu simbolico da inatinjada pureza de seu corpo?!... como seria unica e formoza no seu esquife forrado com fazendas alvas, cercadas as suas vestias sumptuozas com os aromas das matrimoniaes flores da laranjeira?! Ora, que fatalidade aquella?!... Para que lhe indijitára aquella loucura o medico que lhe queria curar?! O convento?!... Neste cazo, então, ella iria ser uma das espozas de Cristo, como se dizia em linguaagem religioza, preterindo toda a felicidade do amor de Oto Americano, pela incerteza do sonho de um claustro... Seria o silencio dos monasterios omitindo o rumor das carruajens que a levassem á audiencia do pretor, trajando as graças insinuantes da mulher nubente!... Mas, sempre ao lado da beleza do sacrificio, a coorte dos artificios... E, como ella, que, até então, detestava o carcere dos conventos, poderia vitimar-se nas ciladas habeis com que conquistam as servas de Deus e as espozas do Crucificado?!... Ai!!... nunca mais teria a felicidade almejada do matrimonio, porque o dr. Paulo lhe vacinara a alma, introduzindo-lhe sofrimentos desconhecidos, dores inatinjidas...

E horas perdidas, muitas, tivera Brazilia naquella incansavel attitude, até que todo o palacio despertase...

D. Jozé veiu vel-a... Encontrou-a naquele posto de

dezolamento moral... Palida, então, os olhos fechados nos halos negros que lhe imprimiam ás feições indícios majicos de apreensões, desprotejada do rizo festivo e cercado o semblante de um precoce tédio e de uma infinita tristeza... Ouvindo a voz do tio, Brazilia recompôz a bata, iluminou o quarto com mais luz, sem ser, porem, a mulher de antes, a Brazilia que vivia por amar e que lutava pelo amor...

— Como pasaste de hontem para cá!... interpelou o rei, aconchegando o corpo da rapariga ao seu torax de tio amorozo.

— Mal!... ou peor!...

— Mas, porque?... Como assim?

— Estou doente hoje como nunca estive... Sinto o que jamais senti...

— E hoje já não esteve aqui o medico?...

— Sim... Esteve...

— E que dise ele?

— Futilidades que me puzeram mais enferma, ou, antes, que me puzeram enferma, que me arruinaram o corpo...

— Não te entendo...

— Ora, meu tio... O medico pôz-me doente, o que eu não estava, porque me despertou ideias que nunca tive, ideias de convento, de morte, e até de amor... Eu que em nada disto pensáva...

— E' o que tu supões... O medico fez o diagnostico perfeitamente... Dise-te, com sinceridade, o que tu tens... Crizes histericas...

Brazilia não podia ouvir taes defezas ao seu medico, áquele que tanto mal lhe fizera, sem que tivese logo impetos de rusgar...

— Pois bem, meu tio!... Sinto, na verdade, coizas que nunca senti...

— Sujestão!...

— Mal estar, desprazer, vontade de chorar, de morrer...

— Efeitos, ou restos, dos incomodos de hontem... Foram tão fortes...

— Até tristeza... Eu que sempre fui muito alegre... Trabalhos do medico, não ha duvida...

E D. Jozé, porque estivese de bom humor, afastou-se dizendo, por fim, para Brazilia, que se julgava perdida...

— Descança... Olha: fizeste mal em te levantares hoje... O melhor repouzo, do qual teu corpo precisa, é o da cama...

De encontro com Florinda, o monarca falou-lhe em tom paternal...

— Brazilia, tua irmã, continúa nervoza... Que lhe dise o dr. Paulo Cintra?...

— Conselhos e mais conselhos...

— Só?... Nada receitou?

— Que era preciso ela cazar-se...

— Acho graça nisto! — exclamou o rei, franzindo o sobrolho — Cazar-se?... E cazamento é coiza que se faça como um remedio de medicina?... Já se foi o tempo em que esta era uma verdade, mas hoje que medicos ha, por este mundo afóra, aos milhares, rogando empregos publicos... tenham paciencia!...

A chegada dos «pavões reaes», provocando com o reboliço que fizeram na entrada de palacio, uma cena extranha, levou a atenção dos dois para aquele ponto. E seguiram-se os cumprimentos, mais ou menos respeitozos e reverentes, de Albano Mangueira, de Thyrso de

Campolide, do Conego Luz e do dr. Brijido Galo, cada qual com os seus olhos bisbilhoteiros num dezasoccego, mais direitos ao grupo do rei e da sobrinha, titulada princeza, por honra dos «pavões»...

— Sinto um grande e crecente prazer — exclamou o monarca — toda vez que os encontro assim reunidos...

— E para te saudar, Rei Amado... opöz Albano Mangueira, oportuno sempre para proferir lizonjas de todas as especies, o que não pasava, absolutamente, despercebido a D. Jozé...

— Ainda bem!... continuou o rei... Gósto imenso diso... Sinal evidente de que ha unidade de sentimentos entre os meus amigos...

E, de um em um, D. Jozé se dirigiu aos que chegavam, enquanto Florinda dezaparecia, numa evidente rezi-gnação de ter perdido o iniciado colloquio com o tio bonancheiro...

— Apósto que me não esperavas tão rapido?!... disse o rei ao abraçar o Albano Mangueira, que correspondeu...

— Tinha um presentimento, Monarca Augusto. O coração dizia-me que virias como vieste repentinamente...

— Então?... falou D. Jozé aos ouvidos, quazi, de Thyrsó de Campolide... A bomba está lançada... Lêste a nota no *Jornal da Suzania*, de hoje?...

— Ha de tudo sair á medida dos teus dezejós... contraditou Thyrsó, baixando a voz para a confidencia...

— Assim é que é, meu Conego... acrecentou D. Jozé, no seu afavel cumprimento ao Conego Luz...

— Magôado contigo, Majestade...

Ainda uma vez Albano quiz protestar contra o uzo dessa alcunha do maniaco...

— E porque?... inquiriu o rei.

— Pois te esqueceste de chamar-me hontem para o teu lado...

— Confio na tua lealdade, meu Vigario, sem os excésos de outros muitos...

Voltando-se, então, para o dr. Brijido Galo, no proposito de derivar para esta nova personajem o forte de sua saudação, abriu, amigavelmente, os braços, e com uma expressão de extrema simpatia, aventurou...

— Venha de lá este abraço...

O dr. Brijido Galo, ao mesmo tempo em que uma faisca de odio cintilava no esmalte da pupila negra de Thyrsó, acudiu presurozo, sem perder as manifestações francas de inveja de toda aquella assistencia, que terminou por aquinhoal-o com um incoercivel olhar de troça...

— Meu Rico Soberano!... Meu Venturozo Monarca!... Peço-vos a vosa induljencia — proseguiu o concho poeta niponico, movendo aturdidamente o seu perfil de probocideo encarreirado—para o meu atrazo nesta vizita, obrigada, pelo meu dever, de sudito respeitozo, no dia de hontem...

— Bem, está bem...— interveiu D. Jozé que fôra ocupar, seguido do dr. Brijido Galo, uma larga poltrona, junto de um janelão, na qual, á hora triste dos crepusculos, a senhora Madalena, a prima do rei, esgotava as prolongadas orações de seu terço...

— Tudo ignorava eu, e, mesmo, nada ouvi rosnar, e, só na manhã de hoje, lendo o *Jornal*, cuja veemente linguaagem explicou bem o valor de nosa situação, tive conhecimento do real infortunio...

— Só o valor, não!... Tambem, e mais ainda, o vigor de nosa attitude...— intercalou o Conego Luz, com a aprovação tagarela e reiterada de Albano...

— Pois não!... pois não!...

Mas, D. Jozé, com a mão arrepiando a cabeleira grizalha, acudiu de improvizo e bondadozo...

— Estamos realmente muito vigorozos!

E, puchando pela dextra o poeta japonez, até ficar o ouvido deste á linha de seus labios, continuou, cada vez mais enciumando a assembleia prezente...

— Estou firme no teu plano... Apenas estou esperando que se apurem as responsabilidades neste incidente, de que me considero escapado, para ferir o combate...

— Eu entendo que sim...— proferiu o poeta, em voz alta, como quem diz uma frase solerte ao despertar de um sonho...

No extremo oposto do salão, intrigado com toda esa misterioza confabulação de cochichos entre o rei e o dr. Galo, o reitor da Real Universidade de Filozofia Juridica, dando de mão ao *Jornal da Suzania*, repasava o editorial—*Salvo da traição*—que se attribuia com fundamento á pena travêsa de Socrates Dantas. Uma vez por outra, o filozofa levava o fumacento charuto aos labios, e soltava duas ou tres baforadas divididas em acendentes espiraes. De soslaio, ele acompanhava todos os movimentos dos circunstantes. O Conego Luz perguntava, em meia-voz, a Albano Mangueira o que significava tudo aquilo. Por sua vez, este, embora fôse o redator chefe de *A Suzania*, não se sentia habilitado para afujentar os embaraços de exigentes explicações á queima-roupa. De momento a momento, porém, mais intimos, o rei e o poeta-economista mais se alargavam nos cochichos, terminando por lembrar este, o que o rei não aceitou, a conveniencia de aproveitar a crize politica para convocar, extraordinariamente, as

Camara, e submeter ao criterio destas a projetada reforma da Lei Preceitual... E, quando assim estavam todos, foi anunciado que entrava o dr. Costa Rios, cuja missão de Prefeito da Ordem Publica, era a mais importante e espinhoza de todas deante das ocorrencias politicas...

Desde que saira de palacio, no dia anterior, uma turbação rebarbativa de desgosto, de mal estar e de temores, ensombrára o semblante duvidoso do dr. Costa Rios, que, na qualidade de primeira autoridade da ordem publica, colhese embora decepções e remersos, teria de servir-se de uma lucidez veemente, para amoldar ao seu absolutismo os endiabrados planos de defeza dos responsaveis pela sedição que se descobrira. Passaria com isto, naturalmente, a espição dos seus peccados!... As sutilezas do trabalho de investigação, as exigencias do plano de arbitrariedades, as manobras de sua austeridade, nada disto quadrava ao seu feitio delicado e franzino, ao seu animo covarde e mole como raros... Tudo o que teria de fazer se tornaria uma faina do inferno! Ele não era, de certo, homem para que se exigisse dele, em nome fôse lá de que principio fôse, uma tenacidade capaz de descobrir uma conspiração, que apenas se clareava nas escandalozas frases de uma carta anonima, e na necessidade de evitar que fôse uma realidade o exterminio denunciado. E, então, o dr. Costa Rios, que pasára toda aquela noite em claro, adeantando, desesperadamente, os pródromos do proceso que se inauguraria com a peça anonima, e que seguiria, impávidamente, com o depoimento de todos os suspeitos sobre ela, vinha relatar a D. Jozé as consequencias das primeiras medidas, bem como as

energias de que lançára mão para não serem burladas as providencias garantidoras da ordem publica. E, tambem o trazia, ali, a abafada vontade de protestar contra a divulgação dos acontecimentos pelo *Jornal da Suzania*, que o expunha, deste modo, pouco proprio, ás setas ferinas da opposição desbragada, atirando-lhe sobre os hombros a iniciativa do inquerito, «no qual, ainda mesmo cometendo as mais fatidicas violencias, as mais arriscadas investigações, viesem dese seu procedimento oportuno as consequencias mais dificeis, o sr. prefeito da Ordem Publica, saberia cumprir o seu dever, arrastando os verdadeiros culpados á barra dos tribunaes.» Ora, deante destas palavras da imprensa do governo, sobre o seu nome estava caindo as mais ferozas invectivas, formidaveis acuzações de todos os inimigos do reinado de D. Jozé, e ele, na idade em que a função capital do cerebro humano é a reflexão, não podia atravessar aquella crize, submetendo-se á força irresistivel dos absurdos que lhe ditarian os impulsos irrefreaveis da paixão partidaria. O seu animo sombrio, cautelozo, incapaz de produzir o mal ao mais humilde dos seus semelhantes, a sua consciencia pacifica e prudente, para ser profundamente sensato, tanto quanto os aguerridos de sua parcialidade lhe davam a alcunha de «medrozo», acrescentando os mais gaiatos — pilheria, aliaz, que, apesar de seu genio mizericordiozo, ele não levava a bem — que o *Zezinho* tinha medo de «almas do outro mundo», toda a sua vida bem inspirada, sempre, para a paz e para o bem, ali estava patente aos seus olhos, para que ele não a desmentise, grosseiramente, naquele instante de interesse partidario. E, em luta o seu agarramento ao «cargo

bonito», como ele chamava a prefeitura da Ordem Publica, e a sua fraqueza para ser o homem do tempo, não respeitando interesses de adversarios para tornar triunfante o poder e o prestígio da «dinastia dos pavões reaes», ele opinaria sempre pela continuação de suas virtudes, mas tambem sem prejuizo do cargo, que tantas atenções exigia de todos os seus contemporâneos, que tantas reverencias conquistava de todos os seus coévos... E, quantas bocas, naquele instante revolucionario, não estariam adjetivando-lhe o nome com os mais inferiores epitetos?!... D. Jozé — bem sabia o dr. Costa Rios — era um monarca voluntariozo, indomavel nos seus impetos, quebrando todos os diques a dinamite para prosecução de um qualquer bloqueio que ele, escravo do herpetismo que lhe desnaturava o sangue, pudese imaginar... Mas do que iso, no entanto, egualmente era certo: o rei gostava da estrepolia das retiradas, perdese com isto os soldados que perdese, milhares de amigos ficassem ou não sacrificados, tudo para ele fixar-se de pé ante os destroços de sua imprevidencia e de sua teimozia, tão profundamente insensato nestas emprezas, que não temia roláse pelo mais infetolodo das depravações moraes o seu nome de rei da Suzania... De intimo pacato, entretanto, o prefeito da Ordem Publica, sem querer, comtudo, seria arrastado a todas as incongruencias e disparates, por amor, simplesmente, do cargo que era o seu sonho dourado, o alvo de sua cubica de muitos anos consecutivos... Ora, quando o dr. Jozé da Costa Rios — por que ele era homonimo do seu soberano — se iniciou no estudo dos preparatorios, nos tempos em que, para a matricula sua na Real Universidade de Olinda, eram exigidas a retorica

e a filozofia como capitaes elementos da propedeutica juridica, todo o seu tirocinio de escolar se traçou logo bazeado sobre a ambição das elevadas conquistas na burocracia de sua terra. Que seria um Dantas, um Luiz Antonio, um Cotegipe, um Saraiva—anunciava ele compenetrado do valor social que a sua insistencia no objetivo autoprofetizado lhe sujeria a perspicacia eloquente de sua juventude bem abençoada pelo destino. E não cesava de futurar pozições que lhe adviriam quando homem... Concluido, assim, o estudo das materias propedeuticas, nas quaes não se desenvolveu mais do que se desenvolveram as mediocridades de seu tempo, o *Zezinho*, segundo o apelido do lar paterno, se arrumou como estudante da Real Universidade Juridica de Olinda. . . Cheio de vicios e ainda conservando como um talismã a castidade absoluta da inocencia, até então privado de pasar as noites fóra do leito *mignon* que defrontava, no mesmo quarto, com a vasta cama de cazados dos seus «velhos», o *Zezinho*, apartando-se, pois, das calenturas do ninho paterno, quando chegou em Olinda, teve as rispidas sensações da ave implumada que é arremetida às poeiras humidas do chão em noite dezabrigãda de inverno... Olinda, para o estudante piégas, lhe saía uma terra de extranhos... Quanto lhe doia a alma de injenuo a preocupação de encontrar-se, em toda a parte, com os vultos desconhecidos daquele povo, a que ele chamava «egoista», almas indiferentes á boa pesôa que ele se considerava ser, ao homem puro de que ele era a crizalida em via de dar o ultimo jato da metamorfoze?!.... E, em cada canto, divulgava uma caza nova, em cada rua centenas de homens e mulheres,

em nada estes parecidos com os amoroços paes, que deixára desmanchados em prantos, quando partira da Suzania para aquella nação de indifferentes e dez-amoroços!... Ali lhe deram um correspondente, um presumido commerciante de carnes secas, homem imundo e mal humorado, sempre cheirando as mãos bezuntadas com as gorduras de seu genero de negocios, espozo de uma encantadora figura de mulher, que o traía com dous moços jovens colegas de Costa Rica na Universidade... Quando, pois, o paquete nacional fundeou no porto, um escaler conduziu o commerciante a seu bordo, que logo acompanhou o saudoço manco para a terra, deixando-o no escritorio, enquanto descobria uma «republica» de bons costumes e de habitos morijerados, que lhe servise de rezidencia, com o dever de procurar o recémvindo seu correspondente todas as manhãs, antes das aulas, para lhe dar noticias de sua saúde e dos seus estudos, e tambem com a graça — e que grande graça! — de jantar todos os domingos em sua caza de familia, ponto alegre de universitarios. Ao mesmo tempo, o correspondente fazia-lhe a prohibição expresa das pandegas de qualquer ordem, dos teatros repetidamente, e de umas caraminhólas, que, sendo o sinal dos tempos, se chamavam «ideias republicanos». O *Zezinho*, deste modo, não tinha o direito de optar pelo Silva Jardim, com o menospreço do Conde d'Eu: deveria ser partidario deste porque o Antonio Gomes, o seu correspondente, tal lhe determinára... E, seguindo para a republica, começaram de revelar-se os primeiros padecimentos daquela candida alma de injenuo. O Souza Brazil, estudante de outras terras, gaiáto o humoristico, es-

treiou as troças, levando uma grande dóze de constrangimento ao coração infantil do *Zezinho*... Fôra que vendo este crismára-o logo de — *Dr. Magriço* — fazendo consecutivas observações, e, procedendo ás respectivas medidas nos membros inferiores do *calouro*, que eram, de fato, mais curtos do que o longo tronco... Dali por diante, em toda a parte, no seio das familias, no gremio das republicas, ou nos saguões e corredores da Universidade, o *Zezinho* ficou, forçosamente, alcunhado o *Dr. Magriço*. E ese apelido lhe fazia forte mal aos nervos. Isto determinou que, de uma feita, escrevendo para os paes distantes, lavrase uma tremenda queixa contra o «epiteto injurioso»... E então acrescentava: «Era um desmarcado dezaforo tratarem-no com uma palavra tão esquizita». E, depois de outras largas considerações, proseguia ele, afinando as suas lamurias por um sentimento que brotava do antro intato e virjinal de seu lealdozo pasado: «Era um ato abuzivo dos que faziam barato na sua fraqueza de estrangeiro naquella terra de seu exilio...» Transportado de aborrecimento, Costa Rios teve uma fatigante lasidão de vontades, sentiu-se mesmo atolambado de tédio imensuravel... Quêria rogar ao destemido heróe de sua classificação importuna, mas receiava o ridiculo que o famoso brigão de officio lançaria sobre a sua rogativa, que, aliáz, seria sómente para o desempenho providencial de sua alma curvada ao acobardamento. Ardia num perene dezejo de falar ao seu vaiador... Debalde o tentava, timorato e indecizo, mas querendo de qualquer fôrma receber daquele atrevido zombador dos proximos a familiaridade de quem impetra, com exaltada insistencia, um arrimo

salvador e inadiavel... Quem diria, porém, que o temível lançador de epítetos o arremesaria mais fundo no pelago das vaias e das alcunhas, ouvindo-lhe choramingar a graça de poupar-lhe a mófa e o ridículo de sempre?!... E, depois de escutar-lhe, com carinho, num enternecimento, embevecido, de ouvir-lhe a exaltação lamécha de pedinte, o Souza Brazil, numa fluencia malevola e enerjica, lançára sobre o angustiado moço o oprobio do medo e da covardia... «*Saibam todos* — gritava ele, depois de haver subido para uma meza, de onde soltava as suas frases grosas de um vocabulario frizante — *saibam todos a quantos o belo sol de Olinda iluminar fagueiramente, que o colossal dr. Magriço* — e lá saía imponente e pompoza a malfazeja alcunha! — *que o noso choramingueiro filho familia, acaba de fazer-me confidente de seu grande medo do lobishomem e da alma do outro mundo!*...» Mais esta se creára para redôbro da affição de Costa Rios... De fato, não lhe faziam bem ao espirito as referencias aos malasombramentos e cazos outros de vizajens e duendes... Como soubera disto o inverosimil satrapa daquela republica?!... E o *Zezinho*, tão injenuo e tão puro como os seus felizes paes lhe geraram, achou o caminho das providencias para fugir, de vez, á perversidade do Souza Brazil; e, em termos cheios de banaes galanteios, falou ao correspondente que precisava escapar «daquele antro de malfeitos e dezocupados, que não tinham cansaço para lhe atasalharem o nome e a sua virtuoza educação». Ora, como, entretanto, soubese ter o ardil de regar a sua reclamação com as gotas salinas de seu pranto, o comerciante se comoveu de véras e deliberou, que, daquela data por deante, a «tenra

creança » não mais viveria exúl de sua familia. E, foi no seio desta, acompanhando, de perto, as intimidades de d. Thereza, a formoza mulher de Antonio Gomes, com os seus dois contemporaneos universitarios, vendo como os dois esportos amantes daquela mulher se revezavam e iludiam os zelos do marido desconsiderado, que Costa Rios chegou ao derradeiro ano do curso... Que era preciso afastar-se dali, que era injen-te faltar com o seu testemunho ás incontinencias da adúltera, ele só compreendeu nas vespuras de deixar a Universidade. Mas, voltando ás inhospitalidades da republica, restaurára os atentados dos seus coévos contra a sua precioza tranquillidade espirital, porque nas buliciozas albergatas dos estudantes ficára indelevelmente asentada a tradição de sua fraqueza de animo para rezistir ás aparições dos fantasmas e ás investidas das coizas malasombradas... Obrigara-o a tradição universitaria ao medo das *almas do outro mundo*... Tudo estava cabalmente acomodado para que ele afirmase, por meio de atos proprios, a suspeita que corria terras, com as repetições dos mais galantes epizodios. E, fôra-lhe, então, preparada uma surpresa empolgante: a fantazia dos companheiros de albergue, envoltos, na escuridão de uma noite, em alvos lënçoes, giro-girando em torno do leito pulero do injenuo varão... Desda data, confirmando-se pelo real asombramento de Costa Rios, o seu medo tornou-se uma qualidade efetiva, rememorada pelos adversarios partidarios em todos os tons e nas mais variadas ocorrencias de sua vida politica. Era, portanto, da sua biografia, que tivesse medo... E por tudo isto, não estimaria que, na eventualidade

da «carta anonima», ensejo houvesse de reavivar-se, ainda uma vez, a sua natural fraqueza de animo...

Vendo-o entrar em palacio, Thyrso de Campolide lembrou-se de uma profecia do Souza Brazil: «Ali está um estadista do futuro, que se apegará ao costume caracteristico do uzo das meias cartolas»... Fôra uma paradoxal associação de ideias para renovar uma expressão que bem definira, profeticamente, o prefeito da Ordem Publica...

—A sua presença tranquiliza-nos, por completo... —exclamou o Conego Luz, logo que a autoridade se deffrontou ali com ele...—Indica que todo o reino está no gôzo da maior ordem...

—Então?...—interpelou-o D. Jozé, fitando-o com grande interesse...

—Acabo de expedir as intimações para todos os suspeitos...—logo acudiu o dr. Costa Rios, extendendo a dextra para Thyrso de Campolide, que, vendo-o chegar, desprezou a leitura do *Jornal* para se inteirar das novidades...

—Ainda bem!... opoz o rei, afetando a mais altiva das pozições.

—Era de esperar isto mesmo—acrecentou o Conego Luz, na forte expiração de lizonja que ele não desprezava — atenta a bela organização administrativa...

—E jurídica!...—intercalou Albano, que percorreu, com os olhos chispantes de ciúmes, todos os semblantes para saborear o efeito de sua expressão...

— .. do sr. dr. Costa Rios...—completou o Vigario, com um relampago de intimo regozijo nas feições hipocritas.

Vendo-o tanto apreciado, Thyrso de Campolide não

lhe invejava a ventura, mas, ao contrario, lastimava que do prefeito da Ordem Publica pudese ser temida uma debandada, aliáz quando a crize começada chegase ao seu auge... Ele teria de apreciar-o, ao invetivado estadista, nos efeitos do dialogo com o dr. Vicente de Laet, o qual por certo, atinjiria as proporções de uma delicia impagavel — mixto de raiva e de comico... E o providente reitor supuzera, até, que a apregoada candidez e a grossa soma de escrupulos da timorata autoridade, se decompuzessem na mais franca rendição ás insolencias do adversario...



A banal amenidade do cenário, completava-se, na alcova de Eujenia, que enfermára inesperadamente, com a profusão de oleografias, onde se estampavam as divinas figuras de varios santos da cõrte celeste...

Duas ou trez vezes, numa sensaboria da confusão e da multiplicidade de coizas enxovalhadas, apareciam as lustrozas e merencorias effgies do Coração de Jesus. Inteirando a religiozidade do quadro, nos altos das portas e dos janelões, por onde entravam fartas golfadas de luz, em impresos claros e lejiveis á distancia, o beatismo da mais nova sobrinha de D. Jozé espathára a pia inserição universal...

Salvé!

O! MARIA CONCEBIDA
SEM PECADO ROGAE POR NÓS QUE
RECORREMOS A VÓS

Aurora, 8 de setembro...

Salvé!

Defronte do leito, no vão dos janelões, que se escancaravam para os jardins do nascente de palacio, um

limitado oratório de vinhatico cheio de pospostos labores de negrisimo jacarandá, aninhava as imagens dos padroeiros da virjem, de um lado o milagrozo Santo Antonio de Lisboa, o festejado protetor dos cazamentos e o santo martir do fetichismo em que dejenerava o catolicismo romano nas clases menos cultas da Suzania, e do outro lado a gracioza Nosa Senhora das Candeias, cheia de majestade e illuminativa, com a sua lavorada corôa de ouro e pedras finas... E, em torno do zelado nicho, flores esparzidas, um misal de capas de madreperola e um terço de marfim, que era uma reliquia de familia... Sobre o leito, compondo as rondas de seus sonos e sonhos, bordadas cortinas descambavam cheias de flores de cêra e laços de fita rozea, como a corôa daquele santuario soberbo... No proprio leito, distendida, com o olhar febril, os labios prenunciadoramente palidos, Eujenia aguçava os sentidos para pescar as palavras que lhe dêsem o conhecimento, mais ou menos verdadeiro, da sua enfermidade.

Brazilia vinha sorrateira de sua alcôva muito vizinha, fazendo menção de sentar-se á borda do leito, mas sem efetual-o por um instintivo arrependimento, que nada de real, entretanto, significavã, como falando comsigo propria:

— Mas, tu te levantaste tão bôa...

— Na verdade foi... — interpôz Florinda, a irmã mais velha, com o rosto moreno estirado de fraternaes preocupações... — Ela amanheceu bôa...

— A! és tu?... — inquiriu Brazilia, distinguindo, então, o vulto da outra sobrinha de D. Jozé, semi-velado, na cabeceira do leito da irmã, com as rendas dos lindos corinados...

— Enganam-se vósêas ambas... — soltou furtivamente a enferma, fazendo esforços para levantar o tronco sobre os cotovêlos, que se dobravam, sem resistencia...

As duas correram para a amparar... Era o tempo em que Eujenia continuava :

— Amanheci fazendo das fraquezas forças, para me sustentar de pé...

E a sua voz era meliflua e fraca, como a escasa agua de uma nacente...

Florinda acercára-se do nicho, de costas para o leito, fitando com a silencioza imagem da Santa das Candeias... «Que teria a irmã?!... perguntava ela, no inicio de uma afervorada prece... Que infortunio irrezistivel estaria dezabando sobre aquele lar, jamais dezamparado pelo prestijio da sua padroeira?!»...

Enquanto isto, D. Jozé, surpreendente, e retido numa postura de arreliado, se apresentou entre as trez mulheres, categorico como sempre...

— Muito socego, minha filha!...

E voltando-se para a outra sobrinha, continuou, reiteradamente, encostado já á parede, frente á porta de sua entrada...

— E tu?... que fazes que não descansas?

— Vim agora mesmo rever a irmã...

A retraída fizionomia de Eujenia se abria em trejeitos de quem queria não perder uma pasagem só do mundo exterior. Mas, D. Jozé, compreendendo-a, conseguira dominar todos os seus impetos de tagarela. Brazilia, entretanto, auzente da faze aguda dos incomodos de Eujenia, morria por ter conhecimento de como tudo se pasára...

— E o medico já a vizitou?...—questionou ao tio, muito interesada com a resposta ..

— Ainda não!... Está muito retardado ; aliáz, já havia tempo, de sóbra, para aqui ter estado... Logo que ela teve o incomodo, fui ao telêfono e chamei-o...

— Isto tudo é assim mesmo, minha gente ! E o dr. Paulo Cintra... quando aqui chegar, para render serviços, ha de imaginar doença, e aguçar a...

— Porque não te deixas diso, Brazilia?— interrompeu-a o rei, evitando que a moça, ostensivamente ceptica, mais se emaranhase no dedalo de suas deziluzões...

E, caminho do salão contiguo áquele comodo, concluiu a sua advertencia...

— Ao menos, enquanto não estás restabelecida, procura outra ordem de ideias...

Brazilia não se conteve mais e disse, ruzguentamente, para o tio...

— Foi ele, sim, foi o dr. Paulo Cintra quem me fez despenhar na resvaladia ladeira das dezesperanças...

Como, entretanto, o rei tivese dezaparecido, com a sua indeclinavel prezunção de regulador supremo do universo, a inteligente mulher proseguiu para a enferma, que arriscou um sorrizo contrafeito...

— Olha, Eujenia, minha irmã, não creias em nada do que te disér o medico... Si hoje não tenho ainda perseverança, vontade, dilijencia, dezembaraço e decizão p'ra nada... nenhum outro, si não ele, foi o culpado... Estou bem certa de que precisava ostentar por algum tempo a clinica de palacio, o que é um bom anuncio...

— Metes-te com cada um estafermo de ideia!...— atalhou Florinda retemperada num grande banho de fé,

e cheia deste beatismo das mulheres que pasam a epoca normal do casamento...

—E' que estou farta de ser saturada de dezenganos e descrenças...

—Uf!... que calor...—exclamou Eujenia, movendo-se, agitadamente, no leito...

—Ha de ser tudo assim mesmo...—arrastou cepticamente a historica, erguendo-se, com uma moleza doentia, para abrir uma das vidraças...

—Não! não! não!...—vedou Florinda com muita impetuosidade na fraze... —Estás doida!?... Todo o agazalho é pouco...

—E tu a dar-lhe!... Agazalho, porque?...

—As correntes de ar pôdem fazer mal...

—Mal, a que?... Quem já enfermou porque respiráse o ar renovado, o ar puro de uma tarde fresca e seca?!

—Conforme a molestia...—respigou a sobrinha mais velha de D. Jozé...

—Eu não sinto mais nada... opôz Eujenia... Tudo que eu senti foi na hora...

—Na hora?!...

—Sim, na hora...

—De que?...

—Do sangue...

—E tu tiveste algo mais que esa febricula, que a languidez dos teus olhos lucidos não esconderá?!...

—Sim!... Tu não soubeste?...

—Não!...

—Cala a boca Eujenia!. .—gritou a irmã, numa sublimação de cuidados...

—Que mal faz que eu converse?!...—interpelou a

outra, enquanto Brazília entontecia com a gravidade do que lhe era simplesmente revelado...

— Não é bom falar... — disse, então, a própria Brazília, anuindo á proibição bem pensada de Florinda... E, dando uma volta para o seu quarto, chamou a irmã a quem arriscou uma pergunta em voz muito disfarçada...

— Que foi que succedeu de sangue?

— Eujenia vomitou bastante...

— Que?!...

— Bastante sangue...

Uma só fraze, tão expresiva quão espontanea, escapou dos lábios da histerica, espontando a sua pena, como si podase uma arvore, em razão do recinto e da enferma...

— Coitadinha!...

E, então, a joven creatura, como si no seu pautado e sombrio cerebro, repentinamente escachoáse um vulcão de pensamentos tetricos, pensou que a irmã sucumbiria, muito proximo, daquele padecimento infernal. Começaria com os vomitos de sangue, e os pulmões se iriam fazendo algareiros, cavernosos e despedaçados, cada jato de sangue novo representando mais do que uma dezena de mezes de vida, representando a deflagração total daquele organismo fragil, o prejuizo completo daquele espirito de mulher sensata e rica de desvelos... Em nenhum outro fato, a miseria daquele corpo se revelaria mais proxima: o sangue é a linfa animal, é a vida... E, que prorrogação de existencia poderia ter aquela que eliminava o sangue aos gorgolões, cada golfada nova representando uma centena de capilares que se rompiam, devastados pelo microbio supinamente

demolidor?!... Naquelê estado lastimavel, Eujenia não seria mais uma esperança, era toda uma desiluzão iminente... Mas, o rei falára no medico, nese ardilozo embaidor da verdade, que viria, como no seu cazo recente, favorecer o niilismo dos infinitamente pequenos, porque tizica não se curava então... E o nome da enfermidade impetuoza escachou-lhe desbragadamente, até que ela o eliminou pela palavra articulada, num mixto de susto e de amargura indefinida ..

- Tizica!... E a pobrezinha está vitima dese desgraçado mal!... Está ali e está cerrando as palpebras... Para que a submeter á iconoclasia do medico?...

Florinda, que, do outro comodo, ouvira os murmurios das lamuriozas palavras de Brazilia, teve a judicioza conduta de abafar-lhe a voz com os pasos soantes... Vendo a outra seguir-lhe as pegadas, a historica sobrinha de D. Jozé, cerrou caprichozamente os labios. Depois de um curto silencio, como si entendese de concertar a cadeia de seus esforços para tentar um plano afin de vencer uma preocupação, segredou-lhe com uma persuaziva manha feminina...

-- Para que vão deixar que o dr. Paulo a veja?... Olhem que é para a matar mais depresa... E' isto, que eu estou dizendo!... Medico não é brinquedo...

— Sempre a tua incomensuravel têlha... — sacudiu a outra, num peganho de atramochada defeza...

— O! minha irmã! pois já te não basta meu cazo?... Estava eu sã... Os ataques, eu os tinha desde creança...

No quarto de Eujenia, entravam o medico e D. Jozé, seguidos da senhora Madalena que, pizando na ponta dos pés, esticava as pernas diminutas para divizar a enferma pelo alto da cabeceira do leito. A sobrinha do

rei, com uma singular sem-ceremonia, entregou-se a todos os caprichos da auscultação e o estetoscopio de luminoso metal e tubos de encarnado *caoutchouc* francez poizou, como um instrumento de alta valia para o diagnóstico dezenganador, sobre a alvura empalidecida de seu virjem colo de mulher. E, como um complemento, o dr. Paulo Cintra ordenou á cliente, depois de aplicar ambas as mãos de compridos dedos nervozos sobre as espaduas desveladas da titulada princeza Eujenia...

— Profira, Alteza, pauzadamente, trinta e trez... Trinta e trez...

Sorrira a enferma, mas obedecera...

Renovou-lhe o clinico a ordem, e salientou desta vez...

— Silaba por silaba...

— Trin...ta e... trez...

Enquanto do semblante abaçanado do dr. Paulo Cintra se apoderavam as pezarozas linhas da descrença, sentindo, claramente, pelas extremidades dos dedos, as roncarias de mar alto que se repetiam naquele franzino torax de mulher... Brazilia lamentava a ineficacia da ciencia que recorria aos comicos estratajemas dos «trinta e trez» para tomar conhecimento de um cazo patolojico, cujos similares antecedentes se perdiam nos tempos prehistoricos da vida humana... E, apezar da gravidade do ato, ela sentira impetos de desfeitear a indijencia de erudição daquele profisional acreditado e rico de recomendações. Todavia, para não escandalizar a cena, postou-se, velada nos cortinados do leito, junto do alcachinado vulto da velha e gordanchuda prima do monarca, incapaz esta de proferir um simples monosilabo naquele instante...

—A que horas teve a hemoptize?...—pesquisou o medico, retorcendo o largo labio inferior de mestiço, e voltando-se todo para ouvir as explicações de Florinda, colocada por traz da cadeira em que o cientista tomára asento...

—Perdão, minha senhora!...

—Ora, doutor!...—replicou a sua fidalga interlocutora, proseguindo...

—A's duas horas...

—Que quantidade, pouco mais ou menos?... Muito?..

—Não, doutor...

O medico sacudindo o busto, rematou...

—Está bem!... E' preciso receitar...

E, sacando da algibeira interna do jaquetão de flanela azul o livro das receitas, foi cochichando ao rei...

—E' um cazo gravissimo!...

—Calculei, doutor... A abundancia de sangue encarnado indicou-me a gravidade do cazo... Deixo-a entregue aos seus peritos cuidados...

—Não ha duvida, Majestade...

Nas ante-salas, os «pavões reaes» disentiam o relatório verbal do prefeito da Ordem Publica, quando o dr. Paulo Cintra surtiu acompanhado do rei.

Desde o instante em que a figura patricia e aflita de Florinda lhe interrompeu as confabulações para participar ao tio a catastrophe que ocorria num dos commodos privados de palacio, sómente na auzencia do confuzo soberano se discutia a confluencia asustadora dos ultimos fatos politicos. A' sua chegada, porém, renovavam-se os protestos de interese pela interrompida saúde da «princeza enfermada». Vizivelmente embaraçado, sempre que repizavam sobre o cazo, D. Jozé economizava

explicações, e os « pavões reaes », gradativamente intimidados com o rancor silencioso do soberano dezoado, entreolhavam-se, sempre que ele reaparecia, com o semblante muito palido de tio agoniado... Assim, foi, a propósito, representando a síntese de muitos cálculos, que o Conego Luz arriscou ao rei, em presença do medico...

—Folgamos muito de saber que a Virtuosa Princesa D. Eugénia apresenta esperanças melhoras!..

—De fato, parece!...—adeantou o dr. Paulo Cintra, com o fim de atenuar a intemperança das noticias de alarma, que dali se irradiariam pelo canal de tantos palacianos curiosos...

—Afim!—perguntou Thyrso de Campolide, arremesando na leviandade de sua interrogativa toda a licença permitida pelas intimas relações conservadas entre ele e o rei, em consequencia do antigo compadresco de ambos...—afim, que teve a Princezinha?..

—Um incomodo gastrico de menor importancia, espantando, porém, porque trouxe uma febricula...

—De quantos graus?...—interpelou o dr. Albano Mangueira, apezar de seu desprestijio profisional naquella roda...

—Poucos decimos acima da temperatura normal...—concluiu o dr. Paulo Cintra, á medida que se afastava com o rei, para o gabinete reservado deste, onde lançaria ao papel a formula batida de ergotina para os casos daquela especie...

Assistindo o medico escrever o receituário, D. José ia interpellando-o sobre toda a marcha da cruel tuberculose. E, por fim, dezanimado, exclamou...

—É um caso perdido!...

—Não desesperemos, entretanto, porque a medicina pôde muito bem ser eficaz...—concluiu o medico...

Mas, palavras estas não eram ditas pelo dr. Paulo Cintra, quando um famulo lhes interrompeu o colloquio, felizmente porque o monarca se estava desgostando, naquella faze dolorosa de sua existencia de tio amantissimo e de rei, quando lhe seriam prejudiciaes as mais simples convulsões de sua revolta...

—Majestade!...—exclamou o servo de palacio...— V. ex. é procurado pelo Marechal Pio Sanches, que precisa falar, segundo diz, a v. ex. em muita rezerva...

—Trazo-o para aqui...—suspirou o rei, a quem desconcertava a multiplicidade dos aspetos em que se debatiam, infortunadamente, as suas reaes intencões de chefe de nação e de familia.

Depois de conhecer a urjencia misterioza do marechal, o medico real pozera, familiarmente, o sobretudo no braco e, segurando a aba do chapéu, começou de despegar-se daquelle lugar rezervado, onde se discutiriam, dali por diante, os asuntos mais intimos do governo...

—Então—dise D. Jozé, quando, tendo-se escafedido o medico, lhe apparecia o marechal, militarmente vestido com a sua bluzza de *elasticotina* negra, os punhos, os peitos e os hombros repletos de símbolos dourados—então, meu marechal?...

—Tudo descoberto!...

—Descobriu que a *bernarda* se ramificava, como um polvo de grandes tentaculos, até ao seio dos meus exercitos?...

—Francamente... Mas... temos asuntos importantes sobre que firmar conchavos...

—Coiza de costa acima?...

—Sim... Tenho medo até das portas escancaradas...
Dá licença, Majestade...

E o espadado militar, cujos hábitos da carreira, originados na tarima, lhe modificaram a anatomia das espaldas, elevando o hombro esquerdo, onde descansava o pezo das carabinas, com prejuizo do direito, ergueu-se num imperioso puxão para fechar as portas com as chaves respectivas... De volta deste serviço inadiável, chegou a sua cadeira para o mais perto possível da direita do rei, e atacou um sorriso maligno, tirando, numa mimica extravagante, um pacote de manuscritos da aljibeira interna do *dolman*... E, apontando os papeis, murmurou compenetrado da importancia de seus serviços:

—Aqui está a traça de guerra!...

—De guerra?!...— acudiu o monarca empalidecendo e fungando as largas narinas, ao tempo em que a sua respiração acompanhava na iteração o ritmo cordeal de intranquilo e colérico...

—Não; de guerra é um modo figurado de expressão...

—Vamos saber...— epilogou o rei, cortando a sequencia do incidente...

—Encontrei dois complicados...

—Só dois?...

—E ambos de nosa confiança...

—Ora, marechal!... E' bom este seu disparate... Poderão ser de nosa confiança aqueles que conspiram contra nós?...

—Pois são!...

—Não lhe compreendo...

—É natural... Que exclamará v. ex., porém, si eu disser que os unicos militares implicados são...

—Quem quer que sejam eles, são dois traidores...
—precipitou D. Jozé, na imprevidencia dos apuros em que se collocava para o que lhe dizia o marechal...

—Talvez não sejam, Majestade...

—Eu acho-o perigozo, marechal...

—Diria Sua Majestade que é traidor o seu sobrinho...

O rei sentiu-se desfalecer e abrindo enormemente os olhos, roncou...

—Meu sobrinho?!... O irmão de Brazilia o meu ajudante de ordens?!...

—Seria o matador...

E como D. Jozé silenciase succumbido, o militar proseguiu...

—Além do major Fulgencio...

—Meu sobrinho traindo-me?!...

—... sorpreendi a cumplicidade de meu cunhado...

—Tambem o tenente Ramires?!...

—Que dizeis a isto, Majestade?...

—Estamos perdidos!. .— exclamou o rei balançando largamente a cabeça...

—Não, Augusto Rei... Salvaremos ambos para salvarmos a nosa situação...

—Que fazer?...— interpelou o monarca, reanimando-se e identificado com o marechal planejador...

—Para o major Fulgencio, destacaremos um piquete que ele comandará, estacionando nos limites do voso reino com as terras inhospitas dos sertões goianos...

—E para o tenente Ramires?...— inquiriu o rei, na comunhão ignobil de abafar baixezas para não se desprestijiar e ao seu governo...

— Ora, Majestade!... Não me fale nese traste... Arremesal-o-emos para as profundas, e, dias depois, reformal-o-emos a bem do serviço publico...

— Sim, até certo ponto poderíamos isto fazer... Mas... si fizeseamos com ambos... o meu e o seu..

— O urgente — interveiu de pauza o marechal Pio Sanches, acendendo um charuto, que começou de deitar fumaças — o urgente é tocarmos tal gente daqui para bem longe... Depois cuidaremos do resto que lhes ha de ser dado. .

O rei, decendo as palpebras para o chão, batia com a concha da mão esquerda no punho fechado da direita. Olhando o fumo de seu vicio, que subia tortuosamente, o militar fez uma ligeira pauza, que se quebrou quando o soberano atacou, por entre a expansão consoladora de um longo suspiro...

— Está direito!... Que desgraça, porém, é tudo isto!...

— De onde menos se espera... — disse o marechal, applicando habilmente o brocardo da sabedoria comum .. — é de onde nos chega...

— Graças ao Senhor!... — avançou o rei com uma expressão patetica...

— Eu cá não deixaria a coiza assim...

— Que farias, marechal?...

— Arrumava noutro.. as favas que o asno comeu...

— Eu sei lá!... — duvidou D. Jozé...

— Não ha para onde correr... E' preciso sermos corretos nisto, já que o *Jornal da Suzania*, com toda a pernicioza imprevidencia, divulgou que, suspeitando o rei de que houvesem cúmplices nas forças militares, me fôra ordenado um inquerito rigoroso... Compreendeis bem, Real Senhor... a não publicação dos resul-

tados dese inquerito combinada com os destacamentos inesperados de nosos — e o militar dizia isto com a boca cheia — parentes, os adversarios terão assunto para as maiores invetivas e insinuações...

— De fato!... — anuiu o rei...

— Foi por isto que eu pedi as portas trancadas...

— Mas, que fazer?...

— Transferiremos as responsabilidades para dois outros...

— Não!... Aguarda um pouco...

E, tecando o fronteiro botão da campa eléctrica, o soberano foi acrecentando:

— Ouçamos o que diz a respeito o dr. Brijido Galo...

O marechal Pio Sanches asentira, com os mais positivos movimentos de cabeça. Entretanto, intimamente refletira: «— Antes este do que o outro... É intoleravel aquele dr. Thyroso de Campolide... E, depois que me referiram a asqueroza historia da tenia arreliativa... apesar dele viver a bruhit as unhas com cinzas de fumo, e de aparar, semanalmente, as barbas e os cabelos... vejo-o nojento...»

— O dr. Brijido — renovou o rei, cortando o fio das locubrações do marechal Pio, depois que um servical de palacio, obedecendo ás indicações reaes, se incumbira de chamar o poeta niponico nos salões onde conviviam, áquela hora, «os pãvoes reaes» — o dr. Brijido é um moço, que se tem salientado pelo criterio e segurança de suas opiniões... Está talhado para ser um grande estadista...

E o marechal escuzava de saber todos os pormenores decorativos daquele embrionario homem de estado. Mortal e intraduzivel desgosto cauzára, ao grupo dos

palacianos, ao resto daquele dia e horas seguintes, o criminoso deacato aos seus pasados de lealdade, que era aquela desmarcada preferencia, para um tudo, com que o rei distinguia o mais moderno de todos os « pavões »...

— Que tal, sr. dr. Thyrso?!... — asinalou Albano, magoado com aquelas incompreensíveis anomalias reaes...

— Belo!... Bem se dise, em todas as ocações dificeis, especialmente, que os ultimos serão os primeiros... — confirmou o circunspeto reitor da Universidade, não podendo, mesmo deante daquela assembléa de competidores, abafar as raivozas imprecações que o incendio pavoroso de seu altaneiro espirito, então amachucado, sem a minima deferencia, lhe tanjia estupidamente pelos labios afóra, impoderozos estes para as reprimir...

— E nós outros, idolos de ainda ha pouco, antes do improvizamento dese menino, tornados bonifrates!... — interpôz o Cenego Luz, cuja familiaridade no grupo dos « pavões reaes » descambava em charra irreverencia.

Todas estas e outras considerações, faladas ali assim, entretanto, todos estes e outros comentarios que se chocavam, em todas as direcções como as vagas batidas do vendaval, ou dos furacões, se perdiam de encontro ao dique da temeridade dos palacianos, que lhes fazia incapazes de rirem-se quando o rei chorase, ou de sentir um mal quando D. Jozé sorrisse... Intimidados todos eles pelas imperativas atitudes do absoluto monarcha, nenhum, sobre aquelas repetidas e amesquinhantes preterições, formularia a explicação mais plauzível ou o protesto mais humilde. Sem bem se dar fé porque, cada qual se anulava deante da autoritaria

figura do rei. E, assim, ganhando com a puzilanimidade fermentada dos outros, o poeta figurava na culminancia das situações perigozas, ouvida a sua palavra pelo rei, com o prestijio dos pareceres mais sabios. Tambem, eram-lhe sempre gostozas as impozicoes do rei e honras as suas ordens, pelo que o dr. Brijido Galo se sentiria bem com as multiplas diligencias que proviesem de D. Jozé, fosem elas servicoes de simples ordenanca e estafeta de palacio, ou distinguidos servicoes de confidante e consultor, como daquela vez.

Mal entrara, fozozo na envaidecida prozapia de seus meritos exajerados, nos comodos rezervados do rei, e a sua atencao fôra reclamada com a intimativa formula de sempre...

—O' meu caro doutor!... Ouve lá, e dize-me si poderás lembrar outro alvitre...

E, porque o rei acrecentara «eu penso com o marechal», o poeta de funcoes exacerbadas, teria emitido, de ante-mão, o seu parecer de apoio ao militar. Contudo, simulando-se livre de qualquer suborno, aliáz voluntario, de parte do monarca despotico, o dr. Brijido escutou, atentamente, a expozição dos fatos e as providencias, que, para a erize, creára o chefe dos exercitos da Suzania. Por fim, impaciente por dar as provas mais cabaes de sua consideração ás opinioes de D. Jozé, pondo em pratica todo o canhestro desdobro de sua humilhação injenita por uma ralé de intereseira dedicacão, embora mastigando as palavras e não completando as orações, subscreevera os alvitres do marechal Pio Sanches.

Asentaram, os trez, a transferencia das responsabilidades do major Fuljencio e do tenente Ramires, na

aterradora previzão de que, nas explicações trocadas pela imprensa, a tentativa de movimento sediciozo fôse atribuída áqueles officiaes da confiança real. E porque, nas praticas intimas da disciplina militar, outros fôsem de rebeldia proclamada, o que, não poucas vezes, desesperára o marechal, como os accidentes mais perigosos e mais atentatorios da sua integridade de comandante em chefe das forças de terra, nenhum ensejo melhor se lhe oferecia para os punir de culpas preteritas...

— Mas, é uma injustiça esta fatal... — quiz exclamar o poeta japonéz... Comtudo, conhecendo bem os perfidos planos do marechal Pio Sanches, e a aprovação, que, com grande antecedencia, lhes déra o rei D. Jozé, o joven economista e consultor do soberano da Suzania, teve o senso pratico da inexcedivel dedicação, limitando-se, como a auspicioza estrela de todo o reino, a questionar, meigamente...

— E a opinião geral dos exercitos de nosso Amado Rei?...

— Mover-se-á para o lado em que a minha voz de comando se ecoar... — acudiu o comandante, o que deu lugar a que o dr. Brijido acrecentáse...

— Não se encontrou, marechal, meio pratico até hoje para se encarar fito com o sol... Lembro a opinião dos exercitos reaes!... Será difficil que ela se revolte contra a farça em que se os inclúe?...

— Farça?... — interrogou o monarca...

— Sim, Majestade... — E, torcendo a significação offensiva de seu frazeado, o poeta dezandou em explicações. — Sim... Porque é uma farça querer alguém ustentar ideias contrarias ás de seu soberano... Em

todo o caso, opino por que os responsáveis apareçam, e, como questão de disciplina...

—E de interesse real...

—... e de interesse real — aproveitou-se o poeta da expressão do marechal — penso que não ha tempo a perder-se: para os verdadeiros culpados... lonjinhos departamentos nos confins da Suzania... para os responsabilizados pela conveniencia politica... exclusão dos exercitos reaes, porque foi abolida a pena ultima dos fuzilamentos...

—Si não, si não!... — interpôz o monarca, rindo-se prazenteiramente...

Ergueu-se o marechal Pio Sanches para dali se retirar. D. Jozé pediu-lhe que não retardase as providencias penaes...

—Pois não, Meu Rei!... Amanhã se lerá, em todes os quartéis, a exclusão dos sediciozos...

E acentuou, com ironia, a ultima palavra. O dr. Brijido Galo, imprimindo aos seus traços fizionomicos uma expansão de riso e alacridade de que não estava, de fato, possuido, todo acabrunhado, aliáz, com as injustiças de que fora parceiro com o seu consentimento, delibèrou esquivar-se de apresentar a novidade aos «pavões reaes», e disse...

—Ben, e então agora o marechal comunicará a todos os nosos amigos que nos aguardam nos outros salões, as noticias do que apurou no seu inquerito...

—A! sim... Deve ser isto... — acudiu o rei, com estranha vivacidade...

—Pois sim!... Vamos a isto... — respondeu sercamente o marechal...

E, erguidos todos, escancararam se as portas. Numa

antesala, um servo esperava o rei, empunhando uma salva de prata, com um despacho telegrafico, em timbrado papel azul... Abrindo-o, o soberano leu-o de um trago. Depois, ufano, repetiu para os circunstantes, prevenindo-os do que lhes apresentava.

— Um telegrama que vale uma existencia de rei ameaçado... E' do noso Oraculo, é do noso Profeta, do Rei dos Talentos, é de Job Limeira...

— Extraordinario!... adeantou Albano Mangueira sacudindo, nervozamente, o seu rosto bexigozo e rico de tiques de emoção.

— Escutae-me... — continuou D. Jozé. E leu: « D. Jozé, rei da Suzania. Recebei o mais estreito amplexo de meu coração. Deus vos vizitou ás vesperas de voso aniversario, olhando muito pela vosa vida. Esa benção que ele vos lança, embalsama de esperanza o voso sofrimento e espalha flores do céu no voso natalicio. — Job... »

Depois disto, D. Jozé sucumbiu.

— O rei faz anos... — exclamou jubiloso o Conego Luz, enquanto o marechal Pio Sanches começava de dezembuchar o fruto de suas proximas facanhas... E, dali por diante, toda a cõrte lembrou-se, que, de fato, no dia seguinte, era o natal do rei...

Com os primeiros indicios da manhã do dia real, a esa hora em que pequenos grupos de operarios madrugadores iam pasando em busca do trabalho jornalheiro, a cada momento surdindo de todos os lados ruidos novos, formavam os exercitos do marechal Pio Sanches, para a grande parada de habito nos dias de

festa nacional. Suspicaes vultos de ociozos matutinos agarravam-se ás arestas das esquinas, agrupando-se, então, ao sul da praça, as alacres companheiras dos soldados, embiocadas algumas nos seus chales e *fichis* de côres, vivamente escandalozas. E as creanças, encontrando sempre as senhas para todas as liberdades desculpadas pela idade, rolavam, em cambalhotas e cambapés, sobre a verde relva coberta das abundantes gotas do frio orvalho da noite. Os garótos frescos e lépidos, tomavam pozições de recato e de atençaõ na ribança fronteira dos quartéis, cujos portões fartamente escancarados, despejavam novas companhias de praças, novos batalhões dos reaes exercitos. Na praça, corredor, como si azas tivesse, um petiz da cor da noite mais escura, de rosto deformado com enormes carnes que se amontoavam na face esquerda, gritava, com brados altisonantes, a ultima edição do *Jornal da Suzania*, consagrada ao aniversario do augusto monarca D. Jozé. Raros espetadores adquiriram a gazeta, em que se rendia o preito de um retrato do rei, de belos artigos congratulatorios e de minuciozas informações, não só sobre a precioza saúde da sobrinha do rei enfermada, e por grato encomio princeza d. Eujenia, como tambem sobre as averiguações acerca das ameaças de sedição, com a morte, de que fóra alvo o poderoso soberano. E um official menor, disponivel naquela manhã, de pose do *Jornal*, sensibilizou-se com as notas graves expendidas sobre a sua milicia. Lá estavam as expulsões de dois camaradas distintos e destemidos, valentes soldados e carinhosos paes de familias, porque conspiraram contra o rei... E noutro trecho, tambem, a epigrafe sugestiva—*Criminozo evadido*—que era a his-

toria de que, por implicado na conspiração, ou perseguido pelo pederio do reinado, o agresivo jornalista dr. Vicente de Laet fugira para terras do extranjeiro, em companhia do ex-monarca D. Oscar... Por fim, mais adiante, os comentarios acres sobre a impotencia da oposição que conspirava e desaparecia aos primeiros toques de rebate das forças do traído...

Naquele momento, por toda a praça, correu um fremito de sentido: as carabinas perfilaram-se nos hombros dos soldados, as espadas dezembainharam-se, e o sol, rasgando as altas e espesas nuvens do nascente, se descobriu altaneiro e invencivel dos homens... Era o marechal Pio Sanches, que chegava, para comandar em pesôa, naquele dia de festa nacional, o seu exercito em uniforme de grande gala. Alheios á infelicidade que iria ferir-lhes de subito, os dous officiaes expulsos comandavam as suas fileiras. Já ser lida a ordem do dia fatal...

Tudo se fez com uma brevidade carateristica. E, minutos depois, ao desfilar do batalhão, em paseiata militar, pelas velhas ruas da capital da Suzania, já as duas vítimas da prepotencia czareana do marechal Pio Sanches, estavam afastadas de suas fileiras, curtindo a mizeria da falsa acuzação... Os verdadeiros traidores, porém, seguiriam horas depois para os seus exilios...

Lendo as locaes diversas do *Jornal da Suzania*, o dr. Thyrso de Campolide pode alcançar a antipatia e o dezagrado que as medidas violentas contra os militares cauzariam nas clases conservadoras do reino da Suzania, punidos os instrumentos quando os delineadores da conspiração, isto é, os seus responsaveis intelektuaes escapavam, dirigindo-se, ás ocultas, para as terras dos vizinhos reinos do Rio e de S. Paulo, em zonas do

Brazil... E, num impeto de decisão bemfazeja, áquella mesma hora matutina, em que centenas de olhos avidos devoravam as descrições enraivecidas das occurrencias, a figura imponente do reitor da Real Universidade, maciamente, como de seu costume, incapaz de adeantar um passo fóra de uma marcha muito certa e muito segura, se encaminhou de palacio, remoendo ideias que salvassem o rei do desprestijio publico, ao certo se o acuzando de despotico... O rei, entristecido com a enfermidade da sobrinha, para a qual o medico assistente, na vespera, á noite, para aquelle dia, pedira uma conferencia com dois sabios colegas, nenhuma importancia estava ligando ao lodaçal em que se envolvia a sua alma com os sucesos e as violencias daqueles ultimos dias. Mas, apesar dos seus desvelos e anciozos cuidados de tio, si uma voz amiga, geitozamente, lhe abrise os olhos da alma para esquadrinhar com atencão o apavoramento de que se possuia o animo publico, D. Jozé poderia romper as trevas em que tinha mergulhado o seu espirito, e retrocederia para felicidade do seu reinado e paz de seus suditos. E, confiando nos dois elementos de que iria dispôr junto do rei—de um lado, a sua astucia para lhe apontar o despenhadeiro em que ia descambando o seu trono, e do outro, a domabilidade do monarca si lhe fõsem esclarecidos, bastamente, os eminentes perigos consequentes de sua attitude—Thyrso de Campolide foi buscal o ainda nas frescas vestimentas da intimidade palaciana, abordando, sem preambulos, o magno assunto de sua vizita...

—Apezar de preterido por ti, nestes ultimos tempos, não me achei com animo de querer desprezar-te quando mais precisas si fazem as luzes das vélas e candeias ra

escuridão em que te collocaste imprevidentemente... — disse o filozofista, não podendo reprimir o relampago em que a impetuoza onda de suas considerações creceu, gruiu e transbordou soberana e vitoriosa...

O rei, como si uma fria lamina de metal lhe rasgase o ventre abaúlado, extremeceu com a iniciativa de Thyrsos... Como se estivesse, pois, para succumbir, levou ambas as mãos ao abdomen, em cuja frente entrelaçou os dedos, numa attitude desconsolada de abade repleto, correndo-lhe um arripio friorento por toda a espinha dorsal... O seu primeiro impeto foi para romper, por uma vez, com o atrevido palaciano... Refletindo, porém, começou de falar com uma entonação cortante ..

—Aqui, meu caro, ha muito pano para as mangas, si formos apurar as nosas mutuas arrogancias...

—Perdôa, Majestade!... — desculpou-se o filozofista... — Mas, é que não tenho arrogancias quando te falo como amigo... Tenho estudado, fóra do compromisso de apontar-lhe medidas occasionaes, de que tem tido a escabroza incumbencia o dr. Brijido Galo, a difficil conjunção que atravessa o teu trono... E, francamente, venho enormemente dezolado com as escarninhas providencias que o *Jornal publica*, seguidamente, como triunfos e conquistas do teu prestijio de autoridade, não pasando, entretanto, de vestijios da dezorientação de teus auxiliares...

—Não é decente que me censure agora, quando me sinto forte com as deliberações de meus serviçaes... — aclarou o rei, no propozito de não aceitar as censuras de seu palaciano...

—A! infelizmente, os fatos me dão direito de assim te falar... Que é dos responsaveis capitaes, que é dos planejadores de tua morte?...

—Fujiram... mal intimados foram para o inquerito...— tornou o rei, com um esquizito semblante de apreensivo...

—Não, Majestade!... O teu Prefeito da Ordem Publica deixou-os fugir, vinte e muitas horas depois de mandalhes a intimação para o proceso...

O monarca, num movimento de retirada da sua defeza, vendo a inepecia do dr. Costa Rios pasar-lhe aos olhos, como a estrela de sua decepção no firmamento de sua vontade, dilijenciava por anular-se deante da terrivel suspeita que Thyrso lhe creára na alma contra tudo e contra todos... Mas, o reitor da Universidade proseguia...

—Tempo houve para que todos os responsabilizados deixassem os seus depoimentos... E, permite a franqueza, esa autoridade que se diz ter medos e fraquezas, qualidades mesquinhas que os adversarios exploram, é um rendido nas crises de teu governo... A sua inercia proteje os patifes e os criminosos... A sua indolencia facilita a fuga dos responsaveis...

—A! sim...— disse exclusivamente o rei, succumbindo de mais a mais...

—O mal aí está e o peor ainda ha de vir!...— exclamou o filozofa, querendo judiciozamente aproveitar o retroceso das alegrias do rei politico...

—O peor?!...

—Sim!... Pensas tu que a atmosfera de opresão e de tirania, estabelecida com a violencia da expulsão de dois officaes de teus exercitos, no dia do teu aniversario natalicio, seja uma medida capaz de produzir segurança para o teu governo?!...

D. Jozé olhou, nervozamente, o seu collocutor ener-

jico... Este falava vertiginoso como um bólido perdido nos espaços...

—Pensas tu que animará o teu povo a paseiata militar, quando todos sabem, que, na ordem do dia lida aos teus exercitos, se consagrou a perversidade do marechal Pio Sanches?! Pensas tu que quando o teu palacio abrir os janelões e as suas vastas salas se encherem de semblantes rizonhos e felizes, estarão ao teu lado bafejando, sem sinceridade, as tuas faltas contra o povo; este se engalanará porque festejas o teu natal?!... Enganas-te, D. Jozé!... Sei porque te falo; sei porque te converso lealmente... E' de pasmar que tenhas deixado escapar das punições delinquentes consumados, arruinando com os teus rigores os menos criminozos.

Neste ponto o rei fez um sinal de pasmo, exclamando, com interrogação:

—Quem te dise!?!...

—Compreendo-o bem!...—respondeu o outro para continuar...—Que responsabilidade terá o braço que pratica uma infamia porque a cabeça pensou pratical-a, porque o cerebro assim determinou?!... Os infelizes, sobre quem recaiu a furia daquela féra...

Ouvindo isto, novamente, o rei se perturbou, descobrindo, talvez, que Thyrso estava no conhecimento das ignominias com que ele pactuára...

—...os despojados dos postos militares, são duas vitimas... Si criminozos eles são, merecem a graça...

Como o rei fizese um semblante de contrariedade, o filozofa repizou...

—...sim! merecem a graça de tua majestade... E' sabido que ninguem se arrependera ainda de haver praticado o bem... Perdôa áqueles que punistes, porque não

punistes áqueles que fizeram os outros pecar... A paz de teu reino isto quer... Eu te falo em nome do interesse que tenho na segurança do teu governo. Ouço, em todas as partes, desfavoráveis comentários á tua politica. Chegam a acuzar-te de mendacidade...

—Mentirozo?!... Eu?!...— gritou o rei numa explozão de seus mais intimos veixames.

—Sim, Majestade!... Dizem isto!...

—Mas, porque, meu Deus?!...

—Porque desconfiam da autenticidade da carta que recebeste...

—Tu a viste...

— Sim!... Verdadeira como ela... Mas, nem todos a viram... E a consequencia de tudo isto é que os teus inimigos propalam a astucia dos teus planos para asfixiar, como fizeste, as tuas opozições... «A carta é uma mentira e as violencias vizam a morte dos adversarios»... é o que muitos proclamam...

—Então!? ... que fazer para coibir a distenção desas suspeitas!...

—Abrires mão do que está feito...

—Mas, como!?...

—O momento é propicio... O teu natal é um achado... Que te custará lançares hoje um perdão a esta cafila de malaventurados, grandes e pequenos lazarentos de alma?!...

Um pajen, trajando a libré palaciana, apontou na porta...

—Dá licença, Augusto Senhor?!...

—A! sim...—respondeu o rei, enquanto o dr. Thyurso de Campolide silenciava deante daquele incidente...

E o monarca segurando o papel que lhe trazia o pajen, abrindo o semblante num sorriso soberbo, leu:

—*Boletim medico*... 8 horas do dia... Temperatura 37.º... Pulso... 85 pulsações...

Porfim, muito afetuozo:

—Estado geral da enferma: Tranquila, bem disposta, e com tendencias a melhoras consecutivas...

O filozofu comprehendeu o justo motivo da rejia alacridade...

—Aguarda um pouco, Thyrsu... Vou beijar a sobrinha, com intima satisfacão, deante dos termos do *Boletim medico*...

E o monarca afastou-se. Então, como quizesse lavar o documento autentico de seu triumphu, Thyrsu foi escrever na meza proxima... Era o decreto de indulto aos condenados...

Poucos minutos se passaram. Voltando, o rei leu a peça legal que lhe preparara o reitor da Universidade.

—Sim, senhor!—dise o soberano, depois de relel-a, bonacheirão...—Está lavrado por mão de mestre!...

Sorriu-se o filozofu e hipocrita abraçou o seu monarca...

—E' a paz que tu derramas no teu reino, em dia de teu natal...

Durante todo o dia o rei fôra alvo de manifestações intimas de seus palacianos. A todos, porém, ele comunicava o seu grandiozo ato de bonhomia. O dr. Brijido Galo saudára o rei pela sua grande perspicacia politica. E chegára a dizer galantemente...

—Era ese o meu plano!... E si já o meu Amado Rei não tivese pensado nele e o realizado com tão feliz exito, eu me arriscaria a propôl-o...

No intimo da familia de D. Jozé reinava um prazer

intimo: era o fruto das averiguações medicas na manhã daquele rejio dia de natal. Brazilia, reconfortada com os calmantes que lhe davam os medicos por meio dos seus conselhos e alegres prescrições, abolira um pouco de seu pensamento as ideias tetricas de claustro e de morte, para pensar, mais largamente, no seu proximo encontro, na noite daquele dia festivo, com o amanuense de seu amor, que, por certo, viria fazer parte dos manifestantes de seu augusto soberano. Entretanto, Eujenia, preza ao leito, embora que dando esperanças aos seus medicos, não de cura, mas de prorrogar a existencia por algum tempo, sentia-se enormemente contrafeita — e era a unica! — porque não sairia, como medida de resguardo, do macio leito, para, em pesôa, participar dos regozijos que reinariam nos salões de palacio. A senhora Madalena, com a sua lingua atrapalhada e viciada com o murmurio das suas rezas de cristã, por adaptação, consolava a filha mais nova do rei...

De momento a momento, como plagas em preia-mar, o palacio enchia as suas salas. O Conego Luz e Albano Mangueira previram um suceso na hora da audiencia real...

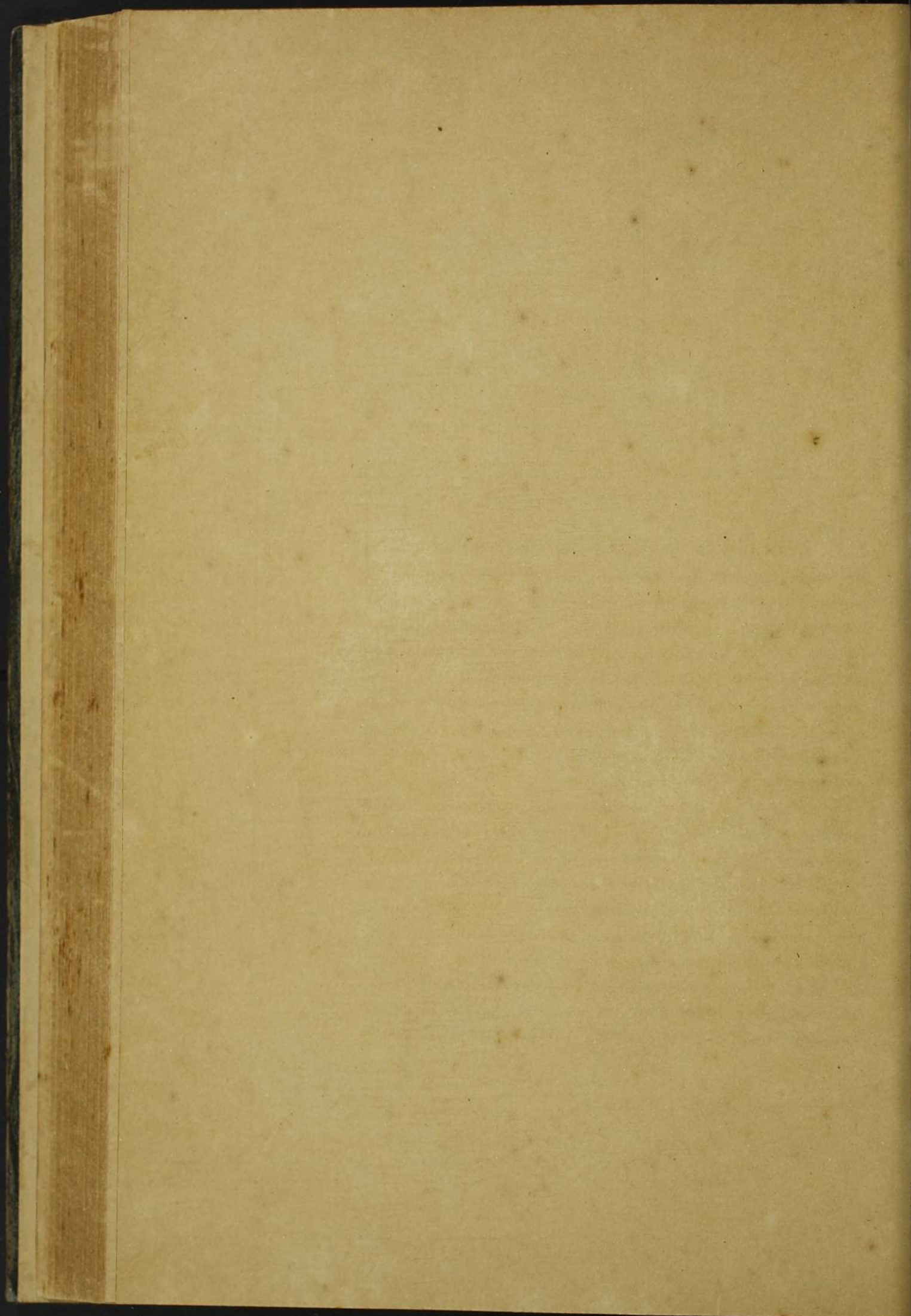
—Quem falaria?...—perguntavam todos aos palacianos mais antigos.

—Seria Albano?...—inquiria um...

—Seria o Conego Luz?...—interrogava outro...

—Seria Thyrso de Campolide?...

E, á hora da pragmatica, resoando hinos fortes as bandas de muzica, no saguão de palacio, o rei abriu a audiencia e festejou o seu natalicio com o indulto geral dos sediciozos... Ninguem orára, entretanto, e era para pasmar!



VII

Na noite daquele dia, de certeza que o palacio se encheria, apesar do insofrido constrangimento que já começava de, novamente, alastrar a sua alma, D. Jozé cimentára, com os fatos, a ideia de um inevitavel banquete, que se impunha á sua meticuloza abastança de rei. Os acontecimentos do dia, as pasciadas militares para o que formaram e desfilaram de palacio todos os seus exercitos fabulozos, a vizita de Thyrso de Campolide e o perdão... perdão?... e a graça para os eliminados da simpatia do marechal Pio Sanches, o boletim dos esperançados medicos da titulada — por graça dos « pavões reaes » — princeza enferma, e a solene audiencia em que, como uma atemorizada creança, ouvira a doce e untuoza frase de afêto do reitor da Universidade, toda aquella gongorica situação de monarca aniversariante asoberbava-o, inteiramente, com uma empolgadora agitação, que polarizava o seu coração farto de ficticias homenajens. E ás zumbaias de corte zãos, de palacianos e de novos em palacio, o soberano correspondia, distraidamente, soltando monosylabos e

dezenvolvendo cumprimentos banaes... A creadajem extranumeraria, vestindo improvisadas *librés* dos serviçoes da cõrte, dispunha, na vastidão iluminada do salão de jantar, as peças novas para um lauto festin de illimitado numero de talheres... Dese comodo arejado, os janelões rasgavam-se, de vidraças suspensas, deixando entrar em fartos golpes a corrente afetuoza da briza crepuscular. Nas ante salas, por onde se desdobrava o polivariado serviço da copa, os cristaes tiniam e as louças de *Sèvres* fugiam dos armarios para a luxuria das distendidas mezas. Estas, em numero de trez, alongavam-se, de extremidade a extremidade, cobertas, de ponta a ponta, com os ricos tecidos de damasco lavado. Eram todos eses panos do serviço particular do rei, e as sobrinhas de D. Jozé não evitavam o apregoamento da propriedade paterna sobre aqueles luxos de alto preço...

Mas, vendo todo aquele extraordinario movimento, o tio amantissimo confranja-se deante do dever de rei: era que lhe doiam as entranhas, era que muito sofria com aquelas ostensivas provas de seu egoismo de soberano a'vo de homenagens, deante da dezegualdade de sorte que afastava Eujenia, a sua sobrinha mais candida, para ser confinada no mais absoluto repouzo de seu leito... E, levando a inquietação da alma aos atos da vida exterior, o rei não era calmo, vivendo, ao mesmo tempo, das vaidades do officio e das ternuras expluentes do colateral, que não conseguia se libertar, um momento sequer, da sujeição ao farto codigo dos deveres de acendente. Então, desdobrando-se por todos os comodos de palacio, a sua figura majestatica, com as suas mezas e os seus afãs, penetrando solene nos salões dos convivas e de semblante

dezanuviado na alcôva de Eujenia, tinha ampliações no exaltado culto da estampa real e míniaturas na instintiva iteração das visitas ao leito da sobrinha...

— Não te incomodes, meu tio!... — exclamou Eujenia, compreendendo as dificuldades sobejas em que D. Jozé se debatia para ser tio amorozo e rei vaidozo... — Tudo me vai indo muito bem... Sinto-me melhor e alegro-me com as tuas venturas de hoje...

E, com uma desmarcada compreensão dos fatos, a sobrinha mais moça do soberano da Suzania perorou...

— Por hoje, sê sómente rei, porque tio tens sido muito e continuarás a sel-o...

Para não se trair o monarca se afujentou ligeiramente da presença da sobrinha.

Os seus olhos marejados de lágrimas foram ser enxutos corredores afóra, ainda uma vez D. Jozé, atormentando-se com a credice do brocardo popular, que lhe incutiram no espirito, quando ele creança, não conseguia sustar o seu pranto, não só frequente como abundante. E, subindo as escadas para o andar nobre, o rei esbarrou no salão de jantar, quando recompunha o proverbio que lhe mandava livrar-se do homem que tem lágrimas e da mulher que não as tem... O mestre da copa, um gordanchudo mestiço, menor da altura de um metro e trinta, parcamente elegante nos trajos de servo real, perfilando-se quando ali viu o monarca, não se conteve na veemencia e plenitude do dezejo de falar habilmente...

— Está ao voso real dezejo, Senhor?...

Tudo, sobre as trez mezas, distribuia-se com a mais rejia cerimonia. Os centros de meza, derramando flores e folhajens, com as conchas repletas de iguarias, ser-

viam de hastes para nelas suspenderem-se, torcicolozamente, as trepadeiras de lampadas electricas. Os porta-flores de cristal, afetando variadas fórmulas e cortando o rozeo das toalhas com os matizes de inflorecencias e de delicadas palmas de avenca e plantas outras de estufa, flores lindamente rozeas e lilazes de catileias e de aclandias, perfumes que de todas as corolas se escapavam, luzes outras em pequenos globos corados, tudo, enfim, e mais a graça alvinitente dos guardanapos, diferentemente dispostos, como estandar-tes na frente de cada talher ainda vago, era a promessa de um fausto festin, para aquella noite de luar cheio e de rejio aniversario... De relance, porem, o rei julgou do efeito de tudo aquilo e arrastou para o mestre de copa:

—Soberbo!... Tudo com muito gosto!...

Esmerou-se ainda mais o servical para fixar obra mais perfeita. E D. Jozé, dando-lhe as costas, seguiu para os salões da frente, onde, recebendo deliciosos duches de luz brilhante, os convivas se dispersavam em amistosos grupos de conversa. Como de todas as outras vezes, o absorvido monarca foi recebido com geraes movimentos de atençaõ... De que serviriam ao rei aflito, ao rei dominado pelos instintos de afetuozo, todas aquelas renovadas atitudes de respeito e de humilhaçaõ em que se metiam os palacianos, toda a vez que a sua dominadora pessoa resurjia serena e cabisbaixa?... Como abafar a ideia da proximidade da sobrinha enferma, si ela auzente dos salões os ermava naquela noite?... Os palacianos?!... Ir-se-iam com o fim de seu reinado... Os cortezaõs?!... Voltar-lhe-iam as faces si não mais lhe visem rei... Mas Eujenia... a

sobrinha... sempre seria a mesma. E D. Jozé refazia a exclamativa final da enferma que o obrigára a lacrimejar... «Por hoje, sê sómente rei, porque tio tens sido muito e continuarás a sel-o...» Então, dos motivos mais simples, ele construía um roزاریo de novas fantazias dolorozas... Partia sempre, no entanto, do principio inevitavel de que tempo viria em que perderia o exercicio do trono que lhe fazia o alvo daquello culto extraordinario de gentes... Neste ponto, os planos novos de Brijido Galo lhe arrebatavam o pensamento... Como era facil para escravizar-se a um só motivo, quando infinitos outros, de maior perigo, lhe cercavam a corôa e lhe sitiavam a solicitude de amorozo?!...

Asim como entrava nos salões, desta mesma fôrma se escapava. Maquinalmente decia as escadas e ia ter aos apoentos da sobrinha.

—Não sei o que allije D. Jozé— disse o Albano Mangueira, que se sentia perseguido pelos olhares freneticos de d. Calú, muito zelozza como espoza encapacitada da possibilidade do desvio viciozo do marido, e completou — que com toda esa grande ventura de hoje tem andado tão esquivo!

—E' por medo, estou bem certo, a um despatriamento de morte da sobrinha! Ele as ama como um pae!...—opôz o dr. Bertoldo, lançando o seu olhar apimentado para o mais proximo grupo de mulheres, entre as quaes a senhora Madalena, muito atabalhoada nos apertos de seu vestido de amarfanhadas sêdas, movia a cabeça, apoiando a narrativa, nada interessante de uma alacre cortezã, sem proprio valor... Dizia esta que acudia pelo nome afetuzo de d. Ritinha:

—Aseguraram os medicos, dois ou trez, que o mal dela era a sequencia de um máu espirito. .

—Dum máu espirito?!...—logo a senhora Madalena acuzou, fitando a interlocutora com um semblante prestijiado de interese ocasional...

—Então?... De um espirito máu que se encostou ao seu corpo...

—Mizericordia!...—exclamou a prima do rei, para quem tudo o que falava d. Ritinha possuia indeterminado sabor de desconhecido, vago sabor de novidade...

—E a senhora não creê niso?...—interpelou a collocadora da senhora Madalena, com um ar de invencivel nas apreciações de frioleiras e na sórna tedioza do relato de cazos inverosimeis...

—Creio nada!...—depôz a prima de D. Jozé...

—Faz bem!... A linda mulherzinha frequentava, infalivelmente, a egreja dos Franciscanos, todas as manhãs. Os deveres de zelosa mãe de familia, embora sem filhos ficavam sem trato... E era a confissão todos os dias... D. Lucia—como ela se chamava—não deixava de ser pessoa obrigada nas mezas da comunhão... Vivia aquinhoada com induljencias de anos, e creio mesmo que chegou a ganhar a induljencia da vida inteira...

—De véras?!...—pronunciou a sra. Madalena, imprimindo um violento tique de preza á sua fraze de espanto...

—Pois não!... Presentes aos padres? .. Era um mais nunca acabar... Todos os dias... Saindo ás seis e meia e ás sete horas da manhã, só voltava á casa na pontualidade da merenda... E o tempo corria e o sr. Inacio, com a força dos negocios commerciaes, poucô, muito pouco, atentava naquilo tudo... Os seus dois

filhinhos viviam lanhados e ricos de cicatrizes, porque, na ausencia de d. Lucia, as travêsas creanças desenvolviam-se loucamente, enquanto as creadas...

—Não me fale nestas tipas!...—acrescentou logo a prima do soberano, abrindo as feições num rizo de cruel disabor...—Esta gente nos mata!... nos mata aos poucos!...

—... enquanto as creadas—continuava a outra—nada zelozas deixavam os dezenfreados petizes numa liberdade de más consequencias e num desmantelo de cauzar dó... De volta das comunhões, purificada e favorecida com induljencias, a mulherzinha era pouca para rezar terços e terços... A cazinha dela, de tão ordeira que era, pasou a fazer vergonha.

E, batendo no joelho da matrona, que, reumatica extremeceu como se atinjida tivese sido por um choque electrico, perorou...

—No final das contas, minha amiga, comegou de definhar, a ficar magra e feia, ela que era tão bonitinha em suas formas redondinhas, a padecer do estomago, por força de um jejun inacabavel, todos os dias, até á hora da refeição solida, a sentir-se fraca, a ouvir frases soltas nos ouvidos, e... disse o primeiro medico que a viu... sofrendo de delirio das perseguições... Pasados tempos, minha senhora, a doença da cabeça virou... Não era mais o delirio das perseguições, e sim... o das grandezas... Todas as riquezas do mundo lhe pertenciam, todos os palacios eram dela, os soldados estavam ás suas ordens... Pobrezinha!... E os medicos diziam que ela estava perdida... Foi, então, que, mudando-se de curadores, apareceram os taes que disseram aquilo tudo que a coitadinha sofria, era o

acompanhamento de um máu espirito... Pois bem!... correm mais uns mezes, a mulherzinha começou de engordar como nunca... A loucura desapareceu, e também o máu espirito...

A senhora Madalena, fez um sinal longo de estranheza e admiração...

—... Sabe o que era, minha bôa amiga?... sabe o que tinha a d. Lucia?...

—E' difficil de adivinhar.

—Estava grávida!...

—O!...—fez a velhórta desconcertada...

E d. Ritinha, chegando-se aos seus ouvidos, murmurou frascariamente...

—Tinha apanhado o filho na egreja!...

Sorriu a prima do monarca e a sua collocutora concluiu, arregalando muito os olbinhos vivazes e inquietos:

—Diziam todos que o pae fôra o superior da Ordem...

—O! d. Ritinha! Basta!... basta!...—gritava a pudica mulher horrorizada com aquella confissão... E, procurando todos os grupos do salão, com o seu faiscante olhar azul, buscou certificar-se de que ninguem ouvira aquella fraze ultima de d. Ritinha, que tanto escandalo produzira na sua alma de moral intranzijente...

A curioza espoza do dr. Bertoldo Barrozo, que era a d. Ritinha, narradora dos epizodios escandalozos da vida de d. Lucia, não se convenceria, jamais, de que outra mulher houvese mais formozza e mais honrada do que ella. As virtudes de senhora cazada, dotes comuns e sem importancia quando alegados, pela d. Ritinha eram uzados, com apregoamento e jubiloza divulgação. Recuzando as investidas de dous ou trez galãs, que, por pro

cesos diversos, lhe tinham declarado sentimentos indignos, ela alardeava a sua repulsa: esquecia-se, porém, de que, para tal procedimento, fôse como fôse, tinha que recompor a historia dos encontros, e de que sempre é um dezechilibrio na honra de uma mulher cazada a tentativa de qualquer suborno... Quem quizesse, entretanto, que lhe deitase um olhar bisbilhoteiro... No dia seguinte, começando pelo espozó, ou horas depois, toda a Suzania seria sabedora de que alguém olhára menos licitamente para a virtuozza consorte do dr. Bertoldo Barrozo... Este, com o habito de em tudo e em todos deitar muita confiança, gabava-se de possuir aquella mulher como sua companheira e dona de seu sobrenome...

—Minha mulher?!...—dizia ele...—É um pouco de virtudes...

E, então, narrava, saboreando a ventura de ser senhor de um carater tão puro quanto leal, os mais aparatózos epizodios...

—Querem saber?... Em Ritinha confio mais do que em mim mesmo... De uma feita... escutem esta—dizia ele—que é muita boa... um illustre ouzadó começou de perseguil-a... A principio foram os olhares dele incidindo, recalcitrantemente, no rosto de Ritinha, que, ou desviava a vista, ou franzia, enérgica e sizuda, o seu sobrôlho... Ao depois nos bondes, nos teatros, ele aranjava sempre collocar-se ao seu lado... Que ardis ele encontrava, não sei eu... Mas, um dia contou-me ella tudo, e eu disse-lhe: reaje como quizeres!.. Homem! palavras não eram ditas e ella me contava: «Não precisei de teu conselho... Fiz justiça, hoje mesmo, ao meu carater impoluto de mulher... Estava eu no bonde

quando o tipo se apresentou para ocupar um espaço vago junto de mim... «O sangue ferveu-me»... dizia-me ela... «E mal se sentára ele, começara o seu assalto de alta ouzadia... O seu pé encostou-se ao meu... Retirei-me um pouco de junto dele... Minutos depois... aproveitando-se de um grande tombo do bonde que dobrava uma curva forçada... encostava-se em mim a perna dele... Imediatamente mandei parar o bonde, que se deteve com rapidez... E, depois de levantar-me, disse-lhe, com altivez e energia, escandalizando todos os passageiros, que se voltaram para mim: «Deça!» Ele me olhou pasmo, e empalidecendo... Repeti arrogantemente: «Deça!... o senhor é um covarde!». E o tipo, cabisbaixo, ergueu-se, ganhou a plataforma, então escarlate como um «sangue de boi», e afastou-se do bonde»...

Ora, toda a vez que o dr. Bertoldo reproduzia as experimentações da honestidade de sua espoza, os circunstantes formavam, como era natural, o conceito de que o bom avizado «pavão real», era um homem feliz. E, lá um ou outro, era o que se animava, esclarecidamente, a pensar...

— Porta que se fecha a uns é porta que se abre a outros...

E quem negaria tão grande verdade?...

Mas, morozamente, como nunca, o rei pendulava a encanecida cabeça para afirmar a sua audiência a qualquer dos seus comensaes. E, naquela noite, de incidentes deliciosos e apreensões dezoladoras, bem contra o seu querer, ele era acanhado para medir as circunstancias que envolvido tinham o acidentado dia de seu aniversário. Era, então, inerte nas expressões mais francas, como si o acontecimento menos esperado lhe

arrebatase, repentinamente, a alma na sua avalanche de misterio e de imprevisão...

De volta ao salão nobre, passando em frente dum espelho grandioso, a sua figura aturdida teve medo de si propria, tanto desfigurada estava. Todos os olhares de lizonja batiam-lhe em cheio sobre o vulto, e palacianos todos os presentes voltavam-se presurozos para lhe medir a estampa e receber a distincção duma fraze de efeito... O rei, porém, silenciozo mas expresivo como uma esfinge, sofria, naquelas horas de felicidade real, a previzão da desventura de tio, que não achava meios de sanar a sobrinha, e pelo que já agora não havia meio de sair do baralhado antro de sua propria consciencia. As lampadas electricas disseminavam no longo salão os seus tremulos focos, como o castanhetar de nervozos dentes na boca arroxçada de um fríorento... As damas daquele convivio, trajando de gala, amarrotavam, desdenhozamente, sob as suas fórmulas, os farfalhantes vestidos de sedas e rendas, cada qual mais rigorosa nas provas de etiqueta, desde os movimentos discretos dos leques até ás atitudes elegantes nos braços dos cavalheiros, ou nos grupos conversadores... D. Jozé as olhava fidalgamente... não que o conjunto de aromas, olhares, frazes soltas, plastica e mimica de qualquer das suas cortezãs não lhe ferise o sensorio, revolvendo-lhe as sensações como uma draga maldita... mas porque, deante de qualquer delas, a sua sensibilidade roçada por toda a sorte de prazeres femeninos, numa asombroza crize de recordações, refazia o contato amavel do corpo de Filomena... E o rei, pelo sabor acirrante que eses escandalos intimos lhe deixavam em certas horas de rememoração,

de ordinario, fugia das tentações, adivinhando-as pelas extremidades dos dedos. Concomitantemente acorbadado e apreensivo, nas horas de seu festin, mais do que nunca, evitava a correspondencia das mezuras femininas... Aliaz, poderozo de vontade para todos os seus atos, nem sempre escapara dos olhares vagos de D. Ritinha, a quem ele tenia, especialmente, quicá, pela ostensiva imponencia de suas virtudes... Bem inclinado para o contrario, no entanto, o acazo levou-o para o grupo da senhora Madalena, onde a virtuozza senhora soltava a lingua sobre os mais complexos e tenebrozos asuntos... Mal sentira D. Jozé a caricioza mão da mulher a premir-lhe os dedos, como por encanto, teria querido ceder si não medise o inultrapassavel abismo que era o amor de Filomena... E este, rememorado em suas fazes mais crúas, fez o monarca recuar...

Neste interin, na entrada do salão, o mestre da copa surjiu inesperadamente e annunciou a todos a hora do real festin. E todos, ao verem sumir-se a figura meúda e atarracada do servçal, animados com a prazenteira novidade que este preconiciára, seguiram para a opipara refeição no salão de dentro... Os reposteiros levantaram-se insinuantes e os convivas pasaram alvigaréiros, alguns cavalheiros conduzindo senhoras de braço, aos pares, como fôsem o rei e d. Ritinha—ele impassivel por ostentação e ela provocante por vaidade de cair, mas cair com o soberano... gentil e cuidadoso, o amanuense Oto Americano acompanhava Brazilia, que, abatida e nervoza, ainda resfriára as mãos com a companhia do loiro enamorado... e d. Calú, que, tomada de ciúmes, não dava azo ao marido para ladear uma outra mulher

que não fôse ela, correria para o lado de Albano Mangueira, mais rainha e mais triunfante do seu galã, talvez do que d. Ritinha... Todos os mais assim pasavam: Florinda ao lado de Brijido Galo... até á prima do rei, em ultimo par, no braço de Bertoldo Barrozo...

E, alternados os cavalheiros e as damas, cerca de sesenta talheres se moveram sobre as tres mezas lindamente ornamentadas... Coubera — e quem concorreria, quem disputaria aquella honra? — o lugar central ao rei festejado... E, porque dispensaria d. Ritinha a direita do seu monarca? E, porque Brazilia perderia a dita de ser a dama da dextra do seu galã?... E, porque d. Calú abandonaria o seu Abaninho para deixal-o sentar-se á direita de outra palaciana?...

As iguarias chegavam fumegantes... O cardanapio rompia os acepipes com uma indicação franceza... Ao lado de Brazilia indisposta para o alimento do corpo mas insaciavel para o da alma, Oto Americano segurára o belo cartão do *menu* — um luzente quadro de campo em hora rica de sol — e lêra murmurantemente: — POTAGE: *Crème Saint Germain*...

Era o tempo em que um famulo distribuia aos dous enamorados a ração do *crème* inicial... E tudo se fazia, então, com um faustozo silencio de vozes, ligeiros os servos no serviço dos pratos, que, entrechocando-se, involuntariamente, soltavam estridentes ruidos, como sons picantes de gargalhadas... Brazilia se recuzára á prova do inicio: o seu galã não lhe dirijia palavra, no respeito ao mutismo de todos... Chegava um novo acepipe... Ao lado de Oto, uma voz lhe segredou...

— Aceita, doutor?...

Era um servo, escravo do habito da terra dos dou-

tores... E o amanuense olhando o cardapio lèra — *entrées*...

— Que é isto?... interpelou...

— *Escalope de poisson sauce mayonnaise*... — respondera o *garçon*, num francez pouco acesivel a qualquer de menos sabedoria...

Comtudo, o enamorado de Brazilia podera acertar com a coiza, respondendo:

— Aceito a *mayonnaise*... — disse ele, jogando um olhar enternecido para a sobrinha de D. Jozé, que estava retraida...

— E tu?... — inquiriu-a ele...

— Não quero nada... — afirmou, abanando a cabeça negativamente...

— Como tu explicas, meu rico amor, que estejamos juntos tão silenciozos?... que sugestão malefica impõe ese teu mutismo, que distancia da minha a tua alma como se pretendes occultar, debaixo de uma avalanche de gelo, o noso amor?...

Mas, dizendo toda esa enfiada de perguntinhas, o amorozo amanuense caia com o corpo para o lado de Brazilia, que, afim de ouvil-o melhor, por sua vez, se inclinava para ele tambem... Deffrente, fino como um fantasma, da hespanhola finura de um tipo que atravessaria as chuvas por entre os seus pingos sem que um só lhe atinjise, o dr. Porto Sinimbú, traicocero presidente do Conselho de Ministros, no enganozo habito de frustrar, com promesas vãs, os intereses das partes, ouvia o canto de sereia do Braz Saldanha, tagarela querendo ter circunspeção, por força da idade... Naquele momento, entretanto, em que os dois enamorados começaram de cochichar, o dr. Sinimbú foi como si não mais estivese

junto do patranheiro autor do anti-rejimental livro—*As duas formas*—que era um estudo das modalidades monarquicas de dinastia e de eleição, francamente optando por aquela... Os olhos quebrados, pela astucia, do esguio presidente dos Ministros, miravam devoradamente os dous vultos que segredavam as mais doces interpelações de amor... E estes, indiferentes aos olhares perfidos do terrorozo estadista, proseguiam incautos na sua colocação misterioza...

—Não ..—respondia Brazilia, soltando toda a enfermada alma pelos labios languidos e amorozos... Quando de ti passo auzente, os inumeros dias e inacabaveis horas que não nos vemos, o meu ser vaga num infinito de saudades, a minha alma sente-se mas não me povoa o corpo, e eu fico á espreita de ouvir-te o verbo alertador... Agora, sinto-me outra... A hora de tua palavra é o momento de minha renacença... Em mim existe um vacuo na certeza de meus pensamentos... Este só se preenche quando a tua voz cantando chega docemente aos meus ouvidos... E, de hontem para cá, em vinte e quatro horas... quantas transformações, Oto, sinto no meu ser?... O vacuo, que a tua distancia promove no fio seguro de meus pensamentos, foi preenchido, mas desta vez dolorozamente...

O amanuense, que, escutando o frazeado poetico da inteligente sobrinha de D. Jozé, saboreava o gosto do «*escalope de poisson sauce mayonaise*», deixou cair o garfo sobre o prato, cuja iguaria se esgotava, e fitou com a rapariga, o sobrolho crispado e as linhas do rosto asperamente frizadas... E o mancebo esteve para interpelar a dama de seus sonhos sobre o preenchimento do vacuo... Um servo que ia a pasar, vendo o garfo caído

sobre o prato, levou-o, roubando ao engasgado galã o resto do delicioso acepipe... Então, Oto, desviando os olhos com que fitava a amada, lançou um adeus furtivo de despedida ao resto do saboroso prato francez... De volta, porém, as suas retinas em movimento toparam com as da mulher, que, num mixto de sensualismo e de astúcia, deixára subitamente cair as palpebras... De todos aqueles movimentos de olhos, denunciadores das erizes boas e más daquelas duas almas, o dr. Porto Sinimbú se aenhoreava gostosamente... Mas, possuídos mutuamente, Oto e Brazília estavam numa esfera de sonhos, numa altitude de efemeras, indiferentes á devastação dos olhares máus, e seguidos de perto, como astros lonjinhos por poderosos telescopios, pela peccadora observação daquele fronteiro estadista...

—É com toda esa novidade que tens andado tão esquiva?!...—dise o mancebo, porque Brazília lhe deixára as confisões suspensas naquele trecho...

Um outro famulo se abeirou dos flancos dos vibrateis enamorados, e, interrompendo-os, ofertou-lhes...

—*Croquette de foie gras!*... Querem servir-se?...

Não porque comprehendese o que se lhe oferecia, mas porque tudo lhe excitava o apetite devorador, o amanuense, depois de olhar o aspeto exterior da iguaria nova, accedeu geitozamente...

—Homem!... Aceito!...

E, servido, antes de trincar nos dentes o primeiro bocado, recalcitrou...

—Estás esquiva, porque?... talvez outro tenha occupado o meu...

—Que injustiça!...

—Reparo bem—interveiu Oto, depois de deglutir o

primeiro bolo—que, de fato, estás mudada... Tenho extranhado que, ao contrario das outras vezes, tu hoje não me olhas, não me ouves, não me queres, não me procuras...

—Que história mal contada!...—intercalou a rapariga, com um nervoso tique de rizo amante nas faces enrubecidas...

—E até —perorou o galã— não fazes mais caso de mim...

—Ora, meu Oto!... Não ha nada diso... Tu és mal-doço e tens ciúmes...

—Ciúmes?... Com que direito tel-os, si outro ocupou a tua imaginação...

—Tu me ofendes, Oto...

—Com as tuas proprias palavras...

—E' que lhes emprestas significações, que, absolutamente, elas não têm...

Brazilia, com uma espontaneidade de arrebatado, deceu a mão e segurou a dextra do apaixonado amanuense... Os pratos eram mudados... O festim chegava ao auge, e os vidros escoavam das garrafeiras os finos vinhos adequados aos aecipipes... Do cardapio, porque já se houvesse transposto a parte dos *relevés* — ia ser servido o—*presalé à l'Italienne*—que todos os convivas, inclusive Brazilia, distraidamente, aceitaram, sem insistencias... Defronte, já agora preocupado com a nova iguaria, o dr. Porto Sinimbú déra um pouco de liberdade aos seus olhares indiscretos, desviando-os do casal de amoroços que se engolfava, de mais a mais, nas furtivas caricias dos olhares languidos e dos iniciados apertos de mãos. Nem por nada disto, o autor das—*Duas formas*—deixava de fazer a catequeze do presidente dos Ministros, no

sentido de que este abreviase as formulas administrativas, afim de que lhe fôse concedida, com brevidade, a exploração privilegiada das cachoeiras do rio Ubú...

—De hontem para esta data, o que soffro...— concluia a sobrinha do rei, mordendo os labios quentes de amor flamante,—é a cura dos meus incomodos... Estou doloridamente impresionada com o receituário do medico... Ideias que eu jámais tive—de morte e de... clauzura—ele despertou no meu cerebro... E disto estou padecendo como nunca... Só tu, meu grande, meu puro amor, poderás arrancar-me deste supplicio...

E, dizendo isto, a rapariga deu novo aperto de mão na dextra de Oto, que todo extremeceu... Um creado que chegava trazendo o—*paté froid aux crêvettes*—surpreendeu aquella cena de pecadora intimidade, e, sem se perturbar, insistiu no oferecimento do novo prato que os dous amorozos, instinctivamente, recusaram... O rei, fastioso noutras refeições, naquella, no entanto, sentindo, uma vez por outra, na sua, o atrito da perna roçagante de d. Ritinha, accitára todo o cardanapio, de si para consigo mesmo, não calando os eloijos de que faria alvo, no dia seguinte, o cozinheiro real. Florinda, aborrecida sem querer, ouvia a cascata de palavras proferidas pelo dr. Brijido Galo, que lhe narrava o extranho e o esquizito de um banquete, com que os diplomatas da legação suzanica, quando ele estivera, em estudos da poezia niponica, no Extremo-Oriente, lhe obzequiaram, solenizando a sua pasagem naquele heroico paiz de novidades... O dr. Thyrso de Campolide, com a gravidade de reiter da Real Universidade e ameaçado de morte por uma minaz cardiopatia, respeitava o dispozitivo de prohibição do alcool que os medicos

criam ser o acelerador de sua ruina circulatoria, e cordeal, especialmente... Não se servira, com bastante sentimento, aliáz, de nenhum dos vinhos antigos e modernos que molhavam a majestosa refeição. E, calmo no ambiente de vapores escaldantes, seleccionando as porções de ar que inspirava para oxigenação de seus pulmões, ele era um conciente espetador daquele conturbado mundo de regozijos e excessos. Olhando bem de frente a respeitavel figura de D. Jozé, não foi com espanto que ele percebera a vizinha do rei travar-se de intimidade com o alegre monarca... Mas, no momento mesmo em que este se sentia seguro ás escondidas, pelas mãos quentes e nervozas de d. Ritinha, que recuzava, pelo prazer de ter entre as suas mãos o braço masculino do soberano da Suzania, violentamente, o oferecimento da derradeira iguaria, um copeiro interrompeu a atenção do penetrante reitor da Universidade de Filozofia Juridica, tambem lhe ofertando «um pouco» de «*gateau á la Tzarine*». E o dr. Thyrsó, prejudicando a vizão do rejio espetaculo do rei intimo e da mulher virtuozza, rezolveu fazer o sacrificio de aceitar o apregoado acepipe...

O festin corria deliciosamente. Os creados se encontravam nas ultimas providencias do serviço que correrá otimamente, livrando a meza para se servir o fino *champagne* francez. Inebriados, Brazilia e o seu amanuense tinham as almas aos arrancos de um encandecido amor, durante uma noite provocadora protegido pelas intimidades disfarçadas...

Mas, naquela hora de ebriedades inocuas, iam ter começo as saudações... Em frente do rejio lugar na meza central do banquete finalizante, esgotava-se o

o conteúdo do custozisimo centro de cristal limpido e repleto de flores e frutos da estação, em cujos lados se achavam dois vasos plenos de flores raras, crizantemos, orchidéas, cravos e meúdas violetas perfumozas... Num ato de gentileza, áquela hora de intimidades, o rei ofertou um olorozo *sapoti* á desembaraçada vizinha, o que deu motivo a que esta lhe propuzése em surdina...

—Vamos trincal-o nós ambos?...

D. Jozé, distribuindo afétos, e mais do que afétos, distribuindo niquices, respondeu á virtuoza consorte do dr. Bertoldo Barrozo, com um sorriso longo e mudo mas sensual...

—Sim... Sem que nos vejam...

E a mulher trincando com os dentes o belo fruto, despojado, ali mesmo, das cascas asperas, devorou uma metade, oferecendo a outra ao rei rizonho...

—Estará mais doce do que outra qualquer!... Não será, pois?...

Neste ponto, saboreando o rei a oblata fecenina, ouviu uma vóz exclaimar:

—Meus senhores!...

Era a vóz de Albano Mangueira, que, de pé, solene, dominado pelos olhares da multidão e, muito especialmente, pelos da mulher ciumenta, queria saudar o rei... Num impeto impulsivo todos os convivas se puzeram eretos: foi um tremendo arrastar cantante de cadeiras no assoalho *ciré*... De seu comodo, Eujenia, a titulada «princeza enferma», ouviu, com tranquilidade, aquele movimento ruidoso. E, de si para si propria, ella comentou:

—Findou-se o jantar...Tambem, tempo já era para

iso, porque, demorado assim, outro não vi ainda nesta caza..

Proseguiu, depois daquela agitação rumorosa, um silencio relativo, porque, neste tempo, apenas uma vez por outra se escutava o leve pizar de quem asumia, de pé, novas pozicões, sem se afastar do lugar... E Eujenia tinha os ouvidos alertas para o que se pasava sobre a sua cabeça, no andar superior... Então, porque, depois do grande susurro de cadeiras que se arrastavam muitas a uma só vez, a quietação tornára, ela comprehendera, pela prova de outras vezes, que os brindes tinham tido inicio...

—Que cacetada!... Em todo cazo muito mais não demorarão!... — dizia ela para si mesma. . . — Os brindes, conforme as praxes, serão trez... Num instante, tudo, pois, estará findado...

Naturalmente, no salão do festin, as previzões de Eujenia se realizavam sem tirar nem pôr... Albano, fitando com o semblante rizonho de D. Jozé, continuava o seu brinde inaugural daquele banquete, com uma loquacidade de automovel. Ele fizera um exordio, e um exordio cheio de metáforas, para asegurar que «nenhum momento mais proprio para ser felicitado o poderoso monarca, do que o daquele aniversario, quando trez eloquentes fatos de valia incontestavel firmavam bem as qualidades fundamentaes do contentamento nacional —o da natalidade do rei, o de sua ventura dominando o polvo de uma sedicão, quando ele, no nacedoiro, começava de distender nas clases sociaes os seus tentaculos, e o do altruismo de seu coração bem formado, perdoando as faltas dos que erraram e caíram nas malhas da

justiça, porque outros, mais criminosos, puderam delas escapar...»

Neste interim, o dr. Costa Rios, com a gravidade de prefeito da Ordem Publica, que vivia atormentado com as acuzações francas dos adversarios pela imprensa partidaria, ese monstro a que ele temia como uma creança, e com as indiretas de Thyrso de Campolide e do Conego Luz, insistentes nas perguntas do «título» da revolução, extremeceu e estava para empalidecer, attribuindo a Albano a predisposição de lançar ferinas aluzões á sua moquenquice, deante de toda aquella gente que o fulminaria com os olhares...

Mas, lonje disto estivera o orador. O seu exordio era curto, porque a discussão sobre ele preparada para corpo da peça laudatoria estava a bater á porta... E Albano se internára por considerações profundamente louvaminheiras... Perguntava ele, no correr do discurso... «Onde iria esbarrar o reino si não fremise de entusiasmo o seu povo, quando o Rei Amado festejase, na intimidade de seu lar, a grandioza data de sua natalidade?!... Que seria da nação que não vitoriasse o seu soberano, quando, numa crize difficultoza como aquella da sedição, livrase os povos de seu governo das infelicitções das bernardas...» Neste ponto, voltando-se para Ubaldo Longo, um comprido representante da Camara Baixa, que não abandonava a precaução de abafar, com os lenços de seda branca, a garganta para não ser agravada a sua pertinaz larinjite, Thyrso de Campolide abaixou os olhos e murmurou por entre os dentes:

—*Bernardas!*... Esa expressão não é parlamentar... nem palaciana!...

—Apoiado !...— disse no mesmo diapazão de voz o camareiro, levando uma das pontas do lenço largo para abafar o seu celebre *pigarro* doentio.

No entanto, Albano Mangueira, cuja mulher estava para desmaiar de contentamento diante dos triunfos oratorios do marido fiscalizado, continuava a discursar... «... esmagadas no seu periodo mais agudo de gestação?!... Que nacionalidade morta seria aquela em que, nas masas populares, em dias felizes e festivos como o do aniversario real, se não refletisem os atos bons e as praticas superiores da bondade que caracterizava o coração sentimental do seu rei patriota e amantissimo de seus suditos?!... Que povo excomungado seria o daquele grandiozo reino da poderosa Suzania, «a *mater herculea* de seios posantes» (e lá o orador, soltava enfaticamente uma chapa detestavel), si se immobilizase diante da grande mostra de altruismo dada pelo seu extremo Monarca, lançando, sem guardar rancores, a graça da annistia sobre a fraqueza de seus adversarios fujidios e do perdão ás vitimas das explorações e das baixezas de sentimentos?!»...

Ouvindo tal, o marechal Pio Sanches, com a sua rude perspicacia de tarimeiro, desconfiou que o orador aludiria, dentro em pouco, á sua medida de expulsão dos seus subalternos dezafeioados para salvar do desprestijio a coroa e o seu comando em chefe de todas as forças de terra... Fôra esta uma iluzão muito passageira, porque Albano não se detivera naquelas considerações e ia, por diante, nas louvaminhas e lizonjas ao seu rei. Lembrára os feitos patrioticos de D. Jozé, desde o inicio de seu governo, enviando ás Camaras a «mensagem altamente financeira», em que o novo rei

propunha e terminava pedindo, com termos de imposição, o remedio para a crise do tesouro, que não rendia fabulozamente para proporcionar o levantamento das clases agricolas, como era de seu desejo... Lembra a amputação proposta, e conseguida, apesar de minorada, da «deformidade administrativa, pernicioza e absorvente» que ele considerava a burocracia do paiz... Referira a calma de espirito e a tranquilidade de alma com que o rei ferira, praticamente, a questão, despedindo «a parte menos sã do funcionalismo exagerado, que consumia a melhor porção dos rendimentos do reino»... Depois, «quando a receita dobrou e a despesa deceu ao minimo posivel—dizia o acalorado discursador—nós o vimos fazer das cinzas, qual Phenix renacida, sair o monumento financeiro actual... Mas, com que procesos ele fez renacer a Phenix financeira? De um lado, lançando novas taxações sobre o povo, que, apesar de ter odio aos impostos, aos novos se submeteu, porque, de fato, eles eram novos no nome e no proceso da cobrança, como o rendozo imposto predial; do outro lado, desenvolvendo as fontes de receita, não só com um emprestimo...» Asustára-se o dr. Brijido Galo com o que ia dizendo o Albaninho, carregando nas frases, vitima de um entusiasmo consequente da comoção de D. Jozé, e teria protestado, si noutro lugar... O orador concluia ligeiro na palavra e habil nos contrastes dos gestos, os seus pensamentos... «...sim, não só com um emprestimo, porque o emprestimo oportuno representa uma renda, como tambem promovendo o estimulo nas clases produtoras, com o exemplo que deu na reforma de sua propriedade particular, que, desta arte, é o pa-

radigma de todas as existentes e por existir, no seu genero, em o reino da Suzania...»

E, enquanto o discurso proseguia, Brazilia percebia bem a vantagem de prorogação daqueles momentos e continuava no gozo da companhia de seu enamorado. Este, da mesma fórma, não escutara do brinde senão as palavras introdutoras, porque logo se voltara para a sobrinha do rei, inflamando a sua alma com os mais devoradores olhares, e, si, por acazo, a rapariga desviava dele a luz brilhante de sua fizionomia encantadora, era Oto quem a chamava á ininterrupção das correntes dos seus facinadores olhos... Despertaram ambos, no entanto, quando Albano frizou: «Vou terminar, meus senhores!» Todas as atenções se voltaram para a peroração do brinde. Sobre o pé de d. Jozé, que fujiu imediatamente, d. Ritinha déra um sinal qualquer que o rei não quizera compreender. E todas as taças se entrechocaram, tinindo alacrememente, quando o discurso se findou: «Eu brindo, meus senhores, a felicidade e a grandeza de noso Grande e Onipoderozo Soberano, de noso Amado e Amantissimo Rei D. Jozé!»... no jardim á direita de palacio, uma banda militar, com maestria, executou uma marcha fogoza, ouvida, então, em silencio...

De baixo, Eujenia comprehendera que se findára o primeiro brinde e ela atentou para os movimentos subsequentes, até que lhe pareceu haver começado a segunda saudação... De fato, o Conego Luz, empunhando a sua taça de transbordante *champagne*, começava de falar, eloquentemente, com a enfaze da oratoria sagrada, no estilo mais franco dos sermões. A sua palavra imaginosa, a sua fraze cheia de tropos, tudo envolto numa

sadia segurança de estilo, untado este com uma dóze de poezia bíblica, recebiado, por igual, de brocardos latinos, correu, deslizardamente, por sobre a teze de uma saudação á familia suzanica, encarnada no lar de Sua Majestade. E, arrancando lagrimas do rei e de outros sentimentalistas «pavões reaes», teve o venturozo plano de aludir a Eujenia, a sobrinha do monarca, que por tanto ser amada pelo rei, merecia as deferencias de uma princeza, por cuja sanidade, então, a cõrte de D. Jozé e todo o seu reino faziam as mais ardorozas preces... Porfim, quando as taças se chocaram, soluçavam o rei e a senhora Madalena, enquanto Florinda, com as faces tinjidas de encarnado pelas sucesivas emoções daquela noite, tinha os mais medrozos pensamentos sobre a irmã, os quaes chegaram ao pinaculo da tristeza quando a muzica aplaudira a oração lacrimoza do Conego Luz, com uma outra marcha delirante...

Ja findar o banquete. Entrementes, o rei pediu a palavra, com o tremor da voz embargada, ás vezes, pelos soluços que lhe arrancaram os termos tristonhos da saudação relijoza á familia suzanica...

—Agradeço, meus amigos, os testemunhos que me destes da vosa simpatia e de voso valiozo apoio durante todo o dia de hoje... E que eles muito valem para mim prova a transfusão lacrimoza de minha alma... Nada vos poso dizer que dela eu não arranque... Mas, muito mais mercedor do que eu, do que a minha pobre pesôa de rei tranzitorio...

E, com um rumor tempestuozo, todas as vozes interromperam o rei...

—Não apoiado!... não apoiado!...

—... é o vulto eminente do meu Oraculo, é a capa-

cidade trascendental de quem me inspira, lá das lonjinquas plagas do Catête, ese paiz onde governa o simpatico rei D. Afonso, é o rei do talento, é Job Limeira... Para ele dirijo todas as vosas saudações a mim dirigidas e vos convido para me acompanhardes no viva que lhe vou dar: Viva o dr. Job Limeira! viva o rei do talento!...

Então, sendo para ensurdecer, a gritaria dos palacianos proferiu monotonamente...

— Vivô!...

Fóra, o hino nacional, entuziasmador como a tocante sinfonia do *Guarany*, atroou fervorosamente... D. Ritinha, puchando o augusto rei para o seu lado, com toda a semceremonia da mulher virtuozza, beijou-o, respeitadamente, na testa larga e encanecida... Vieram, depois, todos os palacianos, que beijaram a dextra do homenageado soberano...

Os convivas se dispersaram pelas antesalas... E D. Jozé, presurozo como a féra que, depois de farta, torna á gruta da prole, decera as escadas, indo fazer a sua vizita á sobrinha enferma... Esta recebera-o festivamente...

—Dá-me um beijo, titio!... Tambem eu te quero festejar...

Quizéra fujir o rei, a quem acudira a ideia do contajio facil da cruel molestia da sobrinha inditoza... Mas, curvando-se ao heroico dever de tio, satisfez o pedido de Eujenia... De subito lhe ocupára a mente a sensação esquizita dos labios frementes de D. Ritinha sobre a sua fronte de velho. E, ligando-se á existencia abandonada de Filomena, no seu gineceu, o rei exasperou a sua alma perdendo-se em conjeturas deprimentes e fantasticas...

Mas, voltára aos salões...

A sua entrada fôra triunfal naquele recinto de festas. Novos suditos, novos festejadores, novos louvaminheiros, foram beijar-lhe a dextra...

Num recanto, Ubaldo Longo, com a sua voz adocicada, comentava, uma vez por outra servindo-se do lenço que lhe envolvia o pescoco, o discurso choramingas do Conego Luz...

—E é um politico intranzijente!... Ao lado do rei, ninguem beijará as plantas reaes, com mais graça e mais estilo, do que ele... Entretanto, garanto-te... amanhã, D. Jozé não se lembrará mais do pranto que soltára ouvindo as suas pieguices...

Chegando, Brijido Galo compreendeu que os temas da palestra eram os ultimos discursos... E, sentindo que as doutrinas economico-financeiras de Albano Mangueira lhe feriram em cheio a sapiencia majistral, quizéra atacar-lhe umas censuras que trazia preparadas... Desconfiou, porém, da lealdade de Bertoldo Barrozo que ali estava presente, e engasgou as referencias que estivera para vomitar... E, expedito, de subito, invertêra os seus planos, procurando firmar a sua admiração incondicional ao festim...

—Esteve um banquete...

—De nupcias!...— intercalou Thyrso de Campolide, com o rizo entre as barbas...

—Não!... A solenidade não admite referencias pilhericas!... Esteve, pelo menos achei eu, um banquete...

—De estouro!...— dezembuchou Bertoldo, na sua linguagem de ralé...

—... de rei!...— concluiu Brijido Galo...— Outro assim ainda não vi!...

—Que cardapio!... — exclamou Bertoldo.

—Não gostaste?... — inquiriu Ubaldo Longo.

—Muito!...

—E, então?!...

—Foi só o que prestou... — intercalou Thyrso de Campolide, ferino com as expressões de seu genio incompreensível de filozofista...

—Que pesimismo!... — disse o poeta niponico... — Que pesimismo!... E os discursos?

—Chinfrins, todos eles... — concluiu o reitor da Real Universidade, afastando-se do grupo comentador...

—Pois eu gostei immensamente deles... — opôz o joven economista... — Especialmente daqueles conceitos financeiros expendidos pelo Albano Mangureira...

—Emprestimo é renda?... — perguntou, maliciosamente, Ubaldo Longo...

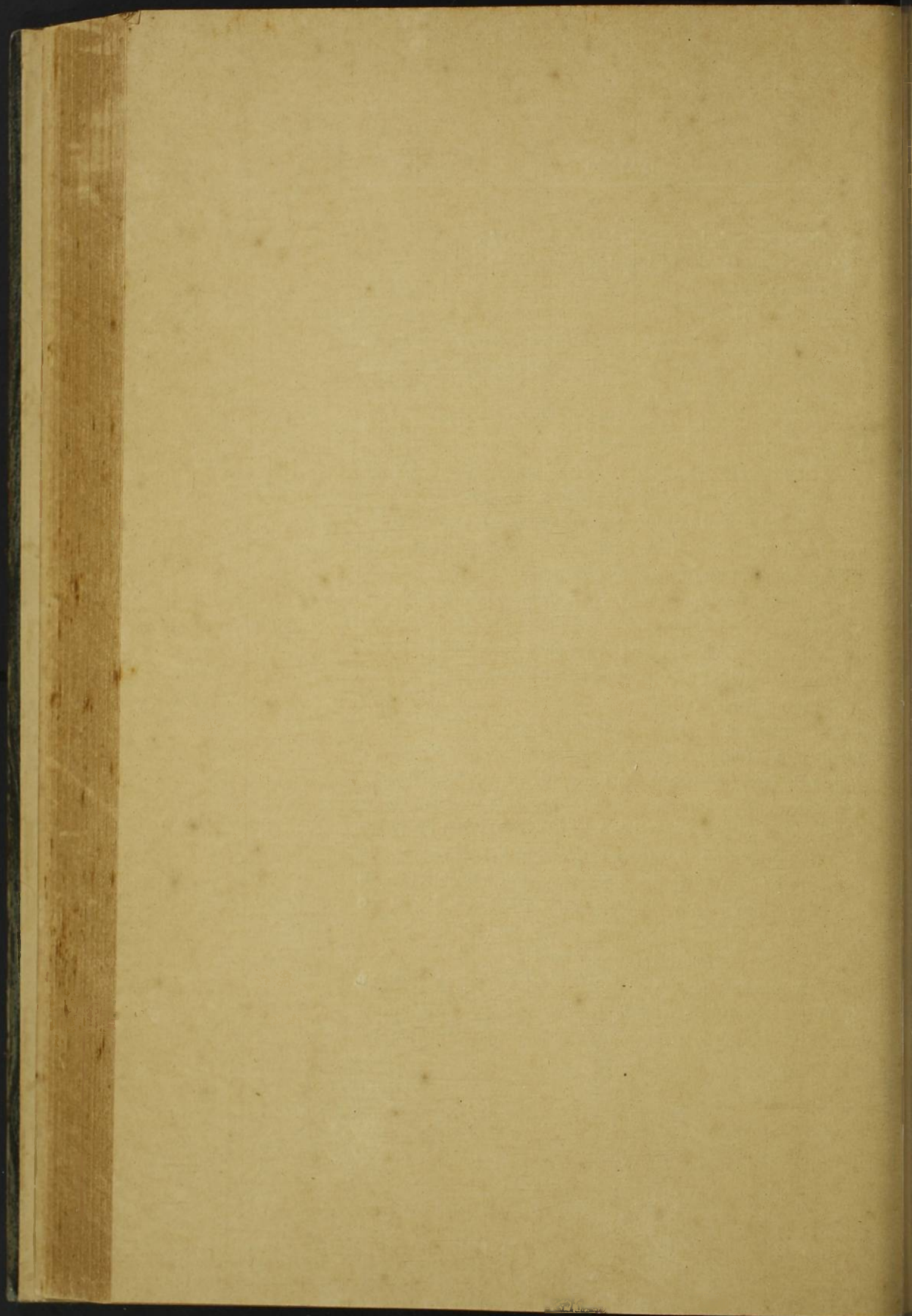
—Nas condições em que ele disse, concordo com toda a minha autoridade de profesor da materia.

—Está bem!...

A creadajem invadia os salões distribuindo licôres, *cigarrettes* e cafés... Todos, sem distincção, se serviam... E o rei, desconjuntado de cansaço, de aborrecimento, de obsecação, e sentindo nos organs todos a lasidão do alcool parcialmente injerido na companhia dos acepipes que compuzeram o banquete, quando atravesava os corredores era bocejando e aflito pela necessidade de repoizo. Então, alta madrugada, quando se jogou ro leito macio, soube justamente exclamar:

—Que dia accidentado, meu Deus!...

Era o ultimo festejo de seu aniversario que fazia na qualidade de rei...



VIII

Por força das influencias que, no conturbado animo de D. Jozé tinham ajido naqueles ultimos dias, a ideia maquiavelica de não dezocupar o trono quando espirase o prazo governamental, para o que cavava planos com os recursos de sua intelijencia e os auxilios dos «pavões reaes», pasara a esconder-se nas absorções de ultima hora. Por entre verdadeiros atos revolucionarios, que lhe impuzeram o desvio da existencia normal, ele perdêra mais aqueles dias no computo geral de sua vida: foram cinco dias de engasgos, de torturas e de decepções, cada qual mais sufocante, cada qual mais absurda, cada qual mais aberrativa... Tornado, entretanto, ao equilibrio de que se afastára, como um ebrio nos doídélos giros a escabujar encontrões pelas paredes e esquinas, agora que trez dias de absoluto *rien faire* se escoaram sobre a data aniversaria, as volatas e as abuzões continuavam a rejer-lhe o pensamento, mais tranquilo relativamente á saúde da sobrinha enferma, porque os ultimos boletins da sapiencia medica iam dando maior liberdade de movimentos e de ação á «princeza»

tuberculoza. E, por isso, ele enristou, com decizão, a sua vontade poderosa de rei, batendo, em cheio, nas medidas apontadas pelo poeta japonéz... Era, sim, era o mesmo esbagaxamento moral que lhe vinha quando se acentuava a ideia de deixar de ser coroado, e por isso era preciso agir...

Naquela tarde, lendo as acuzações acres que lhe levantava, impiedosamente — A *Suzania* — a esturdia gazeta de opozição — o soberano, como o peregrino que achase o caminho perdido no labirinto das *caapoeiras* e dos *caatingaes*, bateu, num salto petulante, com a dextra na mente, despertando a reminiscencia adormecida...

— E, então, que faz o senhor que não ordena!... — murmurou, exteriorizando, por entre dentes, o seu pensamento provocado.

O silencio, relijiozo e calmo do seu gabinete, foi, bruscamente, trocado pelo tinir patusco de um timpano, que se prolongou até que um servo se apresentando, escutou as ordens rejias...

— Vae á caza do dr. Brijido Galo, dize-lhe que não pase das sete horas para aqui estar numa conferencia, sobre importante teze de serviço publico...

A habilidade do recado produziu, nem para menos era, os seus breves efeitos. E, num rompante de dignificado por ser preferido, o joven consultor real chegou a palacio, penetrando sem se anunciar, para ir bater á porta do gabinete do rei. Este, adormecido numa *chaise-longue*, ouvindo as pancadas na madeira da porta, recordou-se do cerimoniaal maçonico de que fôra pratico nos tempos da mocidade... E, deixando a sua pozuição de repoizo, puzera-se apto para a recepção, num espi-noteio elegante, mas cortado em meio por força das

dôres artríticas que lhe penetravam os músculos, indo repercutir nos osos iliacos e sacros... Quando viu o poeta nipónico fez uma exclamação de agrado e quiz ser gentil...

—O!... Entra, meu poeta!

Quanto doeu ese qualificativo atirado, á queimadura, na consciencia do dr. Brijido Galo, proferido pelo seu monarca, naquele tempo em que as preocupações da glorioza politica lhe determinavam o abandono de todos os sonhos poeticos, das suas burlescas meuinices?... A! dito por D. Jozé... «poeta»... era para desnortear o novel consultor, embora que naquela intimidade. E, qual seria a intenção do rei recebendo-o com aquele adjetivo, que, por autodeliberação, havia caído em dezuzo? Seria para o amesquinhar, seria para o infelicitar?... Nesta canhestra situação de perturbado, disera o dr. Brijido:

—Sinto-me interdito com a fidalguia de vosa recepção!...

De si para consigo, o rei, diante da resposta do poeta nipónico, pensou:

—Calhou!...

E... fez escorregar, manhozamente, iluminado o seu cerebro com a luz triunfal de sua convicção, para a confabulação de seu interesse...

—Sabes, meu caro, não quiz ajir sem a tua asistencia...

—Honra-me sobremodo, Majestade!

—E quero que tudo seja feito por ti...

—Sobre...?

—Sobre a convocação do Parlamento para a reforma da Lei Preceitual...

—Pois não!... Aliáz, a demora de vosa real ação me

fez temer que, refletindo, a vossa esclarecida consciencia recuzase os meus planos leaes...

—Não, amigo!... Eu tenho vivido asombrado... Fui ás *Candeias* no dia seguinte ao da tua revelação prodijiosa... Durante a viagem, sómente sobre isto *matulei*... No sitio, apresei os meus pasos e, ao em vez de dez, me demorei dois dias... Voltei para convocar as Camaras... Recebi a anonima... Fui tratar do cazo, e fiquei absorvido... Depois, as molestias de Brazilia, que, graças a Deus, vae curando-se, e de Eujenia, que, embora melhor, está em caminho da morte... Logo depois, meu aniversario... A anistia dos sediciozos e o perdão dos que não escaparam... Fiquei como que esbarrondado... Careci de repoizo, e fil-o em trez dias... Agora, apezar de aterrado com o mal de Eujenia, sou da politica de meu reino, escuto as tuas deliberações...

O poeta ouviu a alocução do rei, tornando-se incansavel no lagartixar da cabeça para dar apoio a todas as palavras do soberano. E D. Jozé repizou...

—Agora, porem, meu caro poeta, quero convocar as Camaras...

Sentira-se peor do que si pedra de rua fôse, o reverenciozo poeta, ouvindo de novo ese *epiteto* escapado dos majestozos labios do rei...

Que significaria tudo aquilo: confiar nele, ajir sobre os seus planos, censultal-o a cada momento, chamal-o para renovar consultas, preferil-o nos cochichos em hora azouzada e com os ciumes dos demais «pavões», recebel-o, intimamente, em horas inacesiveis, e por cima de tudo isto, aquele qualificativo importuno... «meu caro poeta!» Não obstante os desgostos da palavra, o

dr. Brijido descobriu a injenuidade da fraze nos seus termos completos—«meu caro poeta!» A ofensa deza- parecia com a fidalguia da fraze intima, porque si o rei quizese feril-o não comporia o amistoço tratamento com o «meu caro». E, assim pensando, o confuzo consultor tirava um pezo de cima de sua alma...

—Havemos de convocal-as...

—Pois sim.

—Em que prazo, Majestade?...

—Dentro do Preceito...

—Marcaremos vinte dias...

—E' muito....

—Diminuiremos...

—Doze!

—Está bem! Lavrar-se-á um decreto, em nome do noso Amado Rei e sob a responsabilidade do Prezidente de Ministros e este, amanhã, asinará...

—Não! Hoje mesmo... Quero o decreto publicado no *Jornal*...

—E o Prezidente de Ministros?...

—Que tem ese magricela com o que delibero eu?...

—Está no suburbio, e tem de dar a sua asinatura...

—Mando asinar por ele... Lavra tu o decreto, mas vê bem que ele não tenha poezias e japonices pelo meio...

Teria o dr. Brijido succumbido naquela hora si não encontrase o braço forte de D. Jozé que o amparava, com um inesperado e lizonjeiro abraço... Mas o rei continuava rizonhamente...

—Quero um trabalhinho de luxo... Esquece-te de que és poeta e lembra-te de que estás escrevendo um decreto que vae levar a firma do teu rei...

Com esas amabilidades, o poeta perdia as mais sim-

ples noções das coizas. E o rei, sem outra preocupação, sem outro fito que não estimular com as frases intimas a boa vontade e as inclinações do sudito amigo e do palaciano esforçado, ajia opostamente apavorando a consciencia do presumido economista. Para este, que se dominava, entrando na magnetica esfera dos olhos rejios, surjiu como um epilogo consolador, depois daqueles instantes dificeis, a bonhomia do majestozo semblante de D. Jozé, pedindo-lhe, com voz suave e languida, como uma preguiceira disposição de amante, que abreviase os prodomos da medida salvadora, E segurando a aurea caneta, aquele objeto historico, com que o monarca asinára o decreto de reorganização da frota real, que tanto lucro individualmente lhe trouxéra, o dr. Brijido Galo apoderou-se de completa aversão a toda a ordem de asuntos que fõsem alheios á missão que o conservava naquele posto de amarga delicia!... de amarga delicia, sim, porque para conquistal-a ele tivera de atravessar o periodo mais agudo de um indefinido mal estar... Mas ali, naquele mister de confiança, naquela obra que demandava as maximas enerjias de sua intelletualidade e os rigores de todos os seus cuidados, estava abstraído, estava concentrado, abstraído do mundo exterior que não teria, jamais, ali asim atrativos para forcarem o desvio de sua atenção, concentrado, porque todo o seu pensamento estava dirigido para aquela peça que tinha de produzir... Para ele, no cumprimento de uma ordem rejia, figurando-se muito alto na ocupação daquele lugar, onde só D. Jozé se punha para escarnecer e achincalhar do mundo, a cujos caprichos devia a sua real acenção, naquele elegante—*bureau ministre*—empunhando a pena das asinaturas do

monarca, para ele, a vontade de lizonjear e de servir ao seu rei, era superior a todas as mais e a todas fazia esquecer. Pelas suas costas, debruçado sobre o espaldar de sua cadeira, o rei, com o seu sopro respiratorio, chiante e cheio, espiava a obra que produziria a hablidade do joven catedratico da Real Universidade...

Efetivamente, as formulas iniciaes do rejio decreto sairam de um jato, como a grossa columna de negro fumo que inaugura a erupção vulcanica, pasado o que, os demais termos do documento oficial vieram em pequenas tiradas, como as funerolas que prenunciam a atividade proxima dos respiradores da piroesfera... O rei acompanhava, silentemente, todo o movimento de fecundidade intelectual do escritor.

Por fim, cansado daquela attitude, D. Jozé começou de andar de uma extremidade á outra de seu gabinete. A tarde ia chegando ao fim, e a luz electrica fez dia no *bureau-ministre* para que o poeta concluise bem o seu trabalho. Pelos janelões, abertos, havia um pouco de roça e muito da alaeridade bucolica dos campos livres. Havia, em toda a parte, uma velada tristeza: a noite, porem, seria muito feliz com a claridade brilhante de um luxurioso luar que inundaria a terra, como uma toalha branca decida dos céus... No ar, era uma graça o vôo incerto dos moreegos, que guinchavam, rispida-mente, quando as andorinhas retardatarias os perseguiam com bicadas crucis, numa aerea *picula* interessante. E, como a cafeina na circulação dos moribundos, as luzes que abriam os seus fôcos por toda a parte, iluminando as ruas e os lares, pestanejavam, aumentando a enorme tristeza da hora crespacular. A mistura de gentes que

pasavam, voltando da jornada operosa, ou tornando ás cazas para o repoizo da noite, era salientada com o ruído estranho que toda a natureza semivelada deixava viver inseparavelmente. Os bondes, peçados de pasajeiros que liam jornaes, cortavam os corredores da cidade, avizando ás masas o seu poderoso curso com os ardentés e picantes sons de um carrilhão abafado. E D. Jozé, depois de absorver-se um pouco nese espectáculo chocante da hora do *Angelus*, olhou para altura e viu a lua brilhando maciamente, como a radiante princeza dos astros. Logo tornou a entrar, esfregando as mãos nervozamente, e querendo resmungar contrariado com a demora do dr. Brijido Galo, que, debruçado sobre os papeis, ainda redijia o decreto de convocação das Camaras.

—Pronto!...—dise o moço, atritando a mão com força no mataborrão branco, que collocára sobre a sua escrita para enxugar o exceso de tinta...

D. Jozé voltou-se inopinadamente e arremesou uma delicada censura...

—Já me inquietava a demora...

—Nem tanta foiçela!...—respondeu achamboadamente o poeta, consultando o relójo de ouro que retirára, com um arranco, da aljibeira do colete...

—Mais de uma hora!...—opôz o rei revelando convicção no que afirmava.

—Mais de uma hora, não digo: ha uns trez quartos de hora, apenas...

—Ou iso... Mas, lê o que escreveste...

O dr. Brijidio Galo obedeceu ao rei. E, com a sua voz de falsête, cheia de esquizitices, meio cantada e com prízões no fim das frases, foi lendo a lucida peça, que, na verdade, nenhuma originalidade revelava, nem pode-

ria tal fazer... Em todo o caso, os *considerandos* que precederam a letra do decreto, bem como as razões com que eles foram traçados, caíram no gôto do rei, que não cesava de affirmar-os bons...

—Magnificos!...

—Agora, o decreto...

—Ainda não escreveste?... —interpelou o rei, que se julgava libertado da prisão no gabinete reservado...

—Ainda não!... Fal-o-ei ás presas. É couza simples...

E, enchendo a pena de tinta, o economista continuou a escrever... Para encher o tempo, o rei atraído igualmente pelo palido clarão que se alargava, gradatim, pelo espaço afóra, voltou á janella. No jardim, um cão de fila, produto do cruzamento de duas raças, livre das correntes para exercer durante a noite a sua missão de guarda dos palaciaros jardins, correndo para as grades da frente, ladrava, furiozamente, á passagem de alguém. Era um casal de populares que, em amistoza palestra chinfrin, voltava dos labores, encostado ás cazas: o ruido de suas vozes espantou o zelozo carniceiro que acudiu com valentia... E os outros dois cães, igualmente soltos para vijia, deixaram o prazer de farejar o chão, com os focinhos roçando a poeira, e arremeteram ferozmente, até se põrem de pé sobre os muros das grades, fazendo todos trez uma asuada dos pecados... D. Jozé apreciava o zelo dos fieis animaes, estimando-o como uma qualidade inegalavel entre os homens... «Que interese v.zaria, então, qualquer daqueles cães ladradores, para cumprir tão rigorosamente o seu dever de vijilancia? que favores impetrariam de seu senhor para que tivessem tamanha solicidade? A lealdade deles era sem rival...» Mas dez-

aparecidos os vultos, na mesma furia da ida, os trez guardas voltaram, farejando freneticamente o chão... Entregue aos seus pensamentos, o monarca fitava com a luz de um lampeão, que, nas sombras da noite luarenta, irradiava, rutilamente, como um araquinide paciente nas prizões de suas teias de ouro... As cenas exteriores tinham cada vez mais encantos e mais delicias. Entretanto, o rei divagava sobre a colaboração dos animaes na obra dos homens, tendo em observação o concurso que os trez cães prestavam, durante as noites sombrias e dezertas, aos sentineias de palacio... E, quando o fulgor de um imprevisto comentario mental, lhe arrebatava os sentidos, condenando a humanidade banal, que tanto escrupuliza no amor e culto aos seres inferiores, o poeta batia-lhe a atenção lonjinqua...

—Falta a vosa assinatura, Real Senhor!...

Deste modo, estavam convocadas, para dali a doze dias, as Camaras do Parlamento da Suzania!...

Na manhã seguinte, quando acabava de ler no *Jornal da Suzania* o rejio ato de convocação das Camaras deixando-se cair succumbido na otomana de seu salão de visitas, o dr. Thyrso de Campolide lastimava a sorte de seu soberano, que se afundava num paul, orientado com as «niponices» do poeta japonéz, arvorado em consultor do rei... E, enclavinhando os dedos que estalaram, com o estiraçar dos braços, o reitor da Real Universidade ficou pensativo, franzindo o rosto e balouçando os pés, como indifferente a tudo, na caudal de um pezadelo... O salão da modesta vivenda daquele «pavão real», conservado em meia luz, porque, corridas as cortinas, os raios do sol, raros, entravam em flecha pela nesgas dos *stores* de bambú em estilo japonez

atravesou um silencio de minutos adormecido com o mutismo de seu unico habitante áquela hora matutina. Mas, em dado momento, atroou o salão com um bocejo cavo, da mais justificada sem cerimonia... E Thyrso, ao depois disto, dezatou a rir, um rizo vibrante de mófa, de escarneo, mirando-se todo no espelho que lhe refletia ás fórmãs. Os seus olhos pespegaram-se, de novo, sobre a gazeta e o filozofõ, pauczadamente, releu a publicação oficial, terminando por soltar uma ruidõza exclamação de descontentamento...

—Amigos ursos!...

No intimo, porem, arripiado o seu amor-proprio, tivera a rezolução de não ser ele quem fõse embarçar o declinio moral daquele reinado, para o que tantos concorriam, inclusivé o mais interesado de todos no contrario, que era o proprio soberano. lam terminar os tempos de ferias da sua embaixada, e ele partiria para sustentar, nas terras do Catête, junto ás cortes do rei D. Afonso, as credenciaes de embaixador da Suzania. Outros que ficavam que se fizesem de diques para a interrupção das arruinadoras correntezas que dominavam, cegamente, o espirito facil de D. Jozé. O economista, com as suas proezas, dando por paus e por pedras, que seguise o enterramento daquele dezajuizado estadista e que sobre o infortunio total deste deixase cair as suas lagrimas de crocodilo. E ele junto do oraculo do rei, no outro paiz, iria promover, com intelijencia e soberbia, a sua acenção ao trono...

O silencio continuava. Os traquinas netos de Thyrso, nos gramados, faziam correrias alegres, jogando estrepitõzamente o *foot-ball*. A's vezes, a bola lijeira, tanjjida pelos ares com impulso de um *choot*, batia pelas paredes

ameaçando quebrar as vidraçarias... E, de uma feita, desviou-se mesmo, e pegou num dos vidros, estriando-o como as teias de uma aranha. Fôra o que levara Thyrso á janela para ralhar com a pequenada alviçareira. Esta, praticado o delito involuntario, esgueirou-se para os fundos do jardim, comentando com uns dobrados rizos a graça do inesperado incidente. Espantado, de pé, no meio das gramas, onde afiava o alfanje, fazendo um ruido irritante capaz de arrepiar todos os nervos, o jardineiro olhava a vidraça partida e indicava com a mudança dos olhos o rumo que os travesos sportistas haviam levado... Thyrso, porém, tudo vira, comprehendera e nada perguntara, porque, pasada a primeira impressão continuara a fazer castelos, devorando a amplidão dos mundos com os seus insaciaveis pulmões de cardiopata, debruçado como estava sobre o parapeito da janela. As ideias que lhe vinham variavam sobre o mesmo tema... E... o que ele inventava?!... o que ele imaginava?!... o que ele desconfiava ali assim?!... Não! partiria para a sua embaixada, e dando, por fim, de hombros, recuou para dentro, murmurando indignado...

—Que se amolem!

Mas, o inesperado chiar do portão de ferro, fello tornar a janela, e, com surpresa, divulgou que entrava a figura morena de Albano Mangueira, que, vendo o outro, foi proferindo...

—Vim buscá-lo...

—A mim?... Para que?

Albano chegava ao topo da escada de marmore, quando, abrindo-se-lhe as portas, Thyrso reformava as interrogativas:

—A mim?... Vens buscar-me?...

—E então?...

—Desculpa-me, mas eu estou alheio a tudo—dise o filozofu, batendo negativamente com a cabeça—e se te prometi alguma couza me esqueci de tudo...

—Não!... Nada prometeste... Venho buscar-te para deziludirmos o rei...

—Eu?!...

—Que duvida! Nós todos...

—Deziludir, porque?...

—O! meu amigo!... A convocação das Camaras, naqueles termos, foi um completo dezastru... um completo dezastru...

—E que remedio daremos!...

—Ouve: o rei ajiu sózinho...

—Enganas-te!...

—Porque?...

—Aquilo é obra do «japonez»...

Um novo ruido no portão, fez Thyrsu voltar ariscamente á janela. Seguiu-o Albaninho. Empurraram as persianas e debruçaram-se. Palestrando, entravam o Conego Luz, com a sua sotaina esverdeada pelo uzo, e Bertoldo Barrozo, alinhavando uma exata compreensão do que ocorria na alta esfera administrativa...

—Que lastima, meus amigos!...—foi gritando o Vigarario, quando descubriu na janela os dois «pavões reaes»..

E, trocados os cumprimentos afetuosos, a conversação recaiu sobre a dezastruza providencia real... A uma voz, todos lavraram a condenação de Brijido Galo. Finalmente, ficou rezolvido...

—Vamos a palacio!...

Então, todos foram para ali, de fato. Thyrsu seguia

convencido da renitencia de D. Jozé. E o Conego Luz, por sua vez, ponderava aos demais «pavões»...

—Creio que foi uma fatalidade!... Mas está feita e precisamos tudo sustentar para que os nosos adversarios não explorem, com vantajens, a nosa desconfiança...

—A! sim...—interpozera o filozofa, que bastante se intrigara com o ministro da egreja quando este empregára a inexpresiva palavra—fatalidade—para exprimir tanta ruindade... E continuou...

—Já agora temos que empenhar as nosas forças para sustentaculo de um absurdo tremendo... Está feito, logo...

—*Quod factum est ipsum permanet!*...—esclareceu o Vigario, não perdendo a vaza para meter um pouco de seu exhausto latim, sem silabadas...

—Traduza lá isto, porque desa linguinha nada mais entendo e poso ser embrulhado numa fraze destas...

—pilheriou Bertoldo, o que fez rir a todos, e intrigou o Padre latinista...

—E' boa...Apezar de ser curta a fraze para que nela foses embrulhado, vou traduzil-a. Não quero que me julgues um devaso, um sacerdote sem moral...*Quod factum est...* o que está feito...*ipsum permanet...* assim permanece... Está bem clara...

—Agora sim...—concluiu o dr. Bertoldo Barrozo, repetindo a tradução que acabava de ouvir...—O que está feito, assim permanece... Que duvida!... Tambem isto quero eu...

Desta arte, seguiam os quatros «pavões reaes» planejando o asombramento do monarca, vaidozo áquela hora pelo exito da campanha iniciada... Pouco distando de palacio a caza do reitor da Universidade, todos

eles seguiram sem dar pela urgencia com que iam surpreender D. Jozé, mal despertado ainda. Enfiado nas suas vestes claras e compridas de gazemira londrina, obra perfeita da tezoura de um artista da extranja, o filozofó caminhava medindo as pasadas e asegurendo a intranzijencia real...

—Nada subjugará o capricho de D. Jozé—dizia ele...—
E teimozo e incontiente na prezunção...

—Ora—opóz Albaninho—num rasgo de fina eloquencia, cuja autoria o maldozo Thyrsó desconheceu, este que, sem condecendencia acuzava o outro de plajiarío impudico...

—Ora! Ha alguma coiza mais forte do que o capricho...
Acreditem... é a vida que nos faz bater os pulsos, é o amor á existencia que Deus nos deu ...

—De acordo!...—pronunciou o manhozo sacerdote...
—O rei que não pense poder viver sem dar contas de seus atos ao Creador do céo e da terra...

—Bolas!...meu Padre-Mestre!...—intercalou o filozofó...
Estas coizas ficam para o dila do Juizo... Não cuidemos delas por enquanto...

—A!...meu Conego...—quiz dizer tambem Bertoldo...

—O rei é forte...

—Como a morte...—completou o Albano Mangueira...
—Não esperemos leval-o de vez... Haveremos de conquistal-o aos pouquinhos... de ideia em ideia...

—Conquistamos lá nada!...—cortou Thyrsó...—Pra lá nós vamos...

Realmente transpunham os umbraes da real mansão. No jardim, para onde se abriam as portas do andar terreo de palacio, Florinda colhia as flores ao frescor da manhã, empunhando já um numerozo ramilhête com que

teria de exornar os santos da caza... Vendo os «pavões reaes», ela apresou-se para lhes dizer...

—Subam! subam!... o titio lê, no gabinete, os jornaes... Podem ir ter lá...

E, dando a sua dextra para o cumprimento de todos, sentia que os aculeos das rozeiras lhe feriam dez-humanamente os dedos da outra mão. Thyrso, porem, que a tivera, cinco lustros pasados, á pia lustral para o batismo de sua primojenita, tratando-a de «comadrinha», beijara o dorso de sua mão, e depositara um respeitozo osculo na sua fronte sinal evidente do intimo carinho reinante entre eles. E, apartaram-se, ela voltando á colheita matutina das rozas e crizantemos, eles subindo para a catequeze do rei... Este, que não mais estava no gabinete, mas sim na penumbra celestial do silenciozo *boudoir* azul, olhando-se extaziadamente... a profetizar o seu futuro... fez espanto do que via... Quatro «pavões» de uma vez?!...

Não era de extranhar, si, de ordinario, muitos faziam as sombras de palacio, porque vasalos prediletos, eles desnudavam o receso do lar monarchico, com exaltados elojios e comentarios astuciozos... Naquela hora, porém, si nas suas fronte lese o rei a cilada habil que eles armavam para pegal-o e revolver-lhe no animo os fatos mais ajitados e turvos, fazendo vir á tona toda a vaza rebalsada dos acontecimentos duvidozos, si calculase o rei que eles se comisionavam para roubar-lhe a tranquillidade de triunfante nos planos annunciados da reforma, plantando-lhe no animo o enervamento de uma cruel deziluzão... por certo D. Jozé, para vitoria de suas ideias egoisticas sobre a felicidade de seu povo, dezapareceria daquela caza, naquele momento, onde tantas vezes foram tão

dôces os convívios e insinuantes os artificios mutuos... E, com o seu estouvamento de glorioso suposto, com a sua vaidade de rei absoluto, embora que abatido por uma serie encadeada de agitações e excésos, o monarca ouviu as duvidas dos seus comensaes acerca de sua vitoria capital... Imovel, às vezes, deixando errar o espirito enquanto a discussão se travava sobre a inoquidade da convocação parlamentar, o rei fixava indiferentemente, os olhos, que brilhavam lucidamente como duas estrelas num poente de galas e ouros... Porfim, estirando-se num canapé de couro que trouxéra da uzina, para os sonos de disfarce e de ociozo, nas horas de enfado e nas horas do quilo, rompeu com a paz de ouvinte, empunhando, de pronto, as armas de combatente... Daquele movel mesmo, que lhe servia de logradouro do corpo para a imaginação vagar, sublimemente, em aventuras futuras e profecias travésas, ele fez uzo do verbo como si asoniasse á tribuna para falar a um anfiteatro repleto de ouvidos alertas...

—No final das couzas, que se concluir desa algaravia que vosês todos estão fazendo sobre um cazo de nonada?...

—De nonada?!...—deixou escapar o filozofa, num grito instintivo de repulsa á facil qualificação dos fatos...

—Digo bem: de nonada!...—repizou o rei, o que levou as teorias do Conego Luz e de Albano Mangueira ao avêso delas que era a vontade real de D. Jozé...

—Penso de modo diverso: de nonada, não!...—retrucou o reitor da Universidade para continuar...—Pois será um cazo de nonada, este que joga o criterio do teu reinado num declinio fatal, porque contra ele, para perpetuar-se, se levantarão as rusgas populares, os

protestos das masas, que não tolerarão, por certo, o extermínio, que vaes implantar, da soberania nacional, numa monarquia de carater electivo?... Reflete bem, Amado Rei... Não sou moco para ter fatuidades de teu conselheiro, nem disputo a quem quer que seja a palma realmente glorioza de teu consultor juridico...

Bem comprehendia Albano o valor das argumentações de Thyrsó para estar contra o soberano e a favor da verdadeira doutrina politico-juridica... Mas, o seu espirito reverenciador e o seu carater de vasalo das vontades tiranicas dos monarcas, fosem estes quaes fosem, desde que atinjira a irreductibilidade dos formados preconceitos do rei, fizera-o retroceder, sem espanto do filozofó que lhe conhecia a elasticidade das convicções, o plano de sua teoria... Então, dise, desprendendo-se dos companheiros que ele trouxera para convencer o rei...

—Tudo está bom, Thyrsó, mas nisto tudo ha um principio de grande valia para ser respeitado: é que a vontade dos grandes reis jamais se amolgou aos caprichos inconcipientes das ondas populares...

—Inconcipientes?!...—gritou Thyrsó, para entrar numa dissertação scientifica... E ele teria lembrado pajinas e pajinas soberbas de Le Bon e de Rossi, teria discutido as questões da alma e da psicologia das multidões, si não se compenetrasse, de pronto, das nulidades scientificas que eram todos os seus contendores...

—O rei é o rei!...—introduziu o Conego Luz bandeado que estava, desde o começo da polemica oral, quando compreendeu que o rei não se deixaria avantajjar para alterar a sua plataforma de autosucesão...

—O que não quer dizer, absolutamente, que o estado

seja o rei!...—interferiu Bertoldo, abrindo numa gostoza gargalhada, porque supuzera que o seu trocadilho sobre a frase historica de um rei francez—*l'état c'est moi*—fôra comprehendido pelos presentes...

D. Jozé, porém, que se levantara do canapé indo colocar-se num dos janelões, na contemplação do espectáculo vivaz que a luz do sol fazia no ceu razo do horizonte e nos esarpados finaes dos terrenos de palácio, voltou-se, repentinamente, para os discutidores e falou...

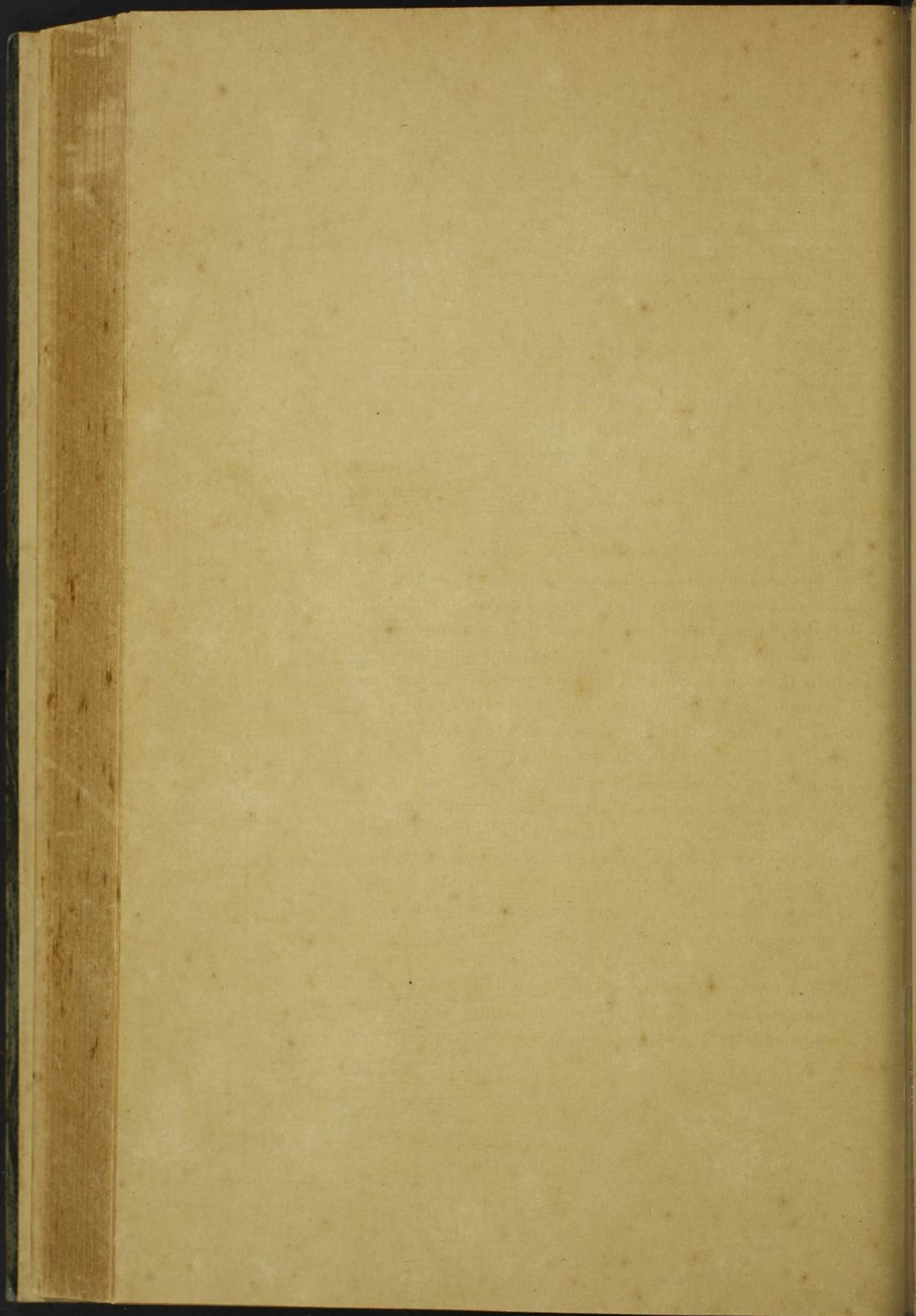
—Erro, ou não, dezastre politico, ou declinio de meu reinado, a questão está solta aos inclementes ventos da adversidade... E...

—*Alca jacta est!*...—exclamou o Conego, sorvendo uma grosa pitada, de ha muito segura entre os dedos e cheirada pelas ambiciozas narinas alargadas...

—... a reforma se fará...—concluiu, causticamente, o monarca...

E continuou a contemplar os efeitos da luz no mundo exterior... O dia era belo, seco e bafejado por uma viração de nordeste... A natureza, ricamente iluminada, que uma nuvem desfalecera um pouco, vitoriava-se, momentaneamente: o sol brilhante e rei magnifico resurgia do manto espeso de pasajeiras nuvens...





Dali a dias, o rei estava no seu delizioso gineceu, no sitio das *Candeias*... Então, aguardando os acontecimentos numa sofreguidão de creança afeita a gulozidades, D. Jozé se exilára no seu prazer, ali, naquelas terras soberbas, ao lado de Filomena, onde ele tinha um pouco de roça e um terreiro para admirar as creações á vontade... Mal fôra alvorecendo, ele despertou em plena bucolica... Era um regalo para a sua alma de sertanejo... E, então, logo de pé, nas friorentas *pijamas*, fôra sentar-se numa cadeira de couro, no avarandado, de onde podia emover-se discricionariamente, olhando, como um puro Ruysdael, as frescas ramajens que refletiam ao sol, molhadas como estavam de abundante orvalho; ouvindo o mujir biblico das vacas leiteiras, felizes naquela hora, porque podiam pasar as linguas sobre os pêlos de suas crias, ou o balar saudativo das ovelhas, ou o pipiar alegre de toda casta de aves, que acudiam ao milho fartamente espalhado no terreiro, aspirando, em fartura, os humidos aromas silvestres escapados de toda a vejetação circun-

dante, onde poizavam os alacres passaros cantadores da saudação da aurora: e, sentindo, debaixo de todos os seus sentidos, a rusticidade de sua amante, naqueles mistères de roceira, verdadeiramente excitante, enfiada num *robe* branco, os cabelos despenteados e humidos do banho aljido de que ela já tornava, e os olhos fechados nos halos negros da volupia de toda uma noite que eles gozaram juntos... Então, o homem, rei de um povo e senhor absoluto daquele trecho adoravel da natureza, media com os olhos as atitudes da mulher amada, a divina Filomena, uma bela estampa de rapariga do interior, tanto mais bela quanto mais aproximada das belezas do mundo vivo daquela região... E ela, cheia de inefavel bondade, que contrastava com os abuzos virtuosos de D. Ritinha, dava a ilusão ao rei da suave protelação da existencia gozada num recanto do mundo, um nada de referencia á imensidade dele todo, por entre os amúos daquela alma não carcomida pelos vicios da civilização e do coquetismo da outra... A graça selvajen da corça não se compararia com as atitudes e os calculos da cortezã habilissima na imposição de sua vontade. O rei perdia-se, ali assim, na contemplação daquela figura amada, que não tinha a ciencia para sorrir, para falar, ou mover os olhos, mais poderosa era para vencel-o, não com a ação social dos arrufos mas com a grandiloquencia de um sorriso que protelava os maiores desejos, ou a sublimidade do pranto que contrariava as intenções mais simples... Como se enganava o rei naquele contraste!... Uma era a nudez do natural, a outra era a nudez velada da mulher rica de caricias e de gestos... E o rei não saciava o olhar, porque, de Filomena, em todas as suas situações de

roceira, não o retirava um instante... Mas, ela que o compreendera, como se lhe adivinhase o pensamento oculto no cráneo encanecido, interpelou-o, dando ao seu semblante o misterioso aspeto dos encantos de uma deusa, de uma mulher predestinada á copia da Arte...

—Que tenho eu que tanto me olhas?

E, depois do judicioso quezito assim formulado, tendo arras a sua alarvaria de matuta, Filomena continuou...

—Estou despida?

O rei quiz agular-lhe a sensualidade do verbo, para ouvir de seuslabios o encandecente de sua volupia. De-teve-se, porém, porque Filomena atacava...

—Um!... Estou sabendo de tudo... —E, depois dum curto silencio:—Que differença encontraste?...

—Porque?...

—Entre o meu corpo e o da outra...entre as duas... quem a mais bela, quem a mais rica de formas?... quem a mais sedutora?... quem a mais bemfeita?... Anda!... Dize!... Não pensa para dizer...

D. Jozé sorria e repetia como um estribilho gostozo...

—Qual! qual!... essa Filomena!...

—... quem a mais carnuda?... quem a melhor sereia?... A!... tudo isto já sei que será a outra... E' ela, não é?...

E, puchando a cabeça coroada para o alcance de seus labios, chuchurreou-lhe um prolongado beijo nos olhos... Depois de una ligeira pauza, concluiu...

—Mas eu... eu... dou-te a vida... não é?...

A Bernardina, quando via eses colloquios, dando expansão á sua rezingueira sorte de africana, ria-se contendo os desejos de falar, refreando todas as indiscreções de que o seu imo regorjitava... E, aperreada no serviço exigente da amante do rei, o seu maior dezes-

pero versava sobre as infidelidades daquela mulher, que era mantida com muito mimo, na abundancia, e que não correspondia á real confiança de D. Jozé... De fato, embora recolhida num claustro selvajem, cercada apenas de cenas silvestres e de remanecentes bucolismos, Filomena cercava-se da mais vantajoza fartura. Os armarios não se podiam fechar tão cheios ficavam de lençarias... As alfaias, ricos aneis, custozas pulseiras, mais os broches, delicados e os brincos luxuosos, derramavam-se pelos moveis, sem uzo facil, ou fosem uzados apenas na Misa do Galo, anualmente, que Filomena não perdera jamais... O guarda-vestidos transbordava, mas eram todas as vestias muito simples: fustões, linhos, casas, fitas, rendas e cretones... E a africana, vestindo os restos daquela desperdicada, um só momento, quando a via festejando o seu gastador, não deixava de murmurar frases confuzas que eram bem o seu dezafo... No entanto, Filomena, naquela manhã, muito embora a Bernardina, deante dos seus olhos, na porteira da cozinha, bisbilhotase, consigo mesma, aqueles agrados levianos dos dois amantes á luz plena do sol recémado, não abandonou o plano habitual de suas arrojadas operações de ciúmes...

—Mas, meu velho, como que se sente já em teu corpo a catanga de outra mulher!... Tu não estás andando certo...

—Ora, Filomena... Has de dar sempre para umas coizas...—dise o rei.

E um pensamento extravagante atravesou-lhe o espirito, fazendo-lhe nalma a sombra de um zig-zag, como o que os vôos parabolicos de um corvo deixam, com a sua pa:ajem, no clarão do sol. Era a ideia de que pode-

ria posuir a outra, a Ritinha, quando lhe batese forte a vontade... Bastaria dar-lhe com o dedo, e estaria senhor daquele corpo de branca, como de ha muito, estava dominador unico de sua alma... Houve um ponto, por-rem, na sequencia destes disparatados dezejões que se disfarçavam em dominios de sua vontade, em que o rei cortou a continuidade deles... Filomena, afastando-se molemente, resmungou com astucia, por entre os dentes cerrados numa finjida colera...

—Perjuro!...

—Vem cá, mulherzinha!...—opôz o rei, olhando desvairadamente para a amante, temendo que ella houvese lido na sua fisionomia o segredo torturante daquilo que elle não tivera feito porque não quizera ainda, em respeito, talvez, ao compromisso com ella mesma tomado...

Entrementes, olharam-se mudos: elle, aguardando que ella voltasse, porque não deixaria de aceder ao seu chamado... ella, desdenhando do homem que a mantinha, voltada para elle, com um movimento sacudido do airozo busto sensual...

—Que queres?...—proferiu ella, finalmente, rendendo-se ao capricho que se levantava cnicamente no seu intimo...

—Segredar-te uma coisa...

—Como?...—fez ella simulando um dezentendimento, que se traia com um sorriso delizioso esboçado no canto da boca, de labios rôxos de frio...

—Dizer-te um segredo...

—Fala!...

—Não... E' no ouvido...

—Que tolice!... Fala alto... Quem tem aqui que nos posa perceber?...

E o rei, abaixando a voz, retrucou :

—A Bernardina está na porta...

Então, como quizesse, a todo tranze, evitar o contato direito do rei, a rapariga como uma rainha, olhando para a africana, gritou-lhe prontamente...

—Entra, Bernardina!... Vai cuidar de tua cozinha ..
Faze o café...

A preta miua, dando uma serie de muchôchos, recuou e escondeu-se no interior de seus comodos de trabalho... E a amante do rei, dezafiou-o logo...

—Dize o teu segredo...

—Não!... Não digo... Só se fôr no ouvido... Só assim...

Dando de bombros, a rapariga acudiu, seguindo ao seu destino...

—Estás bem servido!

O rei, envergonhando-se de sua fraqueza, descansou os olhos na criação que fôra, do avarandado, no terreiro, ciscava o sólo, catando os ultimos detritos do farto milho que ali estivera derramado. Aquelas cenas tinham encantos mil e infinitas atrações para o rei... Um fidalgo perú, abertas as retrizes da cauda em leque, cortejava as outras aves, indiferente ás diversas especies delas... O monarca admirava a fogoza galinacea, olhando bem o garbo de seu corpo, cujas costas, de um trigueiro amarelado de brilho metalico, enobrecidas com uma larga bordadura de um negro aveludado que vinha de cada pena, rebrilhavam ao sol, avivadas as suas côres por aquele exercicio sensual, descrevendo rodas e rodas... E, orgulhosamente posta sobre as penas esvoaçantes do pescoco, a sua cabeça, inteiramente núa, de um azul de ceu claro, exornada com as verrugozidades de um vermelho de lacre, palpitantes os seus olhos de

uma c6r mixta em que entravam o azul e o amarelo, uma vez por outra distendendo o pescoco semi-n6 e abrindo o bico de uma c6r cornea esbranquiçada, para grugrurujar vitoriozamente, a ave pizava, garbozamente, o ch6o, com os seus p6s de um violeta avermelhado... A cada nova figura que, sobre a terra orvalhada, a galinacea descrevia, maior vermelhid6o aparecia nas suas verrugas entumecidas... Foi assim que, do lado da estribaria, um pajen surpreendeu a ave bruta e começou de divertir-se, perseguindo-a com prolongados asovios, a que ela respondia com um torturante grugrurujajo, cada vez que o rapaz soltava o novo guincho. Ao mesmo tempo, influidos com eses sons extranhos, outros especimens grugrurujavam com barulho, o que alegrou o semblante do rei absorto. Como ele sorria, ali, abstraído de qualquer preocupaç6o, vendo a natureza animal desdobrar-se nas façanhas dos seres vivos!... A! pensamento, porem, pucha pensamento... E n6o tardou, portanto, que D. Joz6 estivese de sobrolho franzido e parafuzando comentarios asperos sobre a sua acidentada existencia de rei... «Como estava crente aquela ave de sua majestade sexual?!... Entretanto, ao seu pasa proximo, as femeas se afastavam e os galinaceos de outra especie investiam beliscando-o com todo o desrespeito... Gizassem uma circumferencia sobre o laj6do... Dentro deitasem a ave... Simulasem, com um traço de seu p6 6 linha envoltora, uma corrente de priz6o, e tambem a volta de um cesto... Dali, como um prizio-neiro aljemado, a ave n6o se afastaria... O' rudeza de intelijencia!... 6 curteza de vista!... quantos homens, nas suas poziç6es, similham os per6s incapazes de rea-ç6o contra os simulacros de carcere!... Os reis eletivos

ou não, bem assim o eram... Nos tronos estavam depositados porque os homens para ali os levavam e procediam como era de habito com as aves de espirito mesquinho: as cadeias que o prendiam, ele, o rei da Suzania, ao solio, eram imaginarias... Porque não sairia antes da epoca?... porque ali não ficaria por todo o tempo que quizesse?... E a iluzão das peias do dever de monarca permitiriam que ele antes da epoca do fim se soltase do trono?... E a vontade volumoza dos homens que o collocaram naquele circulo periodico, deixaria que ele fosse alem do termino de tal prazo?... Não!... bem parecida, muito mesmo, com a sorte daqueles seres irracionaes presos nos circulos de giz, ou de carvão, era a dos monarcas eletivos»...

Nese momento, cortando-lhe a sequencia dos comentarios mentaes, Filomena voltava, de vestias mudadas, e charcado de esencias fortes os tecidos de seu côlo, para junto do seu rei e amante...

—O' homem, ainda te encontro assim?!...

—Voltaste?...

—Para te surpreender nos pensamentos que te alheiam, ultimamente, de mim...

—Não!... estava olhando as creações...

—Que vias nelas de novo?...

—Tudo... Lá onde estou as cenas são outras, que me aborrecem...

—Não és sincero...

—Muito, meu anjo!...

E a rapariga, chegando-se mais do seu collocutor, concertou-lhe os seus cabelos grizalhos com as suas mãos perfumozas. O rei aconselhou-a...

—Aquieta-te mulher!... Olha os moços das cavala-
riças...

Mas, a ardente mestiça, continuando, deixou brotar
novamente as suas queixas...

—Então, olhavas só as creações?...

—Sim, Filomena... Achava graça no grugrurejo dos
perús...

—Nao pensavas em mais nada?...

—Não...

—Nem na outra?...

—Que outra?!...—dise o rei aziumando-se...

—Toda hora estás com esta cantilena...

Houve um curto silencio... Depois, a amante de D.
Jozé proseguiu...

—Pois ouve: entre as creações, ha seres bem felizes...

—E, querendo 'dizer uma profunda magua com uma
frazé de espirito, Filomena, intelijentemente, acrecen-
tou...—Os maridinhos não enganam as suas mulhere-
zinhas...

—Que dizes?...—opòz o rei, já lançando a troça, aliáz
o que não era muito de seu genio, ou de seu habito,
sobre os disfarçados queixumes da rapariga...

—Sim... Entre eles não ha... traicões...

—Tu não comprehendes que um *pae do terreiro* tem
muitas vezes occupações junto de suas inumeras con-
sortes?!...

A campa da cancela acabava de soar, e, com o ranji-
mento de suas asperas madeiras, a porteira indicava
a entrada, ou a saída, de alguém... Era o zagil do
sitio, que, acompanhado do *Flécha*, partia conduzindo o
rebanho de ovelhas e cabras saltadoras para soltar nos
pastos até á hora do pôr do sol... E, porque era de te-

merem-se as feras, o moço ganharia a sua jornada, acompanhando os animaes e ajuntando-os sempre, debaixo da soalheira de muitas horas, dando conta ao curibóca feitor, ao rispido Pedro Ivo, diariamente, das pequenas rezes que se tresmalhasem... Então, si a sucuriuba valente arrebatava um dos seres vijiados... ai! de seu pastor!... o alarve excomungava-o soezmente e, não raras vezes, investindo mesmo para bater-lhe...

O rei e a amante olharam em direção da cancela, assistindo, então, á distancia, a partida do numerozo rebanho... D. Jozé, como que ligando ideias, exclamou...

—Homem!... É verdade... Que [é do Martinho?...] O' Martinho?!...

—Saiu!...—dise Filomena...

—Ora!... que ferro!... onde foi ele?

—Buscar a tua correspondencia...

—Está direito... Era isto mesmo o que queria mandar fazer...

E tranquilizou-se o rei naquele pedaço de sua vida de camponez, ao lado da amante, investigadora como nunca...

Pasaram-se, calmamente, as horas.

Asim, naquele dia, o rei dormira, sem o menor impedimento, á sesta. Mal abrira os olhos e logo voltou a cabeça para a companheira que estava adormecida ainda... Ficou um instante a contemplar, sem malicia, o corpo encolhido e imovel da amante. «Que nele haveria de superior a tantos outros corpos afim de que aborrecese a todos, para sómente querer aquele?!... Por cauza das curvas?... Sim!... a beleza das mulheres está nas curvas... Todas, porém, a menos que se vise um esqueleto, são donas das mesmas curvas... Por força do

moreno soberbo de sua tez luxuriosa...? Não!... Mas ele também amava a alvura de umas carnes, por cuja transparencia se vissem os rios azues do sangue... Por motivo do aroma extranho que se desprendia no alongar manso dos seus membros?... Sim! que ele se sentia estonteado quando em qualquer ponto outro despertava os sentidos com as similhaças de seu misterioso perfume...» E, entre um -sim- e um—não—o rei chegou á agradável conclusão de que ele era escravo do estremecer de suas carnes, do orijinal geito de negar e do atraente poder de entregar-se oportunamente, do sorrir meigo e da lagrima ciumenta, de toda a mulher, enfim, especialmente deses nadas valiozos... Não saberia jamais descobrir o porque; mas, como encontrava nela sempre novos encantos diarios que lhe davam um inedito nas ocações mais comuns? E... nestas divagações aprofundou-se o rei... Ouvindo, porém, soarem os ruidos esquizitos da cancela que se abria e se fechava dando passagem a alguem, saltou do improvisado leito, correndo á baixa janela que dava para o terreiro... Alegrára-o, nese momento, a chegada de Martinho que sobraçava jornaes e cartas... De pose da correspondencia foi um instante para seleccionar as das sobrinhas distantes... Florinda escrevia-lhe simplesmente bilhetes de communicações, laconicos e no estilo telegrafico... «Titio: Que a saúde te acompanhe. Eujenia continúa a melhorar. Os medicos vizitam-na, diariamente, satisfeitos com os sinais de cura... Dizem que ela se salvará»...

De olhos lacrimozos, o rei balbuciou, então:

—Pobre sobrinha! Pobre moça! Deve ser dolorozo; uma dezenganada e a outra iludida!...

Retomando a leitura, o rei devorou as linhas restantes de sua sobrinha misivista: «Brazilia vae forte... Cada vez menos impresionada... A prima Madalena esteve importunada com intensa constipação... Palacio está desprezado... Nenhum amigo teu nos procura tua auzencia... Venha breve... Da sobrinha grata a abençoar... Florinda»...

—A! meu Deus!... peor será quando o destino de lá nos retirar!...—exclamou o rei, quando segurava um postal de Eujenia...

«Titio: Cubigo enormemente a tua volta para abraçar-te e beijar-te muito... Os medicos não querem que eu escreva, por iso aqui fico. Da sobrinha que pede a bençã como si filha fõse... Eujenia».

—Coitadinha!...—proferiu o rei para Filomena, que acordava, olhando-o com devoradora insistencia...

—Coitadinha, de quem?...—interrogou a rapariga para quem era novo tudo quanto lhe ia ser narrado...

—De Eujenia, filha!

— E o rei teve que historiar tudo sem se afastar do dever de repetir a sua vida como um doente que não pôde sair da dieta rigorosa... O amor, para ele, não era o instinto natural que é para qualquer irracional: era uma estezia... Todas as banalidades da paixão lhe eram encargos que produziam enfaro, mas a que ele céga-mente cedia na aprazivel iluzão do novo... Teria ele razões, jamais, para esquivar-se das exigencias repetidas de Filomena, que tinha a arte e o gosto para renovar-se sempre que o sentia caprichozo ou atraído por outros motivos que não os dela?... Entretanto, como o poeta que rebusca a rima difícil para a chave de ouro do seu soneto, que vae disputar um premio, assim o rei buscava

subterfugios e negaças para as investigações da amante... Derrotado sempre, era toda sua vida o mesmo espelhamento do hontem que já lhe ia aterrorizando...

—Mas, como deixaste que a pobrezinha enfermase?!... Tão moça!... —queria Filomena, saber quebrantada ali assim como si tivesse escapado de uma luta tremenda...

—Como te enganas mulher!... Pudesem os tios e as sobrinhas como filhas amadas nunca adoeceriam... Quando me reçoordo de que Eujenia está no caminho da morte, soffro mais do que ela, que, talvez, no seu imo desprevenido, se julgue em via de cura, ou sustente esperanças de ainda ter muita sorte... Nestes tranzes—e o rei lacrimjava—padeço duas vezes mais do que ela, que só tem o soffrimento dela... Eu, não! Sofro porque sou tio, soffro porque a vejo soffrer, soffro, enfim, a propria dor delá... Como é dura esa contijencia de minha vida!...

E do rei tremiam os asperos labios, que faziam, tremulas as palavras proferidas... Um frio arripiador pasava-lhe ao longo da espinha... Fóra, os campos se estendiam, refrescando-se para receber as orvalhadas da noite, como si copiado houvesem uma téla premiada de vigoroso artista, onde as tintas finas esboçaram verdes arvores em deleitosos campos, com primitivos cazebres de palha e nedio gado se abeberando num rio espelho do azul dos ceus... E, deante daquela majestosa liberdade da natureza, a majestade do homem se niilizava, cativo que ele ali jazia irremesivelmente á desventura da sobrinha... —Não, meu amigo... —opunha a rapariga, num rasgo de reflexão que lhe não era propria... —Os velhos têm muita culpa das doenças nas moças...

—Quem te contou?...

—Fazem-lhes vontades e dão-lhes caprichos para o sempre funestos...

—Pobres de minhas sobrinhas!... Eu, que nunca lhes soube fazer um mímo...

—Quantas noites perdidas teve a enferma porque consentiste que ela fôse aos bailes, aos teatros e às recepções?...

Por menos afeito que se sentise ó rei ás polemicas movidas pelas poucas luzes do rude espirito da amante, comtudo, naquela hora, os judiciosos conceitos da mulher muito mais lhe apoquentavam a tranquillidade ali desfeita. E, como si alvo estivese de um dezacato á sua alta sapiencia de soberano duma grande nação, D. Jozé rompeu, batendo muito com as palpebras humedecidas...

—Estás muito letrada...

Murchando o seu entusiasmo discutidor, Filomena silenciou naquele trecho e o rei foi continuar a leitura da correspondencia epistolar... Eleu: «Senhor D. Jozé: Meninas vão bem. Sua caza continua calma. Prima amiga, Madalena». Eram como perigozas montanhas rusas as poucas frases dese bilhete da velha prima do monarca. Por elas o rei pasou taciturno, sem que a luz intensa das misivas primeiramente lidas se ofuscasse com o fulgor de lamparina que esa ultima despejara em sua alma de tio aflito como si pae fôse... Mas, ainda restava uma carta. Era preciso lê-la... Extranhava D. Jozé a firme letra feminina do envolucro.. De quem seria? De Brazilia?... Esta escrevera-lhe sempre, mas, das outras vezes o seu respeito de sobrinha, denunciava-se até na letra, pelo que provavel era que não fôse dela aquele envelope duvidozo... Filomena acompanhava as rejas

atitudes, como uma alma escrava das fantazias do senhorio... E o seu olhar coscuvilhava os menores movimentos do amante irrequieto... Não lhe favoreciam os recursos do momento. A carta se abriria aos olhos de Filomena... «E si fôse de d. Ritinha, que diria a amante daquele amancebamento palaciano que, de fato, ainda não existia?... O! que não havia mais duvidas: ali estava uma leviandade daquela intrepida requestadora!... Como desviar, porém, si as atenções todas da ciumenta caiam sobre aquela derradeira epistola?... Que pensamentos já teria ela formulado a respeito daquelas suas duvidas?... Era realmente uma desvantagem irremediavel: uma amante que sabia ler era um atrazo naquelas condições...» E, ao mesmo tempo em que o monarca queria romper o envelope, fugia de fazel-o, porque, levantando os olhos para Filomena, esta o acompanhava, sem um desvio minimo que fôse, em todos os seus gestos... Entretanto, critico se fazia aquele retardamento inexplicavel si lhe pedisem as suas cauzas immediatas... «Que lhe diria naquela importuna misiva a arrojada mulher de apregoadas e batidas virtudes?... Seria, por certo, uma trivialissima declaração de amor, seguimento daquele começo mal consentido nas poucas horas do festim? Com que direito lhe recuzaria ele, si Filomena lhe pedise, aquela carta?... Com que fundamento romperia aquele branco papel que tanto mal lhe germinava no espirito antes de lel-o, antes de vangloriar-se, intimamente, antes de dar pasto ao seu orgulho e ao seu amor proprio de homem galanteado?... Eram leviandades que ali estariam...» Mas, as femininas leviandades, quando a mulher que as pratica é extranha aos intereses do galã, são interessantes sempre... Porfim, D. Jozé

rezolven-se... Era preciso ler tudo, e nada esconder de Filomena... Seria ali mesmo á sua vista...

De repente, a cancela entoou a sua muzica extranha, com o acompanhamento alacre da sineta avizadora. O rei e amante, num só impulso, correram para o avarandado...

O sol da tarde rebrilhava e aquecia, para a briza vespertina, que já caía rumorosa nas folhagens, amenizar, por outro lado, eses seus efeitos... E a terra sanguinea com os reflexos da silicia granular, parecia estar fartamente polvilhada de ouro no leito das estradas e azinhagas. Os ramos das arvores vergavam com o sopro da viração. Transpondo a cancela, dois homens que carregavam, cuidadosamente, um fardo, iam penetrando no terreiro, denotando nos semblantes hermeticos o desconsólo amargo dos portadores de funerea carga... Era o *Flecha*... coitado! o vija mais leal da-quele sitio que vinha arquejante, nos ultimos momentos de vida...

—Que será aquilo?...

—E' o *Flecha*—gritou Filomena, abandonando o rei e seguindo em direção ao grupo, com ancia de saber o que se pasava assim inesperadamente...

O rei andou um pouco sobre as pégadas da amante... Esbarrára, porém, porque lhe ocorrera a ideia de que um rei deveria ser rei em qualquer tranze de sua existência... E, aos seus pés, os portadores deitavam o animal moribundo e já dezacordado... O cão tinha os olhos vidrados, o focinho crecido enormemente e as pernas rijas e frias já...

—Como foi isto assim?...

—Creio, Senhor, que foi obra assim de um perverso jararaca...

—Coitado!—fez o rei diante do desastre em que percia uma peça de estimação, que, decididamente, era o *Flecha*...

—Como se deixára morder o cão?...—inquiriu Filomena, com toda a comocionada doçura de sua voz...

O moço zagal contara, então, tudo de que fôra testemunho... Desde a hora da partida para os campos até deital-o ali aos pés do soberano emocionado... Não sabia a quanto tempo o «figa» do cachorro não lhe acompanhava para parte alguma, ainda mesmo que ele quizesse... Na manhã daquele dia, porém, não houve pedrada, nem «chô» que demovesse o animal de segui-o... E outro curibóca intercalou...

—Era a «maivada» que estava chamando o «bichinho». Chegara a abrir a cancela e deital-o para dentro, batendo-lhe com a correia de couro das calças... Mas o animal só queria era ir... Já no meio da viagem, quando ele o vira novamente disera consigo: «Ora, deixe que vá!... O que Deus faz é pra noso bem»... E o zagal revelou crer na inspiração superior do cachorro para não o deixar só, naquele dia, nos prados... «Quem sabe si não me vai asucedêr alguma coiza»... disse o moço que pensara então... Tudo correria muito bem... Lá para as tantas, já o sol tinha pasado de cima das cabeças da terra, o animal tivera sede e fôra beber na marjem do regato... Neste interim, ele coloriu as ocorrencias...

—Quando eu ouvi foi o cachorro gritando danadamente... Chamei-o e ele chegava-se gritando sempre, e esfregando as patas no focinho... Dali por diante, tudo foi a peor: tinha sido um pico de jararaca no fo-

cinho do bicho quando ele bebia agua... O animal traícoeiro estava naservas das beiras do rio... Todas as mezinhas do mato eu botei no lugar... Qual nada!... o veneno ali estava para matar o cão... Quiz trazel-o logo: faltou uma ajuda qualquer...

O alão estrebuchava e esmorecia de todo. O toxico chegara-lhe invazor aos pontos capitaes da vida. O rei e sua amante admiravam o *Flécha* que morria... E, voltando eles para o avarandado, dise a mulher supersticiosamente:

—Morte de cão de estima é suceso grave, dizem as bruxas...

—Eu creio lá niso!...—concertou o rei, incomodando-se, entretanto, com a esquizita buzão que Filomena ecoára...

—E porque tu não crês?...

—Ora, Filomena: é um dever de todo o homem que estuda, que lê, que acompanha as verdades dos bons livros, não acreditar nesas patifarias do sertão... Poso lá crer que o cão tenha morrido para anunciar, como tu diséste, suceso grave?...

—Falo niso porque tenho a experiencia de caza. Eu tinha uma cadelinha... Era um primor de linda... Um dia quando eu estava lá no colejio... um dia, soube que a *Lorota* morrera. Fiquei cismada, e não sem motivo, porque dias depois o camarada de minha mãe, que concorria com o necessario para a minha manutenção nos estudos, justo quando eu ia entrar para a Escola de Profesoras, morria deixando-nos em tudo atrapalhadas...

—Mais esta!... por uma coincidencia queres tu explicar uma bruxaria do povo que não tem cultura bastante...

—Deus queira, meu santo, que nada nos aconteça... Mas, gato escaaldado...

Para que lhe disera a amante aquelas fantazias, o rei não podia explicar. Mas elas lhe dominaram, feudalmente, o pensamento, dali por diante. E parecia mesmo que ambos os amantes se inclinavam, no silencio de suas intimas conjeturas, para acreditar na desdita de pessoa chegada, ou, com maior franqueza, ambos eles pensavam na infelicidade de Eujenia, cada qual mais timorato e escrupulozo para não deixar escapulir uma só palavra que denotase, de leve, aquela suspeita... Num momento, porém, o rei, numa reacção de sua vergonha intelectual, baniu de si aquelas ideias lugubres e dise consigo proprio que não devia ser pasto de tormentos inexplicaveis... O que fôse havia de ser mesmo... Portanto, outra vida...

—Bem!...—ordenou ele imperativamente...—Manda abrir a cóva e enterrar o *Flecha*... E, com um sorriso simulado de menoscabo, com a alma, porém, em deza-pontamento medroso, o rei continuou...—Que a terra lhe seja leve!...

Do semblante real, entretanto, dali por diante, constou alguma coisa de extremamente preocupado... A' noite, num arranco de deliberação absoluta, D. Jozé fôra escrever, para a caza, que era o palacio, uma longa carta de filozofismos... sobre a morte do desditozo animal...

Mas, D. Jozé, que, pela idade, era pouco afeito ás novidades literarias, ali asim, diante da oocorrença flagrante da morte do *Flecha*, julgára singular, sobre-modo singular, a coincidência da publicação, no *Jornal da Suzania*, de uma longa pajina de filozofia de um escritor da extranja, cujo nome lhe ficara de difficil

pronuncia, «sobre a morte de um cachorrinho»... E o rei achou que o vigoroso autor do escrito ajustára, em certos pontos, vítima de um golpe semelhante, o seu pensamento filozofico, e os respectivos comentarios, com os que naqueles ultimos momentos, sobre a morte do *Flecha*, se criavam no seu bestunto... «*Pellias*—disera o autor belga—tinha uma testa saliente e forte, semelhante á de Socrates e á de Verlaine»... Bem sentira o monarca, fitando com a larga fronte do *Flécha* inteligente, por diversas vezes, a possibilidade dali ter ficado o cerebro dum Napoleão, ou a bosa guerreira dum Garibaldi... Ora, porque tanta banalidade num artigo seria uma pajina de filozofia apregoada, tanta coiza simples seria uma estupenda sintheze para sedução de grandes espiritos?... E quando o rei da Suzania chegou ao final do estudo, lia com enfaze: «E, vendo-o assim, novo, ardente, crente, trazendo, de algum modo, do fundo da natureza infatigavel, noticias frescas da vida, confiante, maravilhado como si fôse o primeiro da sua raça que viesse inaugurar a terra e como si ainda nos achasemos nos primeiros dias do mundo, invejava eu o jubilo de sua certeza e dizia comigo mesmo: o cão que encontra um bom dono é mais feliz que aquele cujo destino ainda está por todos os lados mergulhado em trevas»... «*Um bom dono!*...» repetia mentalmente o soberbo rei... «Que entenderia Meaterlinek por «um bom dono?»... Teria sido ele, rei, um do desditozo *Flecha*?.. Que seria diferente dele um outro dono?... «Bom dono» deveria ser um «bom rei»... E um «bom rei» era o que mais amigo fôse da cauza publica... Desa ventura era ele vitoriozo, querendo, embora, a renovação do reinado... Um cão é o simbolo de um povo». E o rei relia: «Seja qual fôr a ver-

dade desas apparencias, o que não é menos certo é que no conjunto das creaturas inteligentes que têm direitos, deveres, uma missão e um destino, o cão é um animal privilegiado... Como esse animal, o povo que tem um rei, deve ser um povo feliz, porque na pessoa do rei ha de ver sempre «um deus indubitavel, tanjivel, irreduzivel e definido!»... Assim, D. Jozé, que era capaz de um pensamento e que tinha um raciocinio cheio de rudezas, argumentou ainda mais com trechos outros do escrito lido... Si para ser um «bom dono» era preciso que o subalterno ali estivesse «estudando, bebendo os seus olhares e respondendo-lhes gravemente, como de igual para igual, afim de lhe ensinar, talvez, que, ao menos pelos olhos, o orgam quazi imaterial que transformava em intelligencia afetuosa a luz que ambos fruiam, o cão bem sabia que lhe dizia tudo o que o amor devia dizer»... ele, para ser um «bom rei», precisava, por igual, ter ao seu lado a masa dos governados, no superior de suas creaturas mais inteligentes e de talento mais lucido, proclamando-lhe, com os seus aplauzos, a qualidade que ele queria ter... Quem fazia o homem um «bom dono» era o proprio cão... Desta arte seria bom o rei que assim fôse querido pelo seu povo... E D. Jozé ria-se, então, de si proprio, porque atinjira que «bom rei» seria enquanto rei fôse, e «bom dono» fôra enquanto o cão existira...

Ja a manhã enchendo-se assim, quando Filomena retirou o rei dos pensamentos para realidade da vida...

—Ver o que?...—perguntava este encolhendo os hombros, como resposta á proposta de uma volta pelos campos...

—A natureza, as flores, o que houver...

—Com o sol quente que vai queimar?

—É que a monotonia deste cazarão te faz melancólico... ao passo que entre as arvores ha sempre curiosidades...

—Está bem... Si queres tu, pois, vamos...

E ele, precavendo-se com um dezabado chapéu, saiu ainda hezitante...

—O sol vae ser de rachar...—Ela fitou-o um segundo e dise-lhe já de costas...

—Vou ao quarto buscar o teu guarda-sol... —E, voltando-se, inquiriu-o:—Consentes?

—Que pergunta!...

De caminho, na tortuoza vereda que levava ao banheiro do rio, Filomena, como uma creança que pela vez primeira vise os florecimentos da selva, formava repolhudos ramilhetes de flores silvestres, vermelhas, azues e amarelas... Entre estas os malmequeres avultavam...

—Homem, é verdade: vou ver si tu ainda me queres bem...

—És engraçada, rapariga!...

—Pois bem, lá vai... E, segurando um malmequer de longas flores, começou de despencar a simbolica inflorescencia. O rei sorria venturozo e esquecido, já, das tristezas infinitas de momentos antes...

—Bemmequeres...—dizia a rapariga, jogando mais uma flor ao chão...—Malmequeres...—outra...—Bemmequeres...

Faltavam apenas trez, quando Filomena, apresando a voz, concluiu, anuando por graça de começo...

—Malmequeres... bemmequeres... malmequeres...

Ora, logo vi... Malmequeres... Que duvida ainda niso?!...

E, fazendo uma cara gordalhufa, com as bochechas balofas, chirriava zangas...

—Malmequeres! ..

—Contesto!...—arguiu o rei...—Esa flor não é verdadeira...

—Menos esa...E tu vais ver como ela confirma o seu primeiro julgamento...

Empunhando um novo especimen, Filomena submeteu-o ao holocausto de desfloral-o... Por fim, comentando o diverso rezultado com palavras de muito bom quilate, ela dizia prolongando as iniciadas hostilidades dantes:

—Malmequeres sim!... O primeiro juizo é voga... De onde saiu agora bemmequeres?!...—E dirigindo-se á inflorecencia, explicou-se:—Vê lá... E's a rainha das flores dos prados... Palavra de rainha não torna atraz...

Acompanhando toda a mimica da amante, D. Jozé escutava sem um protesto a lenga-lenga da mulher... Esta, como que inspirada ali mesmo, rebolindo o anafado corpo que conservava as fórmias bem recortadas, colocando as carnudas mãos nos abaulamentos dos quadris, interpelou o rei, com um retorcido do nariz:

—E a carta?

—Que carta?!...—atacou o rei sobresaltado, mas simulando um doce esquecimento de tudo...

—Que carta?... Esa é boa!... Aquela que recebeste com a tua correspondencia... que miraste... remiraste... cheiraste... apalpaste... e terias até rompido si os meus olhos não te vijiasem...

—A!... já sei!... Deve estar no bolso da outra roupa... Nem me lembrava dela...

—Da outra roupa?...

—Sim... A!... não!... não!... Parece-me...

E o rei revolveia, confuzamente, todos os bolsos da *pijama*... Olhando-o, naquele afobamento e consequentes atitudes descompostas, sem outros testemunhos que não os ceus azues, as arvores verdes e as aguas fluentes, Filomena deu uma rinchavelhada que fez o rei corar... Duas, ou mais vezes, D. Jozé segurara a carta dentro de um dos bolsos para retiral-a e logo deslindar aqueles arrufos... duas ou mais vezes as rejeladas mãos soltaram a misiva encantada...

—Devia estar aqui...—dise ele por fim...

—E não está?...

—Não a encontro...

—Devaso!...—gritou a rapariga, com uma voz esganiçada, continuando a injuriar o amante, que abaixou os olhos:

—Vil!... Que é da carta?... Anda!... ela está aí mesmo... É uma das tuas apaixonadas... Tira e lê... Anda!...

Então, num impeto de carniceiro sobre a preza que um similar disputa, ela se atirou sobre o rei, impaciente-mente lhe vistoriando os bolsos... Depois de muito revolve-los, retirou, involuntariamente, da aljibeira das calças, um envelope amarfanhado...

—Acama-te, mulher!...—aconselhava o monarca, untando as suas palavras com um rizo nervozo e semsaborão....

—Eil-a aqui!...—gritou Filomena, com preunçosos ares de vitorioza...—Agora, cabe-me lel-a...

E, como sentise aberto já o envolvero da epistola cauzadora de tanta rezinga, berrou uma injuria pezada...

—Cinico!...

O rei mediu-a dos pés á cabeça... Os seus olhos descambaram para o chão, no entanto, quando deram com os incendidos da amante bulhenta... E, tirando a mi-siva da capa, a rapariga continuou...

—Velho sem brios!... Já teve tempo de ler a carta da concubina palaciana... Máus raios te partam, desgraçada!...

—Tranquiliza-te, Filomena!...—arriscou o rei, despojado de todo o seu despotismo de monarca absoluto...

Entretanto, Filomena, desdobrando o papel, correrá os olhos para a assinatura, e lera...

—«Tua devotada. R...»

E, de repente, voltou-se para o rei e exprobrou-lhe o procedimento.

—E' deste modo que retribues a minha dedicação?... Pois bem!... Vais ficar com a outra... Bem sentia eu em tudo do senhor um cheiro azedo de outras saias... Enganei-me; sim, com a tua cara de santarrão... Olha: as de lá amam o rei, e eu, eu... desgraçada que eu fui!... amei um homem velho e... imprestavel... Quando tu saires de palacio, elas todas ficarão para o novo rei... Nessa epoca, presta muita atenção!... eu terei outro, ou outros, um, ou muitos amantes...

Olhando os astros, o rei não tivera animo para articular a minima defeza. Os seus labios lhe pezavam como dous fornidos portões de ferro que serrassem um prezidio á liberdade do mundo: a sua alma rendia-se prisioneira do despotismo de sua amante... Ambos eles, ali, não davam pelas horas... O sol começava de queimar, mas, ao lonje, na fimbria do horizonte, uma faixa

negra começava de se formar... O gado urrava pavorosamente...

—Que dirá esa impudica?... Vou ler-lhe as letras para me divertir...

Era uma reminiscencia daquele calaceiro encontro nas horas do festim... E, como ela tinha arte para reduzir ao formato de um poema a impudencia de um encontro criminozo!... O estilo salaz não encubria, ao contrario desvendava, as ocorrencias e as minucias daquela pasagem de prazer...

Filomena estava lendo para si, até que soltou uma estridente gargalhada... O rei olhou-a, e ela declamou:

—«Doces instantes a reproduzirem-se numa estancia admiravel, no meio das florestas, cercados das fantazias que vemos em sonhos, quando temos a ventura de viver amando»...

E, como ela extranhase o termo «estancia», enquanto o rei amorrinhava ao sol, repizou, dando de hombros...

—«Estancia»!... Deve ser algum ponto de descaramento...

Ouvindo-a, o monarca lhe explicou:

—Estancia não é o que tu pensas, mas sim o simples lugar onde se estaciona, onde se permanece...

Como que não ligando sentidos ás expressões elucidativas de sua dubiedade, Filomena, embora fizese pausa enquanto o rei disertava curtamente, continuou para si a leitura da epistola...

Eram onze horas... Havia trez horas os dous amantes ali estavam defrontando-se. O ceu do norte estava encoberto de pezarozas nuvens còr de chumbo: eram as primeiras aguas de abril que chegavam, carregadas ainda de electricidade e de amoniaco. O rei e a rapariga

não tomaram tento na ameaça do tempo, senão quando o sol, encubrendo-se nos primeiros nimbos, escurecera, avaramente, com a sua auzencia, os verdores da paisagem...

—Vai chover... — disse D. Jozé interrompendo os queixumes da indignada mulher...

—Baixo, que o senhor é!... Lamento a tua incapacidade de homem!...

—Vamos regresar, Filomena, que vai a chuva do norte cair... — repetia o rei, fingindo-se estoico deante do horror daquele sordido encontro... E, como a rapariga não lhe atendese as palavras, ele foi segural-a a dextra...

—Saia-se, imundo!...

Teve o soberano um impeto violento para coibir os excessos da amante... Mas esta, dando-lhe as costas, começou de demandar a caza, seguida, em suas pégadas, pelo rei que uma vez por outra, como uma enganadora palavra de esperança, arriscava:

—Filomena!...

Esta se arrojava alteroza pelas veredas afóra... Lijeira e conhecedora habil daquelas tortuozidades, a mestica abandonava, propozitadamente, o amante em meio do caminho... Numa curva, o rei perdeu-a de vista, porque saltando o arame da cerca do terreiro, a expedita mulher cortara as distancias, indo guardar-se a chaves, com a libertina carta nas mãos, num comodo, daquela fôrma, inacessivel ao rei...

Duas horas pasadas, ambos os amantes, como si impulsionados fôsem por um só maquinismo poderoso, investiram para uma solução pacifica, que poria termo áquela disidencia... Sentindo-a, então, debaixo de

seus olhos, o rei murmurou com um mimozo e languido diapazão de voz:

—Filomena!...

—Que quer?!...

—Escuta-me...

A rapariga se deteve á distancia, sem conter-se, com as lagrimas correndo...

—Diga...

—Eu não sou culpado...

—Como?...

—Tu fazes máu conceito de mim...

Atirando-lhe a carta aos pés, a amante dise-lhe, abafando os soluços com ambas as mãos e deixando-se cair sobre um canapé, que extremeceu ao pezo de seu corpo:

—E esta... sordidez!...

—Que culpa tenho eu...—E assim dizendo o rei fazia arder o documento orijrador daqueles momentos amargurozos, reduzindo-o, sem piedade, a cinzas—que culpa tenho eu de que uma impudica me escreva semelhantes liberdades? Si um outro, porque te vise alguma vez e por ti ficase ardido de desejos, te escrevese uma semelhante tirada...

—Havias de querer bater-me...

—Como te enganas...

E o rei se encaminhou da lacrimoza mulher, pasando-lhe um dos braços por sobre a rija carnadura das espaldas... Com os seus olhos chamejantes e as suas temporas latejando, D. Jozé, naquela enervante attitude, parou um momento, inerte, resfolegando cansadamente...

—Vamos cá...—convidou ao depois...

—Estou bem aqui . . .—interpôz Filomena, limpando as lágrimas com um lenço, que espalhava fortes esencias...

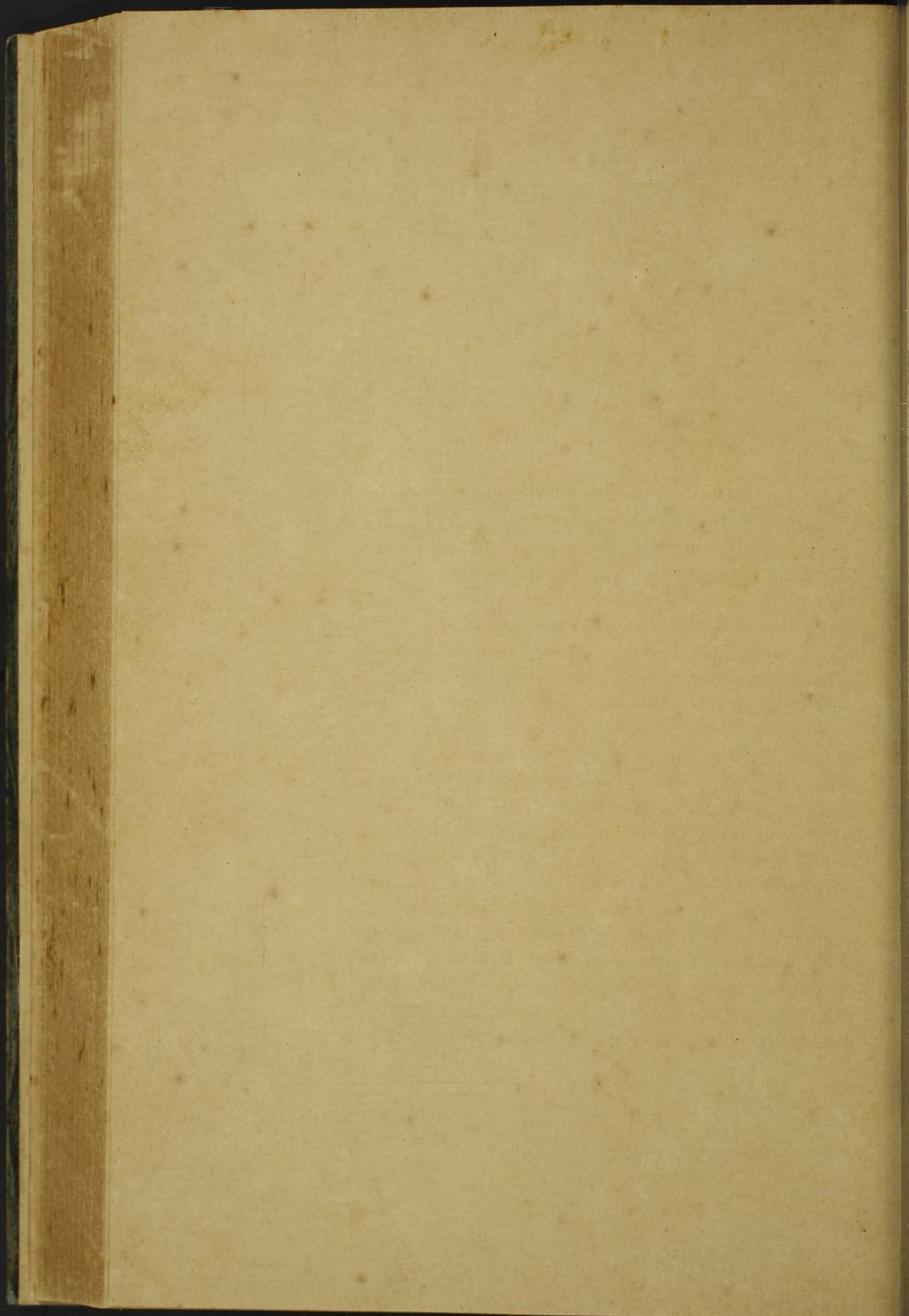
—Precizo conversar-te...

Então, chegados aos seus commodos, se ouviu um fôfo abater de corpos que se deitavam bruscamente... Horas seguidas de murmurio ali se perderam... Porfim, Filomena, com uma expressão de radiante contentamento nas feições, repetia ao amante sensualmente abespinhado...

—Então, amanhã, seguiremos juntos... E tu me deixarás ver todo o palacio...

Mas, em tempo, o rei soubera lograr a amante que o viu partir sózinho, de volta aos seus reaes penates... Estava assim, indefinidamente, adiada a vizita de Filomena á capital...





X

Ia grande azafama de fieis, áquela manhã, na delicioza capela do convento das Ursulinas... Raparigas loiras e morenas, com os seus trajos de ricos tecidos e adubados com abundantes enfeites de rendas, fitas e *plis-sés*... velhas decrepitas, arrastando, sonolentemente, os peçados pés pela viagem de seis, sete e oito dezenas de anos, envoltas nas suas caponas de merinó ruso, e pintando de verde... mancebos enfatuados com o garbo das suas edades de amores e aventuras, com os seus jaquetões e cazacos mais compridos cortados na moda, e os gravatões de vivazes côres em torno dos altos e duplos colarinhos muito alvos... homens muitos, de cabelos nevados, craneos pendidos para o sólo, no desconsólo de procurarem o caminho da volta ao pó, á terra de onde, um dia menos feliz, se ergueram para a penitencia da vida terreal... raparigas e velhas, mancebos e homens, muitos eram os que lá entravam, muitos eram os que lá quedavam na fluencia da fé... Reza·va-se, ali, matutinamente, por força de um tradicional costume, o deliciozo ceremonial do mez mariano, asis-

tido por um numerozo pesoal de varias zonas da cidade arraigadamente cristã... E começavam os ritos da esplendida solenidade, no altar-mór da modesta egreja, quando Brazilia, lindamente trajada, seduzindo os olhares todos com as belas rozas que se lhe dezenhavam nas faces, chegava em frente da sinjéla fachada do templo... Ouvindo, mesmo de fóra, os movimentos de atenção que se faziam no recinto augusto, a sobrinha do rei subira, rapidamente, os degráus da entrada, indo, pé ante-pé, para não perturbar a relijiozidade do grande numero dos asistentes, reter-se deante de uma vistoza gruta, lindamente preparada, de Nosa Senhora de Lourdes... Naqueles trajos de arrebatár, coberta de fitas das, um rebuscado chapéu cór de morango sobre os castanhos cabelos a Pompadour, a sobrinha do rei, com um tão civilizado desembaraço ali penetrára, que ninguém dizia ser ela natural do sitio das *Candeias*, nos velhos tempos do enjenho Sipó... E, si ali chegara, fóra muito por seu amor e pelo de Oto, o sedutor amanuense de uma das diretorias da vastidão burocratica, impecavel na asiduidade de dous anos... Bem diziam as intimas que Brazilia morria por ele — e isto falavam ela e todos os que a visem sob os olhos do galã... Era de notar que não quebrára a intensidade do seu sentimento a entrada para o palacio, porque ali fóra rezidir com o tio e tutor, desde a coroação deste, nem tão pouco o cortejo de gente nova e venturoza, que dantes ela nunca conhecera... Tanto pelas suas qualidades moraes, ficára firme no seu intento, e fóra na vespera de abalar, para ali rezidir, na rejia mansão, que avizára o seu galã de que, em toda a parte onde ela estivese, o seu amor seria o mesmo para que ele não a abandonase, idolatrado

como era... De estarem juntos nas preces do mez de Maria, naquela domingueira manhã de um placido dia do mez das flores, ficaram, furtivamente, apalavrados de vespera... E, no recinto sagrado, despejando por todos os semblantes nobres os seus olhares investigadores, fôra ele o primeiro a chegar... Pasando pelo amanuense, geitozamente, Brazilia, entrando, quebrou a envergadura da formosa cabeça num cumprimento rasgado... Vendo-o, porém, ali tão perto da entrada, não rezístiu á imposição de seu desejo para ficar junto da Gruta Sagrada. O sacerdote, enfrornado nas suas vestias talares, solene na sua cazula, ia rezar a litanía e a sua voz cavernosa começou de entoar, cheiamente, o *Kirie eleison*. Toda a grei de fieis, que enchiam a nave da capela, atentou nos inicios do officiante para ministrar-lhe as respostas adequadas... E o ministro de Deus, acolitado por um donzel perito no officio, declamava já ao som de um fanhozo organ...

—*Filii Redemptor mundi Deus...*

E, estribilhando, a masa catolica...

—*Miserere nobis...*

Deante de todos aqueles simbolismos, sem crer, sem ter fé, Oto Americano pensava que mais valia um livro de cheques do que o mais rico misal daquele culto... Mas, porque Brazilia o convidára, com insistencia e vontade, ali estava, mudo e manso, olhando com soberana indiferença os atos e as praticas, mais contemplativo das belezas do rico vestido de farfalhantes sêdas da enamorada, enfeitado que estava, caprichozamente, a marabú da Australia, e do lindo chapéu que lhe coroava as catadupas belas dos enfeitadores cabelos... do que do som esquizito das predicas ou das encenações numerozas da cerimonia. E, enquanto o

rapaz, fitando com a linda folha de *begonia rejia* que completava a lindeza do chapéu de Brazilia, se perdia em divagações do mais cupidineo interesse, o sacerdote, transpirando sob o jugo da pezada cazula de galões e arabescos dourados, cantava o resto da entuziastica litania de Nosa Senhora...

—*Stela matutina!*...

—*Ora pro nobis!*...

E a celebração do rito, produzindo no galã um abalo insofrido de nervos, porque se prolongava, como a distendida vaga sobre o areento lençol das beiras maritimas, num intermino de desenvolvimento de rezas e cuidados, era um deleite para as placidas figuras de outros assistentes... Entregue, porém, á contemplação de Brazilia, que, desde que entrára, lhe excitava a combustão amoroza com os respetivos olhares ricos de quebrantamento, Oto extremeceu, por sua vez, deante de um movimento geral. Primeiramente, felicitando-se, sem no mais atentar, dispoz-se para sahir... Ao depois, no entanto, remirando o que os fieis faziam, percebeu que algo de novo se pasava no recinto relijiozo: o padre, ainda de joelhos, na imponencia de sua figura rememorativa de outras medievaes, começava de cantar os trechos finaes da ladainha...

—*Agnus Dei, qui tollit peccata mundi!*...

E o povo perorava, respeitozamente, pondo-se genuflexos os que até ali não se submeteram ao rito cristão...

—*Parce nobis Domine!*...

Tipos de mulheres mais afervoradas na fé, batiam fortes pancadas nas caixas toraxicas, á medida que as palavras iam sendo proferidas... E, si corriam os minu-

tos, não eram eles fartos para que não viessem novas partes da cerimonia... Depois da litania, o *Tantum ergo* e, porfim, a benção com a exposição do Santissimo Sacramento, cada vez mais se irritando o animo de Oto que, neste ponto, para não amachucar as novas calças de vincada gazemira, se furtou de ajoelhar-se fujindo para o exterior do templo...

Nesta nova situação, veio surpreendel-o, findas as preces, a sobrinha de D. Jozé... E, juntos, os dous enamorados deceram a escadaria, trocando as primeiras frases daquele feliz colloquio ..

—O' Brazilia!... estás bela!... Com que preparo te arranjaste hoje!...—dizia o amorozo amanuense á proporção que, ladeiando a enfeitada rapariga, a levava para um ponto proximo do bonde que não tardaria.

—Pelo que vejo tu fizeste aquizição de todas a lizonjas á venda expostas no mercado das palacianidades com o pensamento de ferir de morte o meu amor-proprio de mulher...

Atrapalhado com a verboza resposta da apaixonada, Oto Americano custou para coibir a jovial desgarrada de sua palavra mesmo naquella colocação muito intima. Porfim, como si encontrase uma grande masa de ar depois de alguns segundos de asfixia, ajudado pela rapariga para sair-se do momentaneo embaraço, ele se sorriu escutando-lhe a vantajoza graça de uma revelação que era uma fortuna:

—Encurtemos os pasos... Quero perder aquelle bonde para te conversar um pouco mais...

E, um pouco artista, afim de roubar tempo, deixára cair o leque de marfim e rendas de filó, ese objeto querido e beijado, primeira dadiva de Oto, que para o

adquirir, se privara de certas expansões no periodo de dous ordenados... O galã, sem hezitar, dobrou o corpo sobre o ventre, e, suspendendo o luxurioso ornato da amada collocadora, o qual nada sofrera com o despenhar brusco de que fôra vitima, lhe disera venturozo...

—Tem durado...

—Que?!... O leque?!...

—Sim.

—Não seria posivel que, de presa, se acabase um trecho de ti...

Oto, arguto e caula, encarava o fenomeno perante os principios da filozofia popular, derramando dentro de si mesmo a fé em que «menos não duraria, por certo, o leque si comprado fôra com dinheiro muito bem ganho». E, num rasgo final, ele dizia, intimamente, naquella como em outras vezes: «vintem poupado, vintem ganho»... Brazilia, entretanto, lucrára por não calar:

—Vejo-te sempre nos presentes que vêm de ti... Eles são pedaços vivos de noso amor... de nosa paixão...

—Mas eles são bastante raros...

—Não cuidemos disto agora... Cada qual prezencia como pôde... Nem eu quereria mais do que que tenho de ti...

Asim dispondo, a sobrinha de D. Jozé estava suficientemente encaminhada para abordar a materia urjente do cazamento... E, quantas vezes, na intimidade, nuns tons ultimos de seu histerismo, ella, sem consciencia, parodiando o soliloquio de Hamlet, não atentára na magna questão que para ella poderia ser o cazar ou não cazar?!... Não era para perder, portanto, aquelle ensejo raro e unico, talvez, na sua distendida vida de apaixonamento... Por iso, quebrando mais uma vez,

naquele encontro, a dificuldade do silencio ocasional, ela atacou...

—Vê tu como vai saltitante e alegre aquele joven casal sem filhos?!....

—Asim queria estar eu contigo...

—E não estás porque não te pareceu ainda bem...

—O! Brazilia!... Admira-me que sejas tu quem profira similhante acuzação contra mim...

—Ora!... Si não me crês, pede-me ao tio-Rei e a tua sorte será mudada...

E, com toda a sua verve, ela quizera adeantar, o que repetira no seu intimo: «E's um principe encantado na figura mesquinha de um simples amanuense»... Limitou-se, porém, áquela frase primeira com que se espantou o mancebo conturbado deante da franqueza da sobrinha de D. Jozé:..

—Como havia de ser...—pensava Oto, antes de inter-pelar a collocutora... E, por fim, acrescentou:

—Mas, afinal, como ha de ser?...

E, ato continuo, Brazilia, grave e solene, pegou na timidez de seu galã, bradando:

—Gloria ao teu acanhamento!...

—De fato—replicou o moço perturbado—tenho uma alta dóze dese mal... O que a natureza me deu não poso negar... Pedir-te ao rei!... Que difficil!... Nem ao menos ele é o antigo camponez do começo de nosos amores!... Então... Ora!... facilmente eu te pediria...! Agora, conferenciar com o rei numa confidencia... Nunca!...

Dezanimando tambem com a fraqueza do enamorado, a sobrinha e pupila do rei, pode, apenas, enfraquecidamente, dizer, ajuntando todo o alento escapo da serie enorme de decepções...

—Em verdade si esperar por tua iniciativa, jamais sairemos do que estamos... Mas não hei de ser eu quem me vá pedir ao meu tio...

—Si tu queres—afirmou o amanuense atinando com a razão daquele cabível dezanimo de sua amoroza—porque não hei de executar a tua vontade?... Si o teu conselho houver sido um produto do teu justo delirio de cazamento, com a negativa do rei, tiraremos a prova real...

E, acaparaçõando frases, como os cornacas faziam carregando os seus elefantes de ouro e de pedrarias, Brazilia falou literatamente...

—Não, senhor!... Não tenho o direito de mandar na tua vontade... Que sou tua?... Nada... Alvo de paixão?... Tudo isto dezaparece... Mas do que estou convencida, é de que aquele que se revela covarde em materia de amor não o tem, por certo... O amor é, como a vida e a morte, cheio de atrevimentos. O ser que não se atreve na luta com o meio, é derrotado; aquele, porém, que combate pela sua salvação, é um heróe: é o vivo!... Queres amar, amar indefinidamente, sem ouzar... O amor não é um habito, mas é um destino feliz. Que graça acharás na embarcação, que, lançada ao mar, jamais teve a corajem de largar as suas amarras para cindir as vagas?!... Que beleza teriam os astros, si não ouzasem fuljir para que as suas luzes, rompendo as distancias de muitos anos, atestasem as suas existencias dos outros lados do azul sidereo?!... Que seduções poderiam ter as flores, si, voltadas as suas corolas para os ceus, os seus amores não se realizasem?!... Amar é, pois, atrever... E o mais vigorozo amor é aquele que mais atrevimentos revela... Acho divino

o amor do poeta que, por tanto amar, conseguiu ouvir estrelas... Ele amava só?... Não: ele ousava tanto quanto amava... ou tinha mais atrevimentos e ousadias do que amor...

Tanto ouvindo da sobrinha do rei, que, inspiradamente, falava, o amanuense estava solerte como um tipo que é surpreendido durmindo ao acaso, e a quem a autoridade policial adverte da contravenção que praticava. De seus labios não saíria, porém, uma só fraze capaz de corresponder, mesmo de lonje, a loquacidade eloquente de sua enamorada, que atacava para deante:

—E de todas as covardias a maior será aquela que destitue o homem da coragem e da ousadia para se declarar impoderoso... Por ese caminho, meu caro, os intereses nosos jamais se conjugarão... Precizas ter a ousadia de confesar ao meu tio que me queres para espoza, e que, para tanto, careces da protecção que ele te póde dar...

A duas centenas de metros, rapido e atroador, o bonde electrico apontava para que dele Brazilia fôse passageira. O bastante, porém, sobre o que o seu galã deveria fazer já ela tinha exposto claramente. E, beijando, respeitosamente, a dextra, Oto, quando de Brazilia se despedia, arrancou de seu imo a confissão:

—Estou lembrado do que me aconselhaste: é preciso ousar...

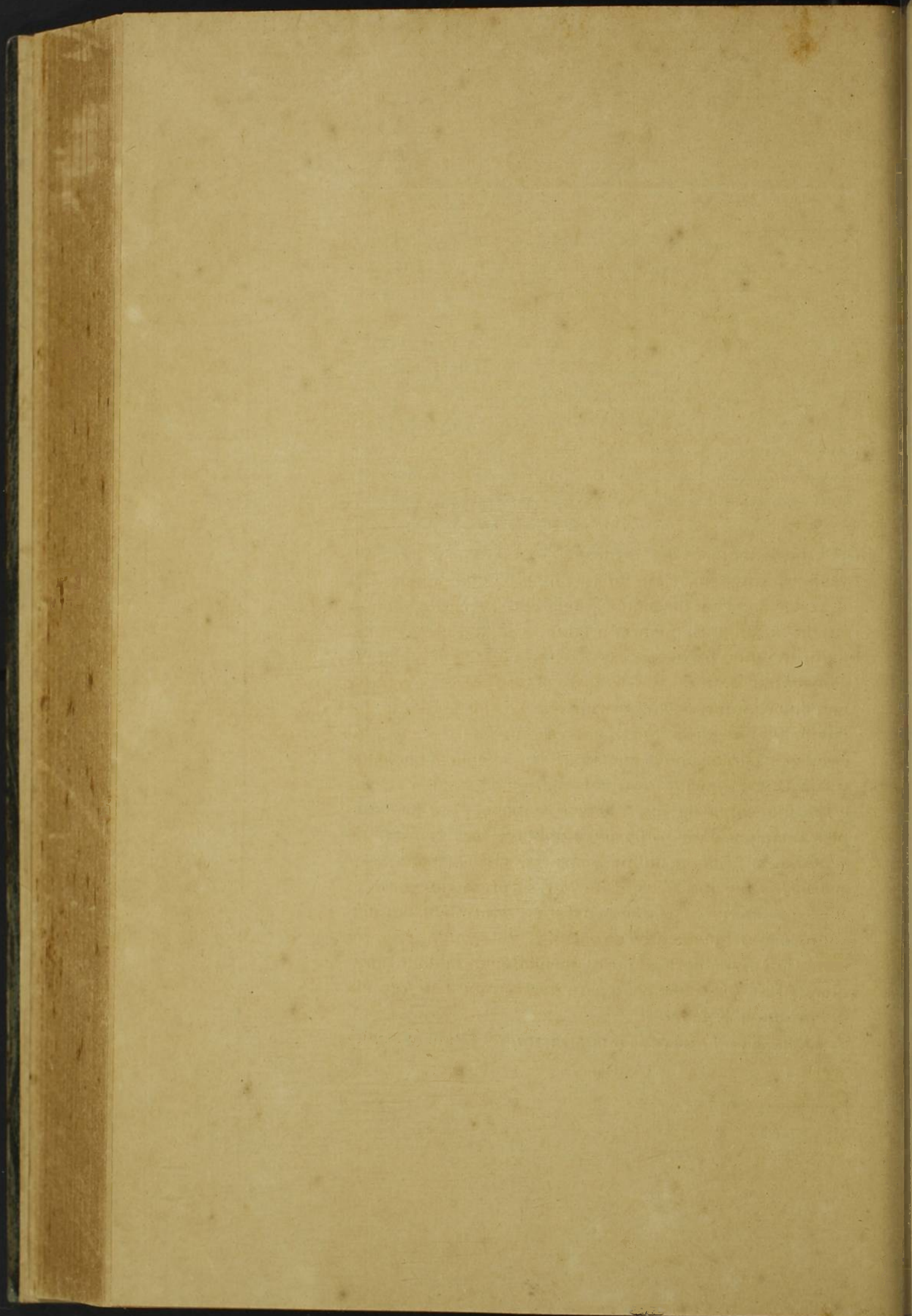
—De certo!... — respondeu a rapariga...

—Ouzarei!...

—Não te esqueças: por intermedio do dr. Brijido Galo... Sim?

—Que duvida!...

E os dous enamorados se apartaram, de plano feito...



A tarde daquele dia, no desempenho de uma missão, a senhora Madalena falou ao rei do «proximo pedido» de Brazilia. Fôra um tormento aquela noticia para o monarca da Suzania. E, quando a noite, a noite lobrega e humida de junho friorento, envolveu as coizas e as sombras começaram de ter vida, D. Jozé estava, entre os veludos magnificos e turjidos, que ranjiam os seus impenitentes combates á turba dos mal-vestidos e dos tecidos chinfrins, perseguido pelas fantazias que aquela novidade trazia ao seu espirito... «Aquela figura de hombros curvos e tez de estatua da sua sobrinha, cubiçada por um simples amanuense de repartição publica, aquela estampa soberba de princeza adotiva, não era, por certo, para ser acariciada por um marido de tão duvidoza categoria... Mas, que fazer? Si os dous corações se atraíam, era deixal-os ir um de encontro ao outro... Entretanto, ele, rei como era, livre para a pose de qualquer mulher, por que...» E D. Jozé chegava a perquirir porque não fôra ele quem amou Brazilia...

—Pois não é que fui um dezastrado? Expôr a minha

sobrinha na roda de um casamento qualquer, quando eu... e porque não?... quando eu poderia tel-a minha... E porque não me lembrára em tempo... Já era tarde, porém, para aquilo... Depois, laços outros não me deixavam tão livre... E a Filomena?...

E a quiméra sibilava esperanças e disabores na alma real, como uma serpe gigantesca que se enroscáse na mizeria moral daquele soberano alucinado... A hora, também, era convidativa, como nenhuma outra, para divagações perigozas... Sob a noite que envolvia a cidade, meio nublada e bafejada friamente, no alto a lua cheia, traçando, mais uma vez, a sua incansavel róta azulada, quantos não se sentiriam animozos para a pratica de incestos, de homicidios, de escaladas?!... Não seria que o aspeto de caricaturas mortas das cazarias baças e indistintas favorecia a criação de planos tredos como a formação de craneros repelentes e asasinos nos seios de virjens amorozas?!... E o rei, proseguindo as suas dores e as sua quiméras, entre farrapos de agonias e de prazeres, na atitude reclinada sobre a predileta *chaise-longue*, era um mar morto formado nas anfratuozidades dos rochedos festejados com as aguas das marés altas...

—Meu tio!—exclamou, subitamente, Brazilia—eu e Florinda vamos hoje ao teatro, para o que carecemos de tua prévia licença...

—A! sim!...—respondeu o rei, tendo deante dos olhos a alacre figura de Brazilia... Naquele instante o monarca transitou uma existencia de duvidas, anceios e hezitações... Porfim, gaguejou uma interpretação:

—Que levam hoje?...

—Uma peça nova... A *Prinzeza Maleine*... Um primor!...

—Creio que vocês já viram...

—Sim, meu tio... E porque vimos não é possível que deixemos de assistil-a outra vez...

—E' natural... Pois que vão!...

E, depois que a sobrinha ia retirando-se, o rei pediu-lhe a atenção:

—Olha!... A noite está muito fria... Prefiram o *coupé*...

—Já tínhamos deliberado isto mesmo... O *landau* não oferece tanto resguardo e por iso...

—Está direito!... — finalizou D. Jozé.

Coloquio não era findo e já o monarca da Suzania queria a todo o tranze saber porque a tal peça daquela noite era «bizada» por suas sobrinhas que não gostavam de repetir espetaculos... E, segurando um pacote de jornaes, começou de pesquisar as rezenhas teatraes, até que, depois de certo trabalho, se lhe deparou um em que se lia:

«*A Princesa Malvina*, drama em cinco atos, de M. Meaterlinek»...

—Eis aqui!—exclamou ele, alegremente, desdobrando e amachucando, ao seu geito, o jornal noticiozo...

—Dá licença, Amado Rei...—interrompeu a vóz do dr. Brijido Galo... E este, transpondo o liminar da salêta onde estava o rei, acrecentou...

—Vim tiral-o de sua tranquillidade!

—Mas, porque?...—respondeu o rei asustando-se...

—Haverá alguma novidade?... algum incidente mau?

—Não, Augusto Senhor!... Apenas saudades minhas...

—Então!... Chegaste a tempo...

—Para servir-vos, Senhor!...

—Ora, — perorou o soberano — desde que tens bôa vista, lê isto...

E D. Jozé passou ao poeta niponico o *Jornal da Suzania*, onde se publicára o rezumo da peça do dramaturgo belga. O joven economista pasmou deante do que via: o rei interesando-se com asuntos de teatros!... «Coiza nunca vista!...» Então, obedecendo á ordem real, começou de ler...

—«*A Princesa Maleine*, drama em cinco atos, de M. Meaterlinek. Foi uma noite de verdadeira sonolencia a que nos deu hontem a companhia dramatica franceza...»

—Como?!...—intercedeu o rei, fazendo o poeta parar a sua leitura...

—Lê isto outra vez...

E o poeta releu:

—«Foi uma noite de verdadeira sonolencia a que nos deu hontem a companhia dramatica franceza...»

—Qual! não te entendo bem!...

—Mas, porque, Divino Rei?...

—Foi de sonolencia...?

—Sim...

—Está direito!... Adeante!...

O dr. Brijido Galo, intrigado o mais posivel, prosegniu na leitura:

—«Estivemos sonhando apezar de acordados, porque a peça de Meaterlinek tem as suas cenas pasadas nos confins do Sonho... Algumas linhas bastam para proval-o: tudo foi sonho que se desenvolveu, primeiramente, no dominio do rei Marcellus, e ao depois no palacio ou nas dependencias do castelo de Hjalmar... E, para comproval-o, basta o enrêdo da peça: Maleine foi a noiva do principe Hjalmar, filho do monarca do mesmo

nome. Mas, acontecimentos totalmente imprevistos e que terminam numa guerra devastadora e na exterminação dos seus, arruinaram esse projeto. Hjalmar, portanto, deve despozar Uglyana, filha dessa perversa rainha Ana, que, em chegando à corte, não demorou muito para que se subjugasse o velho rei. Entretanto, Maleine não renuncia o seu amor. Depois de diversas peripecias, ela se introduz na qualidade de camareira, no castelo, e substitui Uglyana, uma tarde em que esta realizava um *rendez-vous* com Hjalmar. Dá-se, então, a conhecer. Desde aí Hjalmar repele Uglyana e revela a Maleine o amor que já mais ele deixou de lhe destinar. Os tempos correm e Maleine parece vítima de um mal qualquer: foi que a rainha Ana, de quem ela contrariava os desígnios, a envenenou. O veneno não agindo muito rapidamente, a rainha perdeu toda a consciência, e, com a cumplicidade do velho rei posto meio imbecil e a quem ela obsecou, estrangulou a princesa Maleine... É tudo isto que se passa no misterioso reino do rei Marcelus...»

—Basta! Basta... — gritou o rei batendo uma forte pancada com a canhoto sobre a sua fronte rugosa e larga. Depois continuou:—Percebi tudo, tudo... Ela não vai lá por causa da peça, nem tão pouco por causa do espetáculo: vai para encontrar-se com o pelintra do namorado...

Neste ponto, sem atentar na presença do dr. Galo, que o olhava boquiaberto e incapaz de compreender o que se passava, cruamente, com o rei, aos seus olhos, D. José deixou escapular...

—Hei de empatal-a!... hei de empatal-a!... porque não lhe farei a peça de pretendel-a?... É bem fácil que o amor do pelintra a tenha dominado até à medula dos

osos... Não é possível que também nisto me deixe vencer!... Quem me impedirá?...

Procedendo com justa conveniencia, o poeta niponez levantou-se de junto da luz amarela do fôco electrico, com que acabava de ser iluminado o palacio, e atalhou o monologo leviano do monarca, proferindo uma es-cuza:

—Vou deixar-vos, Divino Soberano!...

—Não! Espera um pouco...

—Si o Rei amado assim ordena...

—Não ordeno, peço...

—O! Senhor!... quanta honra...

—Então, pelo que vejo e pelo que me informaste, ligeiramente embora, na audiencia, a politica pelas Camaras anda um pouco embrulhada?...

—E' verdade, contra a ideia da revizão preceitual, impecilhando o bom andamento da tentativa tão vantajosa para v. ex. quanto prolongaria por anos muitos, com as bençãos geraes, o voso bemdito governo, se levantaram, inesperadamente, as bancadas adversarias e o projeto foi defunto no nacedouro...

—Eu sei tudo isto de onde provem...

—Muito me esforcei, Virtuozo Rei...

—Estou certo disto. Mas, a direção politica do Parlamento entregue como está ao Vice-Rei, do que sou inteiramente culpado, tem seguido um caminho pesimo, desde as hostilidades levantadas contra os partidarios representantes do reino, que se mostram meus adeptos, fracionando-os, descontentando-os, até á opozição que já se vai tornando sistematica ao meu governo... Vicio do rejimen, meu caro poeta, vicio do rejimen!... Estou mais do que convencido de que eu poderia muito bem

governar sem ter o corvejamento incesante do vice-rei... E, enquanto este cargo existir e dele estiverem encarregados mortaes gananciozos e desleaes, a sorte dos reis ha de ser sempre a mesma... E' o cazo da importancia maxima do menos com prejuizo vizivel do mais, ou seja o governo deste por aquele. Que é o vice-rei na equação das forças politicas senão o simples sinal de menos?!... Entretanto, sendo o rei o sinal de mais, no confronto dos sinaes contrarios, se destróe... Porque assim?... Vicio de orijem, meu caro, não ha que ver... Sou rei, não ha que duvidar, mas em querendo uma coiza destas do Parlamento de meu reino, não tenho forças para conseguir... A razão é facil: sou rei, mas um rei eletivo... como os reprezentantes parlamentares. Dado que deles precisase eu no começo do meu governo tudo adquiriria... Mas porque?... Simplesmente porque da reeleição deles cuidava eu, ao passo que da minha substituição cuidam eles... Esta é a diferença: eu sou um rei decadente, que terá de desaparecer na faze aguda do poderio deles, e eles, naquela primeira epoca, mandatarios cujos mandatos teriam de renovar-se á minha vontade e sob a minha inspiração... Não é exato?...

—Com certeza, Iluminado Soberano!...

—E agora?...

—Sinto-me amesquinhado, meu Rei... A reforma não pasará.

—Despreziveis que todos eles são!...

—Na verdade!... Tenho eu, pelo muito amor que consagro ao voso augusto nome e ao vôso real interese, cojitado em frustrar o plano deles...

—Como assim?...

—Retirando a revizão do plenario...

—Pois bem!... Si é necessario que se faça... Que, por este proceso, fiquem inutilizadas todas as combinações dos nosos adversarios... Meu amigo, neste negocio a victoria do governo é indispensavel... Não te dês á parcimonia de esforços para perdermos no final das contas... E, pois, faço-te a deação de carta branca para tudo...

Mas, nesta pasagem, Brazilia e Florinda, cada qual mais ricamente trajada com as suas vestias de sêdas farfalhantes, que vieram, ao modo dos contrabandos, nos navios da restaurada esquadilha real, afrontaram a discussão politica, partindo-a naquele trecho. .

—Tio e Rei!... — exclamou Brazilia ..—seguimos a tempo...

—Pois sim, sobrinhas...

E cada uma delas, por sua vez, se encaminhou da pessoa do rei, beijando-lhe a dextra e dele recebendo um osculo na fronte. Até áquele momento, entretanto, o beijo respeitoso com que sempre mimozeára Brazilia, não lhe tinha jamais atinjido o imo dalma como daquela feita... Então, o rei se perturbou...

Naquele reholiço de despedidas, porém, um famulo que ia a chegar annunciou, ao mesmo tempo em que o dr. Brijido Galo se erguia para partir, com o pensamento, aliáz, de egualmente ir ao teatro...

—Majestade!... Uma senhora de condição procura falar-vos...

—A esta hora?...

—Fez-me trazer a Vossa Dignidade o seu bilhete de visitas...

E, dizendo isto, na mesma ocazião em que o rei lhe dava uma ordem seca para acompanhar o poeta nipo-

nico até á saída do palacio, pasou a D. Jozé um florido cartão rozeo, onde se lia:

—Filomena Castro Borba!...

O monarca, como si defrontase, inesperadamente, com a verdade de um sonho que lhe parecesse impossivel, já estando só, não se conteve no transbordamento de seu grande jubilo para não gritar:

—Filomena!... Que surpresa!...

Mas, logo compreendendo a afouteza de sua amante, de um só folego alcançando o motivo intimo daquela aparição inesperada, o qual era o propozito de surpreendel-o no convivio de suas palacianas, esteve para recuzar-se de ir a sua presença. Não lhe foi dado, porém, fujir ao prazer de entrar em contatos com aquela mulher de seu grande amor. Assim, foi ter á antecamara de espera, entrando em rapidas explicações...

A senhora Madalena, todavia, sem querer, começou de perceber, de onde estava, repasando o seu volumoso terço de coquilhos, o colloquio do rei com a «rainha postiza»... E, ouvidas as primeiras frases, perdeu o fio das rezas e foi toda ouvidos para o que perto de'a falavam os dous amantes...

—A senhora por aqui?... — disse o rei logo que acabou de apertar-lhe a mão.

—É verdade, vim ver-te... — respondeu Filomena, tudo examinando com um olhar muito agudo e ciumento...

—Abuzaste vindo aqui!... — recriminou-a o soberano franzindo a carantonha e entristecendo o semblante...

—I! Que cara feia!... Si continúas morrerrei de medo...

—Vai-te embora, anda!...

E inumeras outras frases foram entre eles trocadas, naqueles curtos minutos de convívio ali. De tudo, naturalmente, se cientificava a prima do rei, que perdera, também, os movimentos para não ser descoberta... Não lhe fôra surpresa, portanto, quando no fim do colloquio, os dous amantes se apartaram, o rei falando á mulher:

— Amanhã, ás duas horas, no teu embarque...

Filomena voltaria, então, como não esperava, no dia seguinte, ao sitio das *Candeias*...



Ia chegar ao fim aquele sonho de amor espaçado por cinco lentos anos, com amabilidades, lirismos, pieguices, encontros deliciosos em horas de luar, quando tudo em redor de Oto e Brazilia parecia florir em iluzões e esperanças! Iam eles, por fim, tentar o casamento. Bem que tal fato desgostava o rei que se arrependia, então, de não ter sido o primeiro homem a despertar os sentimentos amorozos do rico coração de sua bela sobrinha. E porque não trataria ele de encaminhar, pelo matrimonio, a felicidade de qualquer das outras, o motivo estava na fatalidade de uma, a Eujenia, estar ferida de um mal de morte, e da outra, a Florinda, estar mais proxima do «barricão» do que da ventura de ser despozada. Das suas sobrinhas a que, por certo, lhe serviria, seria a Brazilia: organismo puro, bem fornido e quente para a aljidez encanecida de seus muitos anos... Esta escapava-se-lhe pelas malhas largas da rede de um enlace projetado, e, num adeantado arranco a que ele não poderia criar obstaculos.

Providencial lhe saira, entretanto, a inesperada vizita

de Filomena, que ousára penetrar em palacio, para «pegal-o no convivio amistoço e indiscreto das suas amantes palacianas.» Não percebera D. Jozé, todavia, que aquelle colloquio com a amante fôra, em grande parte, escutado pela senhora Madalena, silencioza e atenta, que se encontrava no seu posto de beatice inexcidível. E, mal que chegadas foram do teatro, aonde, por negocio de seu proximo pedido, Brazilia estivera num prazenteiro encontro com o amanuense de sua paixão, as duas sobrinhas do rei ouviram a velha prima, que, em confidencia, tudo lhes participára...

— Está uma tipona... — dizia ella, cada vez avivando mais na memoria a recordação da figura de Filomena, enfronhada num decente vestido de flanela azul, cuja bata lhe dava um respeitavel ar de seriedade...

— E como o tio a tratou?... — inquiriu Brazilia mais curioza, muito mais do que Florinda.

— Muito resabiado, priminha, e a olhar inquietamente para todos os lados... Mas eu reparei bem na tipa... As curvas de seu rosto carnozo a que os olhos vivazes banhavam de intensa luz, vão se enchendo de dobras que caracterizam já a acenção de sua idade...

— A! está velha assim?...

— Está ficando... Mas sempre a mesina falastrona...

— E que veio ella fazer?... — perguntou, por sua vez, Florinda, bastante intrigada com atrevimento da amazia de D. Jozé, entrando naquella caça...

— Ouvi dizer num dos torneios de sua proza cochichada—«vim fiscalizar-te»...

— E o tio que lhe respondeu?

— Não pude perceber, mas, porfim, combinaram estar juntos amanhã ás duas horas...

— Onde, assim?... — inquiriu, ainda uma vez Florinda...

— Não pude perceber!... — acrescentou a senhora Madalena, depois do que finalizou: — Vejam lá que vosês duas não me descubram o segredo... Ele não desconfiou, nem de leve, que eu tudo tivese presenciado...

— Ela muito se adeantou!... — explodiu Brazilia, jogando-se no leito para descansar das doces emoções de todo aquele dia. Otto estava empenhado em pedil-a no seguinte. «Que diria ele ao seu tio?!... E... que lhe d'ria por sua vez o seu tio rei?!...» Mas, como um expediente para que a noite decorresse o mais depressa possível, fez por esquecer-se de todas as vitórias daquela jornada, quiz apagar do pensamento a imagem do homem amado, e deixou de idealizal-o com enternecimentos, profuzo em maneiras distintas, modos sociáveis e fina educação, como ela o compreendia... E recordou-se, por acaso, embora desviando o sono inconscientemente, da primeira noite em que com ele se encontrára, e da inveja com que as outras mulheres o fitavam quando ele pasava ao seu lado, nos pequenos descansos que entresachavam os redopios das valsas e as moniees dos *pas de quatre*... Depois, recompunha as suas frases timidas e cativantes, espalhando sedução e simpatia, e o modo como ele dizia as palavras que eram persuazivas e que atraíam irresistivelmente... Dali por deante, a sua constancia sem esmorecimentos, a sua pertinacia em vel-a todos os dias, em seguil-a, de perto ou de lonje, mas em toda parte, numas venturozas premisas de noivado perpetuo... E, sutilizando os pensamentos, ia adormecendo, quando um calefrio nervozo a despertou com a sensação de que se despenhava num abismo insondavel... Revolveu-se no leito, e recomeçou de

pensar no seu galã e no seu proximo feito. «A! que boa teria de ser a sua existencia dali por deante, que ventura passar a vida inteira perto dele, tão perto que ela sentise sempre, como na primeira noite de seu encontro, o seu halito ardente lhe bafejando as faces e os seus olhos despejando salientes caricias lhe fizesem tremer todo o corpo numa ancia interminavel de seu grande desejo!... E que fortuna inegalavel quando, no alheamento do mundo leviano, ela se vise entre os seus braços rijos, que eram duas aljemas, e gozase nos labios adolescentes a perturbação dos seus beijos!... » Naturalmente, com estes pensamentos, a sobrinha do rei não conciliaria nunca o seu sono. E assim, de ideia nova em ideia nova, de pensamento extranho em pensamento extranho, ela percorria as longas horas da noite, com a tristeza de uma canção que finda por entre as emoções batidas de uma serenata apaixonada...

Na manhã seguinte, mal dormida, fôra Brazilia quem primeiro se levantára em palacio... Ela espreitava a rua na anciedade de quem espera a riqueza a entrar-lhe, de um momento para outro, pelas portas a dentro... Por egual, D. Jozé não dormira durante toda a noite. Trez fatos, como trez duendes, puderam mais do que o seu sono, esta função fiziojica, que, absolutamente, não fôra abolida em sua habitual fartura, nos momentos mais acres de sua vida de rei. E, realmente, num espantozo conjunto, lhe afadigavam a mente não só o atrevimento da amazia penetrando naquele cazarão com risco de fazel-o perder a compostura e o dezegano cabal de que a revizão da Lei Preccitua não se faria de modo algum, mas tambem o matrimonio de Brazilia com um outro homem quando, pelas suas qualidades individuaes, de

rei viuvo e de poderozo, a ele e não ao «humilde amanuense» deveria caber tão grande prazer... E, num destes momentos, foi que ele conseguiu compenetrar-se de uma verdade a ser levada muito em conta...

—E não é que eu fui irmão da desventurada mãe de Brazilia?!... não é que eu tive aos meus cuidados, fazendo as vezes de pai, esa menina que agora vai cazar e cuja 'mão me pedem como ao seu proprio pai?!... Que diabo!... Qual!... Não sei como penso até em fazer-me incestuozo... E' triste, é!... Vou deixar a rapariga fazer o seu cazamento... Nem é bom que se pensar venha que eu pretendi opôr-me com a vontade de posuil-a... Sacrilejio!...

Apezar de asim deliberado, entretanto, o rei, não conseguia abolir, de todo, a lembrança de cazar com Brazilia, o que, nas traslações de seus ideaes decaidos, reaparecia, então, com o fulgor e a irregularidade dos cometas que marcham descrevendo parabolos... Mas, era preciso ralhar de certa fôrma com Filomena, e, no tumulto de suas aspirações violentas, não foi de balde que ele exclamou:

—Querem dar cabo de mim!...

E, como a solidão lhe favorecese o monologo ou o soliloquio, instantes depois completava o trecho...

—Vão-se os aneis e fiquem-se os dedos! Hoje embarcarei uma para o seu desterro; ao depois, cederei a outra ao cazamento do amanuense, e, finalmente, em tempo oportuno, deixarei o trono, porque de suas vantagens só poderei ter quatro anos... E eu que me contente de o atravessar sem incidentes de maior monta...

Ora, com esas dispozções de animo, mas um tanto ou quanto nervozo, em consequencia da insonia e das

atribuições, o rei ia pasando um dia feliz na espetativa da hora em que faria retroceder, ao gineceu, a amante escandalosa... Era, pois, inapelavel a sua sentença: Filomena tornaria ás *Candeias* no vapor daquele dia... Mal acabava, porém, de providenciar, largamente, para que isto assim mesmo succedese, quando teve a inesperada vizita do dr. Brijido Galo.

—Estás branco como a cal da parède!...—proferiu o rei vendo o poeta niponico ali entrar bastante desfigurado...

—Impresões, Divino Rei, impresões!...

—Que mal te pergunte: de onde vens, o que sabes e quanto queres?...

O poeta abriu o rosto num sorriso confuzo e arriscou um pouco:

—Trago-vos uma grande novidade: venho numa embaixada...

E o rei franziu a fronte espaçosa.

O dr. Galo, que não ia ali praticar nenhum delito, esteve para falar de chôfre tudo quanto levava na sua incumbencia de dizer. Não havia, entretanto, muito tempo que procurado, na secretaria de sua Camara, de Oto Americano recebera a missão de ir ao rei pedir em casamento a sua sobrinha Brazilia.

—Meu caro dr. Brijido, trago-lhe uma comissão que não me parece pouco espinhoza...—encetou o amanuense a sua confidencia, quando na presença do poeta japoncz ..

—Alguma novidade no teu emprego?...—atacou o dr. Brijido, espiando logo um bom ensejo para realizar qualquer negocio lucrativo...

—Não!... De um encontro que, hontem, á noite, no

teatro, eu tive com a d. Brazilia—e o amanuense fazia-se cerimoniozo no tratamento de referencia á enamorada—a princeza, sobrinha de noso Venturozo Rei, aconselhou-me que lhe dése eu a incumbência de interpretar os meus dezejos de consorcio com ela junto ao noso Soberano Feliz... E eu de vir, portanto, lhe falar tomei um comprimiso que agora realizo... Não sei si a comissão...

O poeta encarou o joven funcionario publico, como si milhares de dificuldades encontrase naquele instante, e não tardou que pipiase:

—Sim... Não ha duvida...

Exultava o amanuense, prontamente, quando o economista lhe advertiu:

—Mas ha dificuldades e trabalhos...

—Sei diso, sei... Que fazer?...

—Primeiramente, a tua condição...

—Melhorará si o rei quizer conceder-me a graça...

—Um simples amanuense...

—O rei me fará diretor de secretaria, ou...

—E isto será facil?...

—O meu interprete saberá concorrer para que tudo bem se faça...

—E' bom de dizer...

—E melhor de fazer...

—Estás muito otimista...

—Graças ao proteccionismo que me vae o dr. Galo dis-pensar...

—E, é... Mas, meu caro, amigos amigos, negocios aparte...

Foi dolorozo o momento de espetativa em que se encontrou o amanuense. Houve um grande sobresalto no seu animo, e, quazi, um esmorecimento... Este

dezapareceu logo que o poeta continuou as suas ponderações...

—Tu vais melhorar de meios, subir na categoria dos teus pares, ter maiores lucros e proventos...

—Sim... E só assim poderei realizar o ato de noso desejo...

—E eu, meu amigo, vivo disto... As minhas rendas resultam destas intervenções pacíficas e amistozas junto do rei, para que negocios, como este, se realizem sem dificuldades... Qual é a parte que me tocará nisto?...

—Os nosos agradecimentos...

—O! Por tão pouco não vou lá...

Esteve o amanuense com impetos de rejeitar os bons officios daquele embaixador interesseiro... Si o fizesse, porém, como se sairia da alhada?!... Não era posivel que perdese o negocio porque não quizesse ter socio nos lucros... E por isto, muito naturalmente, rezolveu fechar a tranzação com o dr. Brijido...

—Doutor—dise então—estou pelo que o sr. quizer, comtanto que me faça feliz... Precizo cazar-me...e...

—Não ha duvidas!... Mas o que aqui ficar asentado, não só é de pedra e cal, como tambem é para ficar entre nós dois no mais absoluto segredo...

E, dizendo isto, o poeta levou o indicador da canhóta ao comprido do nariz, fazendo o simbolismo do silencio, que «era a alma do negocio»...

—Ai de ti—anunciou o economista—si o Rei sabe que entraste para a familia dele pela porta estreita de uma negociata comigo ou outro qualquer! Portanto, boca fechada...

—Sim... E, que mais?...

—Nada... Tudo correrá bem...

—E os seus lucros, doutor?...

—Darás, durante os mezes de noivado, cincoenta por cento dos teus ordenados do novo emprego...

—I! doutor!.. Metade, logo?...

—E então!...

—E' muito!

—Por menos não faço!...

—Ora!... Dos males o menor... Está dito! Negocio fechado!...

—Agora, si tu pensas que ficas mal servido assim, recorre a outro... O interesse é teu... Nada perderei em não ser eu o teu interprete; aliáz, tu bem pôdes ser logrado outro vindo em meu lugar...

—Não, doutor! Outro não me serve... Só o senhor me agrada....

—Neste cazo—perorou o poeta japonéz, dando um pouco de hombros—estou ás tuas ordens...

Pasado um momento, o dr. Galo renovou a questão:

—E quando queres que eu comece a ajir nisto?... Hoje?... Amanhã?...

O amanuense não teve nenhum vagar para responder prontamente...

—Hoje mesmo!... Já, até!...

—Pois bem!... Vou já a palacio...

—Eu aqui lhe espero...

—Dito e feito.

Por iso, o dr. Brijido Galo estava em conferencia, áquela hora da tarde, com o soberano da Suzania, em palacio. E não foi de extranhar que, em menos de uma hora, o poeta voltase ao encontro do amanuense e lhe annunciase o triunfo obtido em sua embaixada. Sorrira Oto Americano e abraçára, incontinente no seu prazer,

o seu grande advogado. Naquele mesmo instante, igualmente, saindo o rei afim de dar realidade á reexportação de Filomena para seu gineceu, Brazilia era de tudo prevenida pelo seu proprio tio monarca, que lhe participou haver escolhido Oto Americano para professor de grego no Real Collegio de Instrução Prope-deutica... Brazilia estava noiva, e o amanuense, queria o rei que fôse, sem mais aquella, um professor de grego...

Em seguida, sem o aparato das cazas civil e militar, que, de ordinario, acompanhavam Sua Majestade nos atos de sua vida de rei, D. Jozé foi, sorrateiramente, embarcar Filomena, ás duas horas da tarde daquelle mesmo dia, afim de certificar-se, com os seus propios olhos, de que, de fato, a sua amante voltára ao seu gineceu.

—Ingrato!... A tanto me obrigas!...

—De certo!... As vozes da opozição falam em fantasmas sem elles existirem, quanto mais sabendo que tu estavas aqui a passeio...

—Salvo seja!...

—Porque?

—Não sou nenhum fantasma...

Asim, na hora de embarque, confabulavam, pacificamente os dous amantes. Daquella vez, quicá, porque fóra estivese dos seus amozos dominios, o soberano da Suzania tivera forças Moraes para governar a sua amante, que voltava aos seus penates, rapida como um aerolito qualquer...

—Tudo muito bom!... — continuava a sedutora mulher... — Quando te verei novamente?...

—Breve, breve!...

—Então, adeus!...

—Adeus!

E o rei se confundiu todo com o expresivo aperto de dextas, que lhe dava a apaixonada rapariga. Nenhum colloquio, naquela situação, seria mais franco e mais profundo, do que aquele sinal ligeiro, passando-se ás escondidas por meio dos toques das suas epidermas todos os desejos daqueles corpos sensuaes. Também, minutos depois, voltando ao cazarão das audiencias, D. Jozé não mais se recordava de sua ebriedade ultima deante da amante viajora. Outros fatos remordiam a vontade do rei. As decepções se renovavam, depois do dezastre, na Camara Baixa, da reprovação, com violentos discursos de combate, da revizão preceitual, que, de muito, era o pensamento doirado do rei. Eram o casamento inesperado de Brazilia, a ouzada vizita clandestina de Filomena, e, finalmente, a agravação do mal de Eujenia, que ia caminho de um desfecho irremediavel—a morte...

Subindo, então, ao salão das reaes audiencias, o monarca sentia-se mais ou menos radiante, engolfado que ficava com as glorias efemeras das reiteradas saudações que os seus vasalos, na presença dos «pavões reaes», lhe rendiam. E o que era feito ao seu cargo, naquelas ocaziões, solicitamente atendendo, sem sentar-se e sem desfranzir o sobrolho, ás atenções dos vizitantes, D. Jozé recebia como consequencia iniludivel dos seus predicados individuaes. Naquele dia, porém, não muito ligando ás pasajeiras cortezias dos que, por força de tranzações com a corôa, demandavam o rei, o tio de Brazilia levava a obsecação de bem aquinhoar o seu futuro sobrinho. Desta sorte, elevando-o das misões de funcionario publico a conselheiro de familia, D. Jozé consultou, de preferencia, o dr. Porto Sinimbú, prezidente do Conselho de

Ministros, acerca do que deveria fazer para honrar e graduar, na hierarquia social, o proximo parente, a quem acabava de conceder a mão de Brazilia.

— Tanta honra, Majestade, para o seu humilde servidor!... — exclamou o magro e comprido chefe da administração publica.

Mas, Albano Mangueira, que, presente estava, interpoz...

— Perdão!... Não alcunhemos o noso rei com ese titulo — Majestade!... Tenho horror a este apelido...

E como o dr. Porto Sinimbú fizese algumas negaças de cabeça, revelando ignorancia do que se tratava, Albano Mangueira foi acrecentando...

— Não sabes?

— Não!

— Pois eu te conto: *Majestade* foi um louco que andava...

Então, o rei que tinha dado uns pasos até um dos janelões de frente da Caza das Audiencias, na satisfação de seu velho habito de palestrar andando, voltava interrompendo a narrativa do pernostico «pavão real!»

— Já se sabe, *seu* Mangueira, já se sabe... Estás tornando-te *cacete* com esa historia do *Majestade*...

O palavrozo palaciano apesar do concentrado moreno de seu rosto e da imobilidade de suas feições nas grandes crizes do pudor, emudeceu um pouco e pensou comsigo mesmo...

— A! tu não queres o meu serviço no combate desa alcunha, tempo virá em que te tornarás arrependido...

Aquela hora, porém, já o rei asentava, com o presidente do Conselho de Ministros, o que havia de

fazer para celebrar as arras de sua sobrinha, amada e conceituada, tanto quanto as suas irmãs, como si verdadeira princeza fôse...

— A! Soberano... — recompunha o dr. Porto Sinimbú, não querendo mais uzar do titulo de Majestade, com que até ali distinguira o seu rei... — E' indispensavel, antes de tudo, um real festim de noivado...

— Não!... — opôz D. Jozé.

O dr. Porto Sinimbú olhou-o profundamente espantado, lembrando-se que aquella negativa peremptoria, em cazo de serviço publico, poderia ser motivo de quéda do Conselho de Ministros.

O rei continuou, entretanto, calmamente desfazendo aquella dezagradavel impresão que a sua negação cauzára no animo do presumido «estadista»...

— Primeiramente, havemos de dar ao noivo elevada pozição social...

— Deve ser, deve ser!... — intercalou o dr. Sinimbú, enquanto Albano Mangueira permanecia mudo e intrigado com a escabriação, que, dezhumanamente, lhe destinára o rei...

— Pensei em nomear o futuro espoz de minha sobrinha para o vago lugar de profesor de grego...

— Que dezastre?... — esteve para dizer Albaninho, cometendo nova bernardice que exigiria nova repulsa do monarca, violento como nunca.

— Acho pouco!... — alinhavou o prezidente dos Ministros...

— Mas, porque?...

— Um futuro principe...

E D. Jozé se ufanava com isto.

—... professor de grego!... Francamente, Soberano... acho pouco...

—Que fazer, então?!...

—Criemos uma nova pasta no ministerio: a da agricultura e minas, as grandes fontes de receita do noso reino progresista...

O rei admirou a facilidade de recursos com que era naturalmente dotado o seu primeiro auxiliar, e dise:

—Poderei fazer isto, por mim?

—Não! As Camaras estão abertas e elas votarão...

—Que?!... Com as Camaras não quero tranzações...

—Então, esperemos que elas se fechem...

—Faltam dias...

—E elas poderão prorrogar os seus trabalhos... —intercalou Albano Mangueira, com extrema felicidade...

—É! — confirmou o rei.

—Mas, D. Jozé não consentirá...

—Por que modos?

— D. Jozé — interpôz Mangueira — não dispõe das maiorias...

—Sim! As maiorias são da opposição... Que valem elas, porém, para o cazo, sem o concurso das minorias?... Elas se completam, e, umas sem as outras de nada servem... Retiradas das suas funções, por ordem vosa, as minorias, as maiorias não completam, por si só, o requizito preceitual da maioria absoluta... E, deste modo, depois de amanhã, as Camaras estarão fechadas...

— Dois dias se escôam sem sentir-se... — dise o Albaninho...

E o prezidente do Conselho de Ministros recebera a

incumbencia real de perpetrar os planos assim concebidos pacificamente.

De fato, dois dias depois, em consecutivos decretos, mal fechadas as Camaras, a organização administrativa da Suzania era acrecida do ministerio da agricultura e minas, para cuja pasta fôra nomeado, solenemente, o futuro espôzo de Brazilia. Depois disto, foram annunciadas as proximas bôdas de Oto Americano, elevado de amanuense a ministro, e, sem mais aquela, um opiparo banquete celebrizava o famozo acontecimento festivo...

Num domingo depois, concorrendo para iso a melhora aparente de Eujenia, que ganhava, então, uma certa liberdade de atos, reuniram-se em palacio, para o festim do noivado, além dos «pavões reaes» e cortezãs, beldades outras cubicadas nesa época do reino da Suzania.

A festividade, efetuada a capricho, corria venturozamente. Não fôra um banquete intimo; era uma festa nacional, da qual participavam, sem excluzão de nenhum, os respeitaveis representantes das nações estrangeiras, ministros plenipotenciarios e embaixadores de todos os paizes amigos.

Na meza, os lugares de honra foram distribuidos aos noivos, e, desta vez, descontentou-se d. Ritinha, porque não logrou a direita do rei, e sim a de Bertoldo Barrozo, pelo que ela foi a murmurar de fôrma que D. Jozé a ouvisse:

—Hoje temos pão com rosea...

E, depois de colocados nas mezas todos os convivas, fidalgamente trajados e recebidos, d. Ritinha não se esqueceu de investigar qual a dama que coubera ao

rei, diante daquela preocupação de organizar os cazaes para a cerimonia do banquete de noivado. Por sua vez, D. Jozé, vendo-se ladeado pela senhora Madalena, a sua velha prima, que, apezar da idade, se não conformára ainda com a desdita de «ter ficado para tia», pensou em que todos os amores e ligações ali se ostentavam menos o seu e de Filomena, que teria de ser sempre realizado ás ocultas... De seu lugar, naturalmente, d. Ritinha invejava a bela sorte da senhora Madalena estar repimpada ao lado do monarca, na situação invejavel de rainha daquela solenidade brilhante. Pelos encontros dos cazaes, a festa só tinha influencia real para os noivos. E Oto Americano, o novo ministro de agricultura e minas, e Brazilia, ali assim, alvos de todos os olhares e de todas as atenções daquela sociedade que se fazia pagã para o batismo dos vinhos e dos *champagnes*, não deciam ás licenciozidades de outra vez, ali mesmo praticadas por D. Jozé e d. Ritinha... Aquela noite era toda de sonhos, para eles noivos!... aquela festa simbolizava o auge da ventura até então sofrida pelo examanuense!... Os grupos espalhavam-se alvigeiros pelos salões ajindo influenciados pelos seus cerebros toldados á ação das finas beberagens do banquete. D. Jozé, porém, sem a influencia da pecadora, fôra respeitoso naquela noite. Entretanto, a d. Ritinha, como a sombra do corpo de Sua Majestade, não deixava de segui-lo, despeitada com o indferentismo do monarca. Alta noite, quando o baile ia no seu ardor, cansada de seguir o rei, a mulher de Bertoldo Barrozo, tentou abordá-lo... E, como não o vise figurando nos salões da dansa, ela buscou D. Jozé noutros comodos de palacio. O soberano da Suzania dialogava com o

marechal Pio Sanches, este, rude sempre nas soluções que apresentava para as grandes crises, ouvindo as queixas do rei contra a sua sorte, alvitando remedios e os efeitos que lhe vinham á mente rudimentar...

—Creia que é o que mais me irrita no conjunto das minhas arrelias de governante e de homem...

—Não é para menos.. —confirmava o comandante em chefe das forças de terra do reino da Suzania...

—Pensar que, mais dia menos dia, estarei vitima do olvido e do indiferentismo dos homens, como os que me antecederam neste posto...

—E' dolorozo!...

—...é mais do que dolorozo...é dezanimator e convida a loucuras...

—E já está rezolvido, Augusto Rei, que remedio algum se encontrará para vosa situação?...

—Mais ou menos, ou, quando nada, ceptico de tudo já estou eu...

—Ainda é cêdo, Majestade!... E muito me admira que a vosa organização de heróe para todas as lutas tão cêdo dezanime nesta materia de menor...

—Queres dizer de menor importancia?... a minha destronação?...

—Sim...

—Enganas-te, marechal .. Imagine-se, o senhor, que já foi chefe de tantos militares, amanhã sem poder comandal-os e por iso mesmo decaido no respeito deles... As tuas ordens serão ridicularizadas, não só, mas tambem apupadas pelos que não mais temerão a tua austeridade de chefe...

—E' exato!...

—Imajina eu! Rei sem trono... Serei como o marido

abandonado pela mulher, que frúe as delicias venenosas do concubinato adultero: alvo do repudio e da chacota dos homens...

—Eu me arrisco a lembrar-vos, Soberano Veneravel, uma providencia... Póde ser que a minha estrategia não vos satisfaça... Em todo o cazo...

—Estou pronto, Generalissimo—dizia o rei elevando a fidalguia do tratamento que dava ao marechal Pio Sanches—para ouvir-te no que quizeres dizer...

—Eu sou um homem para as grandes lutas, e para as grandes violencias...

O rei lembrou-se logo dos degolamentos de Bajé e aguçou a atenção...

—No voso cazo, Majestade, eu disolveria estas camaras ouzadas, porque não temem mais a vosa reeleição, ou o prolongamento do periodo de voso governo, e constituir-me-ia em soberano perpetuo, á moda de uns que existem lá para as Europas...

D. Jozé quizera discordar do Marechal Pio Sanches, compreendendo o absurdo da medida lembrada: o medo, porém, de descontentar ao rispido militar fel-o silenciar um pouco. Fôra, então, que, como uma *ficelle* dos dramalhões de D'Ennery, surjira d. Ritinha seduzindo-o com um olhar cúpido...

Vendo-a, o rei sorrira, e, como o seu sorriso raro e caro perturbára a tranquilidade da mulher aventureira naquele capricho de conquistar um monarca absoluto na sua vontade...

—Quero falar-vos, Real Senhor!—dise ela estrumada com a atitude bemfazeja do soberano...

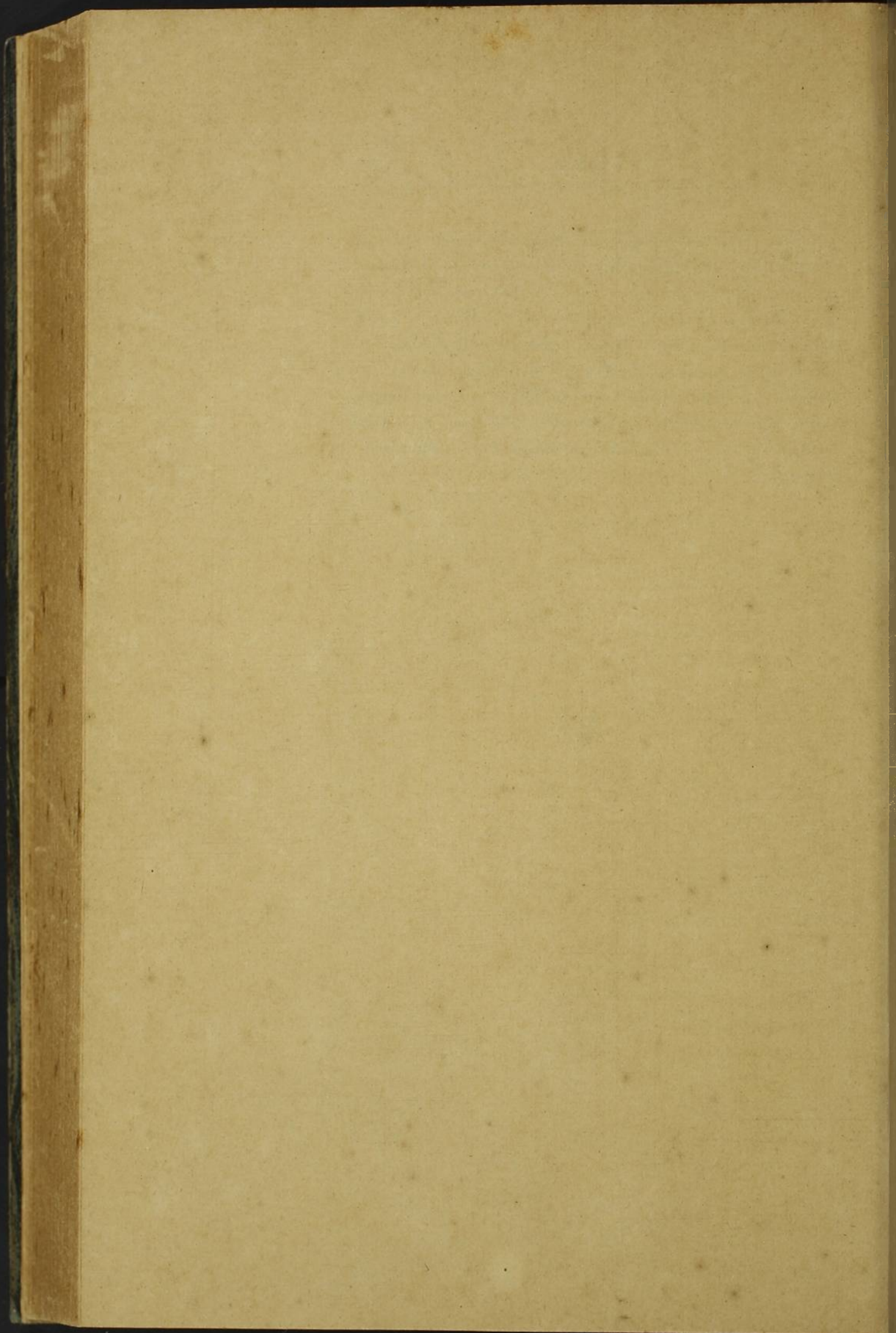
Este, cortando o fio do dialogo com o Marechal, opôz imediatamente:

—Só contaria contigo para fazer isto, generalissimo...

—Lá isto seria!—concluiu o militar acrescentando...—
porque, leal, como eu... raros estão conhecidos...

D. Ritinha já gozava, então, dos contatos do rei, e ia segredando-lhe, com arrojo, frases ardentes, que o monarca não esperára que ela lhe disese tão positivamente...E esa íntima colocação só acabou quando o baile, por iniciativa de Florinda, se encerrou com a exaltação das notas do vibrante hino nacional da Suzania...





XIII

O pasamento da «princeza» Eujenia, sobreveiu algumas semanas depois, e foi, nem era para menos, uma crize dolorozissima em palacio. Em consecuencia da facilidade de uma simples noite perdida—a do festim de noivaço da «princeza» Brazilia—a enfermada sobrinha do rei sentiu agravarem-se os seus incomodos, e na manhã daquele dia, acuzando os higrometros pernicioza quantidade de vapores de agua na atmosfera, a tizica vitimou-se por entre os rubores de uma hemoptize: o sangue abundante lhe cauzára uma asfixia, em consecuencia da qual estava cadaver. D. Jozé despertou, áquela hora, ouvindo o alarido das irmãs da morta, e, quando aflito alinhavava uma vestimenta para sair dos seus comodos, a senhora Madalena já lhe anunciava choroamente:

—Está morrendo, Jozé, está morrendo...

—Quem?...—teve o rei a curiozidade de inquirir naquele instante difficil...

—Eujenia, Jozé!...

Fôra um horror em palacio aquele precipitado acon-

tecimento. A crise historica de Brazilia não viera, entretanto, deante daquele lugubre acontecimento: mas um abundozo pranto, rico de lagrimas e profundos soluços, lhe estremecia o corpo em solavancos indomaveis. Tambem lacrimozo, o monarca segredava á velha prima que não abandonase Brazilia, porque ele temia a reprodução dos achaques nervozos infalveis, aliaz, de outras vezes, deante de acontecimentos parecidos. Apoderada de um pranto seco, rispido, cheio de extremecimentos, Florinda, uma vez por outra, soltava exclamações de dilacerar almas, dizendo-se que aquele seu sentimento, pela forma porque se manifestava, oferecia maiores riscos, do que o pranteamento que Brazilia fazia por entre numerozas lagrimas.

A ocorrencia, pelo teléfone fôra ao conhecimento do dr. Paulo Cintra, que, minutos depois, com uma ligeireza de pasmar, estava na real mansão. De caminho, embora não quizesse, pensava o real medico...

—Que dezespero!... Mais um atestado a pasar... Numa clinica de poucos anos e de fartos doentes, conto pelos dedos os que melhoraram e se salvaram, isto mesmo porque, nos cazos destes, houve a intervenção de outros clinicos... É má estrela, é, não ha duvida... Mas, que diabo!... tambem sou chamado, ordinariamente, para especimens graves ou perdidos... Esta semana já é o terceiro... Qual!... A medicina ainda está muito atrasada... Tambem, na enfermidade que vitimou a sobrinha do rei, temos disto uma prova: quaes os progressos de uma ciencia que, curando de enfermos de tuberculoze, desde que o mundo é mundo, ainda não achou o microbio que tanto mal produz á humanidade?... Um dia, é Koch quem anuncia a descoberta

do bacilo, e a coiza continúa a mesma: faz-se o *serum* e o tratamento, por este proceso, é inefficaz... De outra vez, é outro que diz:—a tizica, a tizica, é uma manifestação da sífilis... Mas eu vou caminho de pensar que a medicina é uma charlatanice... Já um grande clinico, que meu mestre foi, morreu um ceptico. Ainda eu era estudante e ele já de tudo deseria... Recordo-me bem... Era no hospital... Um enfermo novo. . Ele reunia em torno deste os seus alunos, fazia o minuciozo exame da praxe, e, com frases reveladoras de seu grande talento, começava... «Aqui temos um doente! .. Os senhores sabem o que ele tem?» E, como era natural que nós nada conhecesemos ainda, logo diziamos a negativa... «Não!» Ele opunha imediatamente... «Nem eu!»... Alguns minutos depois, recommçava.. «Dizem os livros que ele tem iso!... Eu não sei!... Mandam que se applique taes e taes remedios... Será proveitozo, será util?... Os senhores sabem?... Nem eu!»... E assim era o mais franco disidente do poder curador com que a Academia aquinhoava os seus e os meus collegas...Hoje, porém, os livros e os patolojistas já dizem que «não ha enfermidades, mas sim doentes»...

Escravo de taes e tantos pensamentos, de taes e tantas rememorações, o dr. Paulo Cintra ia entrando em palacio...

—E ela morreu, sr. doutor!...—exclamou o rei vendo o medico chegar...

Os olhos do monarca tinham lagrimas furtivas, porque, daquela como de outras vezes, o rei estava perseguido imbecilmente pela mesma ideia do proverbio popular, que manda livrar-se o mundo do homem que chora e da mulher que não chora .. Temendo revelar-se um indi

gno porque chorava, D. Jozé fugia do convívio dos homens e dos palacianos... «Que diriam dele si vissem derramando lagrimas como qualquer mulher!... Não! não choraria...» Entretanto, sustendo o pranto, sentia um bolo no ezofago que lhe espatifava a paciencia que queria aparentar... Assim o encontrou o medico, na penosa situação de um tio, na verdade dotado de muitos afétos...

—E ela morreu, sr. dr!...

—Está, meu Augusto Rei, uma noticia que me surpreende... Como vos dise, eu esperava ese dezenlace, mas não agora... Mais para deante...

—Era!... O dr. sempre me dise isto... —confirmou o rei, limpando, sorrrateiramente, as lagrimas, com as pontas dos seus grosos dedos...

—E onde está o corpo?...—perguntou o medico, dispondo-se ao exame cadaverico...—Vamos vel-o?...

—Aguarde um pouco, dr. Estão vestindo, emquanto é tempo...—intercalou a sra. Madalena que ia chegando para junto do medico...

—Bom dia, minha senhora!...—respondeu este, saudando a recém-chegada.

—Bom dia, dr!... Morreu como um passarinho... Sem uma carêta, sem revirar os olhos, sem um movimento feio... Quiz levantar-se e não ponde... Foi quando o sangue começou a correr, em gorgolões, pelo canto da boca... A pobrezinha deu dous engulhos e serenou... Nas suas faces apareceu logo um delizioso sorrizo de quem não tinha peados... Eu quero morrer assim, dr!... Que bonita morte!... Coitadinha!...

—Morte por asfixia: o sangue asfixiou-a!...—acrecen-

tou o medico á narrativa que, geitozamente, acabava de fazer a velha prima do rei...

—Eu bem disse, dr!...—confirmou a senhora Madalena immediatamente.

E, enquanto ali asim continuavam os comentarios dos trez, lá na alcôva, o corpo virgem de Eujenia estava sendo vestido por duas beatas e devotas do palacio, infalíveis nas visitas matutinas, quando voltavam da missa, ou de qualquer templo da cidade... Defronte daquela cena comovedora, as duas irmãs sobreviventes curtiam todas as sortes de emoções: Florinda, com o pranto prêzo, e Brazilia, chorando, chorando a mais não poder... Como ia ficando formozo aquele corpo de pura nas suas niveas vestias de noiva do sepulcro!... E vieram o véu e a grinalda para se completar o belo arranjo daquele cadaver inficionado pela tuberculoze: sobre a palidez, portanto, de seu rosto alvo de feições fidalgas, descansaram as graças simbolicas do noivado! Antes, porém, que a admiração geral brotase da contemplação daquelle nicho, que era o esquife de Eujenia, o dr. Paulo Cintra rezolvera certas medidas de sequestro, a que acedera o rei embora com alguma relutancia...

Ora, logo depois de constatar a cauza da morte, o medico entrou num colloquio intimo com o choroze D. Jozé...

—Como eu não oculte, Majestade, a vosa graciosa sobrinha pereceu de uma tuberculoze pulmonar...

—Sim, sim!...—dise o rei...

—O regulamento da Sanidade Publica dispõe prescrições rigorozas para falecimentos dos tizicos, desde o sequestro immediato do cadaver até á dezinfeção, e, ás vezes, á interdição da caza ou do comodo... Compreendeis, Real Senhor, que...

—Sim, sim!... Não me sujeitarei a nenhuma destas resoluções banaes, dr...

—Mas é que o publico poderá explorar o caso em sabendo que, vitima de tuberculoze, a vosa sobrinha, depois de morta, permaneceu sem os rigores necesarios...

—Já lhe dise, dr.! Faça tudo que julgar conveniente e inadiavel, mas que não seja de acordo com os exajeros da lei...

E, por isto, o bem ornado cadaver de Eujenia, se tornou desde cedo, inacesivel aos olhares profanos dos extranhos...

Os salões de palacio ficaram, em poucas horas, repletos. Os ministros compareceram, logo, encorporados, cada ministerio ofertando uma corôa funebre e cada qual mais custoza. Nestas ocaziões, obrigado a certo traquejo official, Oto Americano se desgotava da situação de ministro e preferia ser o simples enamorado de Brazilia, que, inconsolavel, não abandonava a guarda do esquife, em que descansavam, para sempre, os restos mortaes de sua amada irmã... Dos «pavões reaes», apenas, o dr. Brijido Galo não tinha ainda comparecido, porquanto, realizando o seu dezejo de colocar, sobre o feretro, a corôa mais orijinal, ainda não tinha findado a busca naquele sentido dada em inumeros estabelecimentos commerciaes. E, relendo, toda a vez que defrontava com um exemplar que ele apetecia, a preparada inscrição da fita—*«Sobre o tumulto da Princeza Eujenia uma lagrima comprida do Brijido Galo»*—o poeta niponico pasava, logo a preparar o acordo entre o seu espirito de economia e a orijinalidade do oferecimento...

Por sua vez, o dr. Bertoldo Barrozo se apresentou, atarracado, como sempre, num longo cazacão de preta

elasticotine, sobre o qual Thyrso de Campolide lançara a pilheria de ser ele do «tempo dos Afonsinhos». Em sua companhia, vistoza e sedutora como de fato o era, aparentando, porém, a todos os olhos, as reclamadas virtude da mulher-espoza, d. Ritinha entrara em palacio, distribuindo cronicas frases de consolo, estudadas para aquelas ocaziões e ouvidas variadamente...

O rei, por acazo, se achava no alto da escadaria central, quando o dr. Bertoldo e a mulher entravam rigorosamente enlutados...

—Meus sentimentos!...—exclamou o marido de d. Ritinha, pondo-se sobre a pontinha dos pés, afim de que o rei melhor ouvisse a sua fraze perra de condolencias...

—Console-se, meu amigo!...—murmurou a mulher de Bertoldo Barrozo, tambem abraçando a espadaída estampa do rei, que apertou bastante de encontro aos seus volumozos seios... —Tudo que Deus faz é para bem!... Eujenia fôï em hõa idade...

E, como a senhora Madalena, enfronhada num chistozo vestido de gorgurão preto, cheio de vidrilhos e pinjentes, fõse chegando, logo a mulher de Bertoldo pasou a dar-lhe os pezames...

—Que pena!...—dise...

A senhora Madalena, porém, rompeu num gritado pranto: era d. Ritinha a primeira pesõa que lhe dava a honra do reconhecimento de ser ela da familia do rei...

Mas, o saimento funebre se aproximava: as carruajens postavam-se numerozas, em frente do palacio... Os «pavões reaes» estavam todos presentes... O ministerio encorporado segurou nas alças do rico esquife de lavrada seda branca, exornada com galões de prata. Oto Americano fez questão de segurar na cabeceira e o dr.

Porto Sinimbú, muito alto e parecendo uma desmedida palmeira, enfrornado como estava na sua comprida sobrecazaca de *cheriotte* inglez, preferiu pegar nos pés, por ser mais leve...

—O rei não vae!...—dise, imperativamente, o reitor da Real Universidade de Filozofia Juridica...

—Não, senhor!... Vou, sim!...—opôz D. Jozé, com disposição para partir...

—Peço-lhe que não vá, Majestade!...—intercedeu, com o seu prestijio sedutor de apaixonada, a mulher do dr. Bertoldo Barrozo...

—Ora, minha senhora!... Irei levar a minha infeliz sobrinha até á sua ultima morada...

—Não é conveniente, Amado Rei!...—adeantou o Conego Luz...

Neste ponto, uma serva de palacio, correndo, veio anunciar que Florinda tinha perdido a fala...

—Como?...—inquiriu o monarca..

—Quer falar, Senhor Meu Rei, e a palavra não lhe sai dos labios. Depresa, Senhor, depresa.....

E, emquanto os «pavões reaes», já convencidos de que o rei não iria, deciam as escadas para acompanhar o cortejo funebre, D. Jozé, seguido de d. Ritinha, ia ter com Florinda, que recuperava a fala, injerindo uma oloroza dóze de agua de melisa. Num canto, debruçada sobre uma banca, Brazilia soltava arrancados soluços irreprimiveis. O rei entrou naquela alcova de dezolamento, prantos e tristeza, e, novamente, teve receios de ser fraco, chorando deante de tanta gente...

Em vista diso, D. Jozé voltou para os salões onde restavam os convidados do enterramento, que não

encontraram comodos nas carruagens que acompanharam o carro funerario.

Em caminho, num dos corredores silentes e dezertos, o monarca presentiu que alguém lhe seguia as pégadas. Era d. Ritinha. Naquele lugar e áquella hora, ella teria ensejo de intimidades com o rei da Suzania...

—Meu rico Amor! ..—explodiu a mulher de Bertoldo Barrozo, quando, para ella, com a curiosidade de ver quem lhe seguia os pasos, D. Jozé voltou os seus olhos humedecidos...

E neste ponto o rei se deteve...

—Sofro porque te vejo triste e a presença indiscreta de outros me não permittiu ainda te consolar...—continuava d. Ritinha, segurando uma das mãos do soberano, por tal fórma brusca apertando-a que o rei se fez forte para não acuzar as dores, que a ação da mulher vibrante, lhe produzia nos falanjes...

O dr. Paulo Cintra, que não comparecera ao enterro, cortou, em seu inicio, aquelle amorozo dialogo...

—Venho desculpar-me, Majestade, de não ter comparecido ao ato!...—adeantou elle logo que chegou junto de D. Jozé, compreendendo que fôra infeliz sustando aquelle colloquio do rei em lugar ermado e silenciozo...

—Ora, dr. Paulo!... Sei de tudo!...

E, para intrigar aquelle intruzo, a espoza de Bertoldo intercalou...

—E' habito de todo o medico: não ir a enterros...

Esta frase não fôra completa como ella quizera dizer... «não ir aos enterros das suas vitimas»... Alcançara que

teria sido inconveniente si tal ouzase proferir... E, quiçá, demoraria o medico para explicações, o que não succedeu, entretanto, retirando-se logo o dr. Paulo Cintra, com o que lucraram os dois iniciados amantes, que perpetraram, ali asim, durante alguns minutos, licenciozidades, que, de outra vez o rei não teria aceitado...



XIV

Reinava, por força do luto real, um grande silencio em todo o palacio. Sete sóes foram e outros tantos chegaram, sem que se descerrasem as portas e se abrissem os rasgados janelões de frente da real mansão. E tudo isto porque D. Jozé rezistia, tenazmente, ao lembrado alvitre do dezanejamento, por via de um decreto, segundo lhe propozéra o dr. Porto Sinimbú, prestijiado prezidente do Conselho de Ministros... E, naquela morridão da caza enlutada, sem liberdade de ares, ferido o coração com um golpe de sincera dôr, porque o rei amava aquelas sobrinhas como si filhas dele fôsem, não raras vezes perdeu a noção das conveniencias e lastimou-se, falando coizas asombrozas, pouco se importando de pasar. aos olhos dos circumstantes, por monstro no exceso das ideias e na sordidez das profecias, quanto mais por demente, como tivera Thyrso de Campolide calma e animo para lhe advertir... Cada fato de sua existencia, nos primeiros momentos de sua revelação, vinha atormentado com destemperos, que, recaindo em ridiculos disparates, asi-

nalavam, muito claramente, os maus dias daqueles ultimos mezes de reinado... E, como nos mapas, os terrenos vulcanicos são marcados com as côres mais profundas, assim, na sua rejencia, os ultimos tempos iam-se caracterizando com a mais larga aversão instintiva a toda aquela gente habitual de palacio, incapaz que ela fôra de protejel-o, com toda a sua sapiencia, nos motivos de sua preocupação moral... Então, depois da morte de Eujenia, prezo no encerramento lutuozo de seu palacio, doendo-lhe o expatriamento, pela morte da sobrinha amada, o rei tinha singulares atitudes e pensamentos que muito deixavam, já, suspeitar-se de sua integridade psiquica. Aquilo, porém, teria um fim, e, quando se arejase, findo o nojo, o palacie, quando outros fatos e acontecimentos fosem buscal-o e disputal-o, no silencio e no abandono do cazarão invadido pelo luto, ele, de novo, estaria sacrificado ao orgulho desmedido de sua improvizada nobreza, entontecendo-se, até cair em nova crize de taciturnidade, com a tempestade dos palacianos e das vozes comentadoras dos «pavões reaes»...

Longos sete dias, portanto, foram os de anojamento palaciano. Como não esperase, Brazilia, reproduzindo, frequentemente, os calculos, os planos e as premeditações para a realidade do seu sonho de ouro, sem ser positivamente insensivel, pasou por alto, em materia de dó, sobre a morte da irmã. Mais poderosa, naqueles tempos, era sua vontade de matrimonio, a qual, pernostica como ela tinha por bem, involuntariamente, de ser, trairia a modestia de suas orijens, levando-a á conquista de um espozó, ministro e honoravel, naquela monarquia, em que os titulos não estavam barateados. Não era de seu alcance, porém, saber, como e porque

Oto Americano se fizera titular da pasta de agricultura, tirado como fôra, inesperadamente, da humilde situação de um amanuense, graças á interferencia dezinteressada do dr. Porto Sinimbú. O fato, entretanto, o que ao mundo inteiro era dado conhecer, tinha um valor intrinseco, que poderia escasear conhecidos os meios por que toda aquella rapida ascensão se dera. E, vendo-o mais alto do que ele proprio, que fôra o padrinho daquilo tudo, o dr. Brijido Galo receiava defrontar com o novel ministro da nova pasta, tendo sempre, aos olhos sagazes de sua imaginação, as mostras de uma falsa caridade, com que, habilmente, dias depois de sua especulação administrativa, o noivo de Brazilia se oferecera para retribuir, de qualquer fôrma, os serviços que o poeta nipenico lhe prestára... Este, preterido em sua carreira, olhava já com maus olhos a entrada supimpa que fazia o ex-amanuense, hontem seu constituinte em materia do consorcio que ia perpetrar, e então dotado de posição e de elementos para lhe oferecer o pagamento dos favores recebidos, por seu intermedio, em qualquer especie...

— Parece que eu lhe sou devedor de alguma coisa...

— balbuciou o improvisado ministro, pegando a geito o poeta japonez, sem que tivessem testemunhos para aquele colloquio indiscreto...

— Ora, sr. Ministro!... Apenas de amizade e simpatia... — opôz o dr. Brijido, procurando dar um destino qualquer aos compromisos que com ele assumira Oto antes de chegar a ministro...

— Não, sr.! Temos de pé um contrato, que será cumprido, de qualquer fôrma...

— Qual! — finalizou o joven economista, dispondo

de uma astucia que produziu os mais apreciaveis efeitos...

—Tudo quanto me impuz foi para testemunhar a confiança que eu tinha de ser bem sucedido na empreza de que a sua gentileza me fazia intermediario... E isto que foi uma honra asinalavel para mim, teve a vantagem de provar a mim proprio o meu prestijio junto ao Augusto Tio de sua futura espoza...

Favorecido, porém, com a sua rudeza de inteliencia, o arvorado ministro se satisfazia com as explicações alinhavadas pelo poeta e economista. Entretanto, estando a só, o dr. Brijido, penetrando na sua argucia uzada á queima roupa afin de saltar a barreira e livrar-se do tropeço que se lhe representava o amistoizo contrato feito com o pretendente de Brazilia, celebrou, com gargalhadas, a chatice espirital daquele ministro de D. Jozé...

No entanto, Oto, para quem a vida levára um trambulhão vertijinozo, similar do impulso que um pedaço de corpo solido atinjiria si lograrse penetrar, livre da força de atração, no dominio da imensidade astral, estava escravo dos asuntos de seu enlace. E era nesa epoca que ocorria, para transtorno seu, a morte de Eujenia. O luto de sua futura consorte não seria tão prolongado, entretanto, que a consumação do matrimonio não o alcançasse ministro... Extranhára, porém, a situação melindroza do moral de seu monarca, alheio aos atos da vida politica e da vida futura durante o lapso dos sete sóes do nojo...

—Deus queira — dizia ele consigo mesmo — que esa ocorrencia não venha desmanchar o concerto dos fatos que me faziam soberbamente feliz!... O Rei se revela bas

tante sucumbido... De outras coizas não trata senão das vestias pretas para o luto e dos funeraes de sua sobrinha morta... Praz aos céus que estes tempos se escôem sem alteração de maior valia!...

Fôra, pois, um dia de aleluia, aquêle em que, pasadas as exequias da inditoza Eujenia, sobre cujo tumulto perpetuo, o noivo de Brazilia mandára pôr um pedaço de marmore enriquecido com uma inscrição saudoza, D. Jozé procurára o seu ministro para lhe anunciar as encomendas do enxoval da «princeza nubente»...

—É um cazo liquidado o teu cazamento!... — disse o rei a Oto, tratando-o com as deferencias relativas ao merito pessoal de seu futuro parente... — Acabo de incumbir ao meu embaixador naval de comprar, em Londres, as peças do enxoval de Brazilia.. Dei-lhe ordens francas, e!...

O ministro da nova pasta, como se alcançasse a claridade deslumbradora de um grande mundo lonjinho, e anciozamente cubicado pela humanidade posuida de um incontentamento oculto, não ouzou interromper a alocução do soberano, num reconhecimento indizível, ficando sem murmurar a menor palavra...

E o rei, generosamente, aquinhoava o seu futuro sobrinho com a mais ampla das suas confidencias...

—Foi iso mesmo!... E, chegando as encomendas, o ato se celebrará...

Oto concordava, abaixando, apenas, a cabeça em sinal de aprovação.

—Como tio, e podendo, tenho a obrigação de pensar muito na felicidade de Brazilia... Cazando-a bem, contigo, dou amparo á familia que tenho tido em minha viuvez... É bem verdade que o meu lar se destroçará...

Eujenia, coitadinha!... Deus lhe guarde a alma em bom lugar... Brazília não me dará cuidados, cazada que ela fique... Florinda, que não realize os seus planos de noviciado, terá o aconchego da irmã cazada... E tu, cazado, serás o arrimo de toda esa gente que tem sido a minha obrigação...

Todavia, a noticia de que Florinda preferia o habito de profesa, o encerramento num claustro, a peregrinação livre da solteirona, como a prima Madalena, não fôra novidade para o noivo de Brazília, que, inimigo desas profisões relijiozas, desde que ganhára intimidade com a irmã de sua noiva, se empenhára em retirar-lhe do animo aquella fantazia doentia.

—Majestade? — arriscou tremulamente o ex-amanuense — Fiquemos descansados... Enquanto Deus vida me dêr, serei o voso braço direito no arrimo de vosa familia...

—Qual!... Serás o arrimo de toda ela... A minha missão, enterrando uma, cazando outra, e amparando a terceira, ou com o habito ou com a companhia da irmã, considerarei findada... Poderei morrer no dia seguinte ao em que tudo isto se consumir... Tu ficas sendo da minha familia e serás o homem que aparecerá no meu lugar...

Então, o rei começava de sentir o bolo atormentador no gasnete, que lhe sujeria o alvitre do choro... Deante daquelas conversações, o seu animo se conturbava e todas as suas emoções tendiam para o desfecho do pranto... Mas, ele evitara, chorar, a todo o tranze, pelo que de melhor alvitre fôra desviar o rumo da amistoza confabulação... E, caindo em materia do maximo agrado

de Oto Americano, proseguiu de alvo mudado repentinamente...

—Emfim!... Vais cazar... O enxoval dos noivos, tanto o teu quanto o da outra, o almirante Orlando foi buscar na Inglaterra...

—Agradeço muito...

—Não, não!—e o rei falava rispidamente a serie das negativas—não! não é para agradecer nada... O almirante, ministro da marinha, tendo de ir cuidar, nos estaleiros britânicos, da restauração de nosa esquadra, se incumbirá de adquirir, do bom e do melhor, as peças do enxoval...

—Sim, Senhor!...—apenas conseguia dizer o examnuense, engastado como estava deante das rezoluções do rei...

—Vindo a bordo de qualquer navio de guerra, do *Jequitinhonha* ou do *Comandatuba*, estes que já estão de viagem proxima, e a cujo bordo, ou de um ou de outro, virá o almirante Orlando, as encomendas não passarão pela «Caza do Fisco», e, necessariamente, não pagarão impostos de importação... Para que pagarem rendas objetos do uzo real?... Pago ao Fisco, para no começo do mez, ele pagar os meus vencimentos com ese mesmo dinheiro!... Assim, evito sempre este curso de moeda, porque ele é perigozo—e o rei abria a carantonha num sorriso entuziasmador—póde muito bem, numa destas, desviar-se do ponto de saida. . Tome este conselho meu futuro sobrinho...

—Sim, Senhor!...—lagartixou o inexperiente ministro da agricultura...

—... o dinheiro é como os cometas: evitar sempre

que ele descreva parabolias, porque, então... adeus!... rapaz!...

Ao passo que D. Jozé asim confabulava com o seu ministro, as sobreviventes sobrinhas do rei, mais a prima Madalena, apesar de vestidas com rigoroso luto, faziam os ultimos preparos para um passeio... Iriam, na companhia do noivo de Brazilia, assistir uma afamada partida de *foot-ball*, em que eram disputadores os dois clubes mais valentes, e de maiores simpatias na epoca.. Naquele periodo do colloquio real, inesperadamente, Brazilia se apresentava junto dos collocutores e reclamava...

—Prontas! Senhor ministro!...

—A's ordens!...—dise, modestamente, o arvorado estadista...

E o rei acrecentou:

—Não o prenderei por mais tempo... Vá, sr. ministro —e com a preocupação de fazer graça, como si posivel fôse um sorriso nas faces de uma esfinje—em companhia da senhora ministra...

Forçadamente riram os noivos e todos partiram. D. Jozé, só então, pensou que estava só, naquele enorme palacio. A! como vinham de chôfre os maus pensamentos, logo que ele compreendia a sua solidão!... Como ele pensava, ali asim, apartado de todos, distanciado dos «pavões reaes», no azar da grande roleta que era o seu reinado!... A bola da sorte estava zombando de seu incomensuravel prestijio de monarca da Suzania, fazendo-lhe negaças, preparando-lhe decepções, até chegar á hora de apcar-se do trono... «De que lhe servira cercar-se de tantos pavões, de tantos cerebros pensar-

tes, quando todos eles lhe tinham sido impoderosos para lhe apontar o caminho definitivo da sua vitória?...

— Não!... Bem diziam os brocados da filozofia popular — *antes só do que mal acompanhado...*

E, quando D. Jozé assim murmurava, um famulo o surpreendeu, atacando ao ver que «o rei falava sózinho»...

— Senhor Meu Rei!... — disse o serviçal recém-aparecido, quando sobre ele, faiscantes e cheios de alucinações, como os de um lobizhomem, os olhares do rei incidiram sobre a sua figura abespinhada com o inesperado daquela cena, em que D. Jozé «conversava com a sua sombra»... — Senhor Meu Rei!...

— Que houve?...

— Uma visita...

E, sobre uma salva luzente de brunida prata, o pajen apresentava um bilhete de visitas ao seu monarca...

— Rita Barrozo... — leu D. Jozé, sentindo uma emoção especial em todos os pontos de seu corpo avelhentado... E, prontamente, inquiriu, deixando, no tom e mimica de sua frase, a tração do grande contentamento que lhe ia nalma...

— E está só?...

— Sim, Real Senhor!...

Mas, diante da gravidade com que o respeitozo servo lhe respondera, D. Jozé esteve para recuzar a visita... Mais poudo, entretanto, no momento, o interesse cordeal do monarca...

— Faze-a entrar para o salão nobre...

E, antes que a virtuosa consorte do dr. Pertoldo Barrozo chegase áquele ponto dezigado, o rei lá se achava...

— Boa tarde, Majestade!... — saudou a insinuante mulher...

—O! Minha senhora!... Bôa tarde!...

Mal que retirado de sua presença o creado introdutor da vizita feminina, tiveram immediato começo as intimidades de d. Ritinha...

—Vi pasar o *landau* real, e, calculando que estiveses sózinho...

—Sózinho?... Não!... Em palacio tenho sempre a companhia de muita gente...

—Sim!... de muita gente discreta...

—Não confio em ninguem!...

—Está direito!... Mas eu quiz surpreender-te assim mesmo...

E, daí por deante, as intimidades, sempre, na verdade, a ofensiva feita pela mulher, começaram e cresceram, sem testemunhos outros que não o luxuozo mobiliario do salão nobre de palacio, e o das sombras dos dous enamorados, em dous grandes espelhos, que ficavam fronteiros ao divã onde eles se posuiram...

Então, quando o sol se punha, e da rua vinha o ruido vibrante das rodas do *landau* real, de volta, sobre as arestas das pedras do calçamento, defronte de um toucador, d. Ritinha refazia as feições com uma aromada boneca de deliciozo *poudre de riz*, perfumado a *Ideal Houbigant*...

E tudo estava refeito, quando as sobrinhas do rei, sem maldade, defrontaram com os dous disfarçados amantes!...

Nenhum ato da vida excêntrica de D. Jozé lhe deixára maior tédio e irremediável aborrecimento, do que aquele de intimidades com a vencedora d. Ritinha Barrozo. Então, sentimentos opostos e crecentes na razão direta, se manifestaram nos dois amantes: D. Jozé se tornára invencível na vontade de não renovar intimidades pecaminozas, ao passo que D. Ritinha, como nunca, emvidava esforços para que se repetissem todas as cenas daquela memorável tarde de triunfo seu... E o rei, em vista de tudo isto, se sentia inteiramente dezanímado para outros assuntos, bastando que, ao cuidar de outra matéria, lhe surtisse aos olhos a estampa, que era um duende, da mulher conquistadora, ou de Bertoldo Barrozo... Com prontidão todas as cenas íntimas, como as vistas de um cinematografo, se recompunham deante de qualquer daquelas figuras. E, não só isto: também, toda a vez que lhe vinha á lembrança a imagem de Filomena e os seus deveres junto dela, a figura aborrida de D. Ritinha perseguidora lhe asoberbava a memoria...

—Não tenho para onde correr...—pensava, entriste-

cidamente, o rei da Suzania ..—Tenho ido de quéda em quéda... Agora é o diabo da figura desta mulher, aventureira como nenhuma outra, que me reduz á simples expressão de um dementado... Si me disessem que, um dia, como agora, eu seria um espectro vivo do que fui... eu não acreditaria... Tudo é este maldito trono... Longe de eu refazer a minha tranquilidade, desta me afujento, embora involuntariamente, mas como o diabo da cruz... E poderiam dizer-me: que queres mais do que a fortuna que arranjaste nos curtos anos do teu reinado?... que ambicionas mais do que celeiro farto e burra cheia como conseguiste pôl-os?... Realmente, si mais não tenho feito, tem sido porque não tenho tido ensejo... Na encampação... sim... nas encampações, e ganhei. . . centenas... Poucas, mas trez... Na restauração da esquadra... ainda não apurei... espero a comissão de um milhar... Rico?... Sou, sim... E porque não hei de ser?... Quem é bobo para si... O diabo é esta azafama... Tudo vem de encontro á paz de meu espirito .. Até esta mulher é um tropeço... A! si ela quizesse para me esquecer... uns cobres... Não proponho, não... Quero dar-lhe o desprezo, e si eu oferecer-lhe dinheiro ela si julgará valioza, e então... adeus, Jozé!...

Imensuraveis estes soliloquios em que o rei já se ia revelando o perdido da razão que seria, totalmente, mais tarde... Na escuridão daquele ceu tempestuozo, porém, não era posivel que não existissem, ás vezes, passeiros clarões de estrelas... E eram os proprios «pavões reaes» os que lhe aprofundavam a miseria moral... De ordinario, na mania de prestar serviços, qualquer deles que via o seu rei, sorumbatico e para succumbir com a

maldade dos seus proprios pensamentos, recoria á terapeutica dos alvitres... O cazo era, entretanto, que, pasando os mezes, o reinado de D. Jozé descambava, definitivamente, aproximando-se, a pasos ajigantados, o dia dos sufrajios de seu substituto, sem que da pesôa deste ele cuidase, para garantia, mesmo, de seu futuro de destronado...

Coube, comtudo, a Albano Mangueira fazer-lhe, com oportunidade, a advertencia daquela situação duvidosa...

—Vejo-te triste, meu Bom Rei!...—dise o emocionado medico, asumindo, por sua vez, imodestos ares de conselheiro real...

—Desgostos, meu Albano!... Desgostos, a todo o momento!...

—Mas é que o tempo vóa... e já debes cuidar, Real Senhor, de substituto ao trono...

—Meu substituto?...—gritou o rei abespinhado com aquele golpe definitivo, na sua preocupação de succeder-se a si proprio... — Meu substituto?...

—Mas, então?... Não é para te aziumar que trato do asunto... Entretanto, tu te irritas com a minha primeira fraze...

—Triste de quem se senta neste trono, e que se vê cercado de pabulos, que, dizendo-se sabios, enxergam menos do que os mais cegos dos meus vasalos...

—Não foi por falta de vontade, Majestade — e desta vez Albano Mangueira, descuidadamente, uzava, deante do seu rei, da alcunha, com que, em tempo, perseguiram, um valdevinos, um monomaniaco qualquer — não foi por falta de vontade, Majestade, que não fui util ao teu reinado... Outros estiveram mais na brécha do que

eu... Todavia, si me fôse dada a ventura de uma consulta... si me fôse dada a honra da minha intervenção...

—E precisas pedil-a?... — interpelou-o o monarca, adivinhando nas palavras do «pavão real» uma utilidade para lhe ser oferecida...

—Perdão, Real Amigo!... Mas, a fruta na orla da estrada...

—Nada!... nada!... Si não falaste, a mais tempo, foi porque mesmo não quizeste, porque eu sempre fui o mesmo para com todos os meus amigos...

—Certisimo disto, ando eu, D. Jozé!... No emtanto, eu sou daqueles que só vão onde são chamados...

—Deixemo-nos, porém, de arroteios... Que lembras para o meu cazo?...

—Eu lembro... eu lembro... Mas, tenho medo de desgostar-te...

—Tu te enganas... Estou mais experimentado na desventura do que quanto pensas... Na minha situação, eu queimarei os ultimos, si não o derradeiro, cartuchos... Fala, pois!...

E Albano Mangueira buscava expressões, para, sem maguar o rei, e sem desvalorizar-se, externar o que pensava...

—Cuido, Augusto Soberano, na fé que tens no teu oraculo, no rei dos talentos, em Job Limeira...

—Que tem iso com o cazo?...

—Tudo: uma consulta que lhe fôse feita sobre a materia...

—Que materia?...

—A da tua sucesão...

—Em que termos?...

—E' facil de definir-se...

—Define-a tu...

—Formula-se o cazo e pede-se-lhe a sapientissima opinião...

—Póde ser...

—Quanto antes, D. Jozé...

—Por que meios?...

—Uma embaixada...

—Feito, porque está dito; serás tu o embaixador e partirás amanhã...

—Cumpro o meu dever; seguirei...

—Irás no hiate real...

—Que duvida!...

No dia seguinte, a bordo do hiate real, sem a menor companhia masculina, D. Jozé deixava embarcado, Albano Mangueira com a embaixada para Job Limeira, sobre a real sucesão no proximo fim de quadrienio. A nova correu, aumentada e cheia das mais extravagantes fantazias, entre os «pavões reaes», cada qual se julgando, ainda mais uma vez, preterido com aquella escolha...

—Porque escolheria D. Jozé o Albano para aquella comissão delicada no reino de D. Afonso?... —perquiria o poeta niponico, num encontro com Thyrso de Campolide, no patamar da escada da Real Universidade de Filozofia Juridica, onde ambos eles eram catedraticos...

—Nada sei, meu caro!... — dizia o filozofa, olhando as brunidas unhas, que eram o seu talismã... — Nestas coizas não sou ouvido nem cheirado...

—Já se foi a epoca em que o rei nos ligava importancia — opunha o dr. Brijido Galo — Hoje ele é um «Maria vai com as outras...» Vai ele, como um cégo pela mão, para onde o levam...

— Estas coizas deviam ser deliberadas em reunião dos amigos...

— Demais, meu caro reitor, comissões assim na extranja — acrecentava o poeta niponez dando a maior vazão ao seu preconceito de raça, que era o predicado maior de sua aristocracia pagã — não se dão a qualquer...

— De certo!

— Que juizo ficarão fazendo da nosa Suzania as côrtes de D. Afonso quando conhecerem a casta do Albano...

— Queres dizer — e o rezoluto filozofô se exprimia em fraze chula — que o Albano coçou a orelha com o pé?...

— Isto! isto!... «Terra de negros!» hão de dizer eles, e com razão... Pois si numa comissão destas mandam um...

— Perdão!... — interpôz o filozofô... — Pôdes falar de tudo, mas disto não porque não estás com a bôa razão de teu lado... O que é natural é que todos os homens são eguaes... pelos dotes com que estão felicitados...

— Sim; sei eu que «*quod natura datur nemo negare potest*»...

— E, com este latim, lembraste-me o Conego Luz... Mas, as castas são feitas pela mais ou menos graduada incidencia dos raios solares sobre a pele humana... O preconceito de raças é uma estulticia, hoje em dia, quando se sabe a orijem comum que todos os homens tiveram...

— A! sim!... Entretanto desas pequeninas coizas se fazem as clases sociaes...

— Enganas-te!... A civilização está distribuida, igualmente, pelos povos, sem distincão de côr... Ha dois fatos historicos muito valiozos, que caem sobre a tua

argumentação com todo o seu pezo esmagador: um é a lição de Negus Menelick, o negro, dada á Italia; o outro, a derrota que o Japão, o paiz dos amarelos, deu á Russia, o paiz dos Caucazicos... Bem vêes que a superioridade dos brancos não é um fenomeno natural... Mais forte do que o alvo italiano foi o negro Menelick; mais poderoso do que o branco Czar Nicolau das Russias, foi o Amarelo Imperador do Japão, cujo nome jamais consegui guardar e bem pronunciar...

Desnorteado com a cerrada argumentação de que o filozofó spencerista lançava mão, como um Gargantua a quem nada sacia, o Dr. Brijido Galo dobrava um atalho no dialogo...

— Olha: comigo pensa o dr. Braz Saldanha, que chegou de lá do reino de D. Afonso. .

— O homem das — *Duas fôrmas* — ! E' batota que ele veio buscar!... — intercalou o filozofó, enciumado já com a competencia nese campo que, ás vezes, junto de D. Jozé, lhe fazia o dr. Braz Saldanha, como ele embaixador junto das côrtes de D. Afonso...

De fato, o escritor das — *Duas fôrmas* — o «dinas-tista» como lhe chamavam os fervorosos adeptos da monarquia eletiva, só vinha á Suzania na pratica da advocacia administrativa, de que ele era um dos próceres naquelas terras do rei D. Jozé. Fôra em virtude de uma empreza que fundára de navios mercantes, encampada por D. Jozé, que conquistára a confiança real para a colocação num cargo de embaixador. E, depois disto, realista mais do que o rei, embora acuzado, sem *ambages*, geralmente, de haver traído ás suas convicções de sectario da fôrma dinastica das monarquias constitucionaes, o dr. Braz Sal-

danha repetira as suas vindas ao reino de D. Jozé: de cada viagem, porém, era uma empreza nova que lhe deixava lucros... E, tanto por iso, pela competencia e pela felicidade no numero dos constituintes, o dr. Thyrsó de Campolide não via com bons olhos aquella vinda do «embaixador batoteiro», como ele lhe chamava aziumadamente...

Ainda estavam bem vivas na memoria de Thyrsó as lutas que, com Braz, travára por ocasião de ser concedida a um particular a exploração do Loto Publico... E, si não fôra a meia parte que ele, Thyrsó, déra ao dr. Brijido Galo, fazendo, deste modo, o rei favor a dois dos «pavões reaes», não teria contado com elementos, apezar de D. Jozé ser seu compadre, para ver triunfante a sua cauza.... Por força disto, de mais a mais, sendo os lucros deixados pela advocacia do Loto Publico divididos entre o poeta niponico e o reitor da Real Universidade, não podia Thyrsó tolerar a competencia do homem das — *Duas fórmas*.

E, em vista de tantas e tão boas, fôra que o dr. Thyrsó bem não aceitára a nova de achar-se na terra aquele competidor....

— Que ele é batoteiro como nenhum, podemos dizer nós.... — adeantou o dr. Brijido Galo.... — Eramos dois contra um e si não tivesemos sido rusguentos, teriamos saído ás avésas....

— Deixa-o estar!.... Já lhe estou espiando os movimentos.... — perorou Thyrsó....

Realmente, nova tranzação, e de ha muito planejada, trouxéra á Suzania o dr. Braz Saldanha....

— Venho buscar o despacho de minha pretensão!... — dise ele, quando, em palacio, abraçava D. Jozé, mal

chegára de bordo do tranzatlantico inglez, onde, por capricho, ele viajava excluzivamente....

— Fólgo sempre de vel-o ...— respondeu-lhe o rei....

— Bem sei que sempre novos negocios — e cada qual de mais importancia e valia — trazem o meu nobre amigo a esta terra....

Animava-se o «pavão real» com aquella amistoza recepção. E, sem perda de tempo, atacava para a lizonja de seu estulto monarca....

— Trago-vos recommendações e encomios de D. Afonso até agora firme no conceito que de vós ele fez quando de voso reinado hospede feliz foi....

— Sim?... Que dise ele?...

— Só se refere ao Meu Veneravel Soberano, repizando os qualificativos de «grande,» «ilustre», etc.... «estadista»....

— Rende-me justiça!...

— Não ha duvida, Majestade!...— finalizou o dr. Braz Saldanha....

Horas depois, portador que fôra de tão belos conceitos quanto os que externára D. Afonso, o embaixador enveredava pelo gabinete do prezidente do Conselho de Ministros.... Este ao vel-o, em prezença mesmo do dr. Bertoldo Barrozo, fez-lhe cariciozas festas....

— Venha de lá este abraço!...— gritou o dr. Porto Sinimbú, muito alto, muito magro, ainda mais escanifrado na sua comprida sobrecazaca, abrindo os seus dois longos braços numa mimica relativa á sua fraze de saudação amigavel.... E o homem das—*Duas fórmas*— correspondendo:

— Salvé! o simpatico Prezidente dos Ministros!

E entraram em revelações, enquanto Bertoldo Barrozo dizia com os seus botões:

— Bem se diz por aí que «santo de cazá não faz milagre...»

Mas, empunhando o chapéu de feltro e a bengala de rico castão de ouro e ebano luzidío, o dr. Bertoldo susteve o seu plano de fugir daquela situação que muito o convenia da verdade de que «fruta rara, fruta cara»... Era que, sem misterios, os dois outros proseguiam no seu dialogo...

— Venho arrancar da dormideira de tua pasta a concessão das cachoeiras do rio Ubú...

— O rei concede?...

— Sim!... E tudo que combinamos continúa de pé...— adeantou o dr. Braz Saldanha, enquanto recebia das solícitas mãos do dr. Porto Sinimbú, o decreto que o rei asinaria sem demora...

— E' um maná!... — exclamou, apenas, o presidente do Conselho de Ministros...



XVI

De volta, duas semanas apóz, Albano Mangueira trazia a solução do cazo, em que tanto se embrenhára D. Jozé, sem compenetrar-se, jamais, de que, como a vida humana que tem o seu ciclo de anos intransponível, o tempo de seu reinado não iria, calmo e normal, um minuto além da éra de seu encerramento.

O oraculo de D. Jozé despachára, sem nenhum esforço, o embaixador do reino da Suzania...

—Admira—dizia Job Limeira—que D. Jozé se tenha deixado iludir com as apparencias de lentejoula do seu destino... Contra fatos não ha raciocinios... O governo dele está findo... Não ha recursos senão para ele encontrar um sucesor que continúe a sua obra de benevolencia publica, e a sua politica de concordia e de paz... Triste do rei si não colocar no seu trono um substituto amigo e dedicado, que não o traia! .. Ai! dele, si, menos lealdozo, o futuro soberano da Suzania, abrir devasa nos tempos de sua rejencia... E, com franqueza, só um, sómente um, dos amigos de D. Jozé, conheço com os predicados para ser o continuador de seu reinado...

Esteve Albano Mangueira num cabal resfriamento das extremidades, emovido que ia ficando com aquelas frases de Job Limeira, nas quaes ele, com a sua miopia de obsecado, descobria uma carapuça tallada para a sua cabeça.. E, vendo o oraculo de D. Jozé daquela fórma se exprimir, esperava, de palavra em palavra, que o seu nome fôse proferido pelo rei do talento.

—Não sei si outro tão distinto e melhor dotado será capaz de preencher o vacuo que D. Jozé abrirá, com a sua decida do trono, na sua propria politica, na sua orientação pesoal...

E, sem conhecer, mas julgando-se o alvo de todo aquele elojo á queima-roupa, de quem tratava Job Limeira, o embaixador extraordinario de D. Jozé arriscou intemeratamente...

—De pleno acórdo com v. ex.!...

Por sua vez, Job Limeira se espantou com a leviana apostrofe de Albano Mangueira, apesar do que proseguiu...

—Para entrar no governo da Suzania, portanto, depois de D. Jozé, lembro o nome aureolado de...

Então, Albano Mangueira extremeceu da ponta dos pés ás extremidades dos fios da cabeça...

—... o nome aureolado de Thyrso de Campolide...

Não conseguiu disfarçar Albaninho a sua decepção com a mudança rapida e brusca dos seus traços fizeomicos... E, sem a menor animação, com uma fraze froixa, alinhavou...

—Pois não!

—Todos vocês— continuava o grande oraculo de D. Jozé— são distintissimos amigos do noso Grande Rei... Não ha negar!... Mas, daí a ter a bósa de administra-

dor, com franqueza, só conheço o Thyrso de Campelide... Penso que ele continuará, dignamente, as vantagens todas do governo de D. Jozé...

E Albano Mangueira que levava a convicção de arrancar, com a sua presença, do rei do talento a sua indicação para o cargo de sucesor de D. Jozé, não logrou mais do que a decepção...

— Sim, senhor!... — dizia ele com os seus botões...

— Fiz a cama para outro se deitar... Nas pozicões politicas tenho uma *macaca* que me acompanha...

Desde o instante, porém, em que Job Limeira cortára o nó gordio da situação, uma densa nuvem lhe toldára o semblante. De nada lhe servira, durante o tempo de volta, no retorno da embaixada de consultar Job Limeira, em terras do Catête, lá para as bandas do pompozo reino de D. Afonso, ter a renitente companhia de d. Calú, que não tolerava se supuzese ela capaz de deixar ir só o marido, para aquelas distantes plagas, onde seria facil a perdição dos homens... E, a bordo do hiate real, a amantissima e ciumenta espoza de Albaninho, sem testemunhos, olhando a imensidade do oceano, em cujo dorso o sol, brilhante no azul como uma braza enorme, dava o espetaculo da mirajem de seus infinitos raios de luz, pensava no amparo confiante que teria ao lado do espozoz, ali asim, si nubentés fosse, para os intimos regozijos da lua de mel. E era para admirar como, adeantada em anos, d. Calú [tinha pensamentos ardorozos como aquele... Mas, ela notava a melancolia, cada vez maior, de horas inteiras do marido, na solidão do convéz, ou na mornidão de *beliche*, e, de uma feita, amuando-se, começou de lamuriar, para o que, acompanhando o queixume das suas frases, aji-

tava as mãozinhas rozadas e com roscas nos pulsos. Entretanto, o homem, indiferente aos atrativos da ave-lhantada espoza, desprezando, mesmo, as seduções que esta apresentava, desde o desmancho da *toilette*, que purificava as retardatarias belezas da mulhêr, até às revelações, mais ou menos erúas, de suas carnes mal veladas nos recortes da *matinée* de fustão branco, apanhada na cintura por largas fitas de sêda rozea e abrindo-se no côlo por um decôte em angulo reto, pensava, exclusivamente, nos embarços de sua comissão... Fora ele proprio quem lembrára a D. Jozé a providencia urgente. Não sabia, no emtanto, que lhe bateria nas costas o pezado fardo de dar-lhe realidade. E, si tal incumbencia o carregara, como um rejio embarcadico, ás deslumbrantes terras de D. Afonso, não era normal que, no seu deenvolvimento integro, lhe descontentase, absolutamente, o rezultado de que era portador. E que diria o seu rei comitente? Então, baralhando ideias e termos, senhor que ele era da confuzão de vocabulos, Albano Mangureira não distinguia, si, naquele papel de emisario, «cômitente» ou «comisario» era de D. Jozé. Compenetrado, pois, de tudo aquilo que dizia respeito, mais ou menos proximo, á sua derrocada politica, os seus olhos estavam cegos para levar á sua alma, como janelas que dela eles eram, as sensações fluentes do mundo exterior. Que lhe tirase os olhos e ele veria da mesma fôrma, porque a sua aptidão optica era para o enxame das suas preocupações...

—Pst!... olá, senhor meu marido!... olá!... — exclamou d. Calú, despertando o afêto do espozo — ese afeto que é como um grato perfume que purifica e como uma esplendida luz misterioza que ilumina a exis-

tencia humana — Pst!... Que tens tu, meu homem?... Por onde anda o teu pensamento?...

Nesta hora, de fato, o ganancioso embaixador de D. Jozé, não satisfeito com o aquinhoamento, naquele rejimen de favoritismo, com a exploração, sem freios, das publicações reais no seu jornal — *A Suzania* — que comprara, com palavras, á opozição dezertora, estava profundamente abstraído. Era que ele pensava na missão que tivera de enfrentar o talento de Job Limeira, considerado, com justiça, o «coloso da inteletualidade universal», e do insucesso que, individualmente, considerava o resultado de sua embaixada. Dando o balanço de suas forças psíquicas, desde que não fôra um simples «moço de recados», ele sentia mais pezada a concha de sua inciecia do que a de sua sapiencia... «Nem é de admirar isto— pensava ele—si medico sou e si a ciencia que me ensinaram é diversa desta que eu pratiquei»... Nesta passagem, pois, de seus heroicos pensamentos, dobrando o cabo das tormentas naquela singradura difficil, mas de apparencia tranquila, Albaninho fôra surpreendido pela voz acariciadora de d. Calú, que lhe pedia as deferencias de homem muito amado, as quaes fôsem um manto de consolo para a sua efervecente sensualidade de binuba insatisfeita...

E, porque, apenas, com soltos monosilabos, o marido lhe respondese, irritado que estava com o malôgro de sua ardente espetativa, d. Calú se proclamára arrufada durante todo o fim da excursão... Por seu lado, estimando os arrufos para dar manutenção ao sitio doloroso de sua alma, Albano divagára, tristemente, na solidão do convéz do hiate real...

—Que fazer?... Nenhuma esperança lhe restava... Era

tocar o pau para diante... Atraz dos sete anos de vacas magras...

E o estulto «pavão real» nenhuma concessão fazia a si proprio. Ele chamava «sete anos de vacas magras» áqueles tempos em que, faminto que outrora fôra, se transformára em *ricaço*, como os demais «pavões» asseguravam dezasombradamente... Nada, diante dos castelos de sua insaciavel ambição, representava o aumento de suas rendas com elevação dos preços nas «publicações reais»... Nada significava que cazas já tivese no seu nome, nesta faze em que ele se esquecera de que fôra «despejado» de um «sobradão» de que não pagára os alugueis...

—Depois das vacas magras—repetia, pois, convencidamente—virão as gordas...

Daquela vez, entretanto, tudo lhe saíra ao contrario. Bem razão tivera d. Calú quando, conhecedora das cauzas do dezapontamento de seu marido, repetira...

—Fòste dar credito a sapatos de defunto... Preparaste, no final das contas, o ninho para outro gozar...

—Nem ao menos gozei nesta viagem feita a toque de caixa... Si não fòse o *chauffeur* do automovel nos ter conduzido, por acazo, pela Avenida Central, nem isto mesmo eu teria enxergado nas terras de D. Afonso...

—Gostei muito—intercalou d. Calú—do Teatro Municipal...

—Ora, vê tu!... Si me perguntares como e onde ele era, eu não saberei responder-te... Recordo-me de que apontaram uma grande caza em construção e disseram-me—ali está o Teatro Municipal...

—Então não te lembrarás tambem do palacio Monroe?...

—Deste me lembro vagamente...

E a mulher perorou...

—Não sei onde estiveste, durante tanto tempo, com esta cabecinha...

—Que pergunta, mulher!... No mesmo lugar: sobre o pescoço...

—Por certo queres fazer espirito. .

Só assim a conversa mudaria de rumo. D. Calú, não só dava razão ao marido para entristecido andar, como também achava que era uma clamorosa injustiça D. Jozé preterir-o na escolha para o seu sucesor... «Pois Albaninho que tão belo discurso proferira de saudação ao rei, na meza do festim, em honra ao ultimo aniversario real, teria de sofrer a afronta de ver, na preferencia de D. Jozé, o Reitor da Real Universidade?!... De que valiam, na verdade, os seus inumeraveis serviços politicos em diversos momentos, entre os quaes o daquele brinde grandioso, que logrou repetidos aplauzos dos outros «pavões reaes»?!...» Também ela começava de descrever de tudo aquilo: si justiça houvesse na escolha de quem seria o sucesor de D. Jozé, outro que não o seu marido teria de ser escolhido...

Apezar de todas as decepções, no emtanto, Albano Mangueira, á ultima hora, não estava, de todo, esmorecido: restava-lhe a esperanza de, por força de seu manifesto e antigo teiró, que D. Jozé rejeitaria, sem mais aquela, a imposta candidatura do excentrico filozofa...

—Sei que meteste uma lança em Africa! — arguiu o soberano, quando recebeu a vizita do seu embaixador de volta das terras do Catête...

—Quizera eu que assim tivesse acontecido.... Nem todo o mar foi bonançozo...

— Que contratempos, pois, encontraste?...

— Inumeros!... Tudo muito bem; mas, Job Limeira rebateu, qualificando de insensatez, os planos de tua continuidade além da época...

— Que mais?...

— Apontou como unico remedio a possibilidade de encontrares um lealdozo amigo para continuador de tua obra de benemerencia e de paz...

— E então?...

— Indicou um nome...

— Um nome?...

— Sim... Apontou o teu sucesor...

— Desvenda este misterio!...

— Emfim: dise que para seguir a trilha que cruzaste durante os quatro annos de teu reinado...

— Depresa, Albano!

— ... ele só conhecia um homem...

— Um homem?

— Sim!...

— Mas, quem?...

E Albano Mangueira, muito propositadamente, adiava a citação do nome de Thyrsó, preparando, ardilozamente, o espirito de D. Jozé para a mais aguçada das prevenções...

— Imagina tu!...

— E' impossivel!...

— Impossivel?

— Sim!... Desconheço, até agora, quem esteja dotado de todas as qualidades para ser o meu continuador...

Doeu nalma de Albano Mangueira o cruel pesimismo do Soberano da Suzania. E aquela rispida fraze, proferida pèrramente como fôra, imprimira aos nervos do

pretenciozo «pavão real», a sensação esquizita que o ranjer da lima sobre o ferro produz às vezes... Em todo o cazo, o embaixador arriscou uma cena de efeito...

—Na verdade, o Augusto Monarca tem muita razão...

—Achas, pois?

—Sem duvida.

—Mas, porque?

—Si no teu reino não ha, no teu conhecimento, quem esteja dotado de todas as qualidades para ser o teu continuador, é esta uma verdade muito mais acentuada em relação a....

—A quem?...—interpelou o rei, zangadamente, como si tivesse de ouvir, á queima-roupa, uma palavra injurioza...

—... a Thyrso de Campolide!...

Este nome teve o efeito de fulminar, repentinamente, os planos restantes do soberano da Suzania, que, espantado com o que acabava de ouvir, interpelou o seu collocutor para o cazo instruido....

—Tu brincas, Albano?...

—Seria capaz de fazel-o eu dando-te conta de uma comissão enobrecedora?... Dise-me o teu oraculo: sómente Thyrso de Campolide te continuará bem...

E todo este dialogo criava uma esperançosa situação, para o marido de d. Calú. Não seria, por certo, ele o escolhido, mais caber-lhe-iam as glorias de haver derrotado o candidato de Job Limeira. Porque teria pensado noutro o oraculo de D. Jozé, deante dele, que, sem mais do que com a sua presença, estava a indicar que ele, e sómente ele, deveria ser o futuro rei da Suzania?... Não seria natural que não lhe tivesse compreendido as intenções, ele, o acuzado de ser o «rei do talento...»

—E tu que pensas desta indicação?... —questionou o rei fitando bem com o olhar irrezoluto de Albano Mangueira.

—Eu penso...

—Sim... Dize, sem titubeações...

—Que não imporei a minha vontade deante da tua, que, para mim, é sagrada...

—Sci disto!...

—Mas, D. Jozé, provas muitas de rebelde te tem dado o reitor...

—Acertaste... E que mais?

—Judeu, e sem fé como ele é... seria capaz de vender o paiz... por qualquer vintem...

E o rei entuziasmado gritára, batendo palmas atroadoras...

—A qui-qui!... a qui-qui!...



XVII

Era de um esplendido luar a noite fresca. Nem viva alma, nem retalho de sombra humana, em parte alguma. A'quela alta hora da madrugada, o rei velava, por insonia: até este grande mal físico lhe havia de chegar para cumulo de suas ininterruptas atribulações! E depois de um primeiro sono, ele deixára o leito, para fugir, um pouco, ás caricias quentes dos colchões, inebriando-se, ali assim, com tanto silencio, com tanta solidão, tanto azul, tanta estrela e tanto luar... Toda a cidade enormemente quieta, parecia dormir o sono rapido de um leão apaixonado aos pés da femea fujidia. Mas o rei continuava, absorto, a sua involuntaria vijilia...

—O que tem de ser traz força!...—pensava ele, ora fitando com uma estrela, que pestanejava, incessantemente, como olhos de palpebras sonolentas, ora buscando a fimbria do nascente, onde novos astros iam subindo no revezamento das horas da noite...

E o rei tinha novos e muitos pensamentos, que eram outras tantas divagações em torno da ideia capital que era o seu infortunio de rei que se despedia do «amado solio»...

—O que tem de ser traz força!... Era do meu destino subir e decer .. Não fui muito infeliz na acensão, o que quer dizer que a reciproca será verdadeira: não serci muito feliz na decadencia... Decadencia, sim, porque decae o rei eletivo que linda o seu manto. E, por força do habito de figurar em palacio, sempre me sentirei amesquinhado em qualquer ponto onde me meta quando destronado... E é verdade! Por muito tempo estive na iluzão de perpetuar-me no governo... Onde andava eu com a cabeça?!... Sinto que precizo fazer um descanso.

E foi naquela hora de insonia, aterrado com o acumulo de seus padecimentos, como um pobre diabo que de repente se julgase encarcerado, que D. Jozé rezolveu entregar-se á protecção e defeza do convivio da amante nas terras das *Candeias*. Em palacio, onde ele tivera, a principio, momentos felizes, a desgrenhada tragedia do fim formava perseguicões e dezolamentos, como si tudo obra fõse de um irrezistivel poder inimigo. Outrora, ele tivera um culto em cada sudito, um heroismo em cada ato. Naqueles ultimos tempos, no entanto, era capaz de sentir uma traicão em cada gesto dos «pávões», uma falsidade em cada prova de afeto... A ultima deziluzão viera feroz: era um sinistro prestes a estalar sobre a sua cabeça corõada... as dores, a canceira e o exas̃ pero exigiam de si uma volta ao pasado. De tudo, quicá, se retemperaria ao lado de Filomena, na solidão das *Candeias*...

Quando a manbã rompera os horizontes, D. Jozé ainda estava sem dormir. Os seus olhos restavam cheios de estrias encarnadas, e os envolviam as indiscretas

olheiras violentas... A' hora de almoço apresentou-se pronto para partir...

—Meninas!... — disse muito generoso em aféto e dedicação... — Vou hoje para a Uzina. Precizo descansar...

—E quando voltas, titio?... — perguntou-lhe Brazilia, temerosa de alguma revelação que fôse de sua contrariedade...

—Para o teu casamento...

Então, com as rozadas faces despejando luzes de alegria e intimo contentamento e a boca cheia de palavras oportunas para proferir, Brazilia perdeu o dezasociego que a revelação inesperada do tio lhe cauzára.

—Vou esquecer-me da raleira e da consunicação desta existencia official em que me debato!... — continuou D. Jozé, pronto para partir...

E, de fato, partiu.

A sua auzencia era, entretanto, incentivo para a liberdade dos amores de Brazilia. De sua parte, Oto Americano, tomando o sabor de sua elevada posição de improvizo ganha, ás vezes, se esquecia da mulher amada: as notas de seu ministerio, os despachos officiaes, coletivos e singulares, lhe prendiam mais a atenção do que os agarramentos da sobrinha do rei. E uma epoca houve em que mais valor ele dera e de mais contentamento lhe asoberbava a alma a noticia entrelinhada dos jornaes, em que o seu nome aparecia em «letra de fôrma», do que a carícia mais quente da cubicoza noiva. Por isto, era que Brazilia não podia estar. E quando o tio começava nas amabilidades de fazer sala ao seu futuro espozó, ela se tornava apreensiva, extravagante nos gestos e nas vontades, numa inexplicavel inquietação. Os seus nervos formalizavam-se. Mas, tudo era in-

vertido si D. Jozé não se lembrava de praticar gentilezas com o seu futuro sobrinho. Brazilia transformava-se: ora traquinava, como a mais beijoqueira das noivas; ora pirraceava a Oto, como o mais rispido diretor de repartição ao funcionario que não dispõe de sua simpatia... Aquela partida do monarca era deliciosamente propicia aos seus dezejos...

O «amavel», anunciava Brazilia quando Oto chegava — o «amavel» não está presente hoje...

—E' certo?...

—Como dois e dois são quatro...

—Para onde foi?...

—Está nas *Candeias*...

E, sorrindo, o ex-amanuense figurava logo D. Jozé, com os seus modos esquerdos, envolvido em colloquios e em intimidades amorozas. Era cedo, porém, para fazer a confidencia de seus pensamentos á sua futura espoza...

De uma vez por outra, Florinda chegava ao salão onde estavam os noivos, e, como si inspecção fizése, em poucos minutos retrocedia. Entretanto, a senhora Madalena, posuida pela experiencia da idade, apesar de solteirona, ás vezes, fazia ver á sobrinha mais velha do soberano...

—Cuidado com os noivos... Dizem por aí que os primos, os pombos e os noivos são os que mancham as cazas...

E, D. Jozé auzente, maiores precauções aconselhava a velhõrra prima do rei. Aquela excursão real, todavia, nas vesperras do cazamento, deixou liberdades inatinjidas a Brazilia que as soube aproveitar admiravelmente...

Nas *Candeias*, o rei estava ás voltas com as soluções

apresentadas, por via de Albano Mangueira, pelo oráculo de seu governo.

— Que tenho de criar um sucesor, não padece suspeita!... — raciocinava o preocupado monarca...

E ele repetia com impertinencia:

— Não precisava eu que o «rei do talento» me mandasse avizar... Mas, que eu faça meu continuador quem de mim zombou, um dia, alvitando-me a ditadura... Nunca!... Eu não sei perdoar os meus... Como hei de dizer?... Os meus ingratos... Saboreio a vingança... Ele ousou dizer-me: — «Proclama-te ditador!» — Acreditei na possibilidade de tal fazer, porque confiava na lealdade de Thyrso de Campolide... Entretanto, quando o interpelei sobre as consequencias deste meu passo, ele sorriu perfidamente, e só então me disse que não se responsabilizaria pelo que me ocorresse... Mas, então, serei tão bronco que eleve um Judas deste jaez ao trono da Suzania?... Seria ele o primeiro a guerrear-me...

Acenando, fortemente, com a cabeça que não, ele proferiu, desgostozamente, trez vezes, o significativo monossilabo...

— Não! não! e não!...

Ao depois completou a frase:

— De tolos o inferno está cheio!...

Nem a presença de Filomena, nem os seus labios frementes, nem as suas caricias indiscretas, foram suficientes para a libertação do rei, escravo que estava daqueles pensamentos. Num momento, porém, como uma gota de oleo que caise na insaciabilidade de um brazeiro, o rei triunfou...

— Matei!... — gritou, então.

E Filomena, que estava perto, ouvindo a exclamativa do amante, não se conteve para lhe perguntar...

— Estás sonhando, homem?...

— Não!...

— Que mataste então?...

— Deixa-me, Filomena!.. Tu não entendes disto. Não matei ninguém, não, isto é, encontrei o *x* da questão...

Aproximando-se, nesta hora, da amante, o rei, como si ela fôse capaz de compreendê-lo, começou de expôr um roziario de pensamentos...

— Tenho de fazer o meu sucesor... Nada mais simples: fal-o-ei como puder... Thyrso não me serve... Outro qualquer que venha será um rei...

E, inesperadamente, dois dias depois, como um forasteiro que não sentia fadiga, D. Jozé voltava ao palacio...

— Vim cazar-te!...— exclamou ele quando encontrou a sobrinha noiva...— Si temias que eu te logrâse, aqui estou eu para te fazer tranquila...

Não era, pois, para demorar o cazamento de Brazilia: rapidamente se escoavam os dias daquele fim de noivado. O ninho dos nubentes estava caprichozamente preparado. A arte e o bom gosto de Brazilia, vindos da leitura de excitantes romances, onde ela encontrára gostozas pajinas de nupcias, cazaram-se, tambem, com as poses do protetor daquele enlace, o qual não poupára despesas para bem aquinhoar a distinguida sobrinha... E, com que amorozo carinho, a noiva, minudente como ela soía ser, fazia os ultimos retoques, dando-lhe um ar de pompa e de conforto, na luxuozza alcôva de sua ventura... Todavia, correndo o tempo, os dias foram diminuindo, e as horas começaram de ser contadas como seculos de sofreguidão. Amigas de Brazilia, quatro

horas antes da solenidade, se apresentaram em palacio para cuidar do quarto, para floril-o todo de rozas brancas, de crizântemos e de cravos. Já o leito, alvejante de cambraias perfumozas e de rendas e bordados, ostentava a fartura das grinaldas de flores. Mas, sobre a colcha de sêda rozea, entenderam de debuehar um monograma com as letras O. e B., iniciaes dos noivos: então, dispondo-se os cravos em linhas formadoras daquelas letras, mais esta homenagem se prestou aos proximos consortes. E Brazília olhava tudo aquilo numa anciedade magnifica. A sua alma voejava, naquelas horas, sobre as couzas do mundo exterior, com a inconstancia dos lepidopteros sobre as inflorescencias... Naquela alcôva, porém, que esplendia de beleza, andava esparso um perfume tão capitozo e extranho que perturbava. Vendo os travêsos arranjos, de ultima hora, feitos pela raparigada alegre, que se destinara áquele officio, para ganhar, cada qual delas, as graças dos deuzes cazamenteiros, D. Jozé se encontrou com Brazília, quando as moças palestravam...

— O meu ninho assim ha de ser!... — exclamou uma, sem ligar á presença orgulhoza do monarca.

— Está um encanto!... — adeantou uma outra, sem titubeações...

— Que dias felizes vão eles aqui pasar, minhas amigas!... — proferiu uma terceira, que, sem atentar no testemunho respeitozo de D. Jozé, fez este fugir com um satanico sorrizo entre as barbas recém-aparadas pelo real cabeleireiro...

— Enxotaste o Rei!... — decidiu uma outra, que olhou muito para Brazília.

Por sua vez, a noiva corou, e afastou-se muito ruborizada...

— Vosês estão na época!... — disse a sobrinha de D. Jozé, sumindo-se por uma das portas...

— Na época?... — interpelou uma.

— Não!... — disse outra — ro dia!...

E, como uma delas emudecesse, todas as outras começaram de fazer-lhe comentarios gaiatos...

— Que tens tu, rapariga?...

— Inveja!... — falou uma galhofeira...

— Nada, minha gente!... Então, não terei o direito de descansar um segundo?!...

— Com uma cara destas, de quem está com a esquerda em frente...

— Pois eu — intercalou a mais arisca de todas elas — sinto bem que nada disto seja para mim...

— Até aí morreu Neves!... — exclamou uma outra, enquanto a mais gorda de todas, procurava, no lugar dos atilios, uma pulga ladina, e dizia...

— Arre, que está uma a morder-me, que já não saporto!...

E, sem o menor zelo, pesquisava o inseto que se afujentára do sitio preferido...

— Escapou-se!... — perorou, renovando o laço da fita negra, que lhe servia de atilio, na curva da perna descoberta...

— Não ficariam mal, aqui, uns crizântemos, daqueles amarelos... — dispôz uma, apontando, no lavatorio, um jarrão de cristal riscado a ouro...

— Amarelos?... — perguntou outra...

— Sim...

— Não acho bom: si o quarto é todo branco, para

que meter ali estas flores amarelas?!... Põe dos brancos...

— E' mesmo...

Calaram-se um instante. E Brazilia, chegando á porta, annunciou que ia começar os seus preparativos...

— Já são onze horas... O juiz aqui estará ás doze e meia...

— E' tempo, é...— anuiu uma das raparigas, a que tinha mais gosto e mais geito para dar opiniões sobre tudo...

D. Jozé, depois de dar audiencia ás leviandades das raparigas, não voltou mais á alcôva para não as surpreender em novas... Mas, atirado a um canto de seu izolado gabinete, ele entrou no reparo de sua intima consternação. Os accidentes da ultima faze de sua existencia, não poderiam ir muito além do exajero á que tinham chegado. Vinha do instante em que o destino lhe matára a companheira, e da sobrecarga que a morte da irmã lhe atirára aos hombros: a responsabilidade de trez meninas, as quaes ele educára assistindo-lhes os rumos que os destinos lhe indicavam... Enterrára uma... Eujenia, a mais moça!... E desta até o luto estava, a muitos dias escoado inteiramente: em palacio, além do pranto inextinguivel de Florinda, só a lembrança palida da virjem morta restava... Dali a duas horas, cazaria a outra, Brazilia, e a menos inditoza... Cazada era um amparo certo para o resto da familia... Então, ele arquitetava textualmente...

— O cazamento é um bilhete de loteria... Comprando-se um, tanto se pôde tirar o premio, como tel-o branco...

E o fio de suas expansões mentaes foi sustado porque a hora se adeantára...

Todos os atos chegaram e se perpetraram luxuozamente. Brazilia ficára linda nas suas vestias de noiva, e, vendo-a, Florinda caiu num pranto convulso, porque descobrira na irmã noiva a maior semelhança da irmã morta...

Os testemunhos do ato, no livro dos contratos nupciaes, deixaram as suas assinaturas escritas com a mesma pena de ouro com que D. Jozé assinára o decreto da reorganização naval...

Empenhados nas cerimoniaes, do civil, do religioso, do banquete, do festim, os palacianos não sentiram o curso do tempo. A noite deceu sobre aquella parte festiva dos mundos, e a madrugada alcançou as ultimas partes da festividade.

Na manhã seguinte, quando, vestindo luxuozo robe de sêda branca, Brazilia deixou abençoar-se pelo tio, encontrou este laerimozo e entristecido.

—Que seria?... — quiz a «princeza consorte» perguntar ao tio, que tanto alegre estivera até á alta madrugada... Mas, Brazilia, conhecendo o amachuamento de suas feições, a languidez dos seus olhos e a luxuria que se denunciava nos halos escuros que aureolavam os seus olhos, temeu fitar com o soberano... Compreendia, claramente, que algo de novo se desenrolára em palacio, durante o tempo em que ella se entregára aos segredos daquela noite simbolicamente bela e unica...

—Florinda teima que entrará amanhã para o claustro!... — disse o rei, reparando na consternação que o silencio sobre o seu estado afflitivo produzira em Brazilia...

Tambem Brazilia entristeceu com a nova!

XVIII

Num desmancho de feições, como ele nunca fôra visto, coçando, com frenezi, a caspenta cabeça de grosos cabelos, D. Jozé girava pela sala, como um ebrio, aos tropeços, batendo de cá para lá, ajitando confuzamente os braços, numa mimica indecifrável e desconhecida, ora fazendo tamborilar os dedos sobre a masa que formava o globo terraqueo—este ornamento vetusto de seu confortavel gabinete—ora estacando, para partir de novo, depois de esgadanhar a nuca e ferir a fronte, afim de despertar o pensamento que esbarrára...Vendo o dr. Brijido Galo asomar, inesperadamente, a uma das portas, cujo reposteiro se levantou, retorcidamente, como as vestias da mulher no começo da dansa serpentina, perguntou, com ancia...

—Então, que novas chegam?

O poeta, ofegante, puchando uma cadeira, e buscando um pouco da serenidade que totalmente o abandonára, durante a marcha forçada perpetrada por ele para ali por primeiro se apresentar, respondeu...

—Haverá abstenção!...

—Em todos os colejos?...

—Mais ou menos...

O rei se encostou á hobreira da porta, como si tivesse sido acometido de uma repentina fraqueza, capaz de estatelal-o no chão. Mas, a emoção pasou ligeira. As forças se restabeleceram, e D. Jozé rompeu a passeiar, ainda mais nervozo e indisposto. Diziam-lhe que o dr. Thyrso, despeitado com a sincope de sua carreira acencional, escapando do trono porque o rei não lhe quizera apontar aos sufragios, pregava, por toda a parte, a farça daquelas proximas eleições... As urnas provariam o indiferentismo dos cidadãos da Suzania. Não cauzára interese o novo candidato. E, dali a poucos dias, o pleito se feriria... Era preciso que, naquele resto de reinado, o prestijio de D. Jozé não se moldase á vontade de um preterido. Tanto por iso, a ação do rei desenvolver-se-ia asombrozamente...

—Estás certo do que me anuncias?...—inquiriu o monarca do poeta niponico, que dele não despegára os seus olhos tristes...

—Naturalmente, Real Senhor.

Nesta hora, o rei empertigou-se, e adquiriu ares de mais corajozo, ou menos esmorecido, de mais disposto a lutar ainda, ou menos afeito ás treguas, naquela pavoroza crize de abandono e de traição, a que ele devia criar embaraços, contando com os bons elementos de que contaria, si abandonase a sua inação...

—Mas, eu, Brijido, disposto como tu és, e no teu mistér, saia outra vez...

—Si o Rei ordena, fal-o-ei...

—De certo. E' que muitas vezes...

—Convem reparar, entretanto, Majestade, em que disporemos apenas de trez dias...

—Tempo de sobra para triunfar o candidato de meu governo...

E o rei lembrou a medida de oferecer vantajens aos seus opozicionistas. Então, poderia o perfido reitor da Real Universidade de Filozofia Juridica perder na pe-leja que travava...

—E... silencio!...—ordenou D. Jozé, impondo o seu indicador sobre a obliqua de sua penca acham-boada...

O poeta acenava com a cabeça, iludindo-se com o que lhe profetizava o soberano, na accitação de todas aquelas providencias de ultima hora...

D. Jozé emagreceu durante os dias da espetativa. Entretanto, pelas portas estreitas do fim de seu governo, entravam, em palacio, os orgãos mais graves da opo-zição ao seu reinado. A D. Oscar, um embaixador diséra...

—Entre vós e D. Jozé não ha incompatibilidades pesoaes...

O ex-soberano, porém, fôra mais realista do que o proprio D. Jozé, recuzando, afrontozamente, a vilania daquela insinuação. Mas, outros... Apaixonados estes que eram pelas venturas que sustentavam os amigos do governo, rezolveram a penuria de seu ostracismo, metendo hombros na empreza de trabalhar para o triunfo real... E foram trez dias, aqueles, de disipação, de fortuna e de esbanjamento, em que a sordidez dos carateres, de parte a parte, se metamorfozeára, qui-xotescamente, em armas de combate... E verdade que Albano Mangueira asegurára ao rei provar-lhe

o erro daquela endosmóze partidaria, tanto quanto si D. Jozé quizesse experimentar, pois que ainda haviam «camaradas sinceros, francos, destemidos» entre os «pavões reaes»... E ele fôra o primeiro a segurar a atenção do rei para o asombramento de Vicente de Laet, o arrojado escritor das asombrosas diatribes da opozição, a quem D. Jozé ofertára uma lucrativa embaixada vaga junto ab governo de D. Afonso... Ora, porque se conhecesem e se temesem, Thyrso e D. Jozé moviam os seus elementos, á socapa, dentro do proprio palacio, e de que eles mediriam forças era sabedor, apenas, Brijido Galo...

—Dei ao Vicente —dizia o rei — a embaixada vaga...

—Não compreendo a tua politica — animou-se Thyrso a dizer ao rei, ouvindo aquella novidade — a menos que tenhas rompido com os nosos...

—Em vespers do ostracismo, sr. compadre—e Thyrso extranhou este novo tratamento gentil que lhe dava, como nunca, o soberano da Suzania — a minha politica é a de reconciliação...

E o reitor da Real Universidade pasou a vistoriar a acidentada existencia daquele forasteiro, que, dentro de pouco tempo, hobrearia com ele...

Nada, entretanto, convencia D. Jozé dos seus erros: era um impenitente... Tanto maior quanto sentia revolver-se-lhe, como um ferrão, na alma, uma saudade aguda, violenta, acabrunhadora, dos bons tempos — tempos do principio — em que todos os homens, de costa para o poente, cultuavam, unicamente, a sua personalidade de rei iniciado... E, em todas as horas da peleja, unido aos adversarios mais rigorozos, D. Jozé principiou a se enfronhar no abatimento dolorozo, na aturdida miseria

moral, que o acompanhava como os prógonos da grande calamidade futura de rei destronado...

Asim, chegára e pasára o dia do pleito, para D. Jozé, que, por ver triunfante o nome de seu sucesor, caiu na pasmaceira de confiar na bizarria e na primeira apparencia daquela situação do fim de seu reinado... Mas, notando a auzencia dos «pavões reaes», que ali viviam sinajelasticamente, a certeza de ostracismo voltou e feriu-o mais fundo... Sentiu, então, necessidade de um colaborador para aquele trecho final de sua obra, ainda por fazer: notou a solidão das vastidões palacianas, cujas portas eram respeitadas, porque corridas as aldavas o respeito a elas estava imposto...

—Tens visto D. Jozé?... — perguntou Thyrso de Campolide a Albano Mangueira...

—Não! E tu?...

—Raramente! Apenas duas vezes, na hora da audiencia publica...

Vieram, depois destes, dias peiores, dias mais tristes e mais dolorozos, para o rei do ocazo: as audiencias pasaram a estar sem importancia, e a concurrencia se reduziu ao ministerio... Neste meio tempo, aliáz, a chegada das unidades que completavam a marinha da Suzania, trouxera um ultimo sinal de majestade ao rei decadente. As festas inherentes a este fato considerado auspiciozo, exigiram dos suditos de D. Jozé as derradeiras atenções, que envolveram o rei num ambiente de lenda, trazendo-lhe as sensações de entuziasmos e viços de outros tempos...

—Está uma mumia!... — disse Thyrso de Campolide, naquela ocazião, na confidencia que improvisára com o poeta niponez...

—Achaste ?

—Sem tirar nem pôr...

—Mas, porque?... — inquiriu o economista, esfregando os olhos, como que para se chamar á realidade, de que se julgava alheio, deante daquela fraze insistente do reitor. Era que, olhando bem para o velho monarca, nenhuma alteração fisionomica, apesar de mudanças haverem no seu semblante gasto, o dr. Brijido pudéra descobrir.

—Devam ser asim as mumias dos Pharaós... — repizou o filozofa...

— Asim, como?...

— Como um rei decadente: espectro de rei, um rei que não mais é rei...

— Compreendi-te, agora...

— Olhando-se uma delas, não ha quem conteste olhar a mumia de um rei do Egypto... Nada lhe falta senão a vida. E' um rei mumificado, qualquer delas... Asim, D. Jozé...

Nese momento, um murmurio de regeziço supremo, de admiração fervorosa, de entusiasmo fremente, percorreu a assistencia daquela festividade concorrida. O proprio D. Jozé se espantou: aparecia, solenemente, aos olhos dos circunstantes a figura do novo rei... E já a este e não mais a D. Jozé, as mais ruidozas saudações eram dirigidas...

Em palacio, vazio de todo o convivio, Oto acompanhava o seu soberano nas decepções daqueles ultimos tempos. Brazilia cuidava, sollicita, do enxoval do seu primojenito. E, não raras vezes, D. Jozé acentuára, com a sua palavra rude, a falha que naquela coexistencia representava a voluntaria excluzão de Florinda, que

se internára, para profesar, no Convento das Ursulinas... Mas, ainda assim, o tio de Brazilia tinha a gratidão de raros aquinhoados com as suas gorjêtas de rei perdulario: tambem, para estes, havia o retroceso da brutal indiferença com que os mais o distinguiam...

De uma feita, ele logrou um encontro com o dr. Brijido Galo...

— Viva!... — disse-lhe o rei, ao mesmo tempo em que o abraçava... — Bons olhos te vejam!... — E ia arrastando-o consigo...

— Desculpae, Majestade, mas agora... — opôz o poeta nipónico...

— Então?... que te fiz para ser com este modo grosseiro repellido?... — adiantou o rei, procurando pôr um termo áquela escuza formal que ele não esperava...

— Nada, Real Senhor!... Mas...

E o poeta japonéz olhava espantado, e, comicamente, para todos os lados...

— Has de ouvir-me...

— Sim... Entretanto...

— Aparecerei em palacio, D. Jozé...

— E' de mais!... — gritou o rei...

Em seguida, concluiu:

— Vai!... vai!... Bons ventos te levem...

Ainda assim, o joven economista não se arriscou a demorar no colloquio com o velho rei. Todavia, com demorada surpresa de D. Jozé, na manhã seguinte, com a intimidade de outros tempos, ele foi encontrar o rei, ainda de pijama, por fazer os seus preparos matutinos... Dos reaes labios escapou-se uma crespá interjeição...

— Irra!...

O dr. Brijido perturbou-se desmedidamente: as suas faces empalideceram, acentuando-se bem as manchas negras dos numerosos sinais que lhe estrelavam a pele do semblante destemperado... E, com a voz imensamente tremula, articulou uma iniciativa qualquer...

— Venho receber as vossas ordens...

— Não havia necessidade de tanto incomodo!...— atacou o rei...

— Incomodo nenhum, Real Senhor...

— Galanteios teus!... Si já não sou mais rei... Bem o sabes...

— Para mim sereis sempre o mesmo...

— Grande esforço dispenderás para que assim aconteça... Não serei eu, porém, quem de algum de vós tal sacrificio exija... Dá-me noticias de outros... Do Thyrso, por exemplo!...

— Partiu para a séde de sua embaixada, isto é, para o reino de D. Afonso...

— De verás?...

— Ha cinco dias!...

— O tempo!... Quando Thyrso viajou que não me visitase?!... que não me apresentase as suas despedidas!?!...

— E ele aqui não esteve?!...—interrogou o poeta com injenuidade...

— Desta vez, não... E uma couza: quem lhe forneceu a passagem?...

— Ignoro!...

— Precizo saber...

D. Jozé correrá ao aparelho telefonico, ligando-o com a Prefeitura da Ordem Publica. O dr. Galo estava

pasmo diante daquela providencia repentina. «Que quereria assim o desprezado monarca?...» E o poeta só descansou quando ouviu que o rei interpelava o dr. Costa Rios acerca das pasajens de Thyrsos...

—Pediú-as, ainda uma vez, á misterioza verba da ordem publica...—esclareceu D. Jozé, em altas vozes...

E o rei soltou barulhoza gargalhada. Depois proseguiu...

—Que fim levou o Albano?

Atrapalhou-se bastante o dr. Brijido Galo para responder... Todavia, improvisou uma resposta...

—Éstá bom... Ainda hontem o vi...

—Outrora—aprofundou o rei—duas eram as vezes em que, por dia, eu via cada qual de vosès...

E antes de despedir-se, e antes de outros asuntos, interrogados impertinente pelo abandonado soberano da Suzania, o poeta niponez teve que informar sobre o paradeiro de Bertoldo Barrozo, do Conego Luz, de Ubaldo Longo, e de outros afujentados... Sobre todos, ele esmiuçou noticias, mas, para acalmar a tempestade que rujia quando as suas respostas não eram sem estudos, Brijido fez grande esforço quando D. Jozé lhe tirava informações acerca da pessoa de Bertoldo Barrozo...

Era que este, mais do que qualquer outro dos «pavões reaes», mal fôra sufragado o nome do novo rei, e em virtude do aborrecimento em que dejenerou o grande amor que a D. Jozé consagrava a «virtuoza» d. Ritinha, escoou-se de palacio, que, nem mesmo nas audiencias rejias, o rei tivera ensejo de vel-o... Entretanto, Bertoldo referia uma cena que Brijido quizera reproduzir ao soberano... E, como não a desvendase prontamente

«nas buchas», o poeta niponez ganhou tempo para cojitar sobre a leviandade de más consequencias, que teria cometido, eazo falase ao rei o que dele, ainda governo, já dizia o espozó de d. Ritinha...

Ora, no seu inveterado habito de engazupar o marido imbecil, no fim de todas as suas sujeições de adultera, esa mulher habilitára o Barrozo para fazer render, como um atestado evidente de suas «eburneas virtudes», as «malogradas pretensões do rei»...

—Então soubeste já?...—perguntou, de uma feita, Bertoldo Barrozo ao poeta japonez, na ancia de desvendar-lhe a longa historia das luxuriosas ambições do rei...

—Soubeste o que?... interrogou Brijido, preparando-se para ouvir mais uma vez, a historia, que, de longa data, naqueles ultimos mezes, outros muitos falavam...

—Do noso rei?...

—Ainda não!...

—Pois não soubeste?... Está um *finorio*... E, comigo, quiz pasar de pato a ganso...

—Como asim?...

—Empreendeu de rei ser meu socio na Ritinha, que virtuoza como é, o repeliu...

A franqueza de Bertoldo fez o dr. Brijido Galo enrubecer deante de sua indiscreção...

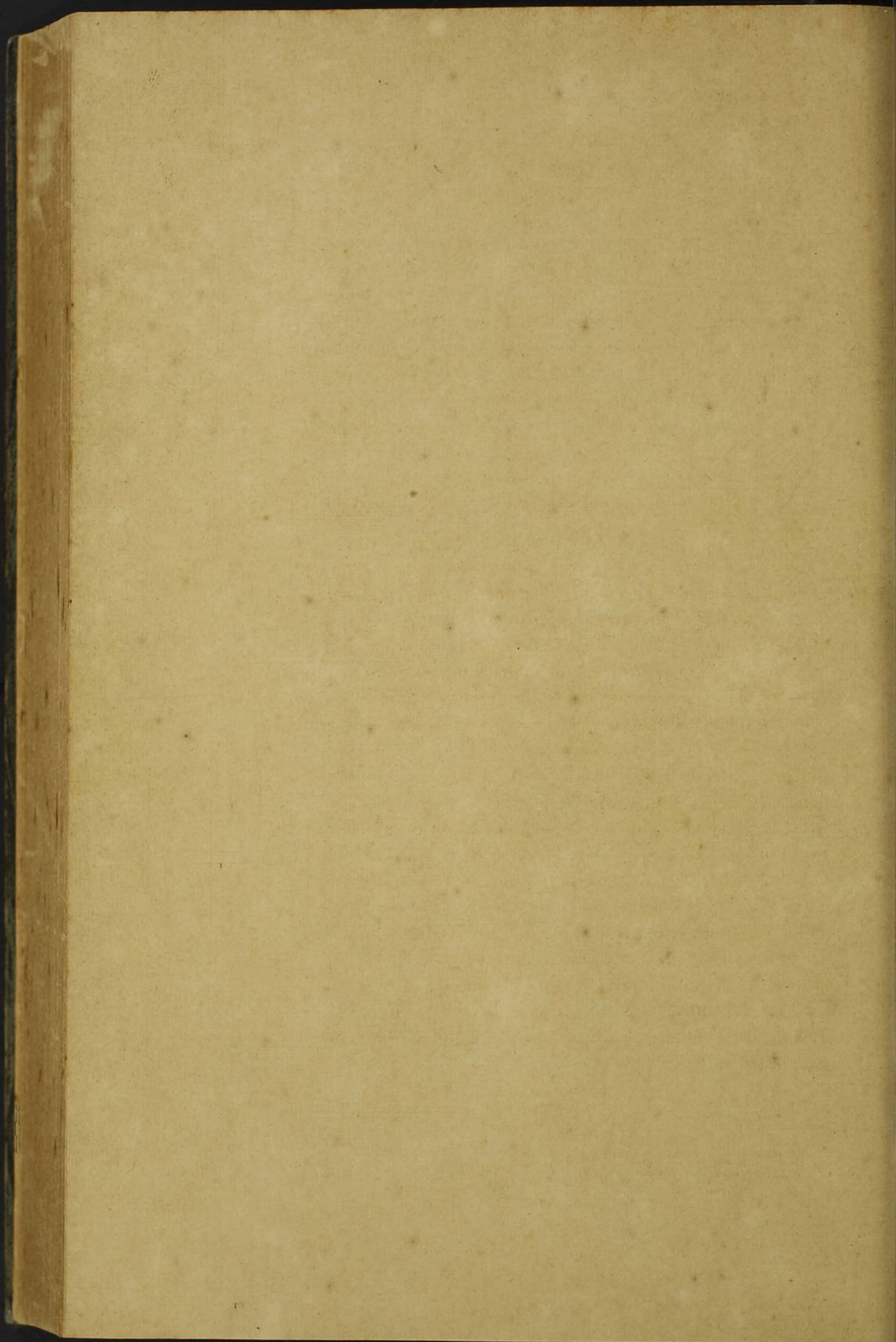
Todo o circulo dos sinajelásticos «pavões reaes», estava claramente conhecedor daquela historia: e fôra ela o que fizera o poeta titubear na resposta quando o rei lhe perguntára noticias de Bertoldo Barrozo...

E a acidentada vida de D. Jozé, rei da Suzania, de tão pacifica que escoára depois que, na companhia das sobrinhas, se estabelecera definitivamente nas *Candeias*

pasára a ser uma existencia irreprimivelmente indisciplinada e cheia de romances e de exaltações, dominado que ficára o arrependido monarca pelas turbulencias de seu governo... Mas tudo aquilo ia ter fim! Os dias corriam, e a hora fatal de despir o manto e de retirar a corôa, jogal-o-ia á estúpida situação de um «rei sem trono»... Tanto por esas crueis cojitações, que profetizavam, com uma certeza de vizões de Sybila, o infortunio de D. Jozé, quando destituido fôse do trono da Suzania, ele, vendo como rei, o ultimo poente misteriozo de seu governo, na certeza de que, na manhã seguinte, sem cometer um delito, não lograria descansar naquele «solio amado», guinchou uma fraze terroroza e de pavor:

—O' minha estulticia!... dolorozos que tornaste os terminos de minha existencia!...





XIX

Muito aconchegados — o rei que decia e o rei que subia — na mesma carruagem, seguidos ambos de numeroza cavalaria armada, em luzidia escolta, se encaminharam eles da Caza das Audiencias, emquanto, naquella manhã tempestuoza, um vento raivozo zombava, superior nas suas forças, da tranquilidade sublime das arborizações desfolhadas pela estação friorenta... E os galhos semi-nús, desprovidos das folhajens verdes com que se engalanaram na ultima sazão das frutas, similhavam, no fundo escurecido dos cenarios pelos ceus vestidos de insoluveis nuvens de chumbo e cinzas, espetros dispersados nas ruas e praças da cidade entristecida com as iterativas chuvaradas invernozas... A modo que a natureza se cubria de dó, que a tristeza se arremetia sobre o mundo, para fazer aborrído, em extremo, aquele dia feriado com a tranzição de governos no reino da Suzania... E quem não se adapta á infinita melancolia dos dias de chuva, si, por motivos outros, a alma não abre os seus reoforos para a expansão dos motivos de alaeridade intima?!...

—A hora de meu fim— disse D. Jozé ao proximo rei—e o sol se esquece de dar um raio de luz mais forte para ferir em cheio o marmore do sepulcro de minha administração!... Queria legar-vos o solio amado em hora ardente de sol, quando, de toda a parte, subisem aos ares os haustos denunciadores da fecundidade alcançada no rico ventre da terra!... Mas, a minha desventura chega a fazer troviscante a natureza belamente tropical de meu reino... De meu reino!... Perdôa, Senhor Meu Rei!...

Mas, como o rei a emposar-se fizese ouvidos moucos ás tiradas eloquentes do comovido monarca decadente, D. Jozé silenciou para criar cojitações sobre a desenvolução cruel dos acontecimentos das vesperas.. E os seus olhos se humedeceram quando refez o intimo desconsólo do momento supremo em que, retiradas as suas malas da rejia habitação, ele abandonára o palacio, como o arlequim de aldeia, que, findo o reboliço das feiras, dezocupa a arena para ir pernoitar leguas adeante... «Em um quadrienio — pensava ele — um infinito numero de sensiveis alterações na sua vida pacifica de camponez... Não poderia admitir que outros invejasem a sorte dos grandes estadistas, colocados, como ele, passageiramente, no solio de um reino... E parecia-lhe que nenhum periodo de sua existencia se esgalgára mais nas ampulhêtas... que nenhum pedaço de tempo mais indisciplinado se ejaculou da fieira dos anos... Atribuia a sua insensibilidade á dominação de que se tornára objeto, como um reajente qualquer na retorta dos precipitados... De mais a mais — ter abandonado o palacio, depois de, para ele, ter subido de una choça, aonde iria esbarrar, novamente, com os seus osos de simples mortal...

E, olhando com os seus olhos lacrimejantes, pelas vidraçarias da carruagem reinel, comparou a incoerência da sorte dos homens com a inclemente metamorfose das presões atmosféricas... Foi, assim, que chegou o momento dos dois reis se apearem... E, desconsolado como nunca, vendo-se no abandono mais completo, D. Jozé seguiu com os olhos a figura homenageada do novo monarca, pelos novos «pavões» arrebatada de sua companhia...

Dali por diante, todas as ceremonias proseguiram como as outras — tudo era praxe, era dogma, era tradicionalismo, até ao momento em que D. Jozé despira o manto das atribuições para o vestir o novo rei... De resto, mudára se, inteiramente, o aspeto de vida social... Dos escombros de um pasado, de que a verdadeira carcasa era o exmonarca D. Jozé, faziam surtir o edificio magnifico de um porvir, que, era, pelo erro consuetudinario de todas as epochas, o rei em posado...

Todo aquelle movimento ocasional da corôação relaxou, ainda mais, a deploravel tensão do espirito de D. Jozé... E ele deliberou deixar a côrte... Que se arranjasem os novos governantes como quizesem, pois que a sua missão estava com o fim atinjido. E, partindo para as *Candeias*, voltava só, quando de lá saira com o compromisso da chefia de uma familia... Agora, unicamente a amante lhe restava... Nos braços dela encontraria a camaradagem cúpida e luminosoza que entre amantes se mantem...

E, foi como um sudito do novo rei, vasalo nas terras em que senhor chegára a ser, que D. Jozé voltou, no dia seguinte, ás *Candeias*... Nem se despedira do

sucesor: o novo rei representando ia, á sua compreensão enferma, o trêdo papel de confiscador da sua felicidade interrompida... Nem adeus disêra á mulher de Oto... Era este, então, um ministro decaído e simplificado num profesor de grego... E, do ministerio, onde, fortuitamente, atravessára uma opulenta vida de alguns mezes, decera ao majisterio de uma lingua que era uma incognita na equação de seus talentos parcos e de sua incicia...

Eis o rei caminho de sua propriedade agricola, eil-o na volta definitiva ao seu gineceu querido... A viagem de mar, outrora feita no hiate real, num simples vapor da carreira, estava mais longa do que de outras vezes... Que se não terminaria, quiz parecer-lhe durante algum tempo...

—Aquele foi rei!...—ouviu D. Jozé um pasajeiro proferir...

E ele teria replicado...

—Fui rei, não!... Ainda sou...

Felizmente, mudo estava e mudo ficou, porque si lhe perquisisem — e o teu trono? — que responderia ele?...

—Rei sem trono!... — dizia com os seus botões, arrancando aos punhados os cabelos da encanecida cabeça...

Um milhão de pensamentos perseguiram no a bordo e iam continuados no trajeto... Pedro Ivo, o camarada, com o mesmo respeito lhe saudára... E D. Jozé descobriu no semblante do curibóca traços ineditos: «seriam de contentado com a volta do patrão?... seriam de contrafeito?... ou revelavam, na sua mudez de linhas, alguma novidade pernicioza»?...

A malária das cojitações levava o rei, silencioza mente, pelas estradas afóra... Eil-o que transpunha a cansela de sua propriedade... O cazarão das maquinas jazia adormecido, sem a atividade dos trabalhos.. As cavaliças tinham as portas dezertas, e, no terreiro, a enorme creação espenicava, sofregamente, na luta pela vida, os grãos do sólo... Na porta da cozinha, a velha Bernardina, de cocoras, como um animal sem razão, rompeu a sua abstracção quando o amante de Filomena pasava, para o saudar rudemente...

—Meu sinhó!...

E sem dar resposta o rei ia adeante... «Onde estaria Filomena?... Não lhe esperaria, com atenções?...» Correrá á alcova... Estava sem viva alma!... «Que significaria aquela enorme solidão, como si a pesôa da amante, por sua excluzão, despovoase aqueles dominios?...» Correrá aos outros comodos... Inexpresivo dezerto, nem sombra da amante... Penetrára na cozinha... Bernardina o detivéra...

—Sinhó!... Papé de Sinhá...

—E onde está ela?...

Asim dizendo, o exmonarca da Suzania desdobrava um amarfanhado e amarelecido papel, que a africana lhe deixára nas mãos... «Que diria ese papel?... que exprimiria tudo aquilo?...»

E o rei leu, declamando:

—«Meu Jozé: Deixo-te para sempre, deixc-te sim...»

A' vista de D. Jozé as letras tremeram, e, depois do tremulo que ostentaram, começaram de dansar furiozamente... Ora se afastavam, como os pares nas quadrilhas, ora rodop'avam, como nas valsas, ora pinotea

vam, como nos cake-walks... E o rei, apoiando-se na hobreira da porta, sem mais ler, deixou cair o braço, que prendia o papel azucrinador, ao longo do corpo, e soltou, num grito rouco e barbaro, as apostrofes tremendas :

—Ingrata! infame!...

Estava ali assim, sem animo de mais nada, com os olhos fechados, para evitar que tudo continuase a cabriolar, num desenvolto câ-câ... Arvores, cazas, as aves, no terreiro, tudo corria vertijinozamente... E a crize, pasada a primeira impressão, desapareceu, ficando, como o *morbus* de um sofrimento novo, a lembrança de que, por mais esforços que envidase, jamais tornaria a vel-a... E, dali por deante, a saudade da amazia que fujira, foi o motivo do grande penar daquela alma...

De repente, D. Jozé atravesou o limiar de pedra da porta da cozinha e foi até ao meio do terreiro... Mas, voltou até junto da africana, acocorada, bestialmente, num recanto, sem nenhum valor dar ao dezatino de D. Jozé. Este, cedendo mostras do rancor que lhe invadia o procedimento, deu com o pé na masa negra que era o corpo semi-nú da africana, e ordenou...

—Saí daí, peste!...

E, como a preta velha, de juntas pèrras, demorase nos seus movimentos, arrepanhando os andrajos, o ex-soberano bateu-lhe, novamente, com o pé, e apostrofou...

—Levanta-te, bruxa velha!...

Então, a negra, deixando o agachamento e medroza, levantou, vagarozamente, a sua cansada figura, e seguiu, com tremuras, o andar violento de D. Jozé. No meio do terreiro, o amante de Filomena gritou para a africana...

—Para onde foi Filomena? ..

E a negra respondêra...

—Nêga viu Sinhá in caminhu de cidade... nêga viu e não nêga...

D. Jozé irritava-se com os pormenores do abandono dolorozo... Mas, proseguiu...

—Com quem foi ela?...

—Cum seu Matinhu... Nêga viu, Sinhô, e nêga sabe Sinhá abandona Sinhô pr'o mode seu Matinhu... Seu Matinhu drumia Sinhá quondo Sinhô não vinha... Nêga sabia de tudo... Sinhô nada proguntou á nêga, nêga não se adeantava...

Ora, com um movimento brusco, D. Jozé abandonou a africana e veio ter á sombra do avarandado. Horas seguidas levou ajitado, ora acelerando, ora retardando os pasos, em caminhadas repetidas de uma á outra extremidade da longa varanda. Irracional, quazi, a velha Bernardina sustentou a sua figura estatica no meio do terreiro... Em suas cojitações, o rei D. Jozé recompunha o roزاری daquelas aventuras... Para fujir com a sua amante, fôra que o Martinho pedira-lhe, como recompensa aos seus serviços, a baixa dos exercitos reaes... E ele, protejendo a astucia do miseravel, concedera-lhe carta branca para toda aquela infamia... Por fim, chegou a pensar em que bem poderiam ter ficado os trez naquela *ménage*... Emtanto, o traidor escapava-se-lhe, sem mais aquela, roubando-lhe uma importante parte de sua alma: a dedicada ao amor de Filomena... E, iradamente, o exmonarca avançou sobre a velha africana, começando o estralejar precipite de suas locuções batidas...

—Tu vais me pagar...

—Sinhô! Qui culpa tem nêga?...

— Cala-te, bruxa!...

Sinhô manda...

E, dando-lhe as costas, o rei berrou...

— Pedro Ivo?...

O curibóca ia receber uma barbara incumbencia: o castigo corporal daquela inditoza preta. E, emquanto o mestiço acudia ao nervozo apelo de D. Jozé, este murmurava, dezapiedadamente, injurias e protestos contra a velha Bernardina...

— Pustula!... que bem sabias do que a outra praticava... Hei de vingar-me!... E porque não?...

E gritava o alarve ...

— Pedro Ivo?...

E logo, por todo o recinto de seu dominio, nas cavalariças e nos telheiros, á beira das portas, surjiram famulos do irado magnata... Chegando-lhe aos ouvidos os gritos de D. Jozé, o sertanejo entreabriu presurozo a porta da cabana, e ia saindo, com o cazaco ainda a vestir...

— Senhor, meu amo!...

— Amarra esta negra...

Dos olhos de Bernardina, mizericordiozamente voltados para o seu antigo senhor, deceram copiozas lagrimas e os seus labios emudeceram que não proferiam o menor gemido... As cordas vieram, e, com elas foram atadas os braços da africana, em chave, nas costas...

— Prende-a ao tronco ..— acrecentou o rei, incapaz de comover-se diante das atitudes pacificas da negra... Mas, esta, tomando conhecimento do horror de seu castigo, não conteve um minimo apelo ao inclemente despota das *Candeias*...

— Sinhô!...

— Cala-te, burra!... — e o rei soltou brutalmente, esse epiteto nojento... — Vais pagar-me teres calado as safadezas da outra...

Mas, D. Jozé deu as costas á barbaridade que acabava de cometer. De lonje, em caminho do avarandado, gritou ..

— E deixem que este diabo morra á fome e á sede!... Nem uma gota dagua, nem um pedaço de pão!...

Horas depois, levantando-se de um restaurador pedaço de sono á sesta, o tio de Brazilia ardia numa fome devoradora. Os sonhos máus e os pezadelos despertaram-lhe o apetite... E, de ventre repleto, o ex amante de Filomena chegára ao limiar do avarandado, exclamando para a castigada velha ..

— Quem deve a Deus paga ao Diabo! ..

Ainda uma vez Bernardina tentou chamar em seu favor a piedade do exmonarca da Suzania .. Entretanto, a cada apelo da prisioneira que, de dorso nú, exposto á queima dos raios quentes do sol, começava de sentir o rigor de sua punição, D. Jozé, negando o ouvido ás explicações da sofredora, atirou-lhe uma nova ameaça...

— Nem piu, ruindade!... Se não mando chegar-te o couro...

Detinha-se a velha nas suas tentativas de lamuria... E, assim, pasou, curtindo fome e sede, dolorozos dias, ardendo ao sol, friorentas noites tremulando de frio, perdendo a voz e o brilho dos olhos, dois dias antes de morrer...

Numa noite daquelas, porém, Martinho fôra sondar a taciturnidade do rejio gineceu abandonado. Saira ele, da cidade proxima, ao pôr do sol, e, alta noite, senhor

das particularidades do lugar, penetrou no terreiro, até junto do tronco, onde vira a estatua emudecida de Bernardina, naquele suplicio atroz. Arripiaram-se-lhe os cabelos... Um frio abrupto lhe percorreu as vertebrae do sacro á cerviz... E nem palavra arrancou da preta imbecil, mais para a morte do que para a vida... Jurou vingar-se o novo amante de Filomena, e disto, sobre aquella barbara cena, que lhe fez doerem as entranhas, ordinariamente insensiveis, deixou um sinal no testemunho da lua, personagem fantastica naquella terrorosa noite de inverno estiado, mas fria e humida. De fato, Martinho cumpriu o seu fatal juramento: ao Prefeito da Ordem Publica, que continuava a ser o dr. Costa Rios, apesar dos seus asombramentos e de seus medos reconhecidos e consumados, escreveu Filomena, por ordem do novo amante, uma denuncia dos horrores que o « guarda fiel » de D. Jozé lograra prezenciar no silencio da noite...

Costa Rios descrera da denuncia. Mas, esta chegára quando o ridiculo se lançava sobre o exmonarca da Suzania: e, mais do que o ridiculo, quando creciam os intemperantes apodos... Parecera-lhe uma fabula o que a denuncia lhe prevenia...

No entanto, horas depois, quando os galinaceos começaram de cantar matinas, e as primeiras claridades do dia vinham aparecendo no horizonte, Bernardina, que até aquele ultimo momento de seu holocausto, conservára erecta a sua alvejante cabeça, deixára esta pender sobre o torax, e, sem consciencia, mas por instinto, murmurára gemedoramente...

—Sinhô!... sinhô!... nêga perdôa injustiça!...

E exalára o ultimo hausto de vida...

Despertado o sitio, a nova correu por toda a parte... «Quem dali, porém, se arriscaria a falar para algum extranho a selvajeria de que todos foram testemunhos?... quem cometeria a indiscreção de transmitir para fóra da cancéla aquella horrorosa cena de mizeria e de covardia?...»

Enfrentando, aliáz, com o cadaver hirto da africana, D. Jozé abriu uns olhos de terror, e Pedro Ivo, que o olhava, viu bem os seus cabelos ericarem-se-lhe e os seus labios tremerem, rôxos, e enjelhados... Mas, pasada a primeira impresão, ordenou, ostentando a maior paz de espirito, a maior ventura na desgraça alheia...

— Enterrem esta desgraçada na orla da estrada...

E as ordens de D. Jozé cumpridas foram!... Pedro Ivo, què cantára, docemente, a tirana, ao palór do luar invernozo, indifferente ao extranho trabalho da tarde daquele dia, quando ele sepultára, na orla da estrada, o esqueletico cadaver da velha africana, perdera a audiencia do canto das aves, para surpreendelo no dia seguinte, á brilhante luz do sol no nacedoiro... Dormia, pois, a bom dormir, quando, enfronhado, como um duende, nas alvas fazendas de suas compridas vestias da noite, D. Jozé batia, zelozamente, á porta de sua cabana, murmurando o seu duplo nome...

— Pedro Ivo?... Pedro?... Pedro Ivo?...

E, como ninguem lhe respondia, de dentro, o asombrado monarca, num aceso pacifico de sua loucura, reiterava as pancadas, soturnamente, repizando, em surdina, o nome do temido curibóca... Todavia, quando menos cuidava, o desprezado amante de Filomena, extremecendo de susto, sentiu escançarar-se, arrojada-

mente, a madeira da porta, surjindo em sua presença, de pés descalços e cabelos dezordenados, a estampa sonolenta ainda do valiozo sertanejo... E, o diabo do homem tinha uma detestavel cara de pandilha, que se rezolveu em alegria, no seu rosto moreno, ressaltando em relevo as suas trigueiras carnações ..

— Pedro!... — exclamou D. Jozé, revirando, esquizitamente, os seus profundos e tenebrosos olhos, dum castanho reluzente...

— Senhor, meu amo!...

As aves, despertadas e gulozas, se espalhavam, á espera da torreira do sol, que não tardava de surjir. Tambem, o aprisco, que ficára bem fechado com a sua tosca tranca, entrava em movimento, e o alacre pastor, cantarolando uma nova prece de amor, e tanjendo o gado de um ponto para outro, ia levar o rebanho de cabras e ovelhas ás campinas, por entre zigues-zagues, marjados, ás vezes, por fraguados micantes e altas arvores umbrozas .. A serra, vestida com a neblina da madrugada, se dezenhava, palidamente, muito ao lonje... E, entre os ramos das arvores, cujas folhas, pezadas pela posposição das perolas do orvalho, quazi que não buliam, os passaros davam sinaes de vida, piando uns e chilriando outros, enquanto os anuns soltavam miados e os *bem-te-vis* os seus gritos de alarma. Mais ao poente, uma chusma de abutres, mais altos do que toda a altura do oiteiro, vojava, atraidos eles por uma carniça qualquer ..

— Pedro?... ..

— Senhor, meu amo!...

E o rei sentia dificuldades no falar o que queria...

e o rei, naquelles trajos, espantára o disposto curibóca...

— Pasei uma noite de horrores... — dise soturnamente o tio de Brazilia...

O alarve olhou-o de alto a baixo, e compreendeu, logo, que alguma coiza de extranho se pasava. E D. Jozé, esquadrinhando os lados com um cruel deza-socego, falava em surdina, como em confidencia...

— Eles estão lá... Vieram me prender...

O sertanejo déra uma reviravolta, e, porque desconhecese a alucinação mental de seu patrão, deu de mão á foice e ao clavinote, pronto para partir...

— Queres ver? Vem ver... — continuava o rei, pizando, com a ponta dos pés descalços, as anfratuozidades das areias do terreiro... — Estão ali... Devagarzinho, Pedro, si não eles se vão... E' muita gente!... Mais de trinta soldados e um comandante...

E os dois, tudo percorreram, em torno do cazarão: tudo calmo, tudo dezerto, tudo no mesmo de sempre... Pedro Ivo, então, apoderou-se de uma intensa piedade pelo seu companheiro, quando este dise...

— Falaram dali... — e o rei apontava um janelão fechado — Eles me prendem, Pedro!

O curibóca olhava o patrão, com as lagrimas nos olhos... «Ele começava como a «comadre Efijenia», que acabou paralitica... Aquilo tudo era fraqueza...» E D. Jozé repizára, com um estúpido tremor nervozo...

— Lá estão eles, Pedro... Ouviu?... Chamaram-me — *Majestade!* — Matam-me!...

— O patrão está enganado...

— O que, Pedro!... Enganado?... eu?... Está!... Ouviu?... Gritaram outra vez — *Majestade!*...

—Vamos ver!...—exclamou o alarve seguindo para a janela fechada, de onde, conforme dizia D. Jozé partiam as vozes...

E, antes que o amante de Filomena conseguise detel-o como tentára, Pedro Ivo destrancára a janela, abrindo-a abruptamente: fóra, o jardim estava transformado em intonso matagal... Entretanto, esturvinhado com aquela decepção, D. Jozé opöz...

—Fujiram!...

O sertanejo não tinha animo para abandonar o real senhor. Rapidamente, este, mesmo sem vestir-se, ergueu-se e saltou a janela para o jardim... E o curibóca, travando-se-lhe o coração de amarga pena, acompanhou o rei no seu salto brusco. D. Jozé déra alguns pasos entre as espinhozas plantas daquele abandonado lugar das flores; mas, percebendo que Pedro Ivo lhe seguia, voltou-se, repentinamente, e, caindo de joelhos sobre as fôfas terras de uma sementeira, implorou...

—Pedro!... vale-me tu!...

E, logo depois, bradou, como um berro de poderoso touro, trez vezes um mesmo nome:

—Bernardina!... Bernardina!... Bernardina!...

De quebrada em quebrada, ecoaram as ultimas silabas dese nome gritado com furor. Paciente e atoleimado, incapaz de pensar num meio de proteger o patrão, Pedro Ivo não se sentia com animo de abandonal-o naquela emergencia.

De novo D. Jozé soltava gritos...

—Bernardina!... Bernardina!... Bernardina!...

E o eco repizava as ultimas silabas da palavra. Inesperadamente, o louco levantou-se: olhou os astros, onde o sol acabava de nacer como uma gota de oleo num

mar de rozas, fitou com a serra, partiu numa carreira vertijinoza. Escrutou, como si azas tivesse, toda a horta onde alguns legumes vejetavam plenamente, transpòz a cancela sem voltar, uma só vez, a vista atraz, e galopou pelas estradas afóra... Adeante, dobrou o atalho, que levava ao sitio do banheiro, nas margens do rio. E Pedro Ivo temeu o pensamento de morte naquela vontade de ferro. Era preciso detel-o. Como porém, si não lograva atinjil-o na lijeira corrida?...

—Patrão?!... Meu patrão?!... Real Senhor?!... — clamava o alarve atemorizado...

D. Jozé não lhe atendia, e a cada berro do curibóea, ele correspondia com um impulso na vertijem de correr. Os seus pés, nús e não habituados ás groserias daqueles terrenos, sangravam e marchetavam as areias de coagulos encarnados... O desespero de correr trazia-lhe a insensibilidade muscular e a indiferença para a integridade fizica do seu corpo...

O banheiro se apresentou aberto... As aguas corriam placidamente e rumorozas, como si a murmurar segredos de amor. E Pedro Ivo, não podendo segurar o rei antes que ele ali entrasse, compenetrou-se da desgraça de que ia ser unico testemunho... Unico?... E os céus azues, brilhantemente azues, que se fotografavam na limpidez das inquietentes aguas?... e as folhajens verdes que sombreavam aquele recanto poetico da inegualavel natureza e as miriades de seres, inalcançados pelos olhares humanos, mas constantes em situações como aquelas?...

Pedro Ivo levára ambas as mãos aos olhos e soltára a sua convicção...

—Está morto!...

Pasado porém, o momento de estupefação, o sertanejo transpôz o limiar do banheiro... D. Jozé inteiramente nú, banhava-se, rebofia-se nas aguas, com a apparencia mais calma do mundo... E, quando Pedro Ivo, com os cabelos desgrenhados, ofegante de cansaço e com a fronte transpirando a valer, surpreendeu o real senhor naquella pacifica ablução, como o mais são dos mortaes, este soltou estridente gargalhada... O curibóca espantou-se com o que sentiu calafrios de horror quando D. Jozé lhe arguiu...

— Não me respeitas, Pedro?...

E o alarve, embora quizése articular uma desculpa, immobilizou as feições como uma esfinje... «Que que-
reria representar aquella serie ininterrupta de aconte-
cimentos?...» O rei, entretanto, chamou-o á ordem...

— Estás maluco, homem!... Não me vês no banho?...

— Perdão, senhor meu amo!... — proferiu o mestiço saindo da presença de D. Jozé.

Ora, dali por deante, nenhuma alteração revelou o espirito de D. Jozé. Todo o resto daquella dia, tão feiamente amanhecido, correrá pacatamente. Como nunca, o exmonarca da Suzania estivera com appetite, nas horas das refeições. Ao crepusculo, porém, Pedro Ivo encontrou-o sorumbatico na frente do abominavel tronco em que fôra trucidada a velha africana... O seu olhar estava de vidro, e na pupila dos olhos se reflectia, medonho como soía ser, aquelle instrumento do covarde despotismo do senhor daquellas terras... E o sertanejo compenetrára-se de que devia posuir-se de acendencia moral sobre aquelle homem, caminho das mais tredas trévas de espirito...

— Real Senhor!... O ar frio da noite pôde fazer-lhe mal... E' bom recolher-se...

E isto ele proferira com tal emfaze, que, embora indisciplinado, o rei lhe obedeceu... Sem a menor articulação, D. Jozé se recolhera. Lembrára-se Pedro Ivo de fazer-lhe guarda toda a noite; mas, o receio de despertar veixames naquella alma taciturna de seu Senhor, fel-o ceder á fragilidade da sua pozição de servo respeitoso...

Entretanto, toda aquella noite, sem vijia, sem atenção, D. Jozé dormira excelentemente. Na manhã seguinte, despertára ruscador como nunca. Todavia, o curibóca não deixava de espial-o, a todo o momento, horas sem visto ser, horas pretextando consultas sobre o serviço geral da caza, por vezes elas muito banaes...

Alterações fizicas, muito sensiveis, mudavam o aspeto fizionómico do exmonarca; os seus olhos de incendidos, tinham um fulgor medonho, parecendo destinados ao abraçamento fatal de sua alma; na fronte e nas faces, como sementeiras dos males de sua vida psíquica, fundas rugas abriam sulcos numerosos, e as barbas mais os cabelos, cada vez menos pretos, alvejavam tanto quanto creciam, sem aparados serem... O seu todo ia ganhando a fórma e o geito de um aceta, manso nos gestos e humilde nas pretensões...

Tudo corria assim, quando uma nova crize veio ferir-o, em cheio... Durante toda uma noite, não pudéra conciliar o sono: os seus olhos amanheceram encovados como nunca. Duas ou trez vezes, sentira pronunciar-se aos seus ouvidos a alcumba terrivel...

— *Majestade!*...

Duas ou trez vezes ele sentira, ouvindo a pronun-

cia dese apelido mesquinho, calafrios de medo é de angustia... Contudo, amanhecera aparentemente calmo... Entretanto, quando o sol chegava ao zenith, como nunca, ele fôra tomado de sensações bestiaes. E a vitima, o alvo desa miseria fizica e moral, em que se concluia a sua existencia, fôra uma preta velha, amazia, em nome e nos proventos, de um rendeiro da-quele sitio... Encontrára-a no meio da estrada, caminho dos canaviaes, e o exmonarca agrediu libidinozo o velho especimen da «nagô», nela, apezar das implorações e dos gritos de socorro, cevando a sua besta insaciavel no momento... E, de tudo se soubêra, porque, exausto, inane, ele jazera estatelado sobre o solo, onde o fôra encontrar Pedro Ivo, depois de dar-lhe, durante farto tempo, minudente caça... Então, despertando daquele abatimento fizico, muito mais deprimido o seu moral, D. Jozé perguntou ao afetivo curiboca...

— Que é dela?...

— Quem?...

— A negra?...

— Pensára Pedro Ivo que o rei se referia á sua vitima, e repreendeu-o...

— Ora, Real Senhor!... Está muito direito...

Mas, D. Jozé, embora se tranquilizase depois deses achaques, ao ponto de parecer inteiramente restabelecido, ia abreviando a sua existencia... A!... nulos que eram os cuidados de que, naquele estado dolorozo, ele carecia prodigamente!... E ele recommençava de pensar naquele momento dilacerante, que lhe parecia vir tão perto, de sua prizão!... E ele padecia variadas fórmias, de sua perversão inteletual!... Ora era o amedronta-

mento, ora era a taciturnidade e o aborrecimento para as alimentações... Dos parentes, na capital, nenhum sabia do ocorrido... Quem lhes diria?... Entretanto, ali, atirado ao desprezo, contando apenas com os rudes cuidados de Pedro Ivo, pratico este que ficára com o tratamento dado á « comadre Efijenia », D. Jozé se destruía física e moralmente...

— Eil-o um dia a correr pelas estradas, parando ás vezes, para arremeter pedras sobre as suas pegadas... Sorpreendeu-o, assim, o incansavel alarve...

— Que é isto, Senhor!...

E D. Jozé, tremulo como uma creança que vai ser castigada e que já conhece a barbaridade do castigo, explicava-se...

— Não poso ficar socegado...

— Porque?

— Pois tanto vagabundo, atraz de mim a patear-me e a gritar — *Majestade!*... *Majestade!*...

Nesa mesma hora, D. Jozé foi preza de um convulsivo pranto, entrecortado de lamurias dolorozas, de queixumes dilacerantes...

Ainda esta crize se lindou...

Todo o seu pensamento começava de ter uma só representação. Eram ideias fixas, que se sucediam, no emtanto.

Pensava na morte, e seria capaz de matar-se si não dispuzese da vijilancia constante de Pedro Ivo. Pensava na bestialidade, e exgotar-se-ia, definitivamente, si o curibóca não fôse cortar-lhe o insaciavel prazer. Pensava nas perseguições, nos garotos das ruas, nas praças da policia, e chegaria ao auje o seu dezespero, si não tivesse ao seu favor o indeclinavel amparo do alarve...

Pensava nas grandezas, e era rei ainda e governava a Suzania, continuando o seu despotismo, se não tivesse as repreensões do dedicado sertanejo...

E, assim, pasavam-se os dias...

Pedro Ivo ia perdendo a paciência, jurando tudo aquilo abandonar, para que «os parentes, que tinham obrigação, fossem dele tomar conta...» Um dia, porém, lembrou-se de dar avizo a eles... Iria ele proprio. E o zagal se incumbiria de guardar D. Jozé...

Partiu, pois, o curibóca para a capital da Suzania. O tio de Brazilia, no entanto, não obedeceria ao novo vijilante. E, de fato, teve uma crise, ao amanhecer de um dia...

Alucinado partira pela estrada afóra. De pasagem pela cavalaria, munuiu-se de um cavador. O moço zagal, sem saber o que fizesse, seguia-o, intemeratamente. No meio do bosque, no sopé da serra, D. Jozé deteve-se...

— E' aqui!...

E iniciou o serviço barbaro de cavar. Quando cançou, o zagal seguiu a sua operação. Fatigado este, D. Jozé succedeu-o, novamente. Veiu-lhe o cansaço. E o moço foi por deante. A circumferencia do logar escavado aumentava de diametro, e, para fazel-a, cada vez maior, o rei não descansava...

— Aqui está o meu tezouro!...—dizia ele no proposito de proseguir... Mas, o zagal se fatigou e sentiu fome. Propoz voltar...

— Não sen hor!...—opôz-lhe o rei...—Cava por deante, que eu te ordeno...

Furtou-se o rapaz, sem paciência e bruscamente, daquela pezada aventura... Então, D. Jozé, empunhando

o cavador, quando o zagal lhe voltára as costas, desfechou-lhe um golpe certo no *occiput*... O moço caiu de bruços, sem tujir nem mujir, fazendo-se cadaver, minutos depois...

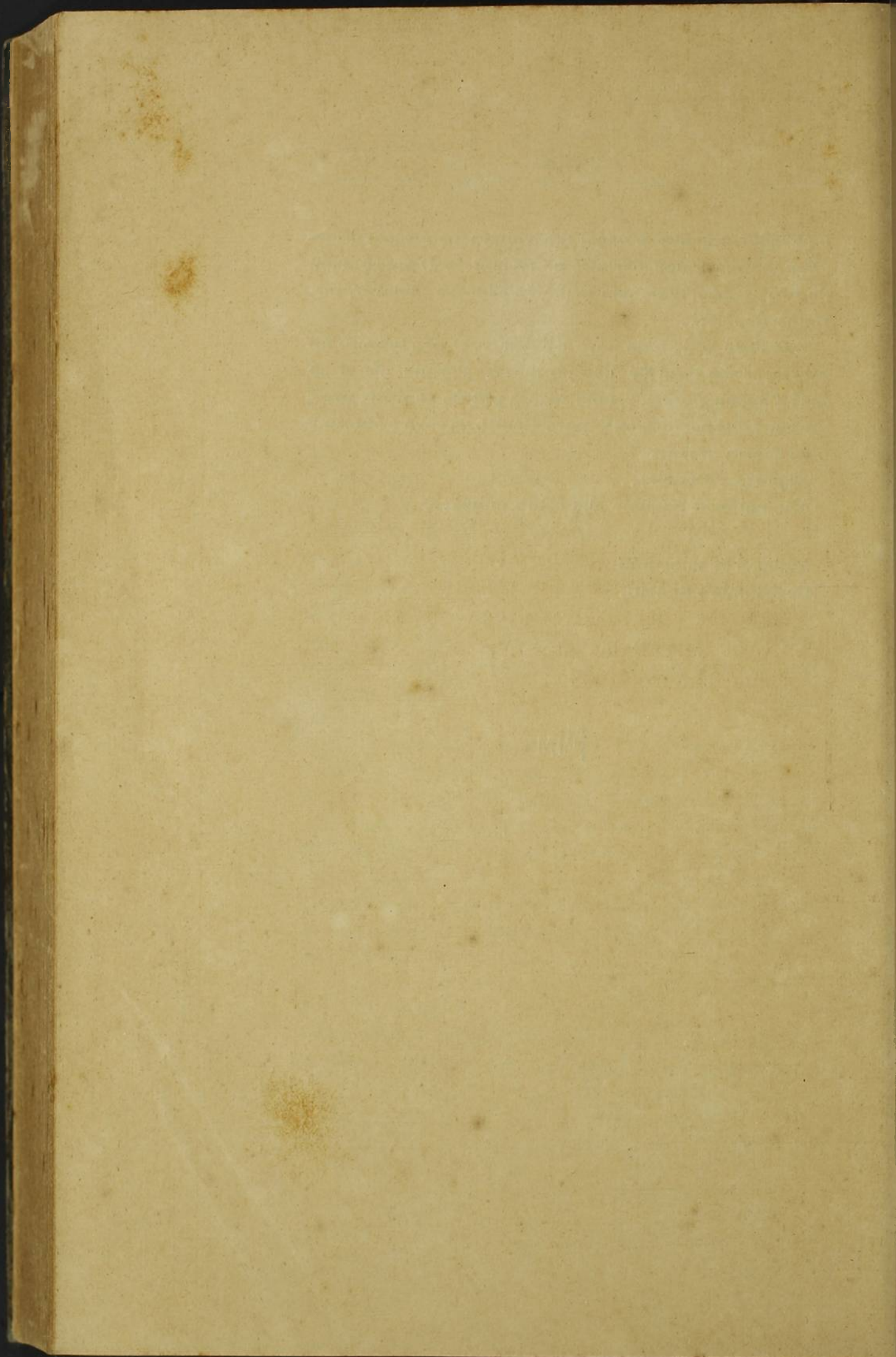
E D. Jozé poz-se de novo a cavar... O seu tezouro ali estava, e ele teria de descobri-lo... Porque não ir ao fim? Cançou, porém, e, com fogoza paz de espirito, arremesou o corpo do zagal para dentro da cova e cubriu-o com a terra froixa...

Depois... Depois...

Alimentou-se naquele dia como nunca...

Bahia, 6 de julho a 23
de setembro de 1907.

FIM

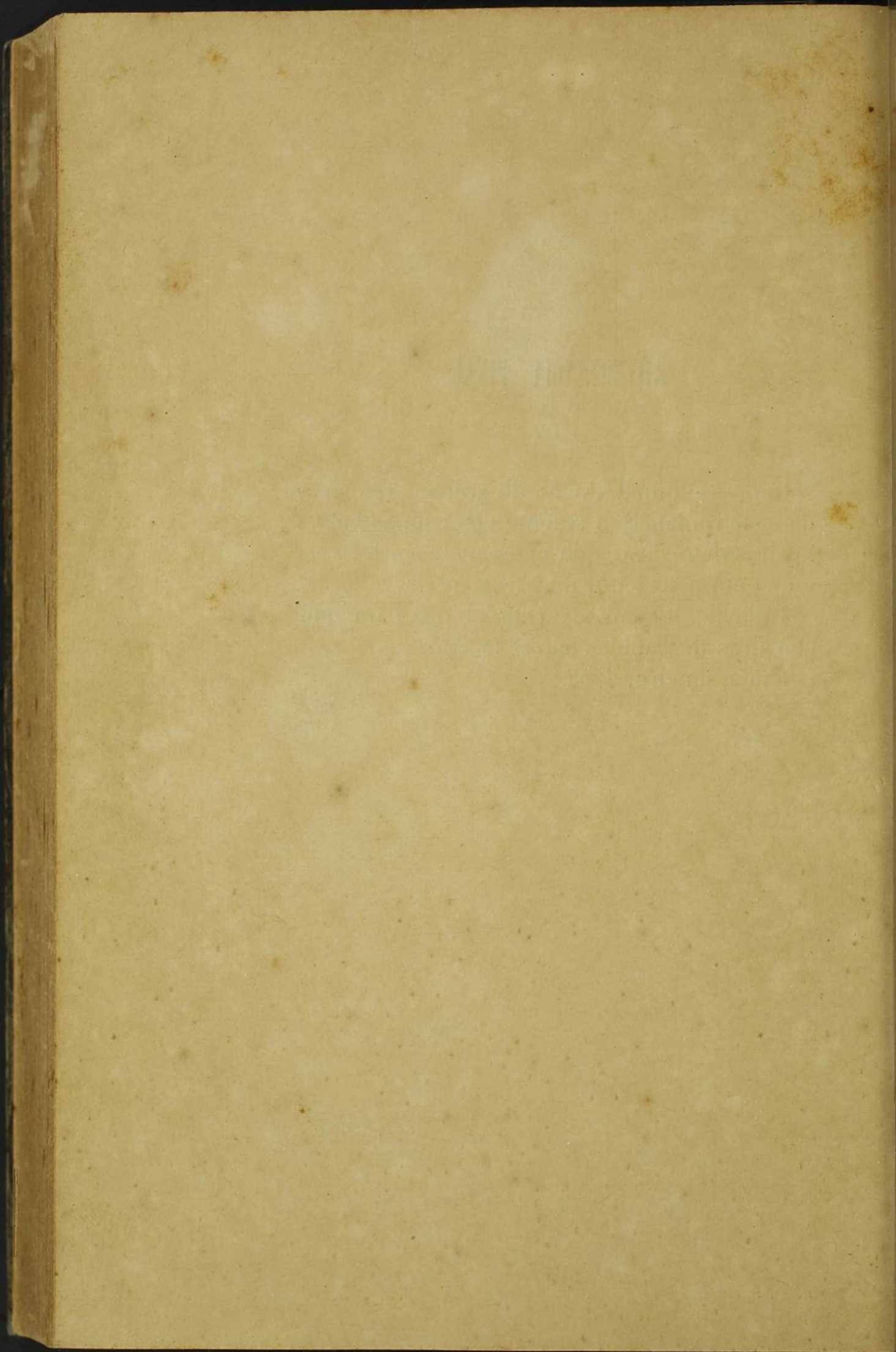


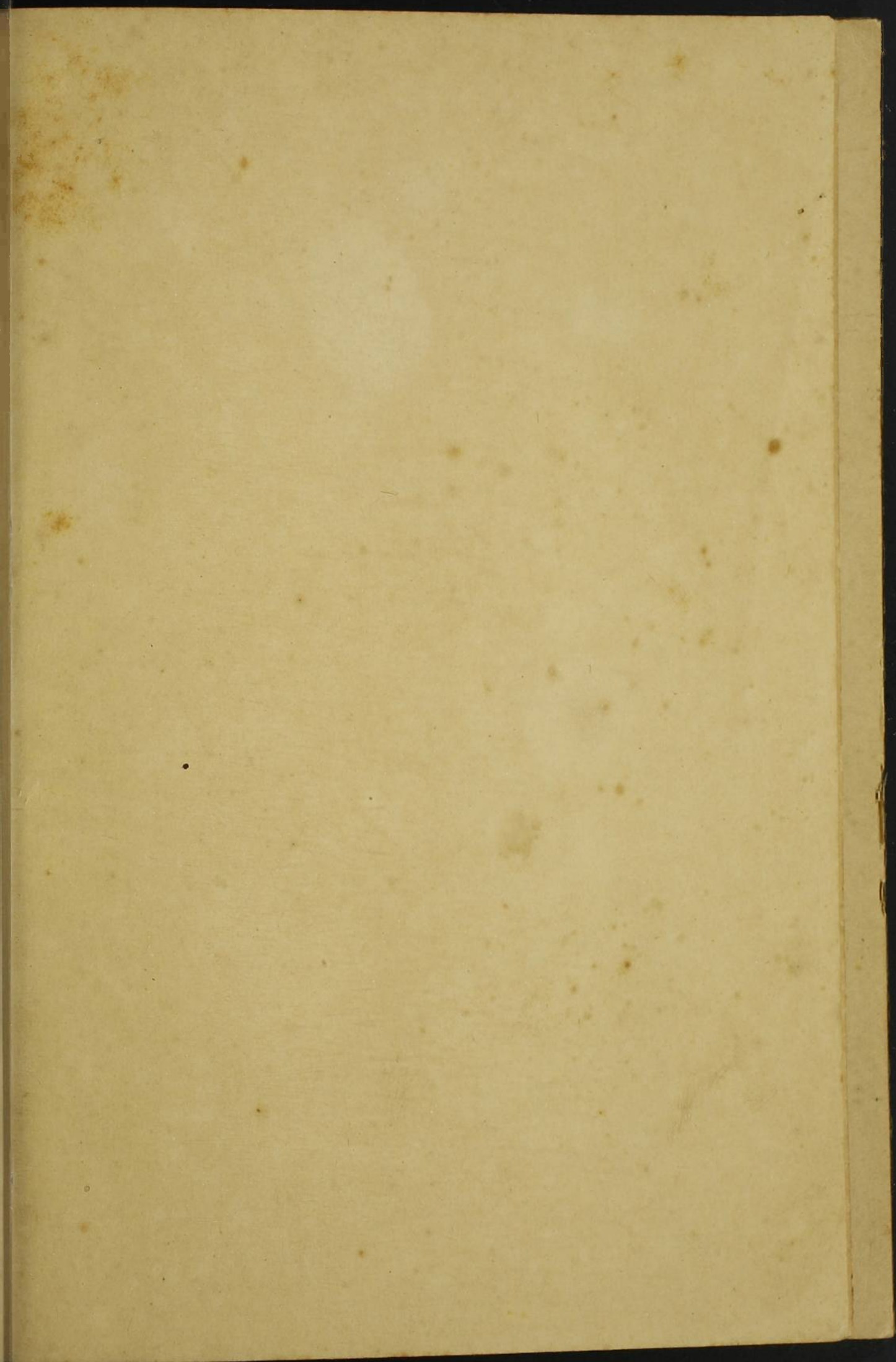
ADVERTENCIA FINAL

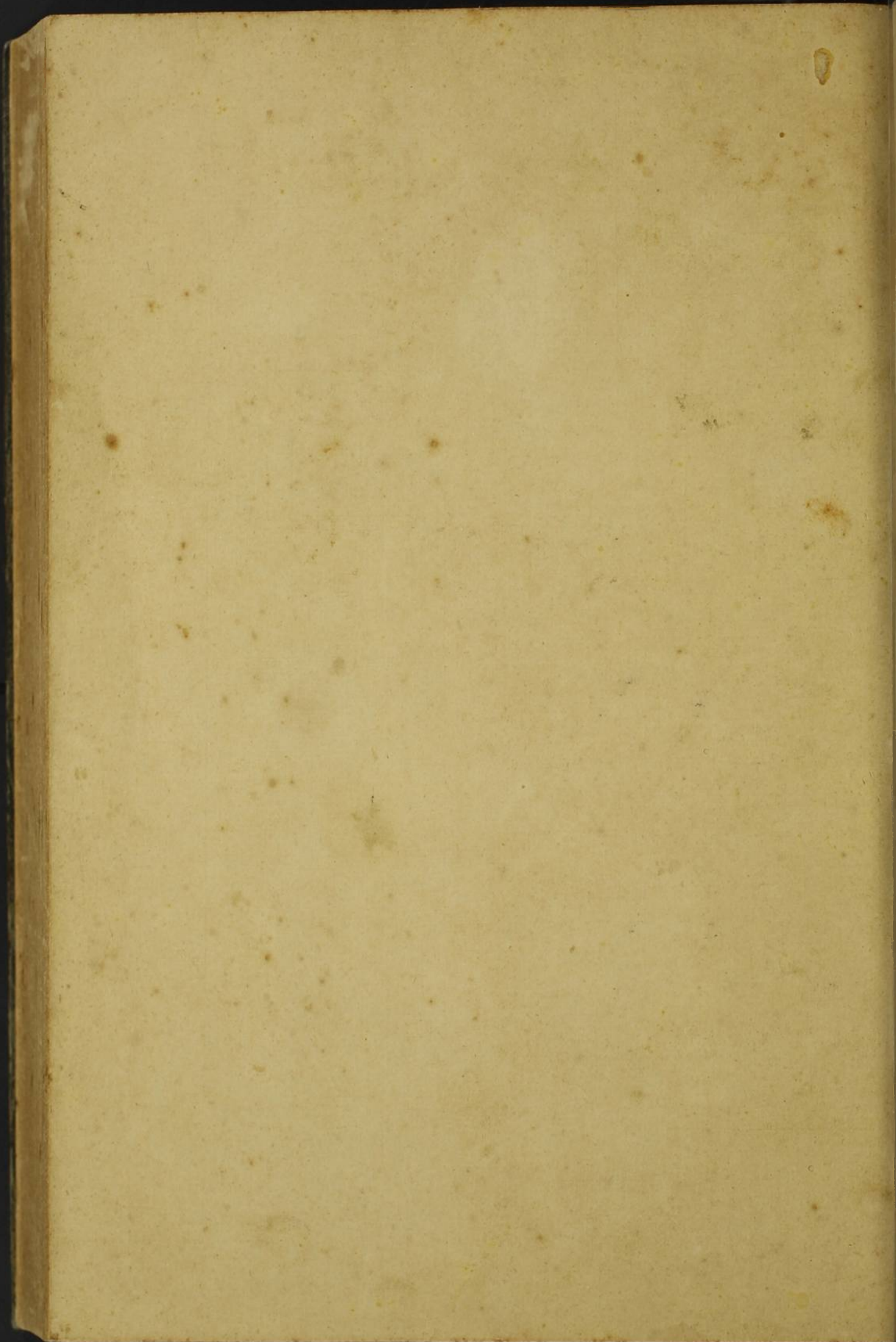
Impresso numa lingua de graphia reformada, este romance se resente de algumas falhas ligeiras de revisão, que não pódem ser levadas em conta pelo leitor mais exigente.

Todavia, fiquem advertidos todos para que censuras descabidas não se façam.

Bahia, janeiro, 1908.







Fob
/ Lit
11/84

003050

